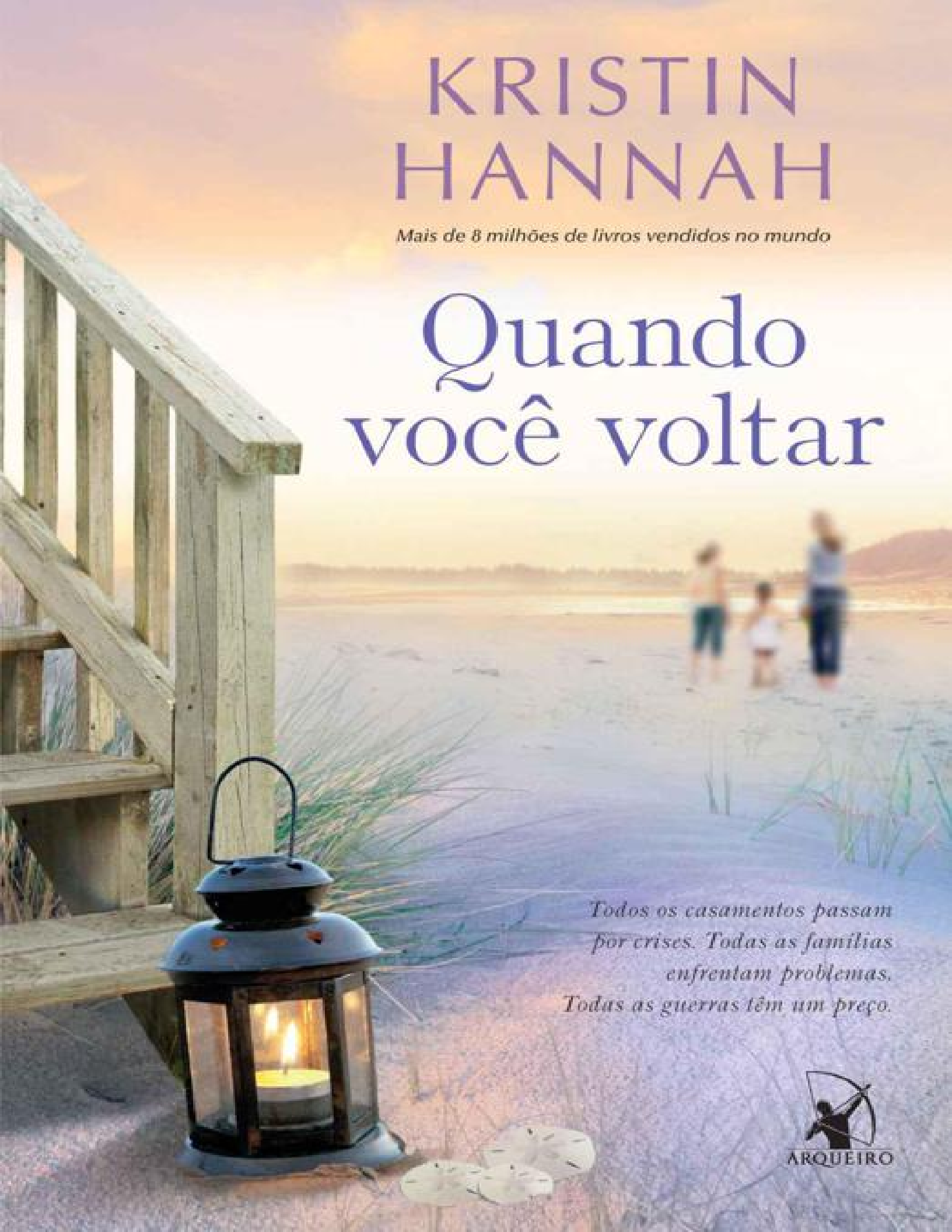

KRISTIN
HANNAH
Mais de 8 milhões de livros vendidos no mundo
Quando
você voltar
Todos os casamentos passam
por crises. Todas as famílias
enfrentam problemas.
Todas as guerras têm um preço.
ARQUEIRO

Quando
você voltar



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas*, *muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

KRISTIN HANNAH

Quando você voltar



Título original: *Home Front*

Copyright © 2012 by Kristin Hannah
Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Carolina Alfaro

preparo de originais: Gabriel Machado

revisão: Juliana Souza e Fátima Maciel

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Michael Storrings

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

imagens de capa: escada: Tom Hallman; lampião: iStockphoto; montanha: Chuck Fishman / Getty Images; água e árvores: Paul Edmondson / Getty Images; bolachas-da-praia: ZenShui / Laurence Mouton / Getty Images; mulher à direita: iStockphoto; criança: Gennadiy Poznyakov / Fotolia; garota à esquerda: Shutterstock; praia: Shutterstock

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

H219q

Hannah, Kristin
Quando você voltar [recurso eletrônico] / Kristin Hannah [tradução de Carolina Alfaro]; São Paulo: Arqueiro, 2013.
recurso digital.

Tradução de: Home front
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-159-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Alfaro, Carolina. II. Título.

13-1791

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54
Vila Olímpia – 04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Dedicatória



Este livro é dedicado aos corajosos homens e mulheres das forças armadas dos Estados Unidos e suas famílias, que se sacrificam tanto para proteger e preservar nosso estilo de vida.

E, como sempre, aos meus heróis, Benjamin e Tucker.

Parte Um



Ao longe

“Algumas coisas se aprendem melhor na calmaria;
outras, na tempestade.”

– Willa Cather

Prólogo



1982

Para ela, algumas famílias eram como parques bem-cuidados, com lindos canteiros de narcisos e árvores majestosas que oferecem abrigo do sol de verão. Outras – e isso ela sabia em primeira mão – eram campos de batalha, escuros e sangrentos, cobertos de fragmentos de bombas e partes de corpos.

Jolene Larsen podia ter apenas 17 anos, mas já conhecia a guerra. Ela crescera em meio a um casamento que estava desmoronando.

O pior era o Dia dos Namorados. O humor em casa sempre era instável, mas nesse dia, quando a televisão mostrava anúncios de flores, chocolates e cartões vermelhos em forma de coração, o amor se tornava uma arma nas mãos descuidadas de seus pais. Começava com bebida, claro. Sempre. Copos cheios de bourbon, enchidos repetidas vezes. Esse era o início. Depois vinham os gritos, o choro e objetos arremessados. Durante anos, Jolene perguntou à mãe por que elas simplesmente não deixavam o pai e escapavam dali durante a noite. A resposta era sempre a mesma: *Não consigo. Eu o amo.* Às vezes ela chorava ao dizer essas terríveis palavras, às vezes sua amargura era palpável, mas no fim das contas seu tom de voz não importava, e, sim, a trágica verdade de um amor que não era retribuído.

No andar de baixo alguém gritou.

Deve ser minha mãe.

Depois veio um golpe, algo grande atirado contra a parede. Uma porta foi batida.

Deve ser meu pai.

Ele saiu de casa furioso – como sempre. Iria voltar no dia seguinte ou depois, quando ficasse sem dinheiro e se esgueiraria para dentro da cozinha, sóbrio e arrependido, cheirando a álcool e cigarro. A mãe se apressaria até ele, soluçando, e o abraçaria. *Ai, Ralph... você me deixou apavorada... Me desculpe, me dê mais uma chance, por favor, você sabe que eu o amo muito...*

Jolene atravessou o quarto de teto inclinado, abaixando-se para não bater a cabeça em uma das vigas de madeira rústica. Só havia uma luz ali, de uma lâmpada que pendia como o último dente na boca de um velho, frouxa e instável.

Ela abriu a porta e escutou.

Tinha acabado?

Desceu devagar a escada estreita, ouvindo as tábuas rangerem sob seu peso. Encontrou a mãe na sala, sentada no sofá com os ombros caídos, um cigarro Camel aceso na boca. As cinzas choviam sobre seu colo. Os resquícios da briga estavam espalhados pelo chão: garrafas, cinzeiros e cacos de vidro.

Até poucos anos atrás, Jolene tentara fazer a mãe se sentir melhor, mas muitas noites como aquela a haviam endurecido. Agora, tudo aquilo a deixava impaciente, o drama do casamento de seus pais a aborrecia. Nada mudava nunca, e era Jolene que precisava limpar a bagunça. Ela foi pisando por entre os cacos de vidro e se ajoelhou ao lado da mãe.

– Deixe isto comigo – disse com voz cansada, pegando o cigarro e apagando-o no cinzeiro no chão, ao seu lado.

A mãe levantou o olhar triste, o rosto molhado de lágrimas.

– Como eu vou viver sem ele?

Como em resposta, a porta dos fundos se abriu. O ar frio da noite invadiu a sala, carregando o aroma de chuva e pinheiros.

– Ele voltou!

A mãe empurrou Jolene para o lado e correu para a cozinha.

– Eu te amo, meu amor, me desculpe – a filha a ouviu dizer.

Jolene se endireitou aos poucos e se voltou. Seus pais estavam entrelaçados em um daqueles abraços de filme, do tipo que se reserva para amantes que se reencontram após uma guerra. A mãe se agarrava a ele desesperadamente, segurando sua camisa xadrez de lã.

O pai, bêbado, oscilava como se só a esposa o mantivesse de pé, o que era impossível. Ele era enorme, alto e largo, com mãos do tamanho de travessas. Ela era frágil e pálida. Era dele que Jolene herdara a altura.

– Você não pode me deixar. – Mal dava para ouvir suas súplicas entre soluços.

O pai desviou o olhar. Por um instante, Jolene viu dor em seus olhos – dor e, pior, vergonha, fracasso e arrependimento.

– Preciso beber alguma coisa – falou ele, a voz rouca devido a anos fumando cigarros sem filtro.

Segurou a mão da esposa e a arrastou pela cozinha. Um pouco perdida, mas com um sorriso bobo no rosto, a mãe foi cambaleando atrás, sem notar que estava descalça.

Foi só quando ele abriu a porta dos fundos que Jolene entendeu.

– Não! – gritou, levantando-se e correndo atrás deles.

Lá fora, a noite de fevereiro estava fria e escura. A chuva martelava o telhado e jorrava pela beira das calhas. O caminhão de lenha do pai, a única coisa com a qual ele realmente se importava, parecia um imenso inseto preto fora da casa. Jolene correu até a varanda de madeira, tropeçou em uma motosserra, mas conseguiu se manter de pé.

A mãe parou diante da porta aberta do carona e olhou para a filha. A chuva grudou seus cabelos no rosto encovado e borrou o rímel. Ela ergueu uma mão, pálida e trêmula, e acenou.

– Saia da chuva, Karen – berrou o pai, e a esposa obedeceu no mesmo instante. Em um segundo, as duas portas se fecharam. O caminhão deu ré, embicou para a rua e se foi.

E Jolene ficou sozinha de novo.

Quatro meses, pensou, desanimada. Só mais quatro meses e ela terminaria o ensino médio e poderia sair de casa.

Casa. *O que quer que isso signifique.*

Mas o que ela faria? Para onde iria? Não tinha condições de pagar a faculdade e seus pais sempre encontravam e “pegavam emprestado” o dinheiro que ganhava trabalhando. Ela não possuía nem o suficiente para um mês de aluguel.

Não sabia ao certo quanto tempo ficara ali parada, pensando, se preocupando, vendo a chuva transformar a entrada de carros em um lamaçal. Em certo momento, tomou consciência de um lampejo de cor estranho no meio da noite.

Vermelho. Cor de sangue, fogo e perda.

Quando a viatura parou na frente da casa, ela não se surpreendeu. O que a surpreendeu foram seus sentimentos ao ouvir que os pais tinham morrido.

O que a surpreendeu foi a intensidade com que chorou.

Um



Abril de 2005

Em seu aniversário de 41 anos, assim como em todos os dias, Jolene Zarkades acordou antes do amanhecer. Sem fazer barulho, para não acordar o marido, levantou da cama, vestiu a roupa de corrida, prendeu o cabelo louro e comprido em um rabo de cavalo e saiu.

Era um dia lindo de primavera, de céu azul. As ameixeiras que ladeavam a entrada de sua casa tinham florescido. Minúsculas pétalas rosas flutuavam pelo gramado bem verde. No outro lado da rua, o estuário Puget Sound era de um azul profundo e vibrante. As Montanhas Olímpicas cobertas de neve erguiam-se majestosamente.

Visibilidade perfeita.

Ela correu 5,5 quilômetros ao longo da rua da praia e, então, voltou. Ao terminar, arfava e tinha o rosto avermelhado. Passou por entre os móveis de madeira e vime na varanda e entrou na casa, onde o aroma esplêndido e atraente de café de torrefação francesa se misturava ao toque acre de madeira queimada.

Ligou a TV da cozinha; já estava na CNN. Enquanto se servia de um café, aguardava com impaciência informações sobre a guerra do Iraque. Não houve notícias de conflitos pesados. Nenhum soldado – nem amigo – tinha morrido na noite anterior.

– Graças a Deus! – exclamou.

Pegou o café, subiu a escada e, passando pelos quartos das filhas, chegou ao dela. Ainda era cedo. Podia acordar Michael com um beijo longo e demorado. Um convite.

Há quanto tempo eles não faziam amor de manhã? Aliás, há quanto tempo não faziam amor em qualquer horário? Ela nem lembrava. Seu aniversário parecia um dia perfeito para mudar isso. Abriu a porta.

– Michael?

A cama *king size* estava vazia. Desfeita. A camiseta preta de Michael, com a qual ele tinha dormido, estava atirada no chão. Jolene a recolheu, dobrou com cuidado e guardou.

– Michael? – chamou de novo, abrindo a porta do banheiro. O vapor que saiu turvou sua visão.

Tudo era branco – azulejos, vaso, bancadas. O boxe de vidro estava aberto, vazio. Uma toalha úmida estava jogada de qualquer jeito na banheira para secar. O espelho sobre a pia estava embaçado.

Ele já devia estar lá embaixo, provavelmente no escritório. Ou talvez estivesse planejando uma festinha-surpresa. Era o tipo de coisa que o marido costumava fazer...

Após um chuveirada rápida, Jolene escovou o cabelo molhado e então o torceu, fazendo um coque sobre a nuca enquanto se olhava no espelho. Seu rosto, como tudo nela, era forte e angular: tinha as maçãs altas, sobrancelhas castanhas densas que acentuavam os olhos verdes espaçados e uma boca um pouquinho grande demais. A maioria das mulheres com a sua idade usava maquiagem e pintava o cabelo, mas Jolene não tinha tempo para nada disso. Sentia-se bem com o cabelo louro-cinza que a cada ano ficava mais cinza e menos louro e com as pequenas rugas que começavam a aparecer nos cantos dos olhos.

Jolene vestiu o uniforme de piloto e foi acordar as meninas, mas os quartos também estavam vazios. Elas já tinham ido para a cozinha. A filha de 12 anos, Betsy, estava ajudando a irmã de 4, Lulu, a se

sentar à mesa. Jolene beijou a bochecha rechonchuda e rosada de Lulu.

– Feliz aniversário, mamãe – disseram em uníssono.

Jolene sentiu um amor súbito e intenso pelas crianças e por sua vida. Sabia como esses momentos eram raros. E como não saberia, criada do jeito que fora? Voltou-se para as filhas, com um sorriso radiante.

– Obrigada, meninas. É um dia lindo para fazer 41 anos.

– Isso é muito – disse Lulu. – Tem certeza que você é tão *velha*?

Rindo, Jolene abriu a geladeira.

– Onde está seu pai?

– Ele já saiu – respondeu Betsy.

Jolene se voltou.

– Sério?

– Sério – confirmou Betsy, observando-a.

Jolene deu um sorriso forçado. Poderia ficar magoada com o esquecimento de Michael, mas de que adiantaria? A felicidade era uma escolha que ela sabia fazer. Optava por não pensar nas coisas que a incomodavam; assim, desapareciam. Além disso, a dedicação de Michael ao trabalho era um dos aspectos que ela mais admirava.

– Ele deve estar planejando uma surpresa para mim depois do trabalho. Bom, que tal fazermos uma festa depois da escola? Só nós três. Com bolo. O que me dizem?

– Com bolo! – exclamou Lulu, batendo suas mãos gorduchas.

– Tem alguém aqui que adora bolo.

Lulu levantou a mão.

– Eu! Eu adoro!

Jolene começou a preparar o café da manhã.

– Vá se arrumar, Betsy. Saímos em trinta minutos.

Pontualmente, Jolene conduziu as meninas para o carro. Levou Lulu até a pré-escola, onde a deixou com um beijo, e depois dirigiu até a escola de Betsy, que ficava na extensa encosta gramada de uma colina.

– *Não* saia do carro – exigiu Betsy em tom ríspido no banco de trás, quando chegaram ao destino. – Você está de *uniforme*.

– Pelo visto, não ganho um desconto nem no meu aniversário...

Jolene olhou para a filha pelo retrovisor. Nos últimos meses, aquela moleca meiga e adorável havia se transformado em uma pré-adolescente cheia de hormônios, para quem tudo podia gerar um constrangimento, ainda mais uma mãe que não era tão parecida com as outras.

– Na quarta é o dia da profissão – lembrou.

Betsy grunhiu.

– Você *tem* que vir?

– Sua professora me convidou. Prometo não babar nem cuspir.

– Não tem graça. Ninguém legal tem uma mãe militar. Você não vai vestir o uniforme de piloto, vai?

– É isso que eu faço, Betsy. Achei que você iria...

– Deixa pra lá.

Betsy pegou a mochila pesada – mas não a mochila adequada, aparentemente, pois no dia anterior exigira uma nova –, desceu do carro e saiu andando decidida em direção a duas meninas que estavam ao lado do mastro da bandeira.

Aquelas garotas, Sierra e Zoe, eram o que mais importava para Betsy nos últimos tempos. A filha queria se integrar a elas a qualquer custo. Pelo visto, ter uma mãe que pilotava helicópteros na Guarda Nacional do Exército era constrangedor demais.

Quando Betsy se aproximou das antigas amigas, elas fizeram questão de ignorá-la, virando-se de costas ao mesmo tempo, como um cardume que desvia do perigo.

Jolene apertou o volante, xingando baixinho. Betsy ficou abatida e embaraçada. Os ombros caíram, a cabeça pendeu. Afastou-se rápido, fingindo que não tinha ido ao encontro das ex-melhores amigas. Caminhou sozinha para dentro da escola.

Jolene permaneceu parada até que alguém buzinasse. Sentia a dor da filha com intensidade. Se havia algo de que entendia era

rejeição. Não passara a vida esperando que seus pais a amassem? Ela tinha que ensinar Betsy a ser forte, a escolher a felicidade. Ninguém consegue nos magoar se não permitimos. A melhor defesa é o ataque.

Finalmente, partiu. Foi até Liberty Bay pelas ruas secundárias, para evitar o trânsito matinal. Virou na entrada da casa vizinha à sua, uma construção branca pré-fabricada ao lado de uma oficina, e buzinou.

Sua melhor amiga, Tami Flynn, saiu da casa, vestindo o uniforme de piloto, com o longo cabelo preto preso em um coque firme. Jolene afirmava que não havia sequer uma ruguinha na pele cor de café do rosto largo de Tami. Por sua vez, ela respondia que era por causa de seus ancestrais nativos norte-americanos.

Tami era a irmã que Jolene nunca tivera. Conheceram-se ainda adolescentes, duas moças de 18 anos que haviam entrado para o Exército porque não sabiam o que mais poderiam fazer. Ambas se qualificaram para o programa de formação de pilotos de helicópteros para estudantes que haviam acabado de terminar o ensino médio.

A paixão por voar as unira; a visão em comum que tinham da vida forjou uma amizade muito forte, que jamais estremecera. Passaram dez anos juntas no Exército e depois se transferiram para a Guarda quando o casamento e a maternidade dificultaram a carreira na ativa. Quatro anos após Jolene e Michael se mudarem para a casa em Liberty Bay, Tami e Carl compraram o terreno bem ao lado.

Tami e Jolene ficaram grávidas ao mesmo tempo, compartilhando aqueles nove meses mágicos, apaziguando os medos uma da outra. Os maridos não tinham afinidades, então as duas não eram do tipo que viajavam juntas com a família, mas Jolene não se incomodava. O mais importante era ela e Tami poderem sempre contar uma com a outra, como acontecia.

No sentido literal, *estou na cobertura* significava que havia um helicóptero bem atrás. Mas o que queria dizer de verdade era *pode*

contar comigo, eu protejo você. Era aquilo que Jolene encontrara no Exército, na Guarda e em Tami. *Estou na cobertura.*

A Guarda lhe oferecera o melhor dos mundos: podiam ser mães em tempo integral e ainda serviam ao país como militares e pilotavam helicópteros. Voavam juntas pelo menos duas manhãs por semana e aos sábados e domingos, quando havia treinamento. Era o melhor emprego em meio expediente do planeta.

Tami se sentou no banco do carona e bateu a porta.

– Feliz aniversário, piloto!

– Obrigada. – Jolene sorriu. – Meu dia, minha música. – Aumentou o volume do CD player e "Purple Rain", de Prince, ressoou pelo carro.

Foram conversando até Tacoma, sobre tudo e sobre nada, e cantando as músicas de sua juventude – Prince, Madonna, Michael Jackson. Passaram por Camp Murray, base da Guarda, e se dirigiram a Fort Lewis, onde ficavam as aeronaves.

No vestiário, Jolene pegou a pesada bolsa de voo, cheia de equipamentos de sobrevivência. Pendurou-a em um dos ombros e seguiu Tami até o balcão, onde confirmou o período adicional de treinamento de voo e assinou para receber o pagamento. Encaminhou-se para a pista enquanto colocava o capacete.

A equipe já estava lá, preparando o Black Hawk para alçar voo. O helicóptero parecia uma gigantesca ave de rapina contra o céu azul-claro. Ela acenou com a cabeça para o chefe da tripulação. Depois de fazer uma inspeção rápida da aeronave e instruir o pessoal, subiu na cabine do lado esquerdo. Tami se acomodou à sua direita e pôs o capacete.

– Interruptores e disjuntores superiores, ok – disse Jolene, dando partida no helicóptero.

Os motores rugiram; as hélices enormes começaram a se movimentar, devagar no início e depois depressa, com um gemido agudo.

– Operadores da Guarda, Raptor 89 partindo – falou pelo microfone. Depois, mudou de frequência: – Torre, Raptor 89 pronto para decolar.

Iniciou o delicado jogo de equilíbrio necessário para fazer um helicóptero levantar voo. A aeronave subiu lentamente. Jolene manipulava os controles com destreza; as mãos e os pés se moviam sem parar. Ergueram-se no céu azul e sem nuvens, onde o paraíso os rodeava. Lá embaixo, distantes, as árvores em flor eram uma espetacular paleta de cores. A adrenalina atravessou seu corpo. Como ela adorava estar ali em cima!

– Soube que é seu aniversário, chefe – disse o chefe da tripulação pelo microfone.

– Pode crer – confirmou Tami, sorrindo. – Por que você acha que ela está no controle?

Jolene abriu um sorriso para a melhor amiga, amando aquela sensação, tão necessária para ela como respirar. Não ligava para o fato de envelhecer, ganhar rugas, diminuir o ritmo.

– Quarenta e um. Não imagino um jeito melhor de comemorar.

A pequena cidade de Poulsbo, em Washington, parecia uma menininha bonita à margem de Liberty Bay. Os primeiros colonos escolheram essa área porque lhes lembrava sua terra natal nórdica, com águas azuis e geladas, montanhas altas e colinas de um verde intenso. Anos mais tarde, os mesmos fundadores começaram a construir lojas ao longo da Front Street, adornando-as com toques escandinavos. Havia beirais entalhados e ornamentos por toda parte.

De acordo com a lenda da família Zarkades, as decorações exerceram uma atração instantânea sobre a mãe de Michael. Ela afirmou que, após caminhar pela Front Street, soube onde queria

morar. Dezenas de lojas pitorescas, incluindo a de sua mãe, vendiam lindas bugigangas feitas à mão para os turistas.

Ficava a pouco mais de 15 quilômetros em linha reta do centro de Seattle, mas Michael sempre pegava um trânsito diário infernal. Em certo momento, ele deixara de ver a graça norueguesa da cidade e começara a reparar no trajeto longo e sinuoso de sua casa até o terminal de balsas da Bainbridge Island e no trânsito intenso de segunda a sexta.

Havia dois caminhos de Poulsbo até Seattle: por terra e por água. Dirigindo, eram duas horas. A travessia de balsa levava 35 minutos da margem da costa da ilha até o terminal no cais de Seattle.

O problema da balsa era o tempo de espera. Para entrar com o carro, era preciso chegar cedo na fila. No verão, ele muitas vezes ia para o trabalho de bicicleta, mas em dias chuvosos como aquele, tão comuns no Noroeste, ia de carro. E o último inverno fora particularmente longo, seguido de uma primavera com alta umidade. Dia após dia cinzento, ele ficava no Lexus, parado no estacionamento, vendo a luz do dia deslizar sobre a superfície ondulada do estuário. Então, entrava na balsa, estacionava e subia a escada.

Hoje, Michael estava em uma pequena mesa de fórmica no lado voltado para o porto, com o trabalho espalhado a sua frente: o depoimento de Woerner. Ao longo das bordas, post-its pareciam teclas de piano amarelas, cada uma destacando uma declaração de veracidade questionável feita pelo cliente.

Mentiras. Michael suspirou, pensando como corrigir o estrago. Seu idealismo, antes tão vibrante e luminoso, minguara após anos defendendo os culpados.

No passado, ele conversava sobre isso com seu pai, que punha tudo em perspectiva, lembrando Michael de que seu trabalho era fundamental.

Somos o último bastião, Michael, você sabe disso: os defensores da liberdade. Não se deixe vencer pelos bandidos. Nós protegemos

os culpados para proteger os inocentes. É assim que funciona.

Alguns inocentes a mais não cairiam mal, pai.

E não é sempre assim? Todos esperamos por isso... aquele caso especial, o que faz tudo valer a pena. Nós sabemos, mais do que muitos, qual é a sensação de salvar a vida de alguém. De fazer a diferença. É isso que nós fazemos, Michael. Não perca a esperança.

Ele olhou para o assento vazio a sua frente.

Havia onze meses que Michael ia sozinho para o trabalho. Um dia, seu pai estava a seu lado, bem-disposto e entusiasmado, falando sobre as leis, que tanto amava, e de repente ficara doente. Agonizando.

Os dois haviam sido sócios por quase vinte anos, trabalhando lado a lado, e perdê-lo abalara Michael profundamente. Lamentava não poder mais passar o tempo com ele e, acima de tudo, sentia-se só de um jeito novo. O falecimento também fizera Michael olhar para a própria vida e ele não gostou do que viu.

Até a morte do pai, Michael sempre se sentira feliz, um homem de sorte. Agora, não mais.

Ele gostaria de conversar com alguém sobre isso, dividir a perda. Mas com quem? Não podia falar sobre isso com sua mulher. Não com Jolene, que acreditava que a felicidade era uma escolha a ser feita. Sua infância turbulenta a tornara impaciente com quem era incapaz de optar. Recentemente, aqueles lugares-comuns esperançosos de que tudo iria melhorar estavam lhe dando nos nervos. Só porque tinha perdido os pais, ela pensava que entendia de luto, mas não fazia ideia de como o marido se sentia sufocar. Nem teria como saber: ela era imune a tudo.

Michael tamborilou com a caneta na mesa e olhou pela janela. O estuário apresentava uma cor metálica, com aparência desolada, misteriosa. Uma gaivota passou flutuando em uma corrente de ar invisível, como se estivesse congelada.

Ele não devia ter cedido, tantos anos atrás, quando Jolene implorou para morar em Liberty Bay. Michael dissera que não queria

morar tão longe da cidade – nem tão perto dos pais dele –, mas no fim se deixara vencer pelos pedidos da esposa e pelo sólido argumento de que precisariam da mãe dele para ajudar com as crianças. Contudo, se tivesse resistido, se não tivesse perdido a disputa sobre o melhor lugar para morar, não se veria naquela balsa todos os dias, sentindo falta do homem que encontrava ali...

Quando a balsa reduziu a velocidade, Michael se levantou e recolheu seus papéis, guardando o depoimento na pasta preta de couro. Nem sequer olhara para ele. Misturando-se ao grupo de pessoas, desceu a escada até o deque para carros. Em questão de minutos, estacionou na Smith Tower, outrora o prédio mais alto a oeste de Nova York, agora um elemento de pouca importância, gótico e envelhecido, numa cidade no auge.

Na Zarkades, Antham & Zarkades, no nono andar, tudo era velho – pisos e janelas precisando de reparos, camadas de tinta em excesso –, mas, como no próprio edifício, havia ali história e beleza. Uma parede só de janelas dava para Elliott Bay e os imensos guindastes laranja que depositavam contêineres em navios-tanques. Alguns dos maiores e mais importantes processos criminais dos últimos vinte anos haviam sido defendidos por Theo Zarkades, naqueles mesmos escritórios. Nas reuniões do conselho, outros advogados ainda comentavam sobre a capacidade de seu pai de persuadir o júri de um jeito quase inacreditável.

– Oi, Michael – disse a recepcionista, sorrindo.

Ele acenou e continuou andando, passando por assistentes dedicados, secretários cansados e jovens associados ambiciosos. Todos sorriram e ele retribuiu. Na sala do canto, que fora de seu pai e agora era sua, parou para falar com a secretária.

– Bom dia, Ann.

– Bom dia, Michael. Bill Antham queria vê-lo.

– Está bem. Avise a ele que cheguei.

– Quer um café?

– Sim, obrigado.

Ele entrou no escritório, o maior da firma. Uma janela imensa dava para Elliott Bay; essa vista realmente era a grande estrela da sala. Fora isso, era um escritório comum: estantes cheias de livros de direito, piso de madeira com
um desgaste de décadas, um par de poltronas estofadas, um sofá de veludo preto. Uma foto de família ficava ao lado do computador, o único toque pessoal do espaço.

Michael largou a pasta sobre a mesa e foi até a janela olhar para a cidade que seu pai adorava. Avistou no vidro um reflexo fantasmagórico de si próprio: cabelo preto ondulado, maxilar forte e quadrado, olhos escuros. A imagem de seu pai quando jovem. Mas será que seu pai alguma vez tinha se sentido tão esgotado?

Ouviu uma batida atrás de si e a porta se abriu. Entrou Bill Antham, o outro sócio da firma que era o melhor amigo do pai de Michael. Nos meses desde a morte de Theo, Bill também tinha envelhecido. Talvez todos eles tivessem.

– Oi, Michael – disse, mancando. Michael lembrou que Bill já devia ter se aposentado há tempos. No último ano, ganhara dois joelhos novos.

– Sente-se, Bill – disse Michael, indicando a cadeira mais perto da mesa.

– Obrigado. – Ele se acomodou. – Preciso de um favor.

Michael voltou para a mesa.

– Claro, Bill. Em que posso ajudar?

– Eu estava no tribunal ontem e o juiz Runyon me pegou.

Michael suspirou e se sentou. Era comum que a corte repassasse casos aos defensores – aquela história de *se você precisar de um advogado e não puder pagar...* Os juízes muitas vezes encaminhavam o caso ao advogado que estivesse mais perto quando surgisse a necessidade.

– Qual é o caso?

– Um homem matou a mulher. Supostamente. Ficou entrincheirado em casa e atirou na cabeça dela. A SWAT o prendeu antes que ele

conseguisse se matar. A TV filmou boa parte da ação.

Um cliente culpado, com imagens na TV. Perfeito.

– E você quer que eu cuide desse caso.

– Eu não pediria... mas Nancy e eu vamos para o México daqui a duas semanas.

– É claro. Não tem problema.

Bill deu uma olhada na sala.

– Eu ainda tenho a esperança de vê-lo aqui – comentou com suavidade.

– É – concordou Michael.

Eles se entreolharam por um instante, ambos se lembrando do homem que tivera um impacto tão forte em suas vidas. Então Bill ficou de pé, agradeceu a Michael mais uma vez e saiu.

Depois disso, Michael mergulhou no trabalho, se deixando consumir. Passou horas imerso em depoimentos, laudos policiais e atas. Ele sempre tivera uma firme ética profissional e um senso de dever ainda mais forte. Na maré crescente do luto, o trabalho se tornara seu salva-vidas.

Às três da tarde, Ann lhe interfonou.

– Michael? Jolene está na linha um.

– Obrigado, Ann.

– Você lembrou que hoje é o aniversário dela, não é?

Merda.

Afastou-se da mesa e pegou o telefone.

– Oi, Jo. Feliz aniversário.

– Obrigada.

Ela não deu uma bronca, mesmo sabendo que o marido tinha esquecido. Jolene controlava as emoções mais do que qualquer um e nunca se permitia perder o controle. Às vezes ele se perguntava se um conflito faria bem ao casamento, mas quando um não quer dois não brigam.

– Deixe que eu me redima. Que tal irmos jantar naquele lugar em cima da marina? O restaurante novo. – Antes que Jolene oferecesse

resistência, o que sempre fazia se algo não era ideia dela, acrescentou: – Betsy já tem idade para cuidar da Lulu durante duas horas. Estaremos quase do lado de casa.

Era uma discussão que vinham tendo havia quase um ano.

Michael pensava que uma menina de 12 anos podia dar uma de babá; Jolene discordava. Como em todos os outros aspectos da vida, era o voto de Jolene que contava. Ele já estava acostumado... e farto daquilo.

– Eu sei que você está muito ocupado com o caso Woerner – afirmou ela. – O que acha de eu dar o jantar cedo para as meninas, deixá-las vendo um filme no segundo andar e preparar um bom jantar para nós dois? Ou posso encomendar algo no bistrô; a comida de lá é ótima.

– Tem certeza?

– O importante é a gente passar um tempo juntos – respondeu ela com a voz tranquila.

– Está bem. Às oito estou em casa.

Antes de desligar o telefone, Michael já estava com a cabeça em outro lugar.

Dois



Naquela noite, Jolene escolheu suas roupas com cuidado. Não jantava a sós com Michael havia uma eternidade e ela queria que a noite fosse perfeita. Romântica. Após dar comida para as meninas, entrou na banheira com água aromatizada, se depilou, passou na pele uma loção que recendia a frutas cítricas e vestiu um jeans confortável e um suéter preto de gola canoa.

No andar de baixo, encontrou Betsy sentada à mesa de centro fazendo o dever de casa, enquanto Lulu estava no sofá, enrolada na sua mantinha amarela favorita, assistindo ao desenho de *A pequena sereia*. Os restos da festa de aniversário improvisada ainda estavam na mesa de jantar: o bolo, com os furos deixados pelas velas, o diário rosa que Betsy dera para Jolene, a tiara cintilante que fora o presente de Lulu e um monte de papéis amassados e laços.

– Ela não manda em mim! – gritou Lulu quando Jolene entrou na sala.

– Manda ela ficar quieta, mãe. Estou tentando fazer o dever – retrucou Betsy. – Ela canta alto demais.

E começou. As vozes foram aumentando de volume, uma querendo se sobrepor à outra.

– Ela *não* manda em mim – repetiu Lulu, mais firme. – Fala pra ela.

Betsy revirou os olhos e saiu batendo os pés ao subir a escada.

Jolene sentiu uma onda de exaustão. Não imaginara que era tão cansativo ser mãe de uma pré-adolescente. Quantas vezes uma

menina era capaz de revirar os olhos? Se Jolene tivesse ousado fazer isso, seu pai teria batido nela durante um bom tempo.

Lulu correu para a caixa de brinquedos no canto da sala e remexeu o conteúdo. Encontrou a tiara com orelhas de gatinha que fizera parte da fantasia do último Halloween, vestiu-a e deu meia-volta.

Jolene não pôde evitar um sorriso. Ali estava sua filha de 4 anos, com orelhinhas cinza de gato que já começavam a ficar desgastadas e as mãos na cintura. Os pequenos triângulos cinza emolduravam o rosto corado de Lulu e a faziam parecer mais sapeca ainda. Por alguma razão inexplicável, Lulu acreditava ficar invisível quando colocava essa tiara. Deu um miado.

Jolene franziu a testa exageradamente e olhou ao redor.

– Essa não... O que aconteceu com a minha Lucy Louida? Para onde ela foi?

Fez toda uma encenação: olhou em torno, procurou atrás da televisão, embaixo da poltrona amarela acolchoada, atrás da porta.

– Tô aqui, mamãe! – exclamou Lulu com uma mesura, rindo.

– Aí está! – falou Jolene, com um suspiro. – Fiquei preocupada.

Ela pegou Lulu no colo e a levou para cima. Lulu demorou séculos para escovar os dentes e vestir o pijama e Jolene esperou pacientemente, sabendo que a caçula tinha uma personalidade forte e independente. Quando enfim Lulu estava pronta, Jolene se sentou na cama ao lado dela, puxou-a para junto de si e abriu *Onde vivem os monstros*. Quando disse *fim*, Lulu estava quase dormindo.

Beijou o rosto da filha.

– Boa noite, gatinha.

– Boa noite, mamãe – murmurou Lulu, sonolenta.

Então Jolene atravessou o corredor até o quarto de Betsy, bateu na porta e entrou.

Betsy estava sentada na cama, com o livro de estudos sociais aberto no colo. O cabelo sedoso cor de palha caía em mechas cacheadas sobre seus braços nus finos. Um dia, Betsy daria valor à pele de porcelana, aos cabelos louros e aos olhos castanhos, mas

não agora, quando a última moda era o cabelo liso e seu rosto estava cheio de espinhas.

Jolene foi até a cama da filha e se sentou na beirada.

– Você podia ser mais legal com a sua irmã.

– Ela é uma mala.

– Que nem você. – Jolene viu os olhos de Betsy se arregalarem e deu um sorriso carinhoso. – E que nem eu. É assim que as famílias são. Além disso, eu sei por que você está assim.

– Sabe?

– Eu vi como Sierra e Zoe trataram você na escola hoje cedo.

– Você vive me espionando – protestou ela, mas sua voz falhou.

– Eu vi você entrar na escola. Não é espionagem. Vocês três eram melhores amigas no ano passado. O que aconteceu?

– Nada – respondeu, teimosa, pressionando os lábios para esconder o aparelho.

– Eu posso ajudar, sabe? Também já tive 12 anos.

Betsy deu aquele olhar de *você deve estar louca* que se tornara comum no último ano.

– Duvido que tenha sido igual.

– Talvez você pudesse encontrar Seth depois da aula amanhã. Lembra como vocês se divertiam?

– Seth é bizarro. Todos dizem isso.

– Elizabeth Andrea, não ouse bancar a garota malvada. Seth Flynn não é bizarro. É o filho da minha melhor amiga. E daí se ele gosta de deixar o cabelo comprido e se é... meio calado? É seu amigo. Não se esqueça disso. Um dia você pode precisar dele.

– Tanto faz.

Jolene suspirou. Já vira aquele filme antes; por mais que perguntasse, Betsy não diria mais nada. *Tanto faz* queria dizer *fim*.

– Está bem. – Inclinou-se e deu um beijo na testa de Betsy. – Eu te amo até a lua, ida e volta.

Essas palavras eram o lema da família, todo seu amor destilado em uma única frase. *Diga o mesmo para mim, Betsy.*

Jolene esperou mais do que pretendia e imediatamente ficou com raiva de si mesma. De novo. Ser mãe de uma pré-adolescente era ter uma série de desapontamentos.

– Muito bem – disse por fim, levantando-se.

– Por que meu pai ainda não chegou? É seu aniversário.

– Ele vai chegar a qualquer minuto. Você sabe como ele anda ocupado.

– Ele vai subir para me dar boa-noite?

– É claro.

Betsy assentiu e voltou à leitura. Quando Jolene chegou à porta, a filha disse:

– Feliz aniversário, mãe.

Jolene sorriu.

– Obrigada, Betsy. E eu adorei o diário que você me deu. É perfeito.

Betsy deu um sorriso autêntico.

Ao descer a escada, Jolene foi para a cozinha e terminou de guardar a louça. O jantar, um ensopado saboroso de costela bovina ao vinho tinto com alho e tomilho, borbulhava no fogão, enchendo a casa com o aroma. As meninas não gostavam muito, mas era o prato preferido de Michael.

Ela enrolou uma manta rosa macia em volta dos ombros, pegou um copo de água com gás e foi para fora. Sentou-se em uma das cadeiras de vime desgastadas na varanda e apoiou os pés descalços na mesinha desbotada, observando a vista.

Seu lar.

Tudo começara quando conheceu Michael.

Ela se lembrava nitidamente de tudo.

Durante dias, após a morte dos pais, esperou que *alguém* a ajudasse. A polícia, assistentes sociais, professores. Não precisou de muito tempo para constatar que, como sempre, estava sozinha. Em uma manhã de neve de uma quarta-feira, ela acordou cedo, ignorando o frio que se infiltrava pelas paredes finas do quarto, e

vestiu as melhores roupas: saia xadrez de lã, suéter, meias três-quartos e mocassins. Uma faixa azul na cabeça não deixava que o cabelo caísse sobre os olhos.

Pegou o resto do dinheiro que ganhara como babá e dirigiu-se até o centro de Seattle. No escritório da assistência jurídica, conheceu Michael.

Moreno, bonito e de sorriso fácil, ele a deixou literalmente sem fôlego. Jolene o seguiu até uma sala pequena e ordinária e explicou seu problema:

– Tenho 17 anos, faço 18 daqui a dois meses. Meus pais morreram esta semana. Acidente de carro. Uma assistente social foi me ver e disse que eu teria que morar com pais adotivos até completar 18. Mas eu não preciso de ninguém. Muito menos de uma família falsa. Posso morar na minha casa até junho, quando o banco vai retomá-la, e aí eu vou ter me formado e posso fazer... qualquer coisa. Você pode cuidar para que eu não precise ir morar com uma família adotiva?

Michael a examinou com atenção, apertando os olhos.

– Você ficaria sozinha.

– Eu já *estou* sozinha. É um fato, não uma opção.

– Vou ajudá-la, Jolene – falou por fim, e ela sentiu vontade de chorar.

Na hora seguinte, ela contou uma versão editada de sua vida. Michael disse algo sobre a confidencialidade entre advogado e cliente e pediu que contasse tudo, mas ela não era boba. Aprendera havia tempos a manter a verdade em segredo. Quando as pessoas sabiam que seus pais eram alcoólatras, sempre sentiam pena. Ela detestava aquilo; detestava ser a coitada. Quando terminaram e os formulários foram preenchidos, Michael disse:

– Volte a me ver daqui a alguns anos, Jolene. Eu convido você para jantar.

Demorou seis anos para ela voltar a encontrá-lo. Na época, ela já era piloto do Exército e ele, advogado, sócio do pai. Não tinham

quase nada em comum. Mas Jolene havia visto algo nele naquele primeiro dia, um idealismo que a tocou profundamente e uma moralidade compatível com a dela. Michael também era trabalhador e tinha um forte senso de responsabilidade. E, fiel à sua palavra, ele a levou para jantar... e foi lá que tudo começou.

A lembrança a fez sorrir.

Ao longe, as luzes foram se acendendo à beira do estuário, pontos dourados que indicavam casas na escuridão. A lua brilhava, sendo encoberta de quando em quando por nuvens diáfanas. Já era noite cerrada, escura. Ela consultou o relógio. Oito e meia.

Sentiu uma pontada de decepção, mas a afastou. Deve ter acontecido algo importante. Às vezes a vida era assim mesmo. As coisas raramente eram perfeitas. Ele iria aparecer.

Mas... nos últimos tempos, parecia que as diferenças entre eles tinham ficado mais pronunciadas do que aquilo que possuíam em comum. Michael sempre detestara a dedicação dela ao Exército. Jolene deixara a ativa por causa dele e passara para a Guarda, mas Michael ainda não estava satisfeito. Não queria saber dos voos que ela fazia, dos fins de semana de treinamento ou dos amigos que também serviam. Sempre fora antimilitarista, mas, desde o início da guerra no Iraque, as opiniões dele tinham ficado mais fortes, mais negativas. Os silêncios, antes afáveis, agora eram incômodos. Jolene se sentia sozinha sem poder conversar com o marido sobre as coisas que lhe importavam. Normalmente evitava encarar essas verdades, mas naquela noite foram elas que ocuparam a cadeira ao seu lado.

Levantou-se e voltou para dentro.

20h50.

Abriu a pesada tampa amarela da panela e olhou para o ensopado. O molho espesso havia se reduzido demais e estava um pouco preto nas beiradas. O telefone tocou. Ela se esticou para atendê-lo.

– Alô?

– Oi, Jo. Desculpe, me atrasei.

– Já estava atrasado há uma hora, Michael. O que aconteceu?

– Desculpe. O que quer que eu diga? Fiquei trabalhando e esqueci.

– Esqueceu – falou, querendo que não doesse tanto.

– Eu vou me redimir.

Ela quase disse *como?*, mas de que adiantaria? Por que piorar as coisas? Ele não fizera por mal.

– Está bem.

– Vou tentar chegar logo em casa, mas...

Jolene deu graças por estar ao telefone, assim não precisou sorrir. Ocorreu-lhe que ele não estava se esforçando muito ultimamente, que sua família (e sua mulher) não pareciam lhe importar. Ainda assim, ela o amava com a mesma intensidade da primeira vez em que se beijaram, tantos anos atrás.

Tempo, pensou. *Tudo vai melhorar daqui a uma semana ou um mês.* Michael ainda estava sentindo a perda do pai. Ela precisava ser compreensiva.

– Feliz aniversário – parabenizou o marido.

– Obrigada.

Desligou o telefone e se sentou à mesa da cozinha. No ambiente pouco iluminado, decorado com fotos de família, suvenires e os móveis que ela mesma tinha restaurado, de repente sentiu-se só. Toda arrumada, sentada na cozinha escura. Solitária.

Houve uma batida. Antes que Jolene ficasse de pé, a porta dos fundos se abriu. Tami entrou na casa, com uma garrafa de champanhe na mão.

– Você está sozinha – disse baixinho.

– Ele ficou preso no trabalho – respondeu Jolene.

– Era o que eu temia. – O olhar de Tami se entristeceu; Jolene detestava aquela sensação. Mas então Tami sorriu. – Bom. Não faz bem completar 41 anos sem ter público – continuou, fechando a porta atrás de si com o pé. – Além disso, estou morrendo de

curiosidade para ver se você vai começar a se enrugar toda na minha frente, que nem o Gary Oldman em *Drácula*.

– Não vou começar a me enrugar.

– Nunca se sabe.

– Champanhe? – perguntou Jolene, arqueando uma sobrancelha.

– É para mim. Não sou *eu* que tenho pais alcoólatras. Você pode tomar água com gás, como sempre.

Tami abriu a garrafa sem esforço, serviu-se de uma taça e caminhou para a sala, onde se esparramou no sofá estofado e ergueu o copo.

– A você, minha melhor amiga cada vez mais idosa.

Jolene foi para a sala.

– Você é poucos meses mais nova do que eu.

– Nós, nativos norte-americanos, não envelhecemos. É fato científico. Olhe só para a minha mãe. Ainda tem que mostrar a identidade.

Jolene se sentou em uma poltrona e recolheu as pernas. As duas se entreolharam. No meio delas, flutuando como bolhas de champanhe, surgiam lembranças de outras noites como aquela, jantares a que Michael tinha faltado, eventos a que não pudera comparecer por conta do trabalho. Jolene dizia com frequência às pessoas, sobretudo a Tami, quanto orgulho sentia do marido brilhante e bem-sucedido, e era verdade, mas ultimamente ele parecia infeliz. A perda do pai o havia derrubado. Ela sabia o quanto Michael estava triste, mas não fazia ideia de como ajudar.

– Você deve estar magoada – comentou Tami.

– Estou – concordou Jolene, baixinho.

– Você devia falar com ele sobre isso, dizer o que sente.

– De que iria adiantar? Por que fazer com que ele se sinta pior do que já está? Acontece, Tami. Você conhece a ética profissional de Michael. É uma das coisas que eu admiro nele. Michael nunca foge da responsabilidade.

– A menos que seja uma obrigação familiar – replicou Tami com suavidade.

– Ele realmente anda muito ocupado. Desde a morte do pai...

– Eu sei, e vocês também não conversam sobre isso. Aliás, vocês não conversam.

– Nós conversamos.

Tami a estudou com o olhar.

– Todo casamento tem períodos difíceis. Às vezes, você precisa brigar pelo seu amor. É o único jeito de melhorar as coisas.

Jolene não tinha como não pensar em seus pais e no quanto sua mãe lutara pelo amor de um homem... e nunca tivera sucesso.

– Olhe, Tami, Michael e eu estamos bem. Nós nos amamos. Agora, por favor, *por favor*, podemos falar de outra coisa?

Tami ergueu a taça pela metade.

– A você, minha amiga. Você está fabulosa, considerando o quanto está velha.

– Eu estou fabulosa, ponto final.

Tami riu e começou a contar uma história engraçada sobre sua família.

Quando se deram conta, já eram vinte para as onze. Tami pôs a taça vazia na mesa.

– Preciso ir para casa. Eu falei para o Carl que voltaria para assistir ao *David Letterman*.

Jolene se levantou.

– Obrigada por vir, Tam. Eu estava precisando.

Tami a abraçou com muita força. Caminharam juntas até a porta dos fundos.

Jolene observou a amiga atravessar a entrada de carros e ir em direção a sua própria casa. Por fim, fechou a porta.

No silêncio, ficou a sós com seus pensamentos, e não gostava da companhia deles.

Era meia-noite quando Michael estacionou o carro ao lado do utilitário de Jolene. No assento ao lado dele havia uma dúzia de rosas envoltas em celofane. Ele já estava na balsa, indo para casa, quando se lembrara de que Jolene preferia flores vermelhas, e não cor-de-rosa. Óbvio. Coisas delicadas e femininas não eram o estilo dela, nunca tinham sido, nem sequer naquele dia triste em que a esposa entrou na vida dele.

Jolene tinha 17 anos. Uma criança, vestindo roupas de brechó, com o cabelo louro desgrenhado e os lindos olhos verdes inchados de tanto chorar. Ainda assim, entrou no escritório de assistência jurídica de cabeça erguida, segurando uma bolsa surrada de vinil. Ele era estagiário, no primeiro ano da faculdade de direito.

Ela tinha uma coragem incrível e recusava ajuda mesmo nos piores dias de sua vida. Ele se apaixonara um pouquinho naquele mesmo instante, a ponto de lhe pedir para voltar quando fosse mais velha. Desde o início, fora a bravura de Jolene que o cativara, a coragem que ela exibia com a mesma facilidade que aquele casaco barato de acrílico.

Seis anos depois, ela voltou a entrar na sua vida, nada menos que uma piloto de helicóptero do Exército. Michael ainda era jovem o suficiente para acreditar em amor à primeira vista, e velho o bastante para saber que não era algo que acontecia todo dia. Convenceu-se de que não importava que ele fosse democrata e ela, militar, que não tivessem nada em comum. Sentia-se tão amado e adorado por Jolene que mal podia respirar. O sexo era incrível. Assim como em todo o resto, Jo se entregava inteiramente.

Ele pegou as rosas e a caixinha da Tiffany ao lado, se perguntando se o presente caro o redimiria. A esposa veria que fora comprado antes – que se lembrara do aniversário em tempo para mandar gravar o relógio –, mas seria suficiente? Michael perdera o jantar... Tinha esquecido.

Só de pensar na discussão que estava por vir, já ficou exausto. Usaria seus encantos para fazê-la sorrir, imploraria por perdão, e ela

aceitaria com uma elegância e uma facilidade que pareceriam tornar tudo fácil, mas ele ainda veria a mágoa nos olhos verdes da esposa, no sorriso que não se abriria totalmente, e saberia que a havia desapontado mais uma vez. Michael era o vilão daquela história, não havia dúvidas quanto a isso, e Jolene o lembraria disso de um milhão de maneiras, até que ele mal fosse capaz de olhá-la, até que se afastasse dela na cama, virasse para o outro lado e ficasse olhando para a parede, imaginando uma vida diferente.

Saiu do carro e entrou em casa. Na penumbra da cozinha, encontrou um vaso e pôs as rosas dentro, levando-o então para cima.

As luzes da suíte estavam apagadas, exceto por uma pequena lâmpada decorativa na mesa perto da janela. Ele pôs as flores na cômoda antiga e foi para o banheiro, onde se trocou. Subiu na cama, puxou o edredom pesado até a altura do peito e ficou deitado no escuro.

Ouvir a respiração da mulher costumava acalmá-lo, mas agora todo som que ela fazia o mantinha acordado.

Fechou os olhos, na esperança de cair no sono, mas já sabendo que passariam horas até que ele conseguisse e que teria uma noite atribulada, infestada por sonhos de uma vida não vivida, um caminho não escolhido.

Ao despertar, horas depois, sentiu-se como se não tivesse dormido nada. Uma luminosidade difusa atravessava o vidro das janelas, fazendo com que as paredes verde-musgo ficassem cinza como árvores mortas. Os pisos de madeira escura absorviam toda a luz que entrava.

Ele se apoiou nos cotovelos e sentiu o lençol deslizar pelo peito.

Jolene estava acordada ao lado, os cabelos louros enroscados de um lado, o rosto pálido ligeiramente voltado na direção dele.

Seu olhar já mostrava a mágoa.

– Eu sinto muito, Jo. – Ele se inclinou, lhe deu um beijo breve e recuou. – Vou fazer algo para compensar.

– Eu sei. É só um aniversário. Eu não devia dar tanto valor.

Ele se levantou, pegou a caixa da Tiffany sobre a cômoda e lhe entregou.

Passou-lhe pela cabeça que Jolene pedira algo para o aniversário, algo especial. Não um presente; Jolene não era desse tipo. Ela queria... algo. Michael não se lembrava do que era, mas percebeu que por um instante ela franziu um pouco a testa. Em seguida, sorriu.

– Tiffany, é?

Ela se sentou na cama, posicionou os travesseiros atrás de si e abriu a caixa. Dentro, um relógio reluzente, de platina e ouro, estava preso a uma almofadinha de couro branco. Um único diamante pequeno ocupava o lugar do número 12.

– É lindo. – Ela virou o relógio e olhou a parte de trás, onde estava gravado *Jolene, feliz 41º aniversário.* – Quarenta e um. Uau. O tempo passou voando. Logo, logo Betsy vai estar no ensino médio.

Michael preferiria que ela não tivesse dito isso. Ultimamente, o tempo não estava a seu favor. Tinha 45 anos – meia-idade. Logo teria 50 e perderia de vez qualquer chance que ainda tinha de se tornar outra versão de si próprio. E ainda nem tinha ideia de como seria essa outra versão; sabia apenas que se sentia oco.

Sentou-se na cama ao lado de Jolene. Olhou-a e, de repente, sentiu que precisava dela, querendo amá-la como antes.

– Como você superou a... morte deles? Digo, como você enfrentou? Você precisou mudar a sua vida num instante.

Ele a viu se encolher e desviar o olhar por um instante. A pergunta era como um golpe que passara de raspão e a ferira. Quando encarou-o de novo, ela estava sorrindo.

– O que não nos mata nos fortalece. Acho que eu escolhi a felicidade.

Michael suspirou. Mais obviedades. De súbito, sentiu-se cansado de novo.

– Vou trazer o café da manhã e depois talvez possamos dar uma volta de bicicleta.

Ela pôs o relógio, ainda na caixa, na mesinha de cabeceira.

– Hoje é a minha festa de aniversário na casa do capitão Lomand. Você disse que iria.

Aquilo era o que ela tinha pedido. Não era de surpreender que ele tivesse esquecido.

– Eu não tenho nada em comum com aquela gente. Você sabe disso.

Ele ficou de pé, foi até a cômoda e abriu a gaveta de cima.

– Eu sou aquela gente – replicou ela, enveredando por um terreno pedregoso e familiar. – É uma festa para mim. Você podia ir só desta vez.

Ele se voltou.

– Vamos sair para jantar amanhã. Que tal? Nós quatro. Vamos àquele restaurante italiano de que você gosta.

Jolene suspirou. Michael sabia que ela estava considerando rebater. A esposa queria que ele fizesse parte de sua vida militar, sempre quisera isso, mas ele não podia, não suportava aquele mundo rígido de um por todos e todos por um.

– Está bem – concordou ela por fim. – Obrigada pelo relógio. É lindo.

– De nada.

Eles se encararam. O silêncio começou a se acumular, amargo e denso como aroma de café. Havia coisas a serem ditas, ele sabia, palavras suprimidas durante tempo demais, armazenadas no escuro, até embolorarem. Quando dissesse o que realmente sentia, não haveria volta.



No fim da tarde, carregando uma travessa coberta com papel-alumínio, Tami entrou na cozinha de Jolene.

– E então? – perguntou, fechando a porta com o pé.

Jolene deu uma olhada na sala, para ter certeza de que as crianças não estavam por perto.

– Ele pediu desculpas – respondeu. – E me comprou rosas e um relógio lindo.

– É ele que precisa de um relógio – retrucou Tami. Vendo o olhar de Jolene, deu de ombros. – É o que eu acho.

– Bom, eu pedi para ele ir à festa. Ele não quer.

– Sinto muito.

Jolene esboçou um sorriso. Não podia deixar de pensar em como a vida de Tami era diferente. Mesmo não sendo militar, Carl dava apoio total a Tami, comparecia a todos os eventos e frequentemente dizia o quanto se orgulhava do trabalho dela. As fotos oficiais de Tami decoravam as paredes da casa, penduradas ao lado de fotos escolares de Seth e outras de reuniões familiares. Todas as imagens de Jolene uniformizada estavam escondidas em alguma gaveta.

Ela deu as costas para Tami e seu olhar desapontado e foi até o pé da escada.

– Meninas! – gritou. – Desçam! É hora de ir para a festa.

Lulu desceu a escada sorrindo e arrastando sua manta. Usava um vestido rosa de princesa, com tiara e tudo. Betsy apareceu no topo da escada, com os braços cruzados.

– Por favooor, não me obrigue a ir – implorou.

– Um... dois... três...

– Meu pai não tem que ir.

– Ele está trabalhando. Você, não.

Betsy bateu o pé e deu meia-volta.

– Tá bom – aceitou, voltando para o quarto.

– Eu lembro o quanto eu queria uma filha – comentou Tami, chegando perto de Jolene. – Agora não tenho tanta certeza.

– Nada que eu faça ou diga está certo. Sinceramente, todo dia ela parte um pedacinho do meu coração. Jura que vai faltar à escola se

eu for lá no dia da profissão. Pelo visto, ter uma mãe militar só é menos humilhante do que ter uma mãe na cadeia.

Tami se apoiou nela.

– Você foi criada por lobos, então não sabe disto: é normal. Minha mãe jura que tentou me vender para os ciganos quando eu tinha 12 anos. Ninguém quis.

– Seth vai hoje?

– Claro. Ele é menino. Os garotos são como cachorrinhos; as garotas são gatas. Tudo o que quer é me fazer feliz e jogar videogame. O drama ainda não deu as caras lá em casa. Se bem que ele sente falta de Betsy...

Jolene olhou para o topo da escada.

– Espero que ela seja mais legal com Seth.

Tami assentiu.

– Meu filho é um desastre para escolher as roupas, um nerd que se empolga na hora de responder uma pergunta de biologia. Betsy quer andar com as meninas populares. Eu entendo. De verdade. Ele é suicídio social, e o fato de terem sido melhores amigos não ajuda Betsy em nada. Só que *ele* não entende. Fica se perguntando por que ela parou de andar de skate e não gosta mais de ir catar caranguejos. Seth ainda tem na parede o cartaz de aniversário que ela fez.

Jolene não soube bem o que dizer. Antes que pensasse em algo, Lulu chegou ao primeiro degrau e se atirou para a frente. Jolene agarrou a caçula e levou-a até o carro. Após prender Lulu na cadeirinha, voltou para dentro de casa.

– Vamos, Betsy!

Betsy desceu a escada batendo os pés, com um olhar revoltado, os fones do iPod nos ouvidos. A mensagem era clara: *Eu vou, mas não vou gostar.* Jolene deixou a pequena rebelde passar e a seguiu até o utilitário.

– Cadê o Seth? – gritou Betsy, abrindo a porta de trás.

Jolene se sentou ao volante.

– Ele e Carl vão nos encontrar lá. Foram pescar de manhã. Seja legal com ele.

Betsy já não estava ouvindo. Prendeu o cinto de segurança e começou a mexer no iPod.

– Música? – perguntou Jolene para Tami.

– Sugiro a rainha hoje. Em sua homenagem.

– Madonna, então. – Jolene pôs um CD no aparelho de som e saiu com o carro ouvindo as batidas de “Material Girl”.

Ela e Tami se alternavam conversando e cantando, Lulu falava sem parar e Betsy não dizia uma palavra.

Em pouco tempo, estavam entrando na subdivisão de Gig Harbor chamada Ravenwood, a uns quarenta minutos da base. O pessoal da Guarda vinha de toda aquela região do Estado; alguns precisavam dirigir horas para chegar lá.

O capitão morava em uma charmosa casa pré-moldada azul-clara, com vigas brancas e uma varanda que contornava toda a construção. Crianças corriam pelo jardim, gritos estridentes ecoavam. A casa e o gramado eram um reflexo da família – do homem – que morava ali. Tudo estava bem-cuidado e podado. O capitão Benjamin Lomand tinha 50 anos e era um dos melhores homens que Jolene conhecia.

A maior parte da equipe de voo e suas famílias já estava lá; dava para perceber pela fila multicolorida de carros estacionados na rua sem saída. Mesmo sem enxergar o quintal dos fundos, Jolene sabia que os homens – e as mulheres militares – estariam reunidos em torno da churrasqueira, segurando garrafas da cerveja local ou latas de Coca-Cola, enquanto as esposas estariam conversando em pequenos grupos e monitorando as crianças. Todos sorrindo.

Jolene estacionou ao lado da entrada para carros. O marido e o filho de Tami estavam de pé na frente da garagem. Eles acenaram e desceram até o carro dela. Vestindo jeans *baggy* e um casaco esportivo dos Seahawks, com um boné enterrado para esconder o cabelo ralo, Carl lembrava um daqueles homens de constituição

sólida, um pouco acima do peso, que haviam sido astros de futebol americano na escola e depois foram trabalhar na fábrica da Boeing. Essa imagem era surpreendentemente precisa, exceto pelo fato de que ele era mecânico e tinha a própria oficina.

Seth não se parecia em nada com o pai. Aos 12 anos, era um menino estranho e desengonçado, com um caso sério de acne, olhos um pouco grandes demais para o rosto fino e cabelos bem pretos que iam até quase o meio das costas. Hoje vestia um jeans justo (todos sabiam que a moda eram as calças *baggy*) e uma camiseta enorme da banda Nine Inch Nails que acentuava a finura dos braços.

Tami saiu do carro ao ver o marido se aproximar, levando com ela a travessa.

– Aqui está o amor da minha vida – anunciou Carl, abrindo os braços. Tami sorriu e lhe deu o recipiente que carregava. Sem dúvida, era sua famosa salada mexicana de sete camadas.

– Feliz aniversário atrasado – Carl parabenizou Jolene quando ela saiu do carro.

– Obrigada, Carl.

Ela abriu a porta de trás e desprendeu Lulu da cadeirinha. Lulu deu um salto e saiu correndo, dando gritinhos de alegria, atrás de alguém para brincar.

Betsy desceu do carro devagar, os fones ainda nas orelhas. Quando viu Seth, arregalou os olhos em choque ao perceber o que ele estava vestindo e apertou os lábios. Jolene sabia que a filha tinha pavor de ser vista conversando com seu melhor amigo de infância, então lhe deu um empurrãozinho.

Betsy tropeçou e quase caiu em cima de Seth. Ele estendeu os braços e a amparou.

– Opa... – disse, a voz falhando.

– Espero que ninguém tenha visto – falou Betsy, soltando-se dele e caminhando para longe.

Seth olhou um bom tempo para ela, depois deu de ombros e foi até um espaço no gramado. Sentou-se com as pernas cruzadas e começou a jogar um videogame portátil.

Jolene tomou uma nota mental para pedir mais uma vez a Betsy que fosse legal com Seth. Ela realmente não entendia como a filha podia ser tão cruel.

Carregando a tigela de vidro coberta com papel-alumínio contendo a salada de repolho que tinha preparado, Jolene seguiu Carl e Tami até o quintal dos fundos. Contornaram a casa e ali estavam eles: a equipe de voo, seus amigos. Reuniam-se com frequência, um grupo que treinava junto havia tantos anos. No mundo "externo", eram de origens muito diferentes – dentistas, lenhadores, professores e mecânicos. Mas, durante um fim de semana por mês e duas semanas no verão, eram soldados que treinavam lado a lado, servindo ao país com orgulho. Por mais que Michael revirasse os olhos para tudo aquilo, a verdade era que Jolene amava aquelas pessoas. Eram como ela: haviam entrado para o Exército porque acreditavam em servir à nação, em ser patriotas, em manter os Estados Unidos em segurança. Eles *acreditavam*. Não havia um integrante sequer daquela equipe que não daria a vida pela de Jolene, e vice-versa.

Quando ela chegou, todos começaram a cantar "Parabéns pra você".

Jolene riu, sentindo uma onda de pura alegria. Havia somente uma pequenina mácula em sua felicidade: gostaria que Michael estivesse ali. Teria adorado voltar-se para ele agora e dizer o quanto essas amizades significavam para ela. O quanto aquele momento significava. Jolene bem sabia que seus pais nunca ligaram a mínima para o seu aniversário.

Quando a canção terminou, ela começou a perambular, agradecendo e conversando com cada um. Quando pôs sua comida na mesa, que já rangia sob o peso de saladas, ensopados, sobremesas e temperos, Owen "Smitty" Smith lhe ofereceu um copo

de limonada. Ele era o integrante mais novo da equipe, um garoto sardento de 20 anos que entrou na Guarda para pagar a faculdade.

– Obrigada, Smitty.

Ele deu um sorriso aberto, revelando o aparelho nos dentes.

– Feliz aniversário, chefe. Você tem a mesma idade da minha mãe.

– Obrigada – agradeceu, rindo, e ele logo saiu atrás da namorada.

– Subtenente Zarkades – disse Jamie Hix, parando ao lado dela na mesa e inclinando uma Corona em sua direção. Ele era o outro atirador de sua equipe. Com 29 anos e recém-divorciado, Jamie estava tentando obter a custódia compartilhada do filho de 8 anos com sua ex-mulher, Gina. O divórcio estava se tornando cada vez mais conflituoso. – Quarenta e um, hein?

Ela pegou uma cenoura crua de uma travessa à sua frente e a mergulhou no molho tártaro.

– É difícil de acreditar.

– Que pena que o Michael não pôde vir hoje.

Ela não se surpreendeu com esse sentimento; sabia que a maioria de seus amigos se perguntava por que Michael raramente comparecia aos eventos. Eles queriam protegê-la. Conviviam havia tanto tempo que já não existiam muitos segredos.

– Ele trabalha muito, e o emprego é importante.

– É. A Gina também não me acompanhava muito.

Jolene não gostou da comparação, mesmo que sutil, entre os cônjuges. Estava a ponto de dizer isso, mas a compaixão no olhar de Jamie de repente a fez se sentir sozinha. Ela falou algo – nem sabia ao certo o quê – e se afastou. Passou pela churrasqueira, onde todos pareciam estar rindo, e foi até os canteiros de roseiras do capitão. Observou os botões rosados, fechados e brilhantes. Cor-de-rosa. Sua rosa favorita era a vermelha. Michael sabia disso.

– Você está bem? – indagou Tami, ficando ao lado dela e batendo seu quadril no da amiga.

– Claro – respondeu Jolene, depressa demais.

– Pode contar comigo – afirmou Tami gentilmente, como se soubesse tudo o que se passava na cabeça da amiga. – Com todos nós.

– Eu sei – falou Jolene, olhando para aquelas pessoas tão valiosas.

Todos aqueles para quem olhava sorriam e acenavam. Eles a amavam, se preocupavam com ela. Eram sua família tanto quanto Michael e as meninas. Ela tinha muitas bênçãos na vida.

Tudo bem que Michael não estivesse ali. Eles eram um casal, não gêmeos siameses. Não precisavam partilhar tudo na vida.

Três

Na quarta-feira de manhã, Jolene voltou da corrida e encontrou Betsy de pé na varanda, com um robe que já estava apertado nela, sobre o pijama de flanela, e botas rosa de camurça. Tinha o rosto franzido de irritação – ultimamente, uma expressão comum.

Jolene subiu correndo a entrada de carros, ofegando, o vapor da respiração à sua frente.

– O que aconteceu?

– Hoje é quarta – disse Betsy no mesmo tom de voz que usaria para sussurrar *você tem câncer*.

Ah. Era isso.

– Para dentro. – Jolene conduziu Betsy de volta para casa, onde estava quente.

– Você não pode ir, mãe. Vou dizer que você está doente.

– Eu vou hoje no dia da profissão, Betsy – disse Jolene, ligando a cafeteira.

Betsy quase deu um guincho de desprezo.

– Tá bom. Estrague a minha vida.

Saiu da cozinha pisando firme e subiu a escada. Bateu a porta do quarto.

– Ah, isso não – murmurou Jolene, seguindo a filha.

Ao chegar à porta fechada do quarto, bateu com força.

– Vai embora!

Ela bateu de novo.

– Tá bom, entre. Você vai entrar mesmo... Esta droga de casa não tem privacidade.

Jolene aceitou o convite amável e abriu a porta.

O quarto de Betsy era um reflexo tanto da menina de 12 anos que o habitava agora quanto da moleca que tinha morado ali até poucos meses atrás. As paredes ainda eram da cor amarelo-trigo que Jolene escolhera havia quase uma década. O berço e o trocador brancos e os quadros do Ursinho Pooh tinham sido retirados muito tempo antes. No lugar deles, havia uma cama de quatro colunas com uma colcha de brim, uma cômoda amarela antiga com puxadores azuis e pôsteres de rapazes cabeludos de bandas de adolescentes. A guerra entre a infância e a adolescência estava por toda parte: na mesinha de cabeceira havia uma confusão de maquiagens (que ela não podia usar fora de casa), um vidro de compota cheio de pedras da praia e ágatas, e uma armadilha para insetos que Seth lhe dera no aniversário de 8 anos e já fora seu brinquedo favorito. Pilhas de roupas, experimentadas e descartadas antes de ir à escola no dia anterior, estavam espalhadas pelo chão.

Betsy estava sentada na cama, furiosa, os joelhos encolhidos contra o peito.

Jolene se sentou na beirada. Sentia uma imensa ternura pela filha, que ficara muito desconcertada na pré-puberdade. Essa moleca antes tão confiante e despreocupada se perdera em um mar de meninas cruéis e escolhas sociais impossíveis e ultimamente se sentia tão insegura que nada era fácil e nenhuma decisão era tomada sem a aprovação de seus colegas. Nada importava mais do que ser aceita, e ela não estava se saindo bem.

– Por que você não quer que eu apareça no dia da profissão?

– É constrangedor. Eu já falei: ninguém legal tem uma mãe militar.

Jolene não queria se deixar magoar e conseguiu. Foi só uma alfinetada de leve.

– Você não sabe o que é constrangimento – afirmou com suavidade, lembrando-se da própria mãe bêbada, que uma vez

entrou cambaleando na reunião de pais e disse *o que ela aprontô?* com a voz engrolada.

– Sierra vai me zoar.

– Então ela não é exatamente uma amiga, certo? Por que você não me conta o que está acontecendo, Betsy? Você, Sierra e Zoe faziam tudo juntas.

– Você não me deixa fazer nada. Elas usam maquiagem e vão ao shopping nos fins de semana.

Era a velha discussão.

– Você ainda é muito nova para usar maquiagem. Nosso trato para maquiagem e brincos foi 13 anos. Você sabe disso.

– Até parece que eu concordei – falou Betsy com rancor.

– Se elas não gostam de você só porque não usa rímel...

– Você não entende *nada.*

– Betsy, o que aconteceu? – perguntou Jolene gentilmente.

Betsy caiu em prantos. Jolene se reclinou na cama e a tomou nos braços, segurando-a enquanto ela chorava. Aquilo estava para acontecer havia tempos. Betsy chorou como se seu coração estivesse se despedaçando, como se alguém querido estivesse morrendo. Jolene a abraçou com força, acariciando os cabelos cacheados.

– Si-Si-erra levou cigarros para a escola na semana passada – respondeu Betsy entre soluços. – Quan-quando eu falei que era proibido, ela me cha-cha-mou de lesada e me desafiou a fumar um.

Jolene respirou fundo para manter a calma.

– E você fumou?

– Não, mas agora elas não falam comigo. Elas me chamam de *carola*.

Queria abraçar a filha até que os perigos passassem, até que Betsy tivesse idade para enfrentá-los com facilidade e dignidade. Jolene tinha que dizer a coisa certa agora, dar o conselho materno perfeito, mas se sentia deslocada. Até entrar para o Exército, com suas regras rígidas de comportamento, nunca se encaixara em lugar

algum. As crianças da escola sabiam que ela era diferente, talvez por causa das roupas fora de moda ou dos eventos a que nunca podia ir ou talvez porque não podia convidar ninguém para ir à sua casa. Quem saberia? As crianças eram como Jedi: percebiam o mínimo distúrbio na Força. Já naquela época, Jolene descobrira uma forma de armazenar os sentimentos e deixá-los enterrados.

Por isso, ela não sabia nada sobre querer se encaixar tão desesperadamente que qualquer desprezo a fizesse passar mal. Em geral, falaria para Betsy ter força interna, acreditar em si própria, talvez até dar um desconto para as amigas.

Mas fumar na escola mudava tudo. Se as amigas, ou ex-amigas, de Betsy fumavam, Jolene precisava ser mais firme.

– Vou ligar para a mãe da Sierra...

– Pelo amor de Deus, não vai mesmo. Promete que não vai ligar. Se ligar, eu nunca mais conto nada. – O medo no olhar de Betsy era alarmante. – Promete, mãe. Por favor...

– Está bem – concordou Jolene. – Não vou falar nada por enquanto. Mas, querida, se Sierra e Zoe estão fumando na escola, você não deve fazer o mesmo. Talvez você precise fazer amigas novas. Como as meninas da equipe de atletismo. Elas parecem legais.

– Você acha todo mundo legal.

– E o Seth?

Betsy revirou os olhos.

– Fala sério. Ontem ele levou o violão para a escola e tocou na hora do almoço. Foi patético.

– Mas você adorava ouvir quando ele tocava violão.

– E daí? Não gosto mais. Todo mundo ficou rindo dele.

Jolene encarou Betsy. Sua filha parecia estar profundamente infeliz.

– Ah, Betsy... Como você pode ser tão má com Seth? Você sabe como dói quando Sierra e Zoe são malvadas com você.

– Se eu for amiga dele, ninguém vai gostar de mim.

– Você precisa aprender a não ser maria vai com as outras, Betsy.

– Você quer dizer que sou uma ovelhinha boba?

Jolene suspirou.

– Eu queria poder facilitar as coisas para você. Mas só você é capaz disso. Você precisa ser uma boa pessoa, Betsy. Seja uma boa amiga e você vai ter bons amigos.

– Você quer facilitar as coisas para mim? Não apareça no dia da profissão.

E, assim, estavam de volta ao princípio.

– Não posso. Você sabe disso. Eu assumi um compromisso. Quando se promete algo para alguém, temos que cumprir. Isso é honra, e a honra e o amor são o que mais importam.

– Sei, sei... “Seja a melhor pessoa que você pode ser.”

– Eu não vou me candidatar para ajudar no ano que vem. Que tal?

Betsy olhou para a mãe.

– Promete?

– Prometo.

Jolene tentou não se incomodar pelo fato de que por fim obtivera um sorriso relutante da filha ao prometer *não* fazer parte da vida dela.

O dia da profissão foi ruim como o esperado. Betsy ficou mortificada com a presença da mãe na escola. Jolene se esforçou para passar o mais desapercebida possível, falando com calma enquanto contava sobre o programa de formação de pilotos de helicópteros, no qual entrara com 18 anos. As crianças adoraram ouvir as histórias sobre as missões dela no Estado, como o resgate de alpinistas no monte Rainier durante uma nevasca no ano anterior. Fizeram perguntas sobre óculos de visão noturna, armas e treinamento de combate. Jolene tentou fazer pouco caso de tudo aquilo, inclusive da sensação de pilotar um Black Hawk, mas o

tempo todo viu que Betsy se afundava no assento, fazendo o possível para desaparecer. Ao fim do evento, ela foi a primeira a sair. Do outro lado do ginásio, Sierra e Zoe apontaram para a menina e riram.

Desde então, Betsy ficou ainda mais temperamental. Gritava, chorava, revirava os olhos. Deixou de andar normalmente e passou a bater os pés. O tempo todo. Ao entrar e sair dos quartos e da sala, ao subir a escada. As portas não eram mais fechadas: eram batidas. Quando o telefone tocava, ela se atirava para pegá-lo. Sempre se desapontava quando a ligação era para outra pessoa. Ninguém telefonava para ela, o que, para uma garota de 12 anos, era o equivalente a estar perdida no mar em um bloco de gelo. A reação de Jolene talvez fosse exagerada, mas estava preocupada com a filha. Qualquer coisa a tirava do sério e a fazia entrar em um redemoinho depressivo.

– E hoje é a primeira competição de atletismo. Você sabe o que isso significa. Humilhação em potencial. Estou preocupada – comentou com Michael naquela manhã. Ele estava na cama, ao lado, lendo.

Esperou que o marido respondesse, mas logo ficou claro que ele não tinha nada a dizer ou não estava prestando atenção.

– Michael?

– O quê? Ah. A mesma história. Ela está bem, Jolene. Pare de querer controlar tudo.

Ele largou o jornal e saiu da cama. Entrou no banheiro e fechou a porta.

Jolene suspirou. Como de costume, os assuntos familiares ficavam por sua conta. Levantou-se e foi correr.

Ao voltar, tomou banho e se vestiu rápido, fazendo um rabo de cavalo com o cabelo molhado enquanto acordava as meninas. Na cozinha, serviu-se de uma xícara de café e começou a preparar o café da manhã. Panquecas com mirtilos.

– Bom dia – disse Michael, atrás dela.

Jolene se voltou e o olhou. Ele deu um sorriso cansado e apagado, que não transparecia nos olhos escuros. Aliás, não tinha nada a ver com aquele sorriso que a fizera se apaixonar por completo.

Por um instante, a beleza do marido a surpreendeu. O cabelo preto, ainda sem nenhum vestígio grisalho aos 45 anos, estava úmido e ondulado. Ele era o tipo de homem que chamava a atenção; quando Michael Zarkades entrava em um ambiente, todos reparavam, e ele sabia e gostava.

– Você vai à competição de atletismo, não é? Eu sei que você está com muito trabalho e normalmente entendo que você não possa vir para casa, mas dessa vez eu acho que é importante, está bem? Você sabe como ela é apegada a você – argumentou.

Michael fez uma pausa, a xícara de café perto da boca.

– Quantas vezes você vai me lembrar disso?

Ela sorriu.

– Sou um pouco obsessiva? Que surpresa. É só porque é importante que você esteja lá. Pontualmente. A Betsy tem andado muito frágil e eu...

– Mãe! – gritou Betsy, derrapando para dentro da cozinha. – Cadê meu moletom laranja? Eu *preciso* dele!

Lulu chegou correndo e parou ao lado da irmã, o cabelo bagunçado de quem acabou de acordar, segurando a mantinha amarela.

– Moletom, moletom.

– Cala a *boca*! – berrou Betsy.

Lulu fez cara de choro. Andou arrastando os pés até a mesa e se sentou na sua cadeira.

– Eu lavei o seu moletom da sorte, Betsy – disse Jolene. – Eu sabia que você iria precisar.

– Ah – fez Betsy, relaxando um pouco, aliviada.

– Peça desculpas para sua irmã – mandou Michael, sentado à bancada.

Betsy resmungou um pedido de desculpas enquanto Jolene ia até a lavanderia pegar o casaco de moletom, laranja e com capuz, um presente de Michael que se tornara o talismã de Betsy. Jolene sabia que não era aleatória a relação entre a origem do presente e a magia associada. Betsy precisava da atenção do pai e às vezes tudo o que tinha era o casaco.

A menina pegou o moletom da mão de Jolene e o vestiu.

A mãe notou que ela estava pálida e trêmula. Viu se Michael tinha percebido, mas ele voltara a ler o jornal. Estava na cozinha, mas totalmente distante. *Há quanto tempo as coisas estavam desse jeito?*, ela se perguntou de repente.

Betsy foi até a mesa e se sentou. Jolene deu um tapinha em seu ombro.

– Aposto que você está empolgada com a competição. Eu falei com o treinador e ele disse que...

– Você *falou* com o treinador?

Jolene se calou e retirou a mão. Estava claro que tinha cometido um erro de novo.

– Ele disse que você está se saindo muito bem nos treinos.

– Inacreditável. – Betsy balançou a cabeça e fixou o olhar nas duas panquecas em seu prato, com olhos de mirtilo e boca de xarope de bordo.

– Quero homenzinho de panqueca! – exclamou Lulu, irritada por não ser o centro das atenções.

– É natural ficar nervosa, Betsy – afirmou Jolene. – Mas eu já vi você correr. É a melhor velocista da equipe.

Betsy a encarou, zangada.

– Eu *não* sou a melhor. Você só diz isso porque é minha mãe. É tipo uma regra, sei lá.

– A única regra que eu tenho é amar você, e eu a amo. Me orgulho de você, Betsy. Dá medo encarar a vida, se arriscar. Tenho orgulho de ver você tentar. Todos nós temos – enfatizou ela, as palavras dirigidas a Michael, que continuava de pé junto à bancada, lendo o

jornal. Ao lado dele, pendurado na parede, estava o calendário em que Jolene listava tudo o que precisava fazer na semana e todos os lugares em que tinha que estar. PROVA DE ATLETISMO estava escrito em vermelho, bem destacado, no quadrado daquele dia.

Betsy acompanhou o olhar de Jolene.

– Você vai me ver, pai? Começa às três e meia.

Seguiu-se um silêncio, uma espera. Quanto tempo durou? Um segundo? Um minuto? Jolene rezou para que ele erguesse o olhar, abrisse aquele sorriso encantador e fizesse uma promessa.

– Michael – disse, ríspida.

Ela sabia como o trabalho do marido era importante e respeitava sua dedicação. Raramente lhe pedia para estar presente em eventos familiares, mas essa competição de atletismo era crucial. Ele a olhou, irritado com o tom de voz.

– O quê?

– Betsy lembrou você da competição. É hoje às três e meia.

– Ah, claro. – Ele deixou o jornal de lado e ali estava o sorriso que arrebatara tantas mulheres, inclusive Jolene. Ele o abriu para Betsy, enchendo o lindo rosto de marcas de expressão. – Como eu iria me esquecer do grande dia da minha princesa?

O sorriso de Betsy tomou conta de seu rosto pequeno e pálido, expondo o aparelho e os grandes dentes desalinhados.

Ele foi até a mesa, inclinou-se e beijou a cabeça de Betsy. Passou a mão no cabelo de Lulu e se dirigiu à porta, pegando o casaco nas costas da cadeira e a pasta na bancada.

Sua atenção fez Betsy se inflar.

– Você sabia que...

Michael saiu de casa e a porta se fechou, cortando a frase de Betsy pela metade. Ela murchou como uma boneca de pano sem recheio.

– Ele não ouviu – falou Jolene. – Você sabe como é quando ele tem que pegar a balsa.

– Ele tinha que examinar os ouvidos – reclamou Betsy, empurrando o prato para o lado.

Quatro

Michael estava de pé em frente à janela do escritório, olhando para fora. Naquele dia frio e cinzento, Seattle fervilhava sob um céu de nuvens escuras. A chuva obscurecia a vista e borrava os duros contornos de aço dos prédios altos. Lá embaixo, mensageiros de bicicleta, ágeis como beija-flores, atravessavam o trânsito.

O telefone tocou. Ele foi até a mesa para atendê-lo.

– Oi, Ann. O que é?

– Edward Keller está na linha.

– Eu conheço?

– Não que eu saiba. Mas ele diz ser urgente.

– Pode transferir.

Michael se sentou. Ligações urgentes de estranhos eram rotina em defensoria criminal.

– Michael Zarkades – disse simplesmente.

– Obrigado por falar comigo, Sr. Zarkades. Fui informado de que o senhor é o defensor que a corte indicou para meu filho.

– Quem é seu filho?

– Keith Keller. Ele foi preso por matar a esposa.

O caso que o juiz Runyon passara para Bill.

– Sim, Sr. Keller. Eu estava me inteirando dos fatos sobre esse caso. – Vasculhou as pilhas de papéis e pastas sobre a mesa, procurando o arquivo de Keller. Ao encontrá-lo, acrescentou: – Ah, certo. Tenho uma reunião com seu filho hoje às duas.

Duas horas.

Merda.

A competição de atletismo.

– Estou preocupado, senhor. Ele não fala comigo. Eu gostaria de participar da reunião, se não se importar. O senhor precisa saber que ele é um bom rapaz.

Ainda que homicida.

– Tenho certeza de que precisarei conversar com o senhor em breve, mas primeiro é necessário falar com meu cliente. O senhor deu seu telefone para a minha secretária?

– Dei.

– Ótimo.

– Sr. Zarkades... Ele é um bom rapaz. Não sei por que fez aquilo.

Michael preferiria que ele não tivesse dito a última frase.

– Entrarei em contato em breve, Sr. Keller. Obrigado.

Michael desligou o telefone e consultou o relógio. Eram 12h27. Ele se esquecera da reunião com Keller, que deveria ter cancelado por causa da competição.

Ainda podia cancelar. Ou ir mais cedo. Keller certamente não tinha uma agenda cheia.

Olhou de novo para o relógio. Se saísse agora, chegaria ao presídio às 12h45, entrevistaria o novo cliente e ainda pegaria a balsa de 14h05.



A sala do presídio de King County era abafada e sombria. Não havia nenhum espelho bidirecional como em *CSI*, apenas um par de luminárias verdes maltratadas que pendiam sobre a mesa, com marcas de anos de uso, e uma pequena lixeira de metal no canto. Nada que pudesse servir como arma. Os pés da mesa estavam aparafusados ao piso de concreto.

Michael se sentou em frente a seu novo cliente, Keith Keller, que era jovem, de cabelo curto louro. Tinha o tipo de físico que indicava

ou esteroides ou obsessão por musculação, com maçãs salientes e lábios machucados.

O relógio da parede registrava os minutos passados em silêncio.

Bem, não em silêncio.

Keith estava imóvel feito pedra, os olhos cinzentos estranhamente vazios – perturbadores.

Haviam ficado ali sentados, só eles dois, por quase uma hora. Keith não dissera uma palavra, mas sua respiração era alta, pesada, com muco.

Michael olhou para o relógio mais uma vez – 13h21 – e depois para os papéis sobre a mesa de madeira à sua frente. Tudo o que tinha até o momento era o relatório de prisão, que com certeza não serviria como base para a defesa. De acordo com a polícia, Keith se descontrolara, atirando contra tudo até que os vizinhos pedissem ajuda. Quando a polícia chegou, Keith se entrincheirou em casa durante horas. Então, em algum momento, ele – supostamente – dera um tiro na cabeça da mulher. O relatório informava que ele ameaçara se matar antes que a SWAT o capturasse.

Não fazia sentido. Keller tinha 24 anos e um histórico impecável. Ao contrário da maioria dos clientes de Michael, Keller nunca fora preso antes, nem mesmo por furto na adolescência. Terminara o ensino médio, alistara-se como fuzileiro naval e fora dispensado com honras. Conseguira um emprego. Não constava nenhuma associação com gangues e não havia histórico de dependência química.

– Eu preciso entender o que aconteceu, Keith.

O jovem continuou com o olhar fixo na parede, no mesmo ponto que fora o centro de sua atenção durante 45 minutos.

E aquela respiração horrível, arrepiante.

Michael suspirou e consultou o relógio. Se o rapaz não quisesse se ajudar, o problema seria dele. Michael tinha que sair agora para não perder a balsa e o começo da competição.

– Muito bem, Keith. Vou pedir que o tribunal providencie uma avaliação psiquiátrica. Você será considerado inimputável se não puder participar da sua própria defesa. Prefere ir para um hospital psiquiátrico do que para a prisão? A escolha é sua.

Silêncio.

Michael esperou mais um momento, esperando uma resposta. Como o cliente não se manifestou, ele se levantou e pegou os documentos.

– Eu estou do seu lado, Keith. Lembre-se disso.

Ele guardou os papéis na pasta, fechou-a, segurou-a pela alça e se encaminhou para a porta. Estava prestes a apertar o botão para chamar o guarda quando Keith falou.

– Para quê? Eu sou culpado.

Michael estacou. Dentre todas as coisas que ele poderia ter dito, essa provavelmente era a menos produtiva. Voltou-se devagar, esperando deparar com Keith olhando-o, mas o jovem encarava os próprios dedos, como se as unhas sujas guardassem o segredo da imortalidade.

– Quando você diz *culpado*...

– Eu atirei na cabeça dela. – Sua voz falhou. Ele ergueu o olhar. Michael estava habituado à dor, e foi o que viu nos olhos do rapaz. – Por que você estaria do meu lado?

Merda.

Agora teria que explicar a relação advogado-cliente e a ideia da jurisprudência norte-americana, toda aquela coisa de inocente até prova em contrário. Olhou para o relógio. 13h37. Seria impossível chegar para o início da competição de atletismo, mas ele poderia chegar um pouco depois, não?

Retornou para a mesa e se sentou, retirando uma prancheta e papel da pasta.

– Deixe-me explicar como funciona...

Às 14h20, Jolene estacionou na frente da loja de jardinagem da sogra, O Polegar Verde, e entrou com Lulu.

Um sininho tocou alegremente quando ela abriu a porta. O estabelecimento pequeno e estreito – que já fora uma drogaria à moda antiga – era uma mina de ouro para jardineiros. A mãe de Michael, Mila, o abrira dez anos atrás apenas para se entreter, mas, nos meses desde a morte de Theo, o local se transformara em seu santuário. Como o filho, Mila tinha uma forte ética profissional e costumava passar longas horas ali.

– *Yia Yia!* – gritou Lulu, libertando-se da mãe. Ela se lançou à frente com o entusiasmo habitual. – Cadê você?

Mila atravessou a cortina de contas de vidro reluzentes do quarto dos fundos.

– Eu ouvi minha netinha?

– Tô aqui, *Yia Yia*! – guinchou Lulu.

Mila estava com seu uniforme de trabalho: uma camiseta longa, até a coxa, avental de lona verde (desenhado de modo a camuflar seu peso) e jeans enfiados em botas de borracha laranja. A maquiagem carregada acentuava a beleza marcante de seu rosto: sobrancelhas arqueadas negras, olhos castanhos brilhantes e lábios grossos, que sorriam com facilidade. Sua aparência era tão grega quanto sua voz e ela mimava as netas da mesma forma que mimara seu filho. E também se tornara a mãe que Jolene sempre desejara.

Quando Jolene teve a primeira filha, passava horas agachada na terra preta, com a sogra ao lado. De início, pensou que estava aprendendo sobre ervas daninhas e a importância de um bom sistema de raízes e do nível de luz do sol necessário para o crescimento; com o tempo, percebeu que a sogra lhe ensinava sobre a vida, o amor e a família. Quando chegou a hora de Jolene e Michael comprarem uma casa para acomodar todos, ela nunca tivera dúvidas sobre a localização. A cidade se tornara o lar de Jolene no instante em que Mila a abraçara pela primeira vez e

sussurrara: *Você é a mulher certa para ele, mas você já sabe disso, não é?*

– Oi, Lucy Louida – disse Mila, erguendo a neta com os braços fortes e pondo-a na bancada, ao lado da caixa registradora.

– Oi, *Yia Yia* – respondeu Lulu, sorrindo. – Quer brincar de adoleta?

– Agora não, *kardia mou*.

Jolene chegou por trás da sogra e a abraçou com força. Durante toda sua vida, o cheiro de perfume Shalimar a faria lembrar daquela mulher.

Mila se aconchegou na nora. O cabelo, pintado de preto e armado, fez cócegas no rosto de Jolene. Então, ela bateu as palmas das mãos rechonchudas.

– Agora é hora de ver minha neta correr como o vento. Estou pronta.

Mila deu algumas instruções ao homem mais velho, que era o gerente assistente, e em pouco tempo estavam a caminho da escola, onde, enfim, o sol afastara as nuvens.

A pista de atletismo parecia uma colmeia; em volta, estudantes, professores e pais preparavam-na e o campo de futebol para as provas. A equipe adversária estava reunida no extremo oposto do campo. Betsy estava com o time embaixo do gol, vestida com o uniforme azul e dourado. Quando as viu chegar, acenou e correu até elas.

– Oi, *Yia Yia* – cumprimentou Betsy, sorrindo.

Jolene abriu um sorriso para a filha, que durante um segundo parecia estar orgulhosa de elas terem ido vê-la. Sentiu um nó na garganta. Era um momento muito importante para Betsy, o primeiro evento atlético escolar. Inclinou-se e deu um beijo nela.

– Ai. Meu. Deus. – Betsy ofegou e cambaleou para trás, com os olhos arregalados.

– Desculpe – disse Jolene, tentando não rir. – Ninguém viu.

Mila riu.

– O horror. O horror. Seu pai também detestava quando eu o beijava em público. Eu não estava nem aí para aquele drama. Eu dizia que ele tinha sorte por ter uma mãe que o amava.

– Sei – replicou Betsy, que deu uma olhada na direção do time e mordeu o lábio, nervosa.

Jolene se aproximou dela.

– Você está preparada, Betsy.

A menina ergueu o olhar e, naquele instante, Jolene voltou a ver sua filhinha que adorava cavar na areia e catar centopeias.

– Eu vou perder. Eu sei que vou. Posso até cair.

– Você não vai cair, Betsy. A vida é que nem uma maçã: você precisa dar uma boa mordida para sentir todo o sabor.

– É – concordou Betsy, consternada. – Seja lá o que *isso* quer dizer.

– Quer dizer boa sorte – falou Mila.

– Vamos para a arquibancada assistir – avisou Jolene.

– Cadê papai? – perguntou Betsy.

– Ele vai chegar – respondeu Jolene. – A balsa está chegando agora. Boa sorte, querida.

Jolene pegou Lulu e a carregou até a arquibancada. Havia em torno de quarenta pessoas ali, a maioria mães e crianças. Elas subiram até um banco no meio e se sentaram. Uns cinco minutos depois, Tami apareceu, meio sem fôlego e com o rosto vermelho.

– Perdi alguma coisa? – perguntou, sentando-se ao lado de Jolene.

– Não.

Exatamente às três e meia, foi dado o tiro de largada da prova masculina de 1.600 metros.

O barulho fez Lulu dar um grito. Ela ficou de pé e começou a correr de um lado a outro da arquibancada, berrando:

– Olha pra mim, mamãe!

– Onde o Michael está? – perguntou Mila, em tom preocupado. – Ontem eu o lembrei.

– Com certeza está a caminho – respondeu Jolene. – Acho bom estar.

Tami lhe deu um olhar como quem diz: *Você está preocupada?* Jolene assentiu.

A primeira corrida terminou. Então anunciaram a prova feminina de 1.600 metros.

Jolene tirou o telefone da bolsa e ligou para o celular de Michael. Caiu direto na caixa postal. Ela bateu o pé, nervosa.

Vamos lá, Michael... Chegue a tempo...

Às 16h10, anunciaram a prova de Betsy, de cem metros. *Atletas, tomem seus lugares...*

O telefone de Jolene tocou. Era Michael. Atendeu depressa.

– Se você está no estacionamento, é melhor correr. Acabaram de anunciar a prova dela.

– Estou no presídio. Meu cliente...

– Então você vai perder – retrucou ela rispidamente.

Embaixo, na pista, Betsy se aproximou da linha de largada. Abaixou-se, apoiou as palmas das mãos na pista e posicionou os pés nos blocos.

– Caramba, Jo...

O tiro foi disparado.

– Tenho que ir – falou Jolene, desligando o telefone.

Ela ficou de pé e torceu por Betsy, que corria em velocidade, flexionando bem as pernas e os braços, dando tudo de si. Jolene foi tomada por uma onda de orgulho que fez seus olhos marejarem.

– Vai, Betsy, vai!

Betsy foi a segunda a cruzar a linha de chegada. Em seguida se inclinou, arfando, e depois se voltou para a arquibancada. Estava radiante, com um sorriso triunfante ao olhar para a família.

Aos poucos, seu sorriso se esvaiu. Ela viu que Michael não estava lá.

Correu para se juntar ao time.

Jolene deixou-se afundar no banco. Sabia como era precisar da atenção de um pai e não recebê-la, o quanto doía. Queria que suas filhas nunca conhecessem essa dor. Ela tinha noção de que estava exagerando – afinal de contas, era só uma prova de atletismo –, mas era assim que começava. Durante quanto tempo Betsy se lembraria disso e ficaria magoada? E teria sido tão difícil que Michael fizesse uma escolha diferente?

Havia outra corrida, de 220 metros, e Betsy deu o seu melhor, mas já não tinha o ar triunfante nem o sorriso. Chegou em quarto lugar. Depois disso, seguiram-se diversas outras provas e Lulu continuou correndo pelas arquibancadas, mas as três adultas ficaram sentadas, caladas.

– Eu não entendo – disse Mila, por fim. – Eu o lembrei disso duas vezes.

– A única explicação legítima para ele esquecer seria se tivesse um tumor cerebral. Desculpe, Sra. Z, é o que eu acho...

– Ele é igual ao pai. Eu implorava ao Theo para ir assistir às apresentações escolares do Michael, mas ele estava sempre trabalhando. O emprego deles é importante.

– A família também é – retrucou Jolene baixinho.

Mila suspirou.

– É. Eu também dizia isso ao pai dele.

Lulu rodopiou na frente da mãe e caiu sentada no banco. Seus olhos brilharam como se dissesse *vou gritar ou vou dormir a qualquer instante*.

Quando a competição terminou, às 17h15, Jolene tomou a pequena mão de Lulu e ficou de pé.

– Bem, vamos.

Desceram a arquibancada e foram até o campo, por onde circulavam atletas das duas escolas.

– Ela está ali – falou Lulu, apontando para Betsy, que estava sozinha de pé ao lado do gol.

Jolene deu um abraço apertado na filha mais velha.

– Estou muito orgulhosa de você.

– Segundo lugar. Grande coisa – rebateu Betsy, afastando-se.

Jolene notou a dor da filha se transformando em raiva. Ultimamente, qualquer emoção forte de Betsy se tornava raiva.

– Eu nunca vi ninguém correr assim, *kardia mou*. Você corre feito o vento.

Betsy nem se esforçou para sorrir.

– Obrigada, *Yia Yia*.

– E se formos comer pizza e tomar sorvete? – sugeriu Mila, batendo uma mão na outra.

– Tá bom – respondeu Betsy, desanimada.

Saíram andando juntas. Estava óbvio para Jolene, e sem dúvida também para Betsy, que todas falavam ao mesmo tempo na esperança de disfarçar a ausência de Michael. Durante a hora seguinte, elas riram um pouco alto demais e fizeram piadas sem graça. Jolene perdeu a conta de quantas vezes alguém disse a Betsy que ela tinha sido incrível. As palavras se chocavam contra a carapaça da filha, sem provocar sequer um sorrisinho. Havia uma cadeira vazia à mesa, um lugar vazio que dava na vista.

Quando saíram do restaurante e foram para casa, Jolene estava furiosa como nunca com Michael. Ele podia decepcioná-la – ela era adulta e aguentava –, mas não permitiria que o marido partisse o coração da filha.

Mila foi a única que abordou o assunto incômodo no carro. Ao chegarem à sua casa, antes de descer, ela se virou para Betsy e disse:

– Seu pai queria estar aqui hoje. Eu sei disso.

– Grande coisa – retrucou Betsy.

Mila pareceu ponderar uma resposta, mas, em vez de dizer algo, deu um sorriso tristonho, tirou o cinto de segurança e saiu do carro.

Em casa, Jolene estacionou na garagem e soltou Lulu da cadeirinha.

– Cadê papai? – perguntou ela, com sono.

– Ele estava muito ocupado e não pôde vir – disse Betsy, áspera. – Não estou nem aí. – Dizendo isso, bateu a porta do carro e correu para dentro de casa.

Jolene pegou Lulu no colo e a levou para cima. Preparou a caçula para ir para a cama, leu uma história e a cobriu. A menina pegou no sono antes de encostar a cabeça no travesseiro.

Então foi até o quarto de Betsy, bateu na porta e entrou. Ela já estava na cama, o rosto com espinhas vermelho de tanto esfregar. O agasalho azul e dourado estava embolado no chão. A fita vermelha que ela ganhara se encontrava na mesinha de cabeceira.

Jolene entrou na cama a seu lado. Betsy foi para o lado para abrir espaço e então se recostou na mãe.

– Qual é a desculpa desta vez?

O que Jolene poderia dizer? Que a ética profissional e o senso de dever de Michael às vezes atropelavam a família? Era difícil culpá-lo por isso, pois era uma das características que tinham em comum. E ele aprendera com o pai. Os Zarkades eram capazes de desapontar as mulheres e os filhos, mas nunca um cliente.

– Ah, querida... às vezes temos que perdoar aqueles que amamos. É assim mesmo. E você sabe como o trabalho é importante. A vida das pessoas depende dele.

– Eu não ligo mesmo – retrucou Betsy, mas seus olhos se encheram de lágrimas.

Jolene a abraçou.

– É claro que liga. Você está brava e tem o direito de estar. Mas ele ama você, Betsy.

– Tanto faz.

– Você arrasou hoje. Sabe disso, né?

Sentiu Betsy relaxar um pouquinho.

– É, um pouco.

Ficaram ali bastante tempo, sem dizer nada de importante. Por fim, Jolene deu um beijo na cabeça da filha, disse boa-noite e desceu a escada.

Sentou-se nos tijolos frios da lareira, com a chaminé preta e vazia atrás de si, e ficou olhando para suas mãos. Mentalmente, gritava com Michael e lhe dava uma bronca por desapontar a filha.

Desta vez ela diria tudo. Conseguiria a atenção dele e o faria entender que havia momentos na vida que se perdiam. Se isso acontecesse várias vezes, todo um relacionamento podia desmoronar.

Logo após as nove da noite, ouviu o carro de Michael entrar na garagem. Instantes depois, ele surgiu na cozinha, parecendo arrasado.

– Oi, Jo. Desculpe pelo atraso, mas, já que eu perdi a competição, pensei: *Por que me apressar para chegar em casa?*

Jolene ficou de pé.

– Sério? Foi isso que você pensou?

– Eu precisei...

– *Você* precisou fazer alguma coisa. Mas que surpresa. E, na balança das prioridades, a sua ganhou. Estou chocada.

– Caramba, Jo, não foi intencional. Se você me escutar...

– Você a magoou – afirmou ela, caminhando na direção do marido. Ele era alto, com 1,82 metro, mas, de sapatos, Jolene ficava só um pouco mais baixa. – Por que nós não temos mais importância para você, Michael?

Ele pareceu se transformar. Deu um passo para trás, encarando-a.

– Não comece uma conversa que você não quer ter, Jo.

– O que você quer dizer?

– Você nem quer saber *por que* eu fiz isso, não acredita que eu tenha um bom motivo. Um motivo importante. Estou cansado de você determinar cada segundo da nossa vida. Moramos aqui porque é o que *você* queria. Você dita as regras: onde morar, onde tirar férias, como passar os fins de semana. Quando foi a última vez que você perguntou o que *eu* queria?

– *Não ouse* transferir a culpa para mim. Escolhemos esta casa juntos, Michael. Você e eu, nos tempos em que ainda fazíamos as

coisas juntos. E se eu administro a família é porque *alguém* tem que fazer isso. Ultimamente você só parece se importar com seu trabalho.

– Você nem está me escutando. Não consigo nem falar alguma coisa.

– E o que você teria para dizer, Michael? Sua filha precisava de você hoje, só desta vez. Você devia ter largado o que quer que estivesse fazendo e vindo para cá. Mas não, jogou a todos nós para escanteio de novo.

Ela não tinha a intenção de dizer *nós*; queria dizer *nossa filha*. Não se tratava deles dois.

– Que saco, Jo, é uma corrida, não o casamento dela. Meu pai não ia ver todos os meus jogos, mas eu sabia que ele me amava.

– Esse é o tipo de pai que você quer ser? Como o seu? Ele estava ocupado demais para ir à sua formatura da escola. – Ela viu imediatamente que tinha ido longe demais; notou que ele se enrijeceu. – Desculpe, eu não queria dizer isso. Eu sei o quanto você o amava, mas...

– Eu não posso mais continuar – disse ele em voz baixa, balançando a cabeça.

Jolene franziu a testa.

– Continuar o quê?

– Eu não quero mais isto.

– Mas o que está acontecendo, Michael? Você mandou mal hoje. Por que você não...

Ele a olhou.

– Eu não te amo, Jo.

– O quê?

– Eu não te amo mais.

– Mas...

Parecia que algo dentro dela estava se rasgando, descolando os músculos dos ossos. Ela se apoiou na beira da bancada. Em meio ao rugido que ecoava em sua cabeça, ela ouviu uma breve

inspiração. Voltou-se aos poucos, pensando *por favor, meu Deus, não...*

Betsy estava de pé na sala, segurando a fita de segundo lugar. Ela prendeu a respiração e arregalou os olhos devagar, compreendendo. Então, virou-se e correu escada acima.

Cinco



Michael não podia acreditar que dissera as palavras em voz alta.

Eu não te amo mais.

Ele não pretendia enunciá-las; as palavras tinham sido formadas em meio à raiva e saíram sem sobreaviso. Mas já estavam ali, esperando por ele, sendo moldadas lá no fundo. Pensara nelas antes, mais vezes do que gostaria de admitir.

Poderia pedir desculpas e Jolene o perdoaria; talvez não imediatamente, mas em breve. A família deles, esta família, era tudo para ela, e ela o amava. Michael sabia disso, sempre soubera. Mesmo naquela noite, quando a magoou, ela ainda o amava.

Ele *queria* amá-la. Mas não era a mesma coisa, e para ele isso já não era suficiente. Se voltasse atrás, se recolhesse aquelas palavras duras e as amenizasse, lhes desse outra forma, nada mudaria. Continuaria vivendo aquela vida em que tantas vezes sentia-se oprimido pelas regras que ela impunha, enfraquecido pela força dela.

Ele nunca parecia estar à altura de Jolene. Para a esposa, não bastava que ele amasse as filhas, tivesse uma carreira bem-sucedida e fizesse o melhor possível. Ela exigia mais, naquele seu jeito silencioso e competente. De alguma forma, Michael precisava compensar todo o amor que ela não tivera na infância, e tudo aquilo era demais para ele.

Ele estava cansado de fingir ser o homem que ela queria. Era hora, finalmente, de descobrir quem *ele* queria ser.

A decisão o libertou. Queria lhe dizer tudo isso, fazê-la entender para poder se sentir melhor, mas agora não era a hora. Ele tinha que sair dali. Estava pegando a chave do carro quando Jolene disse:

– Vá falar com a Betsy.

Em meio a tudo aquilo, ele esquecera. Olhou para a esposa pela primeira vez desde que dissera *eu não te amo mais.*

– Eu?

Ela adquiriu a aparência de uma daquelas estátuas de mármore do Louvre. Já estava reprimindo suas emoções, recolhendo os sentimentos dentro de si, onde ficariam seguros.

– Ela é a sua filha, Michael, e você a magoou. Se existe alguma chance de fazer com que ela se sinta melhor, depende de você. Talvez *ela* o perdoe.

Ele percebeu a ênfase dada ao pronome.

– Eu não pedi que você me perdoasse, Jo – disse, e viu o quanto isso a machucou.

– Não, Michael, não pediu. Você quer o divórcio?

– Não sei. Talvez.

– Talvez.

Ele notou o jeito como ela o olhou. Com relação ao amor, Jolene era como um alcoólico em recuperação, um fanático. Ou o amor estava lá, ardente como fogo, ou estava morto, frio feito cinzas. Não enxergava o meio-termo e não tinha paciência para a incerteza. Esse olhar dela o fazia se sentir pequeno, e ele quase a detestava por isso. Jolene sempre era incrivelmente forte, até mesmo agora, quando seu coração tinha sido partido. Será que ele esperava que ela desmoronasse e dissesse que o amava?

Ele se afastou e subiu a escada. Bateu na porta do quarto de Betsy.

– Vai embora, mãe.

Ele abriu a porta, dizendo:

– Sou eu.

Quando Betsy o viu, começou a chorar.

– Eu não que-quero você a-aqui... V-vá embora.

– Não chore, Pituquinha.

Ao ouvir o apelido de infância, que não era usado havia tanto tempo, ela chorou mais. Ele foi até a cama e se sentou de frente para a filha. Não se sentia capaz de sentar-se reto na presença dela; seus ombros se curvaram para a frente como se a coluna começasse a perder a força.

– Betsy... – falou com voz cansada.

Ela fungou e o olhou por entre os cílios pesados.

Naquelas lágrimas, Michael percebeu a gravidade do que tinha feito, do que dissera. Seu amor por Jolene era apenas uma parte da vida que tinham juntos, o esqueleto da família. Porém, havia mais. As filhas eram os tendões e músculos. O coração. Como era possível separar um amor do outro sem que tudo ruísse?

– Desculpe por ter perdido a corrida.

– Foi ridículo. Eu não ganhei – foi o que ela disse, mas o pai viu a decepção em seus olhos.

– Você correu, é o que importa. Você vai ganhar e perder muitas vezes na vida. É tudo isso que faz quem você é. Estou orgulhoso de você.

Betsy enxugou os olhos e o examinou.

Ele sabia o que a filha estava pensando. Suspirou, passou uma mão pelos cabelos. Com pesar, olhou para o lado, pela janela.

– Os adultos brigam – explicou, envergonhado demais para olhá-la.

Estava mentindo? Ele nem sequer sabia. Dez minutos atrás tudo estava tão claro... ele deixara de amar a mulher. Agora, via que aquele momento tinha sido uma gota de água que desaguava no oceano de suas vidas conectadas. – Você e a Lulu brigam o tempo todo e você ainda a ama, certo?

– Mas você disse...

– Esqueça, Betsy. Eu não queria dizer aquilo.

– Foi um erro?

Ele finalmente olhou para ela.

– Um erro – repetiu, ouvindo a palavra como algo estranho. – Desculpe por você ter ouvido a nossa briga e desculpe por perder sua competição. Você me perdoa?

Betsy encarou-o por tanto tempo que ele pensou que a filha fosse dizer *não*. Por fim, ela assentiu solenemente com a cabeça.

Michael se inclinou e a tomou nos braços. Sentiu que ela começava a chorar de novo, então a segurou e a deixou estar. Quando ela se acalmou, soltou-a e saiu da cama, ficando de pé a seu lado.

Ela o olhou.

– Você ama minha mãe, não é?

Ele disse que sim – a resposta correta –, mas percebeu, pela tristeza nos olhos da filha, que demorara demais para responder, que o silêncio a convencera mais do que suas palavras.

Michael a deixou e desceu a escada, preparando-se para encarar Jolene, mas ela não o estava esperando embaixo. A esposa arrumara a sala e apagara as luzes.

Aquela era Jolene, que limpava a casa mesmo estando destroçada.

Jolene conseguiu subir a escada e entrar no quarto sem desmoronar, embora não soubesse ao certo como foi capaz. De alguma forma, o coração ainda batia e o cérebro enviava sinais do tipo mais rudimentar: respire, levante o pé, dê um passo.

Fechou a porta devagar, perguntando-se por um instante por que não a tinha batido. Talvez um ruído assim, um *crac*, a fizesse sentir-se melhor. Pela janela, viu a constelação Ursa Maior.

Quis sentar-se na cama, mas errou por vários centímetros e escorregou até o chão. Ficou ali sentada, os joelhos junto ao peito,

olhando para a escuridão.

Eu não te amo mais.

Doía tanto que ela pensou que seu coração fosse parar. Ela se encostou na cama que dividia com o marido. Não queria pensar naquilo, ou nele, mas como evitar agora?

Ele a transformara, a completava. Ou ao menos ela achava que sim.

No Exército, ela se encontrara; no ar, descobrira sua paixão. Mas foi só quando conheceu Michael que aquela peça que faltava começou, devagar e com cuidado, a se encaixar.

Tami a havia incentivado a ir procurar o jovem advogado que a ajudara, e a escola de pilotos lhe dera a confiança necessária. Fora fácil localizá-lo na Zar-kades, Antham & Zarkades.

Você voltou, disse ele quando a viu de pé no saguão. Foram suas primeiras palavras. Falou-as rindo, como se aqueles seis anos tivessem se passado num piscar de olhos. Foi então que ela soube que Michael também ficara esperando. *Voltei*, respondeu, e nem se surpreendeu quando ele tomou sua mão. Fora mais do que um começo; o amor era um profundo mar azul e eles mergulharam. Jolene não sabia confiar no amor, mas ele a arrebatara. Simples assim. No primeiro beijo, esqueceu o amor que não havia recebido dos pais e passou a acreditar em Michael e no futuro.

Em algum ponto daquela trajetória, ela esquecera que o amor tinha uma faceta sombria. Tantos anos ao sol a haviam cegado. Entregara o coração a Michael, o embrulhara e depositara em suas mãos, e jamais se preocupara com o fato de que ele poderia ser descuidado. Até mesmo nos últimos anos, em que ele fora se afastando e passava cada vez mais horas no escritório, Jolene acreditara na durabilidade dos votos e se justificara por ele. *Como Poliana, sempre acreditando...*

Embaixo, ouviu uma porta bater e o carro ser ligado. Cambaleou até a janela e ficou ali parada, vendo-o se afastar, perguntando-se se iria voltar.

Não voltou.

Jolene passou as horas agitadas e insuportáveis da noite limpando a casa e lavando roupa. Aspirou, espanou, poliu pratarias e esfregou banheiros. Qualquer coisa para afastar da cabeça a frase *eu não te amo mais.*

Mas não deu certo. Aquelas palavras tinham mudado sua percepção da vida, até mesmo de si própria.

Cinco palavras para mudar um mundo, para dissolver o chão sob os pés de uma mulher. Eram uma onda de maré crescente invadindo sem aviso, enfraquecendo alicerces, deixando apenas lares destroçados.

De manhã, ela estava tão exausta que mal se aguentava de pé e tão entorpecida que nem fez café. Acima de tudo, queria fugir daquela casa silenciosa demais, entrar no helicóptero e voar para longe. Em vez disso, saiu para correr 12 quilômetros, à luz rosada e lavanda do alvorecer, mas não surtiu efeito.

Quando voltou, tomou um banho demorado, vestiu um jeans surrado e um casaco cinza do Exército e foi acordar Betsy. Bateu na porta e entrou.

– Ei, Betsy – disse, forçando um sorriso.

Ela devia ter conversado antes com a filha; era o que uma boa mãe faria, uma mãe mais forte, mas Jolene teve medo de perder o controle na frente dela, de chorar e assustar a filha ainda mais.

– Não fale nada – mandou Betsy, desanimada.

– Eu sei que seu pai falou com você. Pensei que...

– Eu *não* quero falar disso.

Jolene parou, sem saber ao certo o que dizer. Como conversar com uma criança sobre coisas tão adultas? Ela nunca aprendera a detectar quando insistir com Betsy e quando deixá-la em paz. Costumava insistir quando devia deixar para lá. Era um dos defeitos

de Jolene: ela era boa em se ater a algo, mas nem tanto em abrir mão.

Mas via claramente uma coisa: Betsy estava assustada e confusa, e então ficou brava. Jolene não podia fazer nada para ajudar. Como falar sobre algo que nem ela mesma compreendia?

Por isso, Jolene foi até a filha, a fez ficar de pé e a tomou nos braços. Precisou de uma força de vontade imensa para não dizer nada, mas conseguiu.

Sentiu Betsy dar um suspiro trêmulo e soube como ela se sentia. Era aterrorizante ver os pais brigarem. Ela sabia que Betsy se lembraria da noite anterior e que notaria a ausência de Michael naquela manhã.

Lulu entrou no quarto, arrastando a manta amarela favorita.

– Ei, eu também quero abraço.

Jolene abriu um braço e Lulu se aproximou depressa, apertando o corpinho contra o da irmã. Ficaram ali mais um segundo e então Lulu se soltou. Passou a mão nos próprios cabelos embaraçados e os afastou dos olhos.

– Posso comer cereal com açúcar?

– Nada de açúcar. É para manhãs especiais – respondeu Jolene de forma automática.

– Hoje podia ser especial – Lulu disse, animada.

– É o contrário de especial – retrucou Betsy, seca.

– Por quê? – quis saber Lulu.

Jolene suspirou.

– Vamos, meninas. Vamos preparar o café.

Enquanto desciam a escada, ela sentiu o olhar de Betsy. Na cozinha, a filha parecia reparar em tudo: as mãos de Jolene tremerem um pouco quando pegou a farinha e os ovos para as panquecas, seus suspiros frequentes, a maneira como abria a geladeira e ficava olhando para dentro. Até que ela não suportasse mais ser monitorada. Serviu cereal para as meninas.

– Cadê papai? – indagou Lulu, concentrada em pegar a quantidade ideal de cereais com a colher.

– Foi trabalhar – replicou Jolene, imaginando o que diria se ele não voltasse à noite.

Betsy levantou a cabeça de repente.

– Ele já saiu?

Jolene se virou para se servir mais café.

– Você sabe como é complicado pegar a balsa de manhã – mentiu, sem olhar para a filha.

Aquele momento parecia se arrastar; ela sentia o olhar desconfiado de Betsy nas costas.

– Andem logo. Temos que sair daqui a vinte minutos.

Assim que terminaram o café da manhã, Jolene conduziu as meninas para cima para acabarem de se arrumar. Saíram na hora exata e, às 9h15, ela já estava de volta em casa.

Estacionou na garagem e caminhou até a casa vizinha. Acenou para Carl, que estava consertando uma picape, foi até a porta da frente e a abriu.

– Oi, Tam – disse enquanto entrava.

Tami estava na sala, vestindo um robe azul bastante gasto e pantufas de pele de carneiro, bebendo café em uma caneca térmica enorme. Atrás dela, as paredes com painéis de madeira estavam repletas de fotos de família, todas em molduras brancas. Bem no meio havia um retrato militar de Tami.

– E aí, piloto? – cumprimentou Tami, sorrindo. Estava sentada no sofá azul xadrez, com os pés apoiados no vidro da mesa de centro.

Ela olhou para a amiga e, por um segundo, não conseguiu forçar as palavras a saírem.

Tami franziu a testa e pôs a caneca sobre a mesa.

– O que foi, Jo?

– Michael disse que não me ama mais – respondeu baixinho.

– Como assim...?

– Não me faça dizer de novo.

Tami se aproximou lentamente e abraçou Jolene, que demorou a levantar os braços e se agarrar à amiga, mas depois não conseguia largar. Queria chorar, estava desesperada para encontrar uma forma de desafogar a dor, mas as lágrimas não vieram.

– O que você falou?

– O que eu falei? – Jolene se soltou do abraço. – Depois de *eu não te amo mais*, o que tem para se dizer?

Tami suspirou.

– Os casais brigam, Jo. Gritam, dizem coisas que não devem, vão embora e depois voltam. É claro que Michael falou uma coisa estúpida, mas não é a verdade. Você ainda pode perdoá-lo. Não é o fim.

Jolene percebeu uma nuance de dor na voz de Tami e soube que ela estava relembrando o caso que Carl havia tido dez anos atrás.

– Eu sei o que é perdoar as pessoas e amá-las mesmo quando elas nos ferem.

E sabia mesmo. Jolene passara toda a infância perdoando os pais, esperando que no dia, na semana ou no mês seguinte eles mudassem. Mas eles não mudaram e não a amavam. Ela começou a se sentir melhor quando aceitou aquela simples verdade. Sentiu-se íntegra, e se manteve assim, quando deixou de necessitar de seu amor. Sabia o que Tami queria dizer – era o que Jolene teria dito se estivesse no lugar dela. Uma frase não era capaz de acabar com um casamento. Mas Jolene também não seria capaz de sustentá-lo sozinha. Não aprendera isso com a mãe?

– Ele não quis dizer isso. Michael te ama.

– Eu quero acreditar nisso – respondeu Jolene em voz baixa. E era verdade: ela queria acreditar em Michael e no amor dele, mas sua fé estava abalada. Sentia medo de voltar a confiar totalmente. Se ele podia mesmo deixar de amá-la, qual era o sentido de tudo?

– Eu tenho certeza...

Antes que Tami terminasse, o telefone da casa tocou. Ela foi até a cozinha e atendeu.

– Ah, oi. Sim, senhor. – Voltou-se para Jolene, articulou *Ben Lomand* com os lábios e depois virou para o bocal: – É mesmo? Entendo. Quando, senhor? Tão rápido? Ah. Está bem, eu e Jolene cuidaremos dos telefonemas. Obrigada, senhor. – Tami desligou devagar e olhou para Jolene. – Fomos convocadas.

Seis



Jolene e Michael viram a casa em Liberty Bay pela primeira vez em um lindo dia ensolarado de julho. Estavam passando de carro, curtindo o tempo juntos após um churrasco na casa dos pais dele. Não estavam procurando um lugar para morar.

Mas, em uma curva da rua, à espera deles, viram uma placa, onde estava escrito *à venda*, presa sem muito cuidado à caixa de correio. Uma charmosa casinha precisando de amor, com uma varanda capenga à sua volta e um gramado verdejante que descia até uma pacata estrada rural. Do outro lado havia um pedacinho de terra encaixado entre o asfalto e o crescente cinza da praia.

Foi aquela orla que os atraiu. A primeira coisa que fizeram na propriedade foi construir um deque sobre a areia com as próprias mãos, rindo, conversando e sonhando o tempo todo.

Vamos fazer churrasco aqui no Dia da Independência... e ensinar a Betsy a catar bolachas-da-praia... e jantar em pratos de papel vendo o sol se pôr na água...

Era apenas uma fina faixa de gramado anexa a uma linha sinuosa de asfalto, mas era o sonho de Jolene, sua fatia do paraíso. O cheiro do mar e o som das ondas a reconfortavam. Ela sempre ia lá para pensar, para recarregar as energias. Em especial naqueles anos longos e difíceis entre Betsy e Lulu, quando Jolene estava desesperada para engravidar de novo. Ali, sozinha, mês após mês, ela chorava quando começava a menstruação. E para lá ela tinha ido agradecer a Deus quando suas preces enfim foram atendidas.

Agora estava sentada em uma das cadeiras de madeira ao lado do fosso para acender fogueiras, de metal enferrujado. Chovia, mas ela mal notou. Encarou as águas cinzentas paradas, pontilhadas pelas gotas de chuva, pensando: *Como as minhas filhas vão lidar com isso? Como eu vou lidar? E o Michael?*

Como o mundo podia mudar em três horas...

Eles sempre souberam que ela poderia ser convocada, pelo menos desde o 11 de Setembro, mas ainda assim ela e Michael nunca discutiram a questão. E como iriam discutir? Michael não queria nem saber da carreira militar dela. Toda vez que ela mencionava o destacamento de outros soldados, ele começava a tagarelar sobre o erro que era mandar tropas para o Iraque.

Jolene sabia o que ele pensava, o que ele via: o lado negro dos militares, os erros, as Forças Armadas desapontando soldados e veteranos. Entretanto, isso era política. Era algo separado. Para ela, era diferente. A Guarda também era sua família.

Honra. Dever. Lealdade. Eram mais do que apenas palavras para Jolene; eram parte dela. Sempre fora duas mulheres, uma mãe e uma militar, e esse destacamento a dilacerava, deixando um corte aberto, sangrento.

Quem ajudaria Betsy a atravessar o terreno pedregoso da adolescência, lhe daria conselhos sobre garotos maus e garotas cruéis e todas as outras crianças? Quem daria apoio a Lulu na hora de começar o jardim de infância e a abraçaria quando ela acordasse soluçando de um pesadelo?

E havia o risco. Jolene era piloto de helicóptero. Podia dizer a Michael e às meninas que ela não tinha permissão para atuar em combate, que ficaria longe do perigo, mas sabia que não era verdade. Helicópteros eram abatidos o tempo todo.

Nós vamos voltar, dissera Tami.

Jolene assentira, sorrindo, embora soubesse – as duas sabiam – que essa promessa não poderia ser feita. Mas agora não importava. O futuro não era algo que pudessem controlar. Por ora, tinham um

trabalho a fazer, para o qual tinham sido treinadas. Os civis não entendiam, talvez não conseguissem, mas um soldado não fugia quando era necessário. Mesmo que tivesse medo, mesmo que suas filhas precisassem dela. Era hora de Jolene retribuir ao Exército, de servir a seu país.

Colocou uma mão sobre o peito, sentindo as batidas lentas e ritmadas do coração. Fechou os olhos e ouviu esse pulsar se integrar ao som das ondas sobre a praia de seixos e de sua respiração. As lágrimas faziam seus olhos arderem, desciam por seu rosto e se misturavam à chuva. Ela imaginou tudo: a despedida, a saudade, a perda. Visualizou as filhas chorando, ansiando por ela, incapazes de compreender plenamente sua ausência.

Mas ela não tinha escolha. Isso fez com que uma espécie de paz a percorresse, uma aceitação das circunstâncias e uma ideia clara de quem ela era. Dera sua palavra de que serviria ao país se fosse chamada.

Detestava ter que deixar as filhas, com uma intensidade capaz de paralisá-la se ela se deixasse vencer, mas não havia alternativa. Ela passaria um ano no Iraque, faria seu trabalho e retornaria para a família.

Era isso que diria a eles... e no que ela acreditaria.

Estava preparada, sempre estivera preparada, para este momento. Passara mais de vinte anos sendo treinada para isto. Uma pequena parte dela até queria ir, para se testar. Ela queria ir... só não queria partir.

Afastou devagar a mão do peito e a deixou cair sobre o colo. A seus pés, bolachas-da-praia brancas secas estavam dispostas em forma de trevo, uma lembrança do último verão. Ela se abaixou, pegou uma e passou o polegar sobre a superfície porosa. Então, levantou-se.

Estava indo para a guerra.



À uma da tarde, Jolene ligou para a pré-escola e pediu que Lulu ficasse até mais tarde e em seguida telefonou para Michael no trabalho. Ele a deixou esperando tanto tempo que ela começou a pensar que não iria atender e, quando finalmente o fez, parecia preocupado.

– Oi, Jo. O que aconteceu?

– Preciso que você venha para casa hoje.

Ele ficou calado; ela o ouviu respirar.

– Tenho muito trabalho. Acho que vou dormir no escritório hoje.

– Não, por favor – disse ela, detestando que parecesse uma súplica. – Aconteceu uma coisa. Preciso falar com você.

– Acho que precisamos dar um tempo.

– Por favor, Michael. Preciso falar com você ainda hoje.

– Está bem. Pego a balsa das seis.

Durante as horas seguintes, ela tentou não pensar no futuro, mas foi impossível. Quando foi chegando a hora de buscar as crianças, começou a se desanimar. Só pensar em ver suas filhas, seus sorrisos brilhantes, sabendo da dor com que se defrontariam, era algo terrível. Ela tropeçou e perdeu várias vezes o equilíbrio. Uma hora, na cozinha, olhou para a fotografia escolar de Betsy numa moldura amarela e precisou se sentar.

Me ajude a enfrentar isto, rezou várias vezes.

Na pré-escola, estacionou na frente e entrou devagar, ouvindo o ruído estridente das risadas infantis antes mesmo de chegar ao portão que levava ao pátio dos fundos.

– Mamãe! – exclamou Lulu, atirando as mãos para cima e ficando de pé. Correu até Jolene e se lançou em seus braços. – Tem alguma coisa no seu olho, mamãe? Porque no almoço caiu areia no meu e me fez chorar.

– Não é nada, Lucy Louida – respondeu Jolene, aliviada porque a filha não notara sua voz embargada. Carregou a filha até o carro, instalou-a na cadeirinha e cruzou a cidade até a escola. Como sempre, Betsy foi uma das últimas a sair. Ficava atrás das outras

crianças, como se não quisesse ser vista. Então, correu até o carro, subiu no banco de trás e bateu a porta.

Jolene observou a filha pelo retrovisor e sentiu uma onda de pânico. *Ela está tão frágil...*

– Vamos ficar paradas aqui o dia todo? – questionou Betsy, cruzando os braços.

Como Betsy faria para encarar o sétimo ano sem a mãe? O que aconteceria quando ela começasse a menstruar? Quem a ajudaria?

– Mãe – chamou Betsy, ríspida. – Você ainda está viva?

Jolene entrou na fila de carros que saíam da escola. Queria iniciar uma conversa, mas tinha a garganta apertada. Quando chegou à casa de Mila, seus olhos ardiam com lágrimas que não caíam.

A casa dos sogros era térrea, em L, construída no fim dos anos 1970. Era pequena em comparação com as casas vizinhas mais novas, mas o terreno era magnífico. Do lote extenso e arborizado dava para ver as águas plácidas da Lemolo Bay. Árvores perenes gigantes se erguiam do gramado; aqui e ali, conjuntos de flores multicoloridas contornavam seus troncos ásperos. Mila transformara o jardim em um mostruário e, ano após ano, era incluído no circuito local de casas e jardins como um notável exemplo de paisagismo típico da região noroeste. Na frente da casa, a água era rasa e clara, com uma temperatura agradável para nadar no verão.

– Por que estamos aqui? – indagou Betsy.

Jolene não respondeu. Apenas estacionou na frente da garagem e tirou as crianças do carro. Antes de chegarem à porta, Mila apareceu pela lateral da casa. Acenou, sorrindo. Vestia uma camisa grande de flanela e jeans enfiados em botas de borracha laranja brilhante. Um lenço de várias cores cobria o cabelo preto à la Liz Taylor e das orelhas pendiam argolas de prata do tamanho de pulseiras. Trazia na mão esquerda um regador esmaltado.

– Oi, meninas.

– Desculpe por ligar assim, em cima da hora – disse Jolene, fechando a porta do carro com um lado do corpo.

Mila sacudiu a terra das luvas de jardinagem, que caiu sobre as botas.

– Imagine, querida. Para que serve a família?

Lulu saiu do carro e pôs a tiara com orelhas de gato, miando alto para chamar a atenção.

– De novo, não! – disse Betsy, passando pela irmã com um safanão.

Mila pôs o regador no chão e olhou em volta.

– Hmmm... Onde está a minha neta, Jolene? Você a esqueceu em casa? No carro?

Lulu deu uma risadinha.

– O que foi esse barulho? – perguntou Jolene.

Lulu arrancou a tiara.

– Tô aqui, *Yia Yia*!

Mila pegou Lulu no colo.

Por um instante, Jolene não conseguiu dizer nada. O peso do futuro comprimia tanto o seu peito que ela mal podia respirar.

A sogra franziu a testa.

– Você está bem, Jo?

– Estou. Michael e eu precisamos conversar, só isso. Posso pegar as meninas amanhã?

Mila se aproximou.

– Diga a meu filho que ele precisa se esforçar mais. O trabalho é importante, mas a família também. Eu tentei ensinar essa lição ao pai dele, mas... – Ela deu de ombros. – Você vai se sair melhor do que eu.

Jolene conseguiu apenas assentir. Parecia que a competição de atletismo tinha sido há muito tempo. Ela quase deixou escapar: *Fui convocada*. Precisava contar para Mila, precisava sentir o abraço de uma mãe, mas não podia, ainda não podia ser confortada.

Murmurou uma despedida e voltou para o carro. Ao chegar em casa, sentia-se enjoada.

Aquele destacamento mudava tudo. Michael entenderia isso. Quaisquer que fossem os problemas entre eles, teriam que ser deixados de lado. Os dois precisariam se unir pelo bem das crianças, da família. E agora ela precisaria dele, de verdade. O amor dele a salvaria lá, a aqueceria à noite, assim como o amor das filhas a levaria de volta para casa.

Ela pensou no que Tami dissera. *Casais brigam, dizem coisas que não devem, vão embora.*

E depois voltam.

Jolene queria acreditar naquilo, ter fé, embora nunca tivesse vivido nada assim. Queria perdoar Michael e dar um jeito de arrancar aquela declaração do cérebro dela, para que pudessem voltar a ser como antes.

Só precisava lhe dar uma chance.

Ela seria capaz; seria forte o bastante para fazê-lo saber que ainda o amava. Essas foram as coisas que disse a si mesma enquanto esperava.

E esperava.

Enfim, às sete da noite, ele entrou na cozinha e de imediato se serviu de uma dose de uísque.

– Oi – disse Jolene, levantando-se de onde estava sentada, na lareira.

Ele se virou. À luz ambiente, ele parecia mais do que cansado. O cabelo estava todo bagunçado. A pele sob os olhos tinha um tom violeta, como se ele tivesse dormido tão mal quanto ela.

– Jo – respondeu baixinho. Sua voz tinha uma doçura que a surpreendeu e entristeceu, levando-a de volta para quem tinham sido.

Ela precisava desesperadamente dele.

– Fui convocada.

Michael ficou tão imóvel que parecia ter parado de respirar.

– Você está brincando, né? – disse por fim.

– É claro que não estou brincando. Quem brincaria dizendo que vai para a guerra? – A voz de Jolene falhou. Por um segundo, ela fraquejou. Percebeu como ansiava que ele a tomasse nos braços e lhe dissesse que tudo acabaria bem. – Vou para Fort Hood primeiro, para fazer treinamento de combate, e depois para o Iraque.

– Pelo amor de Deus, você está na Guarda. Você não é soldado de verdade.

Jolene estremeceu.

– Vou lhe fazer o favor de esquecer que você disse isso.

– Você não vai para a guerra, Jo. Deixe disso. Tem 41 anos e...

– *Agora* você lembra.

– Tem gente *morrendo* lá.

– Eu sei disso, Michael.

– Diga que você é mãe. Não podem esperar que você deixe suas filhas.

– Todo dia, homens deixam os filhos para ir à guerra.

– Eu sei – replicou ele, irritado. – Mas você é mãe.

– Eu era militar primeiro.

– Isso não é um maldito jogo, Jo. Você não vai para a guerra. Diga que obrigado, mas não.

Ela o olhou, incrédula.

– Eu posso ir para a corte marcial por isso. Eu seria *presa*. Não se diz que não.

– Então se demita.

Se era capaz de propor isso, ele não a conhecia. A honra para ele era apenas uma palavra, e os advogados jogavam com as palavras. Ele não sabia realmente o que significava uma dispensa desonrosa.

– Eu fiz uma promessa, Michael.

– E o que você me diz da promessa que me fez no nosso casamento? – retrucou.

– Seu filho da mãe! – gritou ela. – Todos estes anos eu o amei. Eu o venerei. E ontem você me disse que não me ama mais, que talvez

queira se divorciar. E então, só porque você é um egoísta que mal me conhece, me diz para sair da Guarda.

– Que espécie de mãe abandona os filhos?

Ela inspirou fundo. Um tapa na cara teria doído menos.

– Como você *ousa* me dizer isso? *Você*, a pessoa menos confiável da família. Ter que deixar as meninas me dói no coração, mas é preciso. – Sua voz falhou. – Eu tenho que ir.

– Então você vai para a guerra.

– Você fala como se fosse uma escolha, Michael. Não há escolha. Ou eu vou para a guerra ou vou para a cadeia. Como é possível que você não entenda? Fui convocada.

– E você se surpreende por eu ficar bravo. Eu nunca quis que você entrasse nesse Exército idiota, para começo de conversa.

– Obrigada por menosprezar o que eu faço.

– A guerra, e essa guerra em particular, é uma perda de tempo, e sei que os helicópteros são alvos grandes no céu, que são atacados. O que você espera que eu diga? *Parabéns, Jolene. Vá para o Iraque e tome cuidado. Vamos ficar aqui esperando.*

– É – falou ela em voz baixa. A briga a esgotara. – Seria muito legal.

– Bom, então você se casou com o cara errado.

– Já percebi. Mas veja pelo lado positivo, Michael: você queria dar um tempo.

– Vá à merda, Jo.

– Vá à merda *você*, Michael.

Dizendo isso, ela deu meia-volta e saiu da sala. Não correu, embora quisesse. Manteve as costas retas e o queixo levantado enquanto subia a escada e entrava no quarto.

Embaixo, uma porta bateu. Ela se lembrou da infância e de todas as brigas que ouvira ao longe. Nunca imaginara que se tornaria uma mulher que escutaria o marido ir embora. Porém, mesmo em meio à dor daquela repetição triste e patética, pensou: *Isso, Michael, fuja.*

Ela também era responsável por aquilo. Sabia que não podia contar com ninguém do seu lado. Mesmo assim, sabendo que estava sozinha de novo e que tinha forças para suportar aquilo, sentiu-se desmoronar. Sentou-se na cama, incapaz de se manter de pé.

Mais tarde, o piso do lado de fora do quarto rangeu e a porta se abriu. Michael estava ali parado, aparentando estar zangado e derrotado ao mesmo tempo. O cabelo estava bagunçado, como se tivesse passado as mãos nele muitas vezes, o que provavelmente fizera. Era um tique nervoso. Tinha um copo pela metade – com uísque, sem dúvida – em uma das mãos. Ela se viu observando aquela mão; os dedos eram compridos, quase elegantes. Costumava dizer que eram mãos de pianista, de pintor. Adorava o que elas faziam em seu corpo.

Mas eram mãos sem calos, não habituadas ao trabalho manual. Mãos de intelectual, diferentes das suas próprias. Talvez essa fosse a explicação para tudo. Talvez ela devesse ter visto as consequências no primeiro instante em que segurou sua mão.

– Você vai – falou ele, e sua voz estava fraca, com um tom que insinuava uma raiva acumulada que ela nunca ouvira antes.

– Tenho que ir.

– Faz alguma diferença saber que nós precisamos de você aqui?

– É claro que faz.

Michael terminou a bebida e entrou no quarto. Deixou o copo vazio na mesinha de cabeceira e se sentou na cama ao lado dela, mas não muito perto. Com um suspiro, inclinou-se para a frente. Os cabelos ondulados penderam sobre seu rosto. Ao vê-lo agora, com os ombros caídos, lembrou-se da semana em que o pai dele aguardou a morte. Michael fora incapaz de ver Theo daquele jeito, cinzento, vazio e com dores, conectado à vida através de aparelhos. Ele tentava se sentar ao lado da cama, mas não conseguia ficar muito tempo. Várias vezes, Jolene o encontrou perambulando pelos corredores e se martirizando por sua fraqueza. Foi até ele, o tomou

nos braços e apertou até que o marido voltasse a respirar. Para Jolene, era algo instintivo cuidar do marido num momento de dor. Mas agora via o que nunca ousara perceber antes: seu amor não era retribuído. Só ela que tomava conta dele.

– Está bem – disse Michael.

Jolene sentiu um alívio profundo. Não percebera até então, quando soltou o ar, o quanto ficara nervosa de estar ali, esperando.

– Então você vai me esperar – falou ela.

– Quando você vai embora?

– Em duas semanas. É mais rápido que o normal. Circunstâncias especiais.

– E vai passar um ano fora.

Ela assentiu.

– Vou ter licença com seis meses. Vou poder passar duas semanas em casa.

Ele suspirou de novo.

– Vamos contar para as meninas amanhã. E para minha mãe.

– Ok – concordou Jolene, mas aquela palavra mal passou de um sussurro. Havia tanto mais a se dizer, planos para fazer, problemas para resolver, mas nenhum dos dois disse nada.

Ficaram sentados na cama na qual fizeram amor tantas vezes, em silêncio, olhando para o nada, até que chegasse a hora de apagar as luzes.

Sete

Na manhã seguinte, Michael e Jolene foram até a casa de Mila.

Ele estacionou na entrada e desligou o carro. Pela primeira vez em toda a manhã, olhou para a esposa.

– Está preparada para fazer isto?

Jolene viu em seus olhos a raiva acumulada e sentiu-se vazia e dolorosamente só. Não se deu ao trabalho de responder. Apenas abriu a porta e saiu. Enquanto caminhavam até a porta da frente, ela notou que o marido se mantinha afastado.

Michael bateu na porta. Logo ouviu-se o som de passos lá dentro. Então a porta se abriu e surgiu Mila, vestindo um roupão rosa felpudo, com o cabelo preto todo despenteado. Atrás dela, a sala era um conjunto de paredes verde-musgo, janelas com vista para a água e móveis de ratã dos anos 1950 sobre o piso de tábuas largas de pinheiro. As almofadas estofadas eram em tons pálidos de verde, rosa e branco.

– Vocês chegaram cedo! – exclamou ela, deixando-os entrar na sala atulhada de brinquedos, livros e DVDs.

Lulu deu um salto do tapete creme felpudo onde estava sentada. Usava a tiara de gatinha.

– Alguém está invisível – avisou Mila em voz baixa, sorrindo.

Jolene franziu a testa, concentrada, fez uma grande cena, olhando ao redor.

– Hmmm... Mila, você viu Lulu? O que será que aconteceu com a minha gatinha? Alguém aqui viu minha Lucy Louida?

Lulu riu. Michael franziu a testa.

– Do que você está falando? Ela está bem...

Lulu tirou a tiara e sorriu.

– Tô aqui, mamãe!

Jolene avançou e tomou Lulu nos braços.

– Está, sim! – Jolene enterrou o nariz no pescoço macio de Lulu, cheirando o aroma doce da menininha, tentando memorizá-lo.

– Mamãe – choramingou Lulu, tentando se libertar, – você tá me *asfiquiando*!

Jolene soltou Lulu e a deixou deslizar até o chão.

– Estão com fome? – perguntou Mila, pegando uma caixa de DVD vazia, franzindo a testa e procurando o disco.

– Na verdade, temos que contar uma coisa para você e as meninas – respondeu Michael secamente.

– É? – Mila ergueu o olhar. – Algum problema?

Michael deu um passo para o lado.

– Jolene é a mestre de cerimônias. É ela que tem a notícia.

Mila não estava entendendo.

– Jo?

– Onde está Betsy? – indagou Jolene, sem conseguir que a voz saísse direito. Ela era capaz de pilotar helicópteros, disparar metralhadoras e correr 15 quilômetros com uma mochila pesada nas costas, mas, só de pensar em dizer aquelas poucas palavras para suas filhas, perdia as forças.

– Eu vou chamar – disse Lulu e saiu correndo. – Bet-sy! Vem aqui!

O olhar de Mila foi de Jolene para Michael e de volta para a nora.

Então Betsy entrou na sala atrás de Lulu, com cara de sono, esfregando os olhos. Vestia uma camiseta enorme e meias curtas brancas.

– Por que me acordaram?

Jolene pegou a caçula no colo, levou-a até o sofá e se sentou.

– Sente, Betsy. Precisamos conversar com vocês. É importante.

Michael se sentou no sofá ao lado da esposa. Betsy parou de repente.

– Vocês vão se separar?

– Elizabeth Andrea – ralhou Mila. – Por que você diria uma coisa...

Michael suspirou.

– Sente, Betsy.

A filha se ajoelhou no tapete na frente deles, cruzando os braços e levantando o queixo.

– O quê é?

Todos encaravam Jolene. Ela quase se descontrolou; olhou para Michael, que deu de ombros.

Estava só. Que surpresa. Com um suspiro, fitou Betsy, depois Lulu.

– Vocês se lembram da história que eu contei sobre quando entrei para o Exército? Eu tinha 18 anos e estava sem rumo. Meus pais tinham acabado de morrer e eu estava muito sozinha. Vocês nem imaginam quanto. Enfim, todos vocês eram um sonho que eu tinha, mas, claro, isso só viria no futuro.

Betsy suspirou, impaciente.

– Tá. Posso voltar para a cama?

– Eu não estou fazendo isto direito – lamentou Jolene.

– Apenas diga o que é – falou Michael.

Lulu começou a quicar no colo da mãe.

– Dizer o quê?

Jolene inspirou fundo.

– Eu vou para o Iraque para ajudar...

– *O quê?* – exclamou Betsy, ficando de pé.

– Ahn? – fez Lulu.

– Ah, Jolene... – sussurrou Mila, levando a mão à boca e afundando na poltrona verde-musgo em frente à janela.

– Nem pensar – retrucou Betsy. – Minha nossa, *ninguém* tem uma mãe que foi para a guerra. As pessoas vão ficar sabendo?

– *Essa* é a sua preocupação? – perguntou Michael.

Jolene estava perdendo o controle da situação.

– Mas você é *mãe*! – gritou Betsy. – Eu *preciso* de você aqui. E se você morrer?

Os olhos de Lulu se encheram de lágrimas.

– O quê?

– Isso não vai acontecer – garantiu Jolene, tentando manter o tom de voz uniforme. – Eu sou mulher. Eles não deixam as mulheres entrarem em combate. Vou transportar gente importante e mantimentos. Estarei em segurança.

– Como você pode ter certeza disso? – replicou Betsy. – Fale que você não vai. Por favor, mamãe...

Ao ouvir aquele singelo *mamãe*, Jolene sentiu um aperto no coração. Queria abraçar Betsy e acalmá-la, mas que consolo poderia oferecer? Era hora de serem fortes.

– Eu tenho que ir. É o meu trabalho.

– Se você for, não vou perdoar – afirmou Betsy. – Juro que não.

– Você não faria isso.

– Você gosta mais do Exército do que de nós.

Ao lado dela, Michael fez um ruído indistinto. Jolene o ignorou.

– Não, Betsy – disse, em voz baixa. – Você e Lulu são o ar que eu respiro. São o meu sangue. Sem vocês, meu coração para. Mas eu tenho que fazer isso. Muitas mulheres que trabalham às vezes precisam viajar e deixar os filhos...

– Rá! – gritou Betsy. – Eu não sou idiota. Por acaso essas mulheres tomam tiros quando viajam?

– Você vai voltar pra casa, né, mamãe? – perguntou Lulu, mordendo o lábio inferior.

– É claro que vou – assegurou Jolene. – Eu não volto sempre? E em novembro eu vou passar duas semanas em casa. Talvez a gente possa até ir para a Disney. Vocês gostariam?

– Eu te odeio – falou Betsy e saiu correndo da sala, batendo a porta atrás de si.

Mila foi se levantando lentamente. Começou a andar na direção de Jolene, mas então ficou imóvel, como se não conseguisse controlar

as pernas.

– Quanto tempo você vai passar fora? – indagou. O esforço para parecer forte fazia sua voz vacilar.

– Um ano – respondeu Michael.

Lulu franziu a testa.

– Quanto tempo é um ano? É tipo uma semana?

Jolene se voltou para o marido.

– Talvez seja bom você falar com Betsy.

– Eu? E o que eu iria dizer para ela?

Essa simples pergunta fez o mundo de Jolene desabar e a apavorou mais do que tudo. Como ele seria pai sozinho? Será que as meninas poderiam contar com ele de um jeito que Jolene não podia mais?

Ficou de pé. Tentou pôr Lulu no chão, mas a menina grudou nela. Sem dizer nada a Michael nem a Mila, saiu da sala e percorreu o corredor até o quarto de hóspedes, carregando Lulu. Tentar falar com as duas meninas juntas estava longe de ser o ideal, mas nada era ideal naquela situação.

Bateu na porta.

– Vai embora! – gritou Betsy.

– Estou indo mesmo – retrucou Jolene. – É por isso que temos que conversar agora.

Esperou um momento, se recompôs e então entrou no quarto, que estava forrado com um papel de parede laminado dos anos 1970 e decorado com um conjunto de móveis caiados.

Betsy estava sentada em uma das camas de vime, com as pernas recolhidas. Aparentava estar realmente furiosa.

– Posso sentar? – perguntou Jolene.

Betsy assentiu, contrariada, e se arrastou para o lado. Jolene e Lulu se sentaram ao lado dela. Jolene queria mergulhar de cabeça nas águas gélidas daquela conversa, mas sabia que era Betsy que precisava começar a falar, então esperou em silêncio, acariciando o cabelo de Lulu.

Finalmente, Betsy disse:

– As mães não devem deixar os filhos.

– Não – concordou Jolene, sentindo as palavras como pontadas dentro dela. – Não devem. E eu lamento muito, querida. De verdade.

– E se você dissesse que não pode ir?

– Eu seria presa.

– Pelo menos você ficaria *viva.*

Jolene olhou para a filha. Ali estava o medo por trás da fúria adolescente.

– Minha tarefa como mãe é manter vocês em segurança, estar com vocês e ajudá-las a crescer.

– É isso que eu estou falando.

– Mas também é tarefa minha mostrar o tipo de pessoa que vocês devem ser, dar o exemplo. Que lição eu daria se fugisse de um compromisso que assumi? Se eu fosse covarde ou desonrada? Quando se faz uma promessa na vida, se cumpre, mesmo que ela nos assuste, machuque ou entristeça. Eu fiz uma promessa há muito tempo e agora é hora de cumpri-la, mesmo que deixar você e Lulu parta meu coração. E realmente... estou com o coração partido.

Jolene fez força para não chorar. Nada na vida doera tanto quanto isto, nem mesmo ouvir Michael dizer que não a amava mais. Mas ela precisava ir em frente, precisava fazer a filha entender.

– Vocês cresceram seguras e amadas, então não sabem o que é estar sozinha no mundo. Quando eu entrei para o Exército, não tinha nada. Nada. Ninguém. Estava totalmente só. E agora meus amigos precisam de mim. Tami, Smitty, Jamie. O resto dos Raptors. Eu preciso ajudá-los. E o país precisa de mim. Eu sei que vocês são jovens para entender tudo isto, mas eu acredito em manter os Estados Unidos em segurança. Acredito mesmo. Tenho que manter minha promessa. Vocês entendem isso?

Brotaram lágrimas nos olhos de Betsy. Seu lábio inferior tremeu.

– Eu preciso de você – falou em voz baixa.

– Eu sei – disse Jolene. – E eu preciso de você, querida. Muito... – Sua voz falhou de novo; ela precisou pigarrear para prosseguir. – Mas vamos nos falar por telefone, e-mail, e talvez até troquemos cartas, à moda antiga. Quando vocês perceberem, eu vou estar de volta.

Lulu puxou sua manga.

– Você volta antes de eu começar a escola, né?

Jolene fechou os olhos. Como lidaria com aquilo?

– Mamãe? – chamou Lulu, com a voz trêmula.

– Não – respondeu Jolene. – Para a escola, não, Lulu, mas papai vai ficar com vocês...

Lulu começou a chorar.



Michael ficou sentado no sofá, sozinho, e olhou para a mãe. Viu a preocupação nos olhos dela, a pergunta não formulada. Mila se perguntava por que o filho estava ali enquanto Jolene cuidava de tudo sozinha.

Ela o observou durante um momento longo e reflexivo. Então, saiu da sala e voltou uns minutos depois, carregando uma xícara de café em uma das mãos e um prato cheio de baclavas na outra. Claro. Comida. Sua resposta para tudo.

Pôs a xícara e o prato na mesa ao lado de Michael e se sentou no sofá. Apoiou uma das mãos no joelho dele.

– Quando eu era jovem... durante a guerra... foi um período terrível na Grécia. Meu pai, meus tios e primos, todos foram. Muitos deles não voltaram. Mesmo assim, a família permaneceu forte e a fé nos manteve unidos.

Ele assentiu. Ouvira aquelas histórias a vida toda. A Segunda Guerra sempre parecera distante, difícil de entender. Agora pensou nos parentes que perdera para o fogo inimigo. Antes eram apenas

nomes em um livro. Sem pensar, pegou uma baclava e começou a comê-la. Nossa, como ele queria que seu pai estivesse ali agora.

– Eu vou morar com você e cuidar das meninas.

– Não, mãe. Não temos outro quarto e você tem o Polegar. Eu contrato alguém.

– Pode ter certeza que não. Não vou deixar uma estranha cuidar das minhas netinhas. Eu contrato outro funcionário em meio expediente para a loja.

– A loja não pode arcar com isso.

– Não, mas eu posso. Vou estar na sua casa todo dia depois da aula. Pego a Lulu na escolinha e a Betsy no ponto de ônibus. Vamos nos virar bem. Você pode contar comigo e as meninas podem contar com você.

– Todo dia, mãe? É um trabalhão.

Mila sorriu para ele.

– Eu sou uma grande mulher, como você deve ter notado. Eu preciso ajudar você, Michael. Deixe que eu faça isso.

Ele não sabia o que responder; ainda não compreendera totalmente o quanto seu mundo mudara.

– Mas tudo isso são detalhes e não são o que mais importa. – Ela olhou para o filho. – Você devia estar com ela agora, dizendo às suas filhas que elas vão ficar bem.

– E vão... ficar bem?

– Não é com as meninas que você tem que se preocupar agora, Michael. Já vai chegar a hora delas.

– E Jo? Ela vai ficar bem?

– Nossa Jolene é uma leoa.

Michael só assentiu.

– Você já a está decepcionando. Seu pai era assim, que Deus o tenha. Ele era egoísta. Numa hora como esta, você precisa olhar além de si mesmo. – Mila tocou o rosto do filho, passando os nós dos dedos por sua pele, como fizera tantas vezes quando o filho era jovem. – Você deve ter orgulho dela, Michael.

Ele sabia que seu papel era concordar e dizer que sim, claro, tinha orgulho da mulher, mas era incapaz.

– Vou fazer o que tiver que ser feito – disse Michael, sabendo que tinha desapontado a mãe.

Quantas outras pessoas ele decepcionaria antes de aquela guerra acabar?



Michael passou o fim de semana observando sua vida como que de longe. Betsy alternava entre uma fúria ardente e uma carência desesperada. Lulu estava tão confusa que ficava agitada e chorava por tudo. Michael não conseguia suportar, mal aguentava ver a dor nos olhos das filhas, mas Jolene era uma guerreira, forte como aço. Ele notou o cuidado com que a esposa tratava as meninas, a ternura. Era só quando as meninas não estavam olhando que ela revelava sua dor; as lágrimas enchiam seus olhos verdes e, quando isso acontecia, afastava-se rapidamente, secando-as com as costas da mão.

Uma hora atrás, ela as pusera na cama. Que Deus o perdoasse, mas Michael a deixara sozinha.

Ele estava agora na sala, de pé na frente da lareira. Labaredas azuis e laranja dançavam sobre um monte de lenha, emitindo ondas de calor, mas ainda assim ele sentia frio. Aliás, estava congelando.

Olhou através da cozinha. Na janela acima da pia, avistou o luar atravessando a baía.

– Já dormiram – falou Jolene, entrando na sala. – Agora podemos conversar.

Michael queria dizer *não, eu não quero conversar, não sobre isto, não ainda, nunca mais.* Ele sabia que era egoísmo seu, era vergonhoso, mas morria de raiva de ser deixado ali para cuidar da casa. É claro que não poderia dizer isso a ninguém. Pareceria um babaca se admitisse que não queria assumir a tarefa que lhe caíra

no colo e a qual não sabia nem se era capaz de realizar. Como faria para administrar uma firma de advocacia com dezesseis pessoas, defender seus clientes e dar conta das minúcias cotidianas associadas à criação de duas filhas? Horários. Excursões escolares. Refeições. Roupas. Dever de casa.

Só de pensar nisso, sentia-se oprimido.

– Como eu vou dar conta? – questionou ele, voltando-se para Jolene. – Eu tenho que trabalhar.

– Sua mãe vai ser de grande ajuda. Ela disse que vai contratar alguém para a loja, e isso é perfeito. Não quero que uma babá cuide das meninas... Elas vão ficar muito assustadas e confusas. Principalmente Betsy, ela tem andado frágil, e as crianças às vezes são cruéis. Ela vai precisar de você, Michael. As duas. Você precisa estar presente mesmo. Eu quero...

– Você quer. – Ele já estava perdendo a paciência com aquela frase. – Típico de você, Jo. Você vai embora, mas não sem me dizer como quer que eu cuide das coisas enquanto você não estiver.

– Coisas não, Michael. Minhas filhas.

Ele percebeu que a voz da esposa falhou e soube o quanto suas palavras a feriram. Não muito tempo atrás, teria se virado para ela, tomando-a nos braços e se desculpando. Agora, apenas ficou ali parado, o olhar fixo no piso de madeira gasto sob suas meias. O eco daquela palavra – *divórcio* – pairava no ar entre eles.

Ela esperou bastante. O som de sua respiração parecia com o de ondas quebrando contra a praia, irregulares e ásperas. Michael sentia que ela o estava julgando. Depois, em silêncio, Jolene saiu da sala.



Na segunda-feira de manhã, Tami apareceu após deixar o filho na escola e buzinou.

Jolene foi até a enorme picape branca da amiga e entrou nela.

As duas se entreolharam e, naquele olhar sem palavras, revelaram seus medos, suas esperanças e preocupações.

Tami suspirou.

– Como foi?

– Brutal. E com você?

– Mal sobrevivi.

Ela deu marcha a ré e manobrou até a rua. Em pouco tempo, estavam na estrada interestadual, a caminho de Tacoma.

– Seth tentou parecer calmo quando contei – falou Tami após um silêncio incomum, que se arrastava havia quilômetros. – Perguntou o que aconteceria se eu não voltasse. Ele não tem nem 13 anos. Não tem idade para fazer uma pergunta desse tipo para a mãe.

– Betsy ficou furiosa. Disse que não vai me perdoar se eu for embora. Que eu gosto mais do Exército do que dela.

– Carl chorou – continuou Tami suavemente, após outro longo silêncio. – Eu nunca o vi chorar antes. Foi... – Sua voz falhou. – Cara, foi duro.

Jolene engoliu em seco.

– O que é pior? – disse, em voz baixa. – Um homem que chora quando você vai para a guerra ou um que não chora?

Elas ficaram em silêncio. Os quilômetros passaram depressa e logo estavam na base, parando na guarita.

Apresentaram as identidades, acenaram com a cabeça para o soldado e entraram.

No corredor, do lado de fora da sala de aula Black Hawk, encontraram vários integrantes da unidade sentados em cadeiras ao longo da parede. Ninguém falava muito, com exceção dos homens jovens, que pareciam agitados e ansiosos. Smitty – o garoto com aparelho nos dentes e espinhas e jeito alegre de cachorrinho – estava com um sorriso aberto, ia de homem em homem perguntando como era o combate, dizendo que iriam botar para quebrar. Jolene pensou em como a mãe dele se sentiria agora... As

duas amigas ficaram encostadas na parede de concreto, aguardando sua vez.

A porta da sala se abriu. Jamie Hix saiu. O cabelo com corte militar, louro escuro e curto, nascia arrepiado acima da testa larga e bronzeada. Rugas marcavam o canto de seus olhos cinza, novas, gravadas nos dias desde o anúncio do destacamento. Sem dúvida, ele estava pensando no filho pequeno. Será que a ex-mulher aproveitaria sua ausência para tirar dele a guarda do filho?

– Sua vez, Jo – falou ele.

Jolene assentiu e entrou na sala, onde um homem de uniforme estava sentado atrás de uma mesa comprida, com papéis espalhados à sua frente.

– Subtenente Zarkades? – perguntou, olhando para ela. – À vontade. Sente-se. Sou o capitão Reynolds. Jeff.

Sentou-se em uma cadeira de frente para ele, com as costas bem retas e as mãos sobre as pernas. O homem empurrou uma pilha de papéis na direção dela.

– Seu plano familiar está pronto. Suas filhas, Elizabeth Andrea Zarkades e Lucy Louida Zarkades, ficarão sob os cuidados do seu marido, Michael Andreas Zarkades. Correto?

– Sim, senhor.

– E vejo que a sua sogra também está disponível.

– Sim, senhor.

O advogado olhou para o papel, batendo com a caneta na mesa.

– Uma convocação pode pesar no casamento, chefe. Há algum motivo para se preocupar com este plano?

– Não, senhor.

O capitão ergueu o olhar.

– Você tem um testamento?

– Sim, senhor. Sou casada com um advogado, senhor.

– Muito bem. Assine e ponha a data no seu plano familiar. E no anexo com os arranjos funerários. Suponho que queira que Michael seja notificado no caso de sua morte. Mais alguém?

– Não, senhor.

– Está bem, chefe. Isso é tudo. Dispensada.

Ela se levantou.

– Obrigada, senhor.

– Ah, chefe. Recomendo que escreva cartas... para seus entes queridos.

Jolene assentiu. Cartas. Despedidas. *Recomendavam* que escrevesse cartas dizendo adeus àqueles a que mais amava no mundo. Ela tentou imaginar aquilo... Betsy abrindo uma carta um dia no futuro turvo, vendo a caligrafia da mãe, lendo suas últimas palavras. E o que seriam essas últimas palavras, escritas agora, antes que ela soubesse o que teria para dizer, antes de passarem a vida juntas? Lulu choraria, gemeria, gritaria *O quê? Foi pra onde?* com o pequeno rosto em forma de coração todo contraído, as lágrimas se formando nos olhos escuros, enquanto ela tentava compreender o que tudo aquilo significava.

– Cuide-se, chefe. Que Deus a proteja.



As duas semanas seguintes passaram tão depressa que Jolene quase esperava ouvir o som de uma turbina a jato. Ela escreveu, revisou e reescreveu pelo menos uma dúzia de listas de afazeres, encheu um fichário com todas as informações de que se lembrou. Cancelou a assinatura das revistas que não iria ler, contratou o filho de um vizinho para aparar a grama no verão e verificar o gerador no inverno seguinte e pagou adiantadas todas as contas possíveis. Fez tudo isso à noite; passava o dia na base, preparando-se para ir à guerra. Ela e sua unidade treinaram tantas horas de voo juntos que começaram a fazer tudo em sincronia. Em primeiro de maio, eles já estavam até ansiosos para partir. Se teriam que fazer isso, queriam *ir*. Era o único jeito de começarem a contar o tempo que faltava para retornarem.

Em casa, a vida era uma série infinita de momentos comoventes e despedidas prolongadas. Cada olhar, cada abraço, cada beijo carregava o peso da tristeza. Jolene não sabia quanto tempo mais suportaria. Toda vez que olhava para suas menininhas, sentia um nó na garganta.

E também havia Michael.

No pouco tempo que ainda tinham, ele se afastara ainda mais, passando mais tempo no escritório. Jolene raramente o flagrava olhando-a e, quando o fazia, via o ressentimento em seu olhar, que se desviava depressa. Tentara conversar com o marido sobre aquilo tudo, o destacamento, os sentimentos dos dois, os medos dela, mas a cada investida Michael se retraía, até que por fim, exausta, desistira.

Parecia mesmo que ele tinha dito a verdade: não a amava mais.

Às vezes, tarde da noite, quando estava deitada, sem conseguir dormir, com medo de tocá-lo e desesperada por um toque dele, se perguntava se ela própria ainda se importava. Queria lhe dar o benefício da dúvida, interpretar sua frieza como medo e preocupação, mas no fim seu otimismo inato se dera por vencido. Jolene precisava do marido agora, talvez pela primeira vez, e ele a decepcionara. Igual aos pais dela.

Naquela noite, após um longo dia na base, tendo passado horas preparando-se para partir, ela estacionou o utilitário na garagem e ficou sentada no escuro durante os minutos necessários para juntar forças. Quando sentiu que conseguiria ser ela mesma, desceu do carro e foi para dentro.

A casa tinha sido invadida por uma luz dourada e um aroma de cordeiro cozido em molho de tomate e especiarias. Um toque de canela adoçava o ar. Ouviu as meninas conversando em algum lugar, mas em voz baixa. Ninguém parecia ter muito a dizer naqueles dias. Todos reservavam as palavras para o momento do adeus. Betsy estava reagindo mal; passara a fazer escândalos, gritar descontroladamente, bater portas. Alguém na escola teria

caçoado dela porque sua mãe iria lutar *naquela guerra idiota*, e Betsy quase tivera um colapso nervoso. Chegara em casa implorando a Jolene que abandonasse o Exército.

Jolene pendurou o casaco em um gancho na área de serviço e entrou na cozinha, onde encontrou Mila lavando os pratos do jantar. Michael ainda estava no trabalho; nos últimos dias, quase nunca voltava antes das dez da noite.

Às 20h10, o sol começou a se pôr; a vista da janela parecia uma pintura de Monet, repleta de pinceladas sobrepostas de bronze, ouro e lavanda.

Jolene se aproximou por trás de Mila e sentiu o aroma de rosas do shampoo ao tocar seu ombro.

– Oi, Mila. *Moussaka*?

– Claro. É seu prato favorito.

Era tudo o que bastava para deixar Jolene melancólica. Ela apertou o braço da sogra.

– Obrigada por vir hoje.

– Seu prato está na geladeira. Precisa de uns três minutos no micro-ondas – avisou Mila, enxugando o último prato e colocando-o na bancada. – Como foi o treino hoje?

Jolene se afastou.

– Ótimo. Eu estou totalmente preparada para me virar por lá.

Mila se virou e olhou para ela.

– Pode fingir com a Betsy e a Lulu, e até com o meu filho, se quiser, mas não comigo, Jo. Eu não preciso da sua força. É você que precisa da minha.

– Então posso falar que estou com um pouco de medo?

– Você esquece, Jo, que eu já vivi uma guerra. Na Grécia. Os soldados salvaram nossas vidas. Eu tenho orgulho de você e vou fazer com que suas filhas se orgulhem também.

Ouvir aquelas simples palavras foi algo muito valioso.

– E o seu filho? – perguntou Jolene.

– Ele é homem e está com medo. Não é uma boa combinação. Mas ele ama você. Disso eu sei. E você o ama.

– Isso basta?

– O amor? Sempre basta, *kardia mou*.

Amor. Jolene ficou revirando aquela palavra na cabeça, pensando se Mila teria razão, se o amor era o bastante em um momento como aquele.

– Vamos ficar esperando você voltar para casa, sã e salva. Não se preocupe conosco.

Jolene sabia que não tinha escolha. Ela teria que deixar para trás as pessoas que amava. Poderia sentir saudade da família, mas a saudade teria que ficar bem enterrada.

– Eu consigo – disse baixinho. Passara a vida reprimindo as emoções. Sabia pôr o medo e a carência em uma caixa e deixá-la escondida. – Tenho que conseguir.

– Meu filho vai assumir a responsabilidade – falou Mila. – Ele é como o pai. Michael nunca fugiria ao dever. Ele não vai desapontar você.

– Como você sabe?

Mila sorriu.

– Eu sei.

Oito



Durante a primeira semana de maio, Michael se dedicou à audiência preliminar de Keller, negou a acusação de homicídio doloso e empenhou-se em apurar o caso. Precisava descobrir todos os fatos que pudesse, mas seu cliente continuava sem falar. Keith dissera *sou culpado* naquela primeira entrevista no presídio e voltara a se calar, respondendo cada pergunta de Michael com um olhar vítreo. De vez em quando, murmurava *eu a matei*, e só. Não ajudava em nada.

Enquanto isso, em casa, Jolene continuava lhe dando listas de afazeres. Cada vez que seus olhares se cruzavam, ela disparava alguma tarefa: não se esqueça de isolar as tubulações em novembro... de adubar as plantas... de limpar as grades da churrasqueira. Era assim que ela preenchia suas noites juntos. Durante o dia estava na base, se preparando para ir à guerra. Ele percebeu que a esposa estava começando a ficar aflita para partir. Na noite anterior, ela lhe dissera que queria *ir e fazer aquilo de uma vez para poder voltar.*

Seu desejo logo se realizaria.

Em dois dias, ele se despediria da mulher, a veria entrar em um ônibus do Exército e desaparecer.

Michael queria ser firme, forte e sensato. Mas aprendera algo sobre si próprio no último mês: era egoísta. Também estava preocupado, apavorado e furioso. Para falar a verdade, estava principalmente furioso. Tinha raiva por ela ter priorizado o Exército e

não a família, porque ela não largara aquilo anos atrás, porque ele não tinha escolha alguma naquilo.

Fora àquela reunião ridícula que Jolene recomendara, sobre preparação familiar. Tinha sido a maior furada. Passara o dia atrasado, e chegou tarde à reunião, sem fôlego e um pouco irritado. Entrou na sala enquanto vasculhava os papéis dentro da pasta à procura do nome da pessoa com quem devia falar.

Mulheres. Foi tudo o que ele viu. Devia haver pelo menos cinquenta mulheres na sala, a maioria tentando controlar crianças que gritavam e choravam. Sobre um cavalete, um grande painel dizia: *Apoie seu soldado*. Abaixo do título, uma lista de tópicos: *Providências. Telefonemas. Solidão. Sexo. Ajuda financeira.* Até parece que ele falaria com aqueles estranhos sobre os problemas causados pela convocação da mulher.

Quando entrou, todas as mulheres na sala olharam para ele. O lugar ficou em silêncio.

– Perdão – murmurou. – Sala errada. – E saiu.

Ele não tinha a menor intenção de se sentar ali e ouvir aquelas mulheres dizerem como seriam boas esposas enquanto seus soldados estivessem longe.

Aonde quer que fosse, parecia que a notícia o precedia. Detestava o olhar que as pessoas lhe dirigiam ao ouvir que Jolene iria para o Iraque. *Sua mulher vai para a guerra?* Ele as via franzindo a testa e imaginando-o de avental enquanto batia uma mistura para bolo em uma tigela prateada. Seus amigos liberais e intelectuais não atinavam com aquilo. A conversa logo envolvia George W. Bush e a política por trás da guerra, e a conclusão era que ela iria arriscar a vida por nada. E o que esperavam que Michael dissesse?

Sabia que podia apoiar os combatentes e não a guerra. Era essa a expectativa em relação a ele, a posição honrosa, mas não conseguia concordar com a decisão da esposa.

Jolene também sabia disso, reconhecia a raiva e o ressentimento dele. Os dois se conheciam bem demais para ocultar aquelas

emoções contaminadas. Sem o amor para protegê-los, ficavam expostos, como vítimas de queimaduras; cada toque machucava.

Por isso Michael não a olhava, nunca a tocava, mergulhava no trabalho. Era assim que ele sobrevivera às duas últimas semanas. Ausência. Ele saía de casa cedo e ficava no escritório até o mais tarde possível. À noite, ambos se deitavam um em cada ponta da cama, respirando na escuridão, sem dizer nada, sem se procurarem. Não dormiam muito, mas fingiam encontrar consolo ali. Jolene o procurara só uma vez; queria fazer amor e disse baixinho *eu vou embora, Michael*. Ele virou as costas, zangado demais para tentar qualquer intimidade. Na manhã seguinte, percebeu a dor e a humilhação nos olhos da esposa e se envergonhou, mas não era capaz de mudar o que sentia.

O telefone na mesa tocou. Era a secretária informando que o promotor do distrito de King County estava ali, pontualmente, para a reunião.

– Mande-o entrar – disse Michael, endireitando-se na cadeira.

Brad Hilderbrand entrou na sala. Michael conhecia-o bem: sob o verniz brilhante de político, batia o coração de um homem determinado. Brad se elegera afirmando que iria ser rigoroso com o crime e mais ainda com os criminosos, e fazia bem o seu trabalho, pois acreditava na mentalidade do partido.

– Michael – falou, sorrindo e estendendo a mão.

Eles se cumprimentaram. Michael viu o sorriso de Brad e soube que lá vinham problemas.

– Quero informá-lo de que surgiu uma testemunha no caso Keller – continuou o promotor. – E, visando à total transparência...

– E um possível acordo de culpa...

– Queríamos que você soubesse disso o mais rápido possível. Keller confessou. É por isso que eu mesmo estou aqui.

– Sério?

Ele pôs uma pasta sobre a mesa.

– É uma declaração de Terry Weiner, colega de cela de Keller.

O dedo-duro do tribunal. Sempre popular entre promotores e policiais.

– Então deixe-me entender. Você está insinuando que Keith Keller, que nas semanas desde a prisão não fala com o pai, o advogado nem o psiquiatra indicado pelo tribunal, de repente decidiu se abrir com o companheiro de cela.

– Ele disse: *A vaca não calava a boca, então eu meti bala nela*.

– Curto, direto ao ponto e fácil de lembrar. Certo. E aposto que essa tal testemunha já foi dispensada.

– Ele só estava lá por porte de drogas.

– Um viciado. Perfeito. – Michael pegou a pasta e a abriu, passando os olhos pelo depoimento. – Vou precisar de uma cópia do registro de prisão da testemunha.

– Eu mando entregar.

– Essa ficçãozinha é tudo o que você tem?

– É bastante, Michael, nós dois sabemos disso. – Brad fez uma pausa significativa, observando-o. – Eu soube sobre sua mulher. Vai para a guerra, é? Eu não sabia que sua família era militar.

– Família militar? Eu não chamaria assim.

– É mesmo? Que estranho... Enfim, imagino que você tenha bastante trabalho com as crianças.

Havia um tom de sarcasmo na voz de Brad?

– Não se preocupe comigo, Brad. Eu consigo levar as meninas à escola, fazer o jantar e ainda arrasar com você no tribunal.



Depois do jantar, Jolene estava na cozinha, com as mãos na água quente e cheia de sabão dentro da pia, olhando pela janela para o jardim dos fundos. A noite estava incrivelmente linda: céu estrelado, ondas iluminadas pelo luar, cercas que pareciam ter brilho próprio. Sabia que, se fechasse os olhos, viriam à cabeça mil lembranças

naquela mesma paisagem, ouviria a risada das filhas, sentiria uma mãozinha puxando a sua.

Adeus. Ela dissera a palavra mentalmente muitas vezes nas últimas duas semanas. Para vistas, lembranças, momentos, fotos, gente. Passara horas tentando memorizar tudo aquilo para levar com ela, um caderno de imagens da vida que deixaria para trás... da vida que a esperaria de volta.

Tirou as mãos da água, enxugou-as e deixou a água escoar da pia. Então, devagar, saiu da cozinha vazia.

A sala estava muito iluminada – todas as luzes estavam acesas e uma fogueira bruxuleava na lareira – e a televisão mostrava uma série que ninguém assistia. Ela a desligou, mas detestou o súbito silêncio, então a ligou de novo. Ao subir a escada, reparou no ranger dos degraus e continuou subindo. Betsy estava no quarto, fazendo o dever de casa, e Lulu já estava dormindo. Parou na frente da porta de carvalho de Betsy e passou os dedos por ela. Pensou em entrar, se sentar com a filha mais velha e tentar mais uma vez fazê-la entender o destacamento. Mas tinha outra coisa para fazer naquela noite, algo que já adiara todo o tempo que pôde.

Entrou em seu quarto, acendeu a luz e fechou a porta. Ali parada, olhando para o quarto que dividia com o marido, foi invadida por lembranças. *É aquela cama ali, Michael. Vamos levar... Veja como é resistente, podemos fazer bebês nessa cama...* E a cômoda que tinham encontrado em uma venda de usados bem no início, e o carpete oriental que fora sua primeira grande aquisição.

Com um suspiro, foi até a cômoda e tirou a câmera de vídeo da gaveta das meias. Instalou-a no tripé que comprara, apontou a lente para a grande cama *king size* e então apertou o botão de gravar. Ao subir na cama, acomodou as almofadas à sua volta e forçou um sorriso, como se fosse uma simples história de ninar.

– Oi, Lulu. – Sua voz falhou. Inspirou fundo e tentou de novo. – Estou gravando este vídeo para você.

Segurou o livro preferido de Lulu, grande e colorido. Abriu-o e começou a ler a história em voz alta, usando todas as vozes e dramatizações de que era capaz. Ao terminar, fechou o volume e fitou a câmera, os olhos marejados.

– Lucy Louida, eu te amo até a lua, ida e volta. Durma bem, minha menininha. Eu vou estar de volta logo, logo.

Levantou-se e pegou a câmera. Tirou a fita e pôs outra. Desta vez, sentou-se na ponta da cama e olhou diretamente para a câmera.

– Betsy – disse com suavidade –, nem sei como me despedir de você. Eu sei o quanto você precisa de mim agora. Você está enfrentando tanta coisa na escola e eu quero dar todos os conselhos de que você vai precisar por toda a vida, mas não temos tempo para isso, não é? Como é possível não termos tempo? – Suspirou. – Eu sei que você está brava comigo, Pituquinha, e sinto muito por isso. Só espero que algum dia você entenda. Talvez até sinta orgulho de mim, como eu sinto de você. Tenho muito orgulho de você. Você é forte, linda, inteligente e leal. Você vai ter muitas montanhas para escalar quando eu não estiver aqui, e não vai ser fácil. Eu sei que vai ser difícil. Mas você vai se sair bem.

Jolene fechou os olhos por um instante, pensando que ainda tinha muito a dizer. Nos dez minutos seguintes, deu à filha os melhores conselhos que podia, sobre meninos, meninas, aulas, o início da menstruação e maquiagem. Quando chegou ao fim, estava exausta. Havia muito mais... mas não havia tempo.

– Eu amo você, Betsy, até a lua, ida e volta. E eu sei que você me ama. Eu sei – concluiu com simplicidade e sorriu.

Ergueu-se, cansada, foi até a câmera e trocou a fita outra vez. Agora era para Michael, mas, ao se sentar na ponta da cama e olhar para a pequena lente preta, sentiu um vazio. Após todos aqueles anos juntos, ela não fazia ideia do que dizer a ele agora e não sabia se ele ouviria ou se importaria. Ficou de pé e desligou a câmera. Pôs as duas fitas sobre a cômoda e escreveu LULU em uma e BETSY na outra.

E agora...

Foi até a escrivaninha no canto do quarto, relembrando o dia em que a encontrou, quando Michael rira e dissera: *É a coisa mais feia que já vi; quantas vezes já foi pintada?* Ela pegou a mão dele e o levou até o móvel e replicou: *Olhe bem, meu amor*.

Sentou-se à escrivaninha e abriu a gaveta inferior, onde estava a caixa metálica verde adquirida especificamente para o destacamento. Ela a retirou e pôs sobre a superfície de mogno polido. Então pegou o papel de carta ali guardado, que comprara naquela semana, e deu início à tarefa de redigir suas últimas cartas, com a esperança de que nunca fossem lidas.

À minha amada Elizabeth Andrea: escrever esta carta é a coisa mais difícil que já precisei fazer. Não porque eu não saiba o que dizer (embora eu realmente não saiba), mas porque não suporto a ideia de que você vai ler isto, eu não estarei mais aqui e você vai conhecer a sensação de não ter mãe...

Ela escreveu, escreveu e escreveu, entre lágrimas, até não conseguir encontrar mais palavra alguma. E ainda não era o bastante. Quando terminou, suas mãos tremiam. Redigir a carta para Lulu também foi uma tarefa dura; a cada palavra, Jolene pensava em uma criança que esqueceria a mãe quase completamente...

Michael, escreveu na terceira carta, e parou, a caneta pairando acima do papel, as lágrimas pingando, caindo sobre a folha em pequenos borrões cinza, *eu te amei, do início ao fim. Tome conta das nossas crianças... ensine-as a se lembrarem de mim.*

Dobrou os papéis, pôs cada um no próprio envelope e colocou-os na caixa, ao lado de sua carteira e de sua habilitação de motorista.

Depois de guardar a caixa e fechar a gaveta, ficou ali sentada, olhando a noite, sentindo-se vazia. Ficou de pé – agora se sentia instável, com os joelhos fracos – e foi até o armário, onde estava a

grande bolsa verde do Exército. Atirou-a na cama e começou a colocar seus pertences.

Estava tão concentrada em encontrar os itens de sua lista e em dobrar os uniformes com todo o cuidado que não ouviu uma batida na porta, mas de repente Betsy estava ao seu lado, olhando para a bolsa aberta e cheia de uniformes para camuflagem no deserto, botas cor de areia e camisetas verdes.

– Oi, Betsy.

A menina caminhou mecanicamente até a cama, o olhar fixo em um pequeno amontoado prateado de plaquetas de identificação sobre a cama. Pegou-as e observou os retângulos de aço que registravam fatos da carreira de Jolene.

– Sierra disse que você vai matar gente – falou baixinho, a voz falhando. – Aí Todd riu e disse: *Não vai nada, as mulheres não sabem atirar, todo mundo sabe disso.*

– Betsy...

– Uma vez eu vi um filme e um soldado era identificado por essas plaquinhas. É para isso que elas servem? Para identificar você? – Seus olhos se encheram de lágrimas.

– Não vai acontecer nada comigo, Betsy.

– Você não devia ir.

Jolene engoliu em seco. Queria abraçar Betsy, apertá-la com força e jurar que ficaria em casa.

– Eu preferiria não ir.

– Jure que você vai voltar bem.

– Ah, Betsy... – Jolene procurou as palavras certas, um modo de fazer uma promessa impossível para uma menina que nunca esqueceria o que fosse dito agora. – Eu te amo tanto...

Betsy parecia abalada. Fez um som sufocado e caiu em prantos.

– Isso não é uma promessa!

Então atirou as plaquetas no chão, saiu correndo do quarto e bateu a porta. Jolene se abaixou devagar para pegá-las. Colocou o cordão que as prendia em volta do pescoço, deu um suspiro cansado. Ela

terminaria de guardar as coisas e iria atrás de Betsy, para tentar, de novo, fazê-la entender.



Aquela noite seria a última deles juntos. Jolene passara o dia com as filhas. Deixara Betsy faltar à escola. As três foram ao cinema, patinaram no gelo e comeram numa lanchonete.

Agora o sol estava começando a se pôr.

Jolene tinha um plano. Queria jantar no Crab Pot. Eles precisavam – ela precisava – de uma última lembrança perfeita para guardar como amuleto durante a separação que se aproximava.

Durante anos, o Crab Pot fora o restaurante “deles”. Nos dias quentes e preguiçosos do verão na região noroeste, eles iam caminhando pela praia na maré baixa, muitas vezes fazendo competições pelo caminho. Havia prêmios, em geral um sorvete de casquinha de duas bolas, para o primeiro a achar uma ágata, uma bolacha-da-praia ou uma pedra branca perfeita.

Nos anos anteriores, Michael também ia. Carregava baldes bem coloridos, pazinhas de plástico, uma pilha de toalhas e várias embalagens de protetor solar. Mas, nos meses desde a morte do pai, ele mudara. Talvez, se conseguisse voltar no tempo por só um segundo, o suficiente para se lembrar, poderia dar a Jolene a única coisa que a esposa pedia hoje: a família unida antes de sua partida. Ela precisava saber que Michael cuidaria bem das meninas e que a esperaria, que ainda tinha um marido para o qual voltar.

– E aí, pessoal? – insistiu Jolene. – Vamos jantar no Crab Pot?

Só Lulu se animou.

– Está muito frio – argumentou Betsy, vasculhando as músicas no iPod e ajustando os fones de ouvido. – Ninguém vai no Pot antes do verão. Só vai ter gente velha lá.

Michael apontou o controle remoto para a TV, passando os canais. Em silêncio, deu de ombros.

Para Jolene, a maioria concordara.

– Perfeito. Então vamos. Peguem os casacos, pode estar frio lá fora.

Ela passou os dez minutos seguintes checando todos os itens da família: casacos, botas, cobertores. Pôs quatro cadeiras de praia no porta-malas, por via das dúvidas, e dez minutos depois estavam na rua sinuosa que acompanhava a orla.

O Crab Pot fora construído havia cinquenta anos por um pescador norueguês e era uma pequena construção de madeira rústica instalada em uma reentrância de terra perfeita entre a estrada e a areia. Um deque cinza desgastado contornava toda a casa, era decorado com mesas de piquenique e rodeado por uma cerca coberta de redes de pesca e luzinhas de Natal. Toalhas vermelhas e brancas de plástico se estendiam sobre as mesas, mas só no verão.

Dentro, o piso irregular era uma camada grossa de areia, supostamente trazida do litoral selvagem próximo de Kalaloch. Mal se viam as paredes de madeira sob itens multicoloridos – fotografias, licenças de pesca vencidas, notas de dólares. Qualquer um podia fixar ali o que quisesse. Havia até alguns sutiãs e umas calcinhas presos entre os papéis.

Lulu sabia aonde ir. Atravessou o restaurante como se fosse a dona, foi até a janela ao lado do caixa e apontou para cima.

– É a gente – comunicou a quem quisesse ouvir. Havia poucos clientes no restaurante e nenhum ergueu o olhar.

A garçonete, uma mulher de cabelos brancos chamada Inga, que estava ali desde sempre, disse:

– É, sim, Lulu. Essa também é a minha foto preferida de você.

Lulu ficou radiante.

A mulher os conduziu até uma mesa ao lado da porta.

– O de sempre? – perguntou, tirando uma caneta do cabelo. Era uma espécie de encenação, pois ninguém jamais vira Inga anotar um pedido.

– Pode crer – respondeu Jolene, tentando parecer feliz. – Dois caranguejos sapateira-do-pacífico, quatro porções de manteiga derretida e duas de pão de alho.

Tomaram seus lugares nos bancos – Michael e Betsy de um lado, Lulu e Jolene do outro. Durante toda a refeição, Jolene tentou manter uma conversa animada, mas quando chegou a hora de tirarem os babadores de plástico, ficou arrasada. Só ela e Lulu tinham falado de verdade. Michael e Betsy haviam se comunicado com grunhidos e movimentos de ombros. Os dois estavam infelizes naquela última noite e queriam que Jolene soubesse. Ao menos foi o que ela deduziu. Michael estava pagando a conta quando os Flynns entraram no restaurante.

– Perfeito – falou Betsy, encurvando as costas e deixando o cabelo cair no rosto.

– Tami!

Jolene se levantou e contornou a mesa, abraçando a amiga com força. Devia ter imaginado que eles também apareceriam ali. Afastando-se, sorriu e chamou:

– Foto!

Tami, Seth e Carl imediatamente se juntaram, passaram os braços um pelos ombros do outro e abriram grandes sorrisos para a câmera. Jolene capturou a imagem na Polaroid desengonçada e velha que o Crab Pot deixava à disposição dos clientes. Era outra parte da tradição: toda visita incluía uma foto da família.

– Pronto.

Os Flynns se reuniram em torno dela e observaram a foto se revelar. Tinha ficado muito boa e Carl prendeu-a na parede ao lado da porta.

– Sua vez – anunciou Tami, pegando a câmera das mãos da amiga.

Jolene reuniu a família, envolvendo Betsy (como ela estava magra e comprida...) e Lulu (sua bebezinha). Michael ficou de pé atrás dela. Quando Tami exclamou *digam X!*, eles sorriram.

Flash.

Então Betsy e Michael se afastaram, foram para fora. Jolene ficou ali, vendo-os sair.

Tami tomou sua mão e a apertou.

– E aí? – falou suavemente.

Jolene balançou um pouco a cabeça e forçou um sorriso. Caminharam até o deque, ainda de mãos dadas. Agora estava escuro. A lua cheia iluminava os picos nevados irregulares e lançava um brilho sobre as ondas.

No extremo do deque, Carl estava ao lado de Michael. Mesmo à distância, era fácil notar que não se sentiam à vontade juntos, dois homens com nada em comum exceto a amizade das mulheres. Michael estava com as mãos enfiadas nos bolsos e passava o peso do corpo de um pé para o outro. O ar frio da noite despenteava os cabelos pretos.

Seth desceu para a praia com Lulu. Na beira da água, eles se abaixaram, buscando algo. Jolene sabia que Betsy queria segui-los, mas se conteve.

– Vai lá, Betsy – incentivou Jolene, com delicadeza.

Levou um instante, mas por fim a menina começou a andar, desceu os degraus do deque e cruzou a areia. Ao vê-la chegar, Seth ergueu o olhar e deu um sorriso tímido.

– O que eles vão fazer sem nós? – perguntou Jolene em voz baixa.

– O que nós vamos fazer sem eles? – foi a resposta de Tami.

Ficaram ali até que o ar gelasse as narinas e a brisa se transformasse em vento, até que Carl e Michael deixassem de fingir que tinham algo para dizer um ao outro. Então, os Flynns entraram no restaurante e a família de Jolene foi para casa.

Quando estacionaram o carro e entraram na casa quente, o estado de ânimo de todos beirava a solenidade. Até Lulu parecia ter sido afetada.

– Mamãe – falou Lulu ao entrarem na sala –, você vai estar de volta no meu aniversário, não vai?

Betsy revirou os olhos.

– Não para o seu aniversário, Lulu. Mas papai vai fazer uma festinha bem legal para você.

– Ah. – Lulu contraiu o rosto, pensativa. – E se um dente meu cair? Aí você volta, né?

Michael se sentou e ligou a TV.

Betsy fez um som de total frustração e saiu da sala. O ruído de seus passos na escada reverberou pela casa.

– E as histórias na hora de dormir? Quem vai ler pra mim? – perguntou Lulu, franzindo a testa.

– Lulu, querida, guarde os brinquedos. Eu já volto.

Trêmula, Jolene subiu a escada atrás de Betsy e bateu na porta.

– Vai embora! – gritou Betsy.

– Você não quer isso de verdade – retrucou Jolene. – Não hoje.

Houve uma longa pausa.

– Tá bom.

Jolene entrou no quarto e foi até a cama.

Betsy não abriu lugar para ela, mas a mãe se sentou ao lado assim mesmo. Passou um braço pelos ombros da filha e a puxou para perto.

– Estou tentando, mãe – disse Betsy por fim.

– Eu sei.

– Na TV...

– Não veja TV, Betsy. Não vai ajudar.

– E o que ajuda?

Jolene suspirou.

– Eu sei o que ajuda. Vamos sincronizar os alarmes dos nossos relógios. Assim, quando os alarmes tocarem, uma vai pensar na outra no mesmo segundo.

– Tá bom.

Em silêncio, configuraram os alarmes.

– Eu não devia ter falado aquilo sobre as plaquinhas... – desculpou-se Betsy, a voz irregular.

– Não tem problema, Betsy.

– Vou sentir sua falta – afirmou Betsy após um minuto. – Não sei por que estou sendo tão má com você...

– Eu entendo, querida. Eu já tive 12 anos. E você está com muitas preocupações. – Jolene deu um beijo no rosto de Betsy.

Ficaram ali sentadas, abraçadas, durante muito tempo. No silêncio, Jolene sentia-se desmoronar. Como faria para partir no dia seguinte, deixar a família para trás, dizer adeus às filhas?

Queria dizer a Betsy tudo o que ela precisaria saber pelo resto da vida. Só por via das dúvidas, alertá-la sobre sexo, meninos, drogas e maquiagem, sobre política social, vestibular e escolhas ruins. Mas era cedo – e tarde – demais.

Beijou o rosto da filha e se levantou, dizendo:

– Você está pronta para voltar para a sala?

– Eu não quero ver TV. Acho que vou ler – respondeu Betsy.

Jolene não tinha argumento contra aquilo. Ela também não queria voltar para a sala.

– Está bem.

Desceu a escada, onde encontrou Michael assistindo à televisão e Lulu sentada no sofá ao lado, insistindo em perguntas sobre o tempo que mamãe passaria longe.

– Venha aqui, Lucy Lou – disse Jolene, pegando-a. – É hora do seu banho.

Ela levou a caçula para cima, lhe deu um banho longo e divertido e a preparou para dormir.

Enquanto procurava o livro que leria na última noite, viu Lulu sair da cama, pôr a tiara com orelhas de gato e subir de novo na cama.

Então ela queria brincar. Jolene se voltou para a cama e parou de repente.

– Essa, não! Lulu, para onde você foi? As fadinhas roubaram você?

A filha fez um ruído e cobriu a boca com a mão.

– Isso foi o vento? – Jolene foi até a janela e a abriu. – Lulu, você está aí fora?

Lulu tirou a tiara e caiu em prantos.

– Eu quero ficar *inbisível* até você voltar.

– Ah, Lulu... – disse a mãe, subindo na cama estreita e tomando a pequena nos braços.

– Quem vai me achar quando você for embora?

Jolene a apertou, pensando em tudo o que perderia.

Lulu começaria o jardim de infância, pegaria o ônibus escolar e faria novos amigos, tudo isso sem Jolene ao lado.

– Eu amo você, Lucy Louida. Lembre-se bem disso, está bem?

– Tá bom. – Lulu se aconchegou sob as cobertas e fechou os olhos. Em questão de minutos, estava dormindo.

Jolene lhe deu um beijo no rosto e saiu do quarto. No caminho, pegou uma das fivelinhas de cabelo amarelas de Lulu na cômoda e a pôs no bolso.

Ao descer a escada, notou que a casa estava em silêncio.

– Michael?

Não houve resposta. Ela foi de cômodo em cômodo e não o encontrou em lugar algum, mas o carro estava na garagem. Finalmente, avistou algo na frente da casa.

Parou na janela da cozinha e olhou para fora. O luar se refletia em uma silhueta sentada no deque.

Calçou o par de botas que sempre ficava na porta da área de serviço. Fechando o zíper do casaco de capuz, saiu da casa e caminhou ao longo da cerca até a rua.

Do outro lado, seguiu pelos degraus de madeira até o deque. A lua cheia iluminava o caminho. Ela pisou em algo que se partiu, fazendo um ruído alto.

– Você me achou – disse Michael, levando uma garrafa à boca.

Jolene se sentou na cadeira a seu lado. Ele acendera uma fogueira no fosso de metal e ela sentiu algumas ondas de calor.

– Aposto que vai me dizer que tomar um porre é uma má ideia.

Jolene suspirou. Como haviam chegado àquele ponto e como encontrariam o caminho de volta?

Não havia volta.

Ela estendeu a mão.

– Posso? – perguntou, pegando a garrafa e tomando um gole do uísque amargo, que desceu queimando.

– Você deve estar muito chateada.

Ela assentiu. Normalmente, mantinha distância do álcool, tanto por causa do histórico familiar quanto pela carreira. Uma multa por dirigir bêbada lhe valeria uma punição e ela jamais arriscaria sua capacidade de voar.

– Sou humana, Michael. Aliás, tomar um porre parece uma ótima agora.

– Estou apavorado, Jo – falou ele em voz baixa. – Não sei se vou dar conta.

Jolene esperou que o marido dissesse algo mais, talvez a tocasse. Quando isso não ocorreu, voltou-se para ele.

De perfil, as feições realçadas pelo luar, Michael parecia distante e frio. Ela notou seus lábios contraídos em desaprovação, como se fosse perder a compostura caso relaxasse um pouco, e detestou o fato de ter que deixá-lo com o casamento em crise. Precisava acreditar que ele ainda a amava ou que voltaria a amar.

– Olhe para mim – pediu Jolene.

Ele tomou outro longo gole e então se virou.

Estavam à distância de um beijo; bastaria um movimento mínimo, mas nenhum deles se inclinou em direção ao outro.

– Não vá se machucar lá, Jo – falou Michael, com o olhar firme.

Ela detectou um carinho naquelas palavras que pensou que não houvesse mais, um carinho que a preencheu com uma doce e terna esperança. Talvez eles *conseguissem* consertar tudo, talvez um momento perfeito os pusesse de volta nos eixos. Jolene precisava tanto do marido agora que era insuportável; tinha que levar o amor dele consigo.

Lentamente, pôs a mão na nuca de Michael e o puxou para perto, beijando-o. Mas, embora seu coração acelerasse e a paixão se inflamasse dentro dela, sentiu que ele resistia. Era como beijar um estranho.

Jolene se afastou, humilhada.

– Cuide das minhas meninas – sussurrou.

Mas ele estava bebendo de novo, olhando para as ondas.

– É uma pena que você pense que precisa dizer isso – respondeu.

Ela se levantou e voltou para casa, sozinha.

Nove



Michael acordou só. Em algum momento, bem antes do alvorecer, ouvira Jolene acordar e descer da cama. Sem acender as luzes, ela vestiu o uniforme de camuflagem, pegou a bolsa do Exército e saiu do quarto, fechando a porta sem fazer barulho. Ele fingira estar dormindo. Depois, ouviu uma buzina lá fora; Tami chegara para pegar Jolene.

Michael ficou deitado. Achou que não voltaria mais a dormir, porém caiu no sono, acordando horas depois com o alarme soando ao seu lado.

Hoje era O Dia. Ele acordou as meninas e depois tomou um banho longo e escaldante. Não fazia ideia do que vestir para a cerimônia de despedida, então escolheu a sempre popular calça folgada grafite combinando com o casaco de caxemira em gola V, mas, ao se olhar no espelho, viu um estranho. Seus olhos escuros pareciam preocupados e as sombras sob eles comprovavam que Michael não dormia bem havia semanas.

– Pai?

Betsy entrou no quarto vestindo uma *legging* branca até a altura do joelho, um casaco rosa comprido, preso na cintura com um cinto prateado largo, e botas de camurça. O cabelo louro pendia em longas mechas cacheadas até o meio das costas.

Parecia que ela ia se candidatar a algum programa da Disney onde as pessoas começavam a cantar por qualquer coisa.

– Você acha que vai vestida desse jeito? – indagou ele.

– Você não pode me dizer o que vestir.

– Por que não? Eu sou seu pai.

Betsy revirou os olhos.

– Eu vim dizer que Lulu não vai com a gente.

– Como assim? Ela tem 4 anos.

– Eu *sei* a idade dela, pai. Eu só disse que ela não vai. E está usando a tiara.

Michael não tinha ideia de que diferença a tiara podia fazer.

– Está bem. – Suspirou. Ele já estava exausto e mal passava das onze. – Venha – disse e foi para o corredor.

O quarto de Lulu parecia ter sido saqueado. Havia brinquedos e roupas por toda parte; toda a roupa de cama tinha sido arrancada e virado uma pilha no chão.

Ela estava sentada em um canto, vestindo a velha fantasia cinza de gatinha de Halloween, as pernas magras recolhidas contra o peito. Tinha os olhos vermelhos e marejados e as bochechas manchadas.

Ele consultou o relógio. Estavam atrasados.

– Levante, Lulu. Não temos tempo para isso. Você tem que se despedir da sua mãe.

Quando esticou os braços para pegá-la, ela gritou:

– Você não está me vendo!

Michael franziu a testa. Betsy segurou o punho dele.

– Lulu fica invisível quando está com a tiara.

– Ora, faça-me o fav...

– Lulu... – chamou Betsy em tom melodioso. – Onde você está? Temos que ir.

Lulu não respondeu.

Michael já se sentia deslocado e Jolene nem tinha partido ainda.

– Eu sei que Lulu deve estar com medo de dizer tchau, mas minha mãe precisa dos nossos beijos para ficar protegida – alegou Betsy.

Lulu caiu em prantos. Tirando a tiara, ficou de pé.

– Eu não quero que ela vá. Ela vai voltar pro jantar?

Betsy pegou a irmã pela mão.

– Não.

– E pro meu aniversário? – perguntou Lulu, esperançosa, segurando a tiara com força. Era pelo menos a quinquagésima vez que perguntava aquilo.

– Vamos – incentivou Michael, com a voz cansada. – Você precisa se trocar, Lulu.

– Não! – berrou ela, se desviando dele. – Eu quero a roupa de gatinha!

– Pai, é melhor você deixar. Sério – recomendou Betsy.

– Está bem – concordou Michael, suspirando.

Segurou Lulu no colo e os três foram para o carro. Partiram em um silêncio pesado e incômodo.

Quando pegaram Mila, ela tentou preencher o silêncio com conversa, mas seu falso otimismo logo minguou. Michael ligou o rádio e deixou que o cantor Clint Black falasse por eles.

Ao chegarem à guarita, ele parou e entregou sua identidade e a de sua mãe para um jovem de uniforme e aparência muito séria.

– Adiante, senhor – orientou o guarda, devolvendo as duas identidades.

A base parecia uma colmeia em atividade. Havia carros, caminhões e soldados uniformizados por toda parte. Betsy leu as instruções e os guiou até o estacionamento, onde viram um cartaz que informava que a cerimônia de despedida seria no hangar.

Os quatro se mantiveram em silêncio enquanto se dirigiam para o galpão imenso cheio de helicópteros, jatos de carga e aviões menores. Numa parte do hangar, haviam sido dispostas filas de cadeiras metálicas. Ao longo da parede dos fundos, fora instalado um tablado. À esquerda havia uma tela de TV gigante. Uma grande faixa pendia das vigas, dizendo: fiquem em segurança, raptors.

Havia dois helicópteros Black Hawk no centro do espaço, cheios de crianças e pais. Na frente deles, uma mesa baixa e comprida oferecia panfletos sobre tudo, desde TEPT, o transtorno de estresse

pós-traumático, até prevenção de suicídio, passando por acampamentos infantis de verão.

Eles se sentaram na primeira fileira. Lulu se sentou encolhida no colo de Michael, chupando o polegar – já não fingia que não fazia mais isso. Nos trinta minutos seguintes, o lugar se encheu de gente, a maioria mulheres, crianças e homens mais velhos, com cartazes e flores nas mãos. Uma equipe de jornalistas se reuniu ao lado dos helicópteros; uma mulher bonita, de tailleur azul, falava em um microfone.

Então, a porta lateral se abriu e a multidão fez silêncio. Uma música teve início; cinco soldados entraram marchando em fila, vestindo uniformes de camuflagem, botas cor de areia com cordões e quepes enviesados, tocando instrumentos. Ao fim da melodia, a banda se posicionou ao longo da parede. Estavam eretos, os ombros abertos, os queixos levantados, em atenção diante de uma série de bandeiras.

No tablado, um homem uniformizado foi até o microfone e deu as boas-vindas a todos naquele dia tão importante. Então voltou-se e deu uma ordem, e as portas gigantes do hangar começaram a se abrir muito lentamente, fazendo um som metálico agudo que preenchia o galpão. Por fim, foi possível ver os soldados, 76 no total, que compunham a unidade de voo dos Raptors.

Estavam de pé, o rosto impassível, aparentando estarem prontos para a luta. Ali estava sua mulher, na primeira fila, alta e firme em meio a sua outra família. Subtenente 3 Zarkades. Ele mal a reconheceu. Ela era a responsável por uma aeronave de 40 milhões de dólares e inúmeras vidas.

Um soldado à frente da tropa disse algo que terminou em *apresentar armas!* e os Raptors saudaram e marcharam para dentro do hangar.

– Senhoras e senhores, pedimos que fiquem de pé para o hino nacional.

Michael observava tudo como se estivesse a uma grande distância. Ao fim da música, os membros da unidade que foram convocados se reuniram e ficaram de pé, com as pernas afastadas e as mãos atrás das costas, enquanto o comandante da base apresentava quem iria discursar. Dois homens uniformizados realizaram um ato solene com uma bandeira: enrolaram-na, puseram dentro de uma caixa e a guardaram. Ela só seria aberta de novo quando os soldados voltassem da guerra.

O governador do estado de Washington subiu no púlpito. O hangar ficou em silêncio, exceto pelos bebês que choravam nos braços das mães.

– Vocês conhecem bem os valentes homens e mulheres que tenho diante de mim – começou. – São nossos irmãos, nossas irmãs, nossos vizinhos, pais, filhos e amigos. São nossos heróis. Aos soldados e às famílias, e a todos aqueles que apoiam nossas tropas, não há palavras para expressar adequadamente a profundidade e a extensão da nossa gratidão. Nós, que ficamos em casa, protegidos, temos plena consciência e somos gratos por sua coragem e seu sacrifício. – O governador ergueu o olhar das anotações e se aproximou mais do microfone. – Diante de mim estão os integrantes da Unidade Charlie, que será destacada hoje. Todos podemos nos orgulhar de sua disposição para servir a este nosso grande país e podemos nos reconfortar com a certeza de que cada soldado está pronto, treinado e preparado para cumprir com sucesso sua missão. Mas nós aqui presentes sabemos que é mais do que coragem que se pede de todos estes soldados e de vocês, as famílias. Eu tive o privilégio de conversar em particular com muitos soldados valentes do nosso estado e a pergunta que sempre lhes fiz é: “Qual é sua maior preocupação com esta convocação?” Não é surpresa para vocês ouvirem que nenhum deles expressou preocupação com sua segurança pessoal. Eles se preocupam com *vocês*. Dizer adeus aos entes queridos é o passo mais difícil para qualquer soldado. – O governador fez uma pausa. – Não há

palavras que nós, como nação agradecida, possamos oferecer à Unidade Charlie, exceto obrigado. – Ele olhou para a tropa. – Sua disposição de enfrentar o perigo para nos proteger aqui em casa é uma lição de humildade. Nós agradecemos e rezamos para que se mantenham a salvo. Que Deus abençoe esta unidade e que Deus abençoe os Estados Unidos da América.

Um soldado ordenou:

– Subtenente. Liberar os combatentes para as famílias.

O que quer que tenha sido dito a seguir se perdeu na salva de palmas. O público ficou de pé, aos aplausos e aos prantos, avançando em direção à tropa.

Michael não conseguia se mexer. Olhava para os soldados que passavam por ele e iam em busca das famílias; nenhum deles parecia ter medo. Aparentavam estar orgulhosos. Fortes. Determinados.

Mais à frente, ele viu Jolene e Tami se aproximarem juntas. Uma equipe de televisão falava com elas. Quando se aproximou, ouviu a repórter dizer:

– Melhores amigas que são mães de família e pilotam Black Hawks. É uma história e tanto...

Jolene respondeu:

– Não é tão raro quanto se pensa. Com licença, senhora.

Abaixou-se para sair da frente da câmera e ir em direção a Mila, que avançava entre a multidão.

Em todas as direções, Michael via emoção e coragem. Avistou um homem de uniforme com um bebê que não teria mais de um mês de idade. O soldado olhava fixamente para o filho, os olhos marejados, como se tentasse imaginar todas as mudanças que aconteceriam naquele rostinho enquanto ele não estivesse por perto. Ao lado, uma mulher grávida abraçava o marido, soluçando e prometendo que ficaria bem.

E ali estava Jolene, abraçando a mãe dele com tanta força que pareciam ter se fundido.

Lulu se agarrou com mais força no pescoço de Michael.

– Depressa, papai. Ela pode ir embora.

Michael caminhou em direção à mulher. Ele não esperara nada daquilo. Como era possível? Orgulhava-se de ser inteligente, mas se enganara, deixara-se cegar pelo egoísmo, a política ou o intelectualismo. Durante anos vira reportagens sobre a guerra mundial contra o terrorismo, acompanhara imagens de soldados no deserto e refletira sobre a política por trás daquilo tudo, sobre as armas de destruição em massa, a declaração de guerra de George W. Bush e o sentido de armar e enviar tropas. Ele discutira com colegas sobre aquilo, sempre em segurança, aquecido e abrigado em seu país. Debatera sobre o custo real da guerra.

Ele não tinha entendido nada. O custo da guerra estava ali, naquele galpão. Eram as famílias separadas, os bebês nascidos sem um pai em casa e crianças que esqueciam o rosto da mãe. Eram os soldados – alguns deles da sua idade, outros jovens o suficiente para serem seus filhos – que voltariam feridos... ou nem voltariam.

Sua *esposa* estava partindo para a guerra. *Guerra*. Como ele tinha deixado escapar isso? Ela podia morrer.

– Respire – disse Jolene com ternura.

Michael a encarou com os olhos brilhantes de lágrimas que tentava conter.

– Como vocês conseguem fazer isso? Todos vocês...

Lulu esticou os braços e se inclinou na direção de Jolene.

– Não vai embora, mamãe. Eu vou ser boazinha. Eu não fico mais *inbisível*.

Jolene pegou a caçula e a abraçou com força.

– Você é a menina mais boazinha do mundo, Lucy Lou... – Ela prendeu um pequeno broche com asas douradas na fantasia de Lulu. – Sempre que você olhar para estas asinhas, saiba que estou pensando em você, Lulu. Está bem?

Michael estendeu a mão e tomou a de Jolene. Devia ter feito isso antes, ter lhe dito que ele estava a seu lado. A esposa apertou sua mão com tanta força que doeu. Ele queria tomar as duas juntas nos braços, mas não teve coragem. Se chegasse à distância de um beijo, ele cederia e provavelmente seria o único homem ali aos prantos. As filhas não precisavam testemunhar aquilo.

Betsy estava um pouco afastada, os braços cruzados, o quadril deslocado para o lado, os lábios comprimidos.

– Vou mandar vídeos e e-mails. E vou ligar sempre que puder – prometeu Jolene a todos.

– Nós vamos ficar bem – garantiu Mila, abraçando-a e pegando Lulu. – Não se preocupe com a gente.

Jolene foi até Betsy, acariciou seu rosto e a forçou a levantar a vista.

– O meu relógio está programado. E o seu?

– Sete horas – respondeu Betsy com firmeza, desviando o olhar.

Jolene se inclinou e olhou Betsy nos olhos.

– Eu te amo até a lua, ida e volta.

Parou de falar. Michael sabia o que ela estava esperando. Pensou: *Diga o mesmo para ela, Betsy*. Mas o silêncio prosseguiu e Jolene se endireitou, com o rosto insuportavelmente triste.

Atrás deles, uma voz pelo alto-falante pediu aos soldados que se reunissem nos ônibus. A multidão começou a se movimentar como uma onda em direção às portas.

Então estavam do lado de fora, o grupo de soldados eretos, com sacolas do Exército, entre parentes chorosos e crianças com as mãos estendidas. Uma fila de ônibus aguardava na pista.

– Eu vou ser boazinha – repetiu Lulu, chorando muito.

Jolene beijou as filhas e as abraçou com força, e então... soltou-as.

Michael viu-a ir em direção a ele. Durante um segundo, eram só os dois na cabeça dele – sem crianças, sem soldados, sem bebês às lágrimas. Tudo em torno eram sons e agitação indistintos.

Ele não sabia o que fazer ou dizer. Não tinha como reparar um casamento arruinado com um beijo ou um toque, mas se envergonhava do que fizera para que chegassem até aquela situação e era tarde demais para consertar tudo.

– Michael – falou Jolene e ele sentiu as lágrimas arderem em seus olhos –, se cuide.

Era tão pequeno aquele adeus; mais provas do naufrágio em que se encontravam.

– Cuide-se *você*. E volte logo para...

– Elas?

– Só volte para casa.

Ele finalmente a tomou nos braços, apertando-a com força. Foi só quando ela se afastou que ele percebeu que o abraço não fora retribuído.

Com um último olhar angustiado, Jolene desapareceu entre os soldados e subiu no ônibus.

– MÃE! – gritou Betsy, correndo toda a extensão do ônibus. Sua voz se perdeu na balbúrdia.

Michael pegou Lulu, que soluçava, e tentou acalmá-la, mas ela estava histérica.

Na última fileira do ônibus, Jolene abriu sua janela. Olhou para a família. O sorriso que abriu falhou quando o ônibus se afastou.

E, assim, ela partiu.

– Eu não disse *eu te amo* – lamentou Betsy, caindo em prantos.

Nos meses antes de Jolene ir embora, Michael dormira do “seu lado” da cama. Via o rio de algodão branco entre eles como uma terra de ninguém, onde a paixão morrera. Agora, naquela manhã em que acordou de fato só, percebeu como aquilo tinha sido falso. Em todos os dias, ele tivera ao lado uma esposa, uma parceira com quem dividira a vida. Estar sozinho era diferente de estar separado,

muito diferente. Durante a noite, várias vezes estendera a mão em busca dela e só encontrara o vazio.

Seu primeiro pensamento ao acordar: ela partiu.

Sentou-se na cama. Ao lado, na mesinha de cabeceira, estava a "bíblia" de Jolene, o imenso fichário com a lista interminável de suas novas responsabilidades. A esposa incluíra tudo o que imaginou que ele pudesse precisar: garantias de eletrodomésticos, receitas, listas de mecânicos, diaristas e babás. Michael pegou a pasta e a abriu na seção "Planejamento diário".

Fazer o café da manhã. (Cada manhã vinha com uma refeição meticulosamente elaborada.)

Fazer as meninas se vestirem. Garantir que escovem os dentes.

Pôr Betsy no ônibus escolar. Chegada: 8h17.

Deixar Lulu na pré-escola. 8h30. Jolene anotara o endereço, o que lhe deu raiva tanto porque a esposa presumira que ele precisaria daquilo quanto porque, de fato, precisava.

Empurrou as cobertas, desceu da cama e cambaleou até o banheiro. Após um banho longo e quente, sentiu-se pronto para começar o dia. Vestiu uma calça azul-marinho de lã e uma camisa social Armani branca impecável e saiu do quarto.

Enquanto andava pelo corredor escuro, bateu nas portas das meninas e gritou para que se levantassem.

No andar de baixo, preparou o café, percebendo tarde demais que colocou pó para duas pessoas. Permaneceu ali parado, esperando com impaciência. Assim que ficou pronto, se serviu de uma xícara.

Só que não estava pronto; o café gotejou, respingando e tostando na superfície quente. Ele colocou de volta o recipiente de vidro da cafeteira, ignorando o chiado e o vapor, e olhou para sua lista.

Hoje era dia de panquecas de palhaço.

Rá.

Mudando de plano, ele abriu os armários, encontrou uma caixa de cereais e a pôs na mesa com um baque. Largou algumas tigelas e

colheres ao lado da caixa, buscou o jornal na varanda e se sentou para ler.

Quando voltou a olhar para o relógio, já eram 8h07.

– Merda.

Jogou de lado o jornal e subiu a escada correndo, abrindo a porta de Betsy. A filha ainda dormia.

– Droga, Betsy, levante.

Ela se sentou devagar, piscando, e lentamente olhou para o relógio ao lado da cama. Deu um grito.

– Você não me acordou a tempo!

O horror no seu rosto seria engraçado em outro momento. Ele sabia como Betsy era precisa, igual à mãe; detestava fazer as coisas às pressas.

– Eu bati na sua porta e chamei você – replicou ele, batendo palmas. – Ande logo.

– Não dá tempo. Não dá tempo. – Ela saiu correndo da cama e se olhou no espelho. – Meu cabelo – grunhiu.

– Você tem cinco minutos para estar na mesa do café.

– Sem tomar banho? – De novo, o horror. – Fala sério.

– Estou falando muito sério. Você tem 12 anos, não pode estar tão suja. *Anda.*

Ela o encarou.

– Depressa.

Ele atravessou o corredor até o quarto de Lulu. Como sempre, a caçula estava dormindo com os braços abertos sobre os cobertores, rodeada por um zoológico de bichos de pelúcia. Ele afastou os brinquedos e lhe deu um beijo, afastando os cabelos embaraçados.

– Lulu, querida, é hora de acordar.

– Não quero – respondeu, rolando para longe dele.

– É hora de ir para a escolinha.

– Não quero.

Ele acendeu a luz e foi até a cômoda. Abriu a gaveta de cima, pegou uma calcinha minúscula com florzinhas cor-de-rosa, uma

calça de veludo amarela de elástico e um casaco verde.

– Vamos, Lulu, você precisa se vestir.

– Essas roupas são de verão, papai. E não combinam. Me dá o casaco amarelo.

– Você vai vestir isto.

– Não vou, não.

– Vai, sim.

– Mamãe me deixa escolher...

– Venha aqui, Lucy – mandou.

Contraindo o rosto, ela saiu da cama e se arrastou até o pai. Enquanto ele a vestia, a menina reclamava o tempo todo.

– Pronto – falou ele quando terminou. – Uma bonequinha.

– Eu tô feia.

– Duvido muito.

Ela pegou o broche com asas de cima da cômoda.

– Coloque em mim, papai. Quer dizer que ela está pensando em mim. Ai! Você me espetou.

– Desculpe – murmurou ele.

Pegando-a no colo, Michael desceu a escada e a levou até a cozinha, onde a colocou em sua cadeira e serviu uma tigela de cereal.

– Hoje é dia de panqueca de palhaço – informou ela, encarando as asas do broche. – Olha no calendário.

– É dia de cereal com açúcar.

– Isso é pra dia especial. Mamãe já tá voltando?

– Hoje, não.

Ele pôs leite na tigela. Betsy entrou na cozinha correndo e parou de repente.

– Eu não posso ir para a escola desse jeito! – gritou, agitando os braços com dramaticidade. – Olha o meu cabelo! – Ele estava todo arrepiado.

– Prenda com um elástico.

Betsy arregalou os olhos e ficou pálida.

– Você já está estragando a minha vida.

– Mamãe ainda não vai voltar – disse Lulu, começando a chorar.

– Coma – ordenou Michael a Lulu. Olhou para Betsy. – Sente-se. Agora.

Lá fora, ele ouviu o ruído de um motor velho e o chiado de marchas. Pela janela da cozinha, avistou o borrão amarelo de um ônibus escolar parado em frente à casa.

– Estou *atrasada* – lamentou Betsy. – Está vendo?

Michael correu para a porta dos fundos e a abriu, gritando:

– Espere!...

Mas era tarde demais. O ônibus estava partindo. Ele bateu a porta.

– A que horas a aula começa? *Isso* não está na maldita lista.

Betsy o encarou.

– Você não sabe?

– Coma. Depois vá escovar os dentes. Saímos daqui a dois minutos.

– Eu não vou para o primeiro tempo – disse Betsy. – Não vou mesmo. Zoe está nessa turma. E Sierra. Quando virem meu cabelo...

– Você vai à escola. Eu tenho que pegar a balsa.

Michael consultou o relógio e fez uma careta. Iria perder a balsa, o que significava que perderia a primeira reunião do dia.

Betsy cruzou os braços.

– Estou em greve de fome.

– Está bem – rebateu ele, irritado. – Passe fome.

Pegou os pratos e os pôs na pia, com cereal, leite e tudo o mais. Encontrou as botas de borracha rosa de Lulu na área de serviço e apanhou-as.

Na cozinha, Betsy não tinha saído do lugar. Estava na cadeira, com uma expressão de rebeldia, o queixo levantado e os olhos apertados.

– Eu não vou chegar atrasada. Todo mundo vai olhar para mim.

– Quem você pensa que é, a Madonna? Um dia com o cabelo ruim não impede que você vá à escola. Pegue a mochila.

– Não.

Michael a encarou.

– Pegue a mochila e fique pronta, Betsy, senão eu entro com você no primeiro tempo segurando a sua mão.

Ela abriu a boca, horrorizada, e a fechou com força.

– Tá. Tô indo.

Ele olhou para a sala, onde Lulu estava encolhida no sofá, com sua manta e uma orca de pelúcia, assistindo ao vídeo de Jolene lendo uma história para ela.

– Lulu, venha, deixe eu pôr as botas em você. Venha aqui.

– Ela está usando a tiara – disse Betsy, ríspida.

Michael foi decidido até a caçula e pegou-a no colo. Com o movimento, a tiara escorregou de sua cabeça.

– Eu tô *inbisível*! – gritou.

Ele a carregou, gritando e se contorcendo, até o carro e prendeu-a na cadeirinha. Betsy, furiosa e em silêncio, sentou-se ao lado da irmã.

Lulu caiu em prantos.

– Eu quero a minha mamãe!

– Sim – respondeu Michael, dando a partida no carro. – Todos nós queremos.

A primeira semana sem Jolene quase acabou com Michael. Ele não fazia ideia de quanto havia para fazer na casa e com as crianças. Se sua mãe não tivesse aquela energia infinita, precisaria contratar um empregado em tempo integral. Mila tinha caído do céu, sem dúvida alguma. Jolene tinha inscrito Lulu em uma creche após a pré-escola, até as quatro. Assim, a mãe dele podia trabalhar até quase essa hora, buscar Lulu e chegar à casa de Michael a tempo

de receber Betsy, para que a menina nunca encontrasse a casa vazia – uma das regras mais rigorosas de Jolene. Quando Michael chegava, às seis, sua mãe geralmente já preparara o jantar e lavara roupa. Ela estava carregando uma grande parte do fardo.

Mesmo assim, Michael não estava se saindo bem. Nunca conseguia prever a reação de Betsy às coisas mais simples. Ela era capaz de chorar por causa de nada e, cinco segundos depois, ter um ataque de fúria. E cuidar de Lulu também não era fácil. Usava aquela tiara quase o tempo todo. Jurou que ficaria invisível até Jolene voltar para casa e, quando Michael ignorava a brincadeira e a pegava mesmo assim, dava gritos infernais e chorava com saudade da mamãe.

E ainda havia o caso Keller, que dava todos os sinais de virar um desastre. Keith ainda não falara com ninguém, nem com o psiquiatra indicado pelo juiz. Michael abrira mão de seu direito a um julgamento rápido, mas, no momento, sua capacidade de ir a julgamento era uma preocupação legítima.

O telefone tocou.

– Michael? O Sr. Keller está aqui.

– Mande-o entrar.

Michael fechou a pasta e abriu um bloco de notas. Edward Keller entrou devagar no escritório, parecendo nervoso. Era um homem grande, de cabelo preto bem curto e bigode escuro e basto, à la Tom Selleck. Vestia jeans e camisa xadrez e estava pálido e suando.

Michael ficou de pé e estendeu a mão.

– Oi, Ed. Eu sou o Michael. É um prazer finalmente conhecer você.

Ed apertou sua mão.

– Minha mulher não quis vir. Ela tentou... mas ainda não consegue falar sobre isso. A Emily era como uma filha para nós. É muito duro...

– Eu entendo – disse Michael, e era verdade. Ele vivia em um mundo de crimes e vítimas; muitas vezes testemunhava o terrível

pesar que vinha com a constatação de que um ente querido cometera um crime hediondo. Ed e sua esposa eram as vítimas esquecidas em um caso assim.

– Ele não fala comigo – falou Ed. – Só fica sentado, olhando para a parede.

– Para ser franco, Ed, esse é o nosso grande problema agora. O único que fala é o promotor e eu não gosto do que ele anda dizendo. Acusaram o Keith de homicídio doloso e afirmam que uma testemunha vai dizer que ele confessou o assassinato.

Ed estava arrasado. Deixou-se afundar na cadeira.

– Ele era um rapaz tão bom... Popular. Simpático. O tipo de garoto que pergunta se a pessoa precisa de ajuda para carregar as compras e como foi o seu dia. Ele teve várias namoradas e se divertiu muito na escola, mas, quando conheceu a Emily, soube logo de cara que ela era a mulher certa.

– E quando começou a desandar?

– O quê?

– O casamento.

– Ah. Nunca.

– Ed – disse Michael, contido –, algo deu errado.

O homem olhou para as mãos.

– Já nos fizemos essa pergunta um milhão de vezes. *Ele parecia estar deprimido? Ouvi eles brigarem alguma vez? Ele já afirmou que não estava feliz?* Nossa família olhou de todos os ângulos. Eles eram felizes, ou era o que nós pensávamos. Ela mal podia esperar que ele voltasse do Iraque. Escrevia para ele todo dia.

Michael ergueu o olhar de súbito.

– Iraque? Não há menção alguma a ele servir no Iraque nos meus papéis. Só diz que é fuzileiro naval e foi dispensado com honras.

– Ele fez duas missões. Quando voltou da segunda vez, não era a mesma pessoa.

– Como assim?

– Todos percebemos que ele estava diferente. Se você o pegava de surpresa, algo fácil de acontecer, ele se virava tão depressa que assustava. Eu sei que ele não dormia muito. Emily me disse que ele começou a dormir com um revólver carregado ao lado da cama. Que Deus me perdoe, mas eu falei a ela que um homem precisava proteger a família.

Michael escreveu *TEPT* e sublinhou.

– Você sabe se ele alguma vez bateu em Emily?

– Nos últimos dias, antes do... você sabe, eu pensei nisso. Keith andava muito tenso e irritado. Em um jantar de família, brigou com o irmão por uma bobagem. E o olhar dele assustou todos nós. Não era o nosso Keith. Quando fui conversar sobre isso, ele me disse que tinha tomado muito café, mas eu não acreditei. Acho que o que quer que tenha acontecido com ele no Iraque é a causa da morte de Emily.

Michael acrescentou ao bloco de notas: *O que aconteceu no Iraque? Capacidade reduzida?*

– Ele procurou ajuda?

– Ele tentou. O Departamento de Veteranos o mandou para casa com uma receita de Prozac.

Michael ficou batendo a caneta na mesa, pensativo. Então seu cliente tentara pedir ajuda ao Exército e não conseguira. Muito bom. E não era de surpreender.

– Muito bem, Ed. Vou fazer algumas pesquisas com base no que você me contou, mas preciso conversar com Keith e preciso que ele fale com um psiquiatra. E necessário que isso aconteça depressa.

– Ele não vai...

– Se ele não falar, vai para a prisão. Provavelmente pelo resto da vida.

Ed pareceu ficar em choque, como Michael pretendia. No silêncio que se seguiu, Michael suspirou.

– Eu não quero assustar você, mas não posso ajudar seu filho se ele não falar comigo. Toda história tem dois lados. Eu tenho que

ouvir o dele.

– Vou convencer Keith a falar – disse Ed.

Michael o encarou.

– Faça isso, Ed, e rápido.

Dez



A primeira semana em Fort Hood passou em meio a um turbilhão de aulas, tarefas, papelada e palestras. Haviam se passado tantos anos desde seu tempo na ativa que Jolene se esquecera de que a vida militar era tão burocrática e que se perdia muito tempo "correndo para esperar". Ela ficara os últimos sete dias inteiros parada em alguma fila – ou assim parecia. Eram filas para suprimentos, para assistir a palestras, para assinar documentos. Havia o Processo de Preparação do Soldado e mais testes clínicos, exames, vacinas, verificações financeiras e atualização de registros pessoais.

O dia começava cedo em Fort Hood; o café da manhã era às quatro e meia. Em seguida, havia aulas sobre tudo o que eles precisariam saber no Iraque: aranhas, escorpiões, AEIs – artefatos explosivos improvisados –, assédio sexual, armas químicas. A lista era interminável. As piores filas eram para os telefones. Haviam recomendado a Jolene que deixasse o celular em casa, pois não funcionaria no Iraque. Seguir o conselho tinha sido um erro. Ela passava boa parte do tempo de descanso de pé na fila para ligar para casa. Com frequência, quando chegava a sua vez, já era tarde demais para falar com as meninas. As poucas conversas que tivera com Michael foram curtas e secas. Nenhum deles dissera *eu te amo*. Depois, ela se sentia mais só do que antes de ligar.

Agora, a Unidade Charlie estava sob o sol escaldante do Texas, com todo o equipamento, caminhando por uma rua de terra da cor

de sangue seco. Jamie ia à frente. Um falcão solitário voava em círculos no alto, curioso, sem dúvida se perguntando por que aqueles adultos de uniforme e capacete, armados com M-16s e 9 milímetros, andavam por ali naquele calor. A todo momento, iam para a lateral da estrada e procuravam AEIs fictícios.

Jolene sabia que isso era importante, até questão de vida ou morte, mas eles eram uma unidade de aviação que iria fornecer apoio e complementar uma brigada de aviação de combate. Se ela se encontrasse em um blindado numa rua em Sadr ou Bagdá, seria porque algo dera tão errado que um AEI seria apenas uma de suas preocupações.

E, nossa, como estava quente.

Quando terminaram o treinamento e chegaram à área de tiro, o suor escorria de debaixo do capacete de Jolene.

– Zarkades, venha para cá!

– Sim, senhor.

Ela correu até seu lugar e ergueu o rifle. Mirou e puxou o gatilho.

– Bom tiro, chefe. Mais dez iguais a esse e pode começar a rodada com munição viva.

Durante as quatro horas seguintes, Jolene seguiu todas as ordens: ficar de pé, sentar-se, rastejar, atirar, correr. Em seguida, ela e Tami atravessaram a base, na esperança de que as filas para os telefones estivessem um pouco menores àquela hora.

Já havia pelo menos quarenta soldados em linha, de pé sob o calor do sol poente, lendo, conversando, ouvindo música.

Jolene andou mais devagar.

– Droga.

Estava prestes a dar meia-volta quando viu Smitty, o quarto na fila, acenar para ela. Mesmo sujo de terra e com suor escorrendo pelo rosto, parecia ter idade para ser seu filho.

– E aí, Smitty? – cumprimentou Jolene, indo em sua direção.

Ele sorriu, o aparelho à mostra.

– E aí, chefes?

Tami postou-se ao lado de Jolene.

– Vai ligar para sua mãe ou tem alguma namorada esperando um telefonema?

– Estou guardando o lugar para vocês duas – respondeu ele. Ao ver suas expressões surpresas, acrescentou: – Acabei de lembrar que minha namorada ainda está no trabalho. Tenho que esperar pelo menos mais uma hora. Além disso – ele deu um sorriso acanhado –, eu iria gostar se minha mãe me ligasse.

Smitty se afastou, deixando um buraco na fila.

– Tem certeza de que não tem ninguém para você ligar? – perguntou Jolene. – E os seus pais?

– Não. Hoje eles estão viajando para visitar minha avó.

Jolene olhou para Tami, que abriu um grande sorriso.

– Você é o cara, Smitty – falou Tami.

As mulheres entraram na fila e Smitty se afastou, assoviando.

Quando o telefone ficou livre, Tami fez sua ligação. Jolene ouvia a voz cantarolada da amiga, batendo o pé com impaciência e passando os dedos no tecido grosso da calça. Finalmente, chegou sua vez. Tami desligou e Jolene se apressou em pegar o fone, quente de tanto ser usado, e ligou para casa.

Betsy atendeu.

– Alô? – disse, e então gritou: – É minha mãe!

Jolene se apoiou na lateral do edifício, aquecida pelo sol, e tentou ignorar a fila de soldados atrás, mas era impossível. Ela os ouvia se moverem, falarem, rirem.

– Oi, Betsy. Como foi sua semana? Desculpe não poder ligar ontem. Ficamos ocupados todo o dia e a noite.

Betsy disparou a contar a história de um incidente traumático na escola. Ela teria sido escolhida por último para os times de vôlei na educação física. Sierra e Zoe tinham tramado a humilhação, e apontaram e riram até que Betsy gritou e as mandou calarem a boca, levando uma detenção.

– *Eu* fiquei de castigo! E foi tudo culpa delas. Você pode falar com o professor de educação física para me livrar disso?

Jolene tinha dez minutos no telefone e Betsy já tinha usado seis para contar a história.

– Querida, eu não posso, mas se você...

– Já sei. Você está ocupada demais. Não se preocupe, mãe. Lulu! Sua vez!

– Não fique assim, Betsy – pediu Jolene, sentindo a culpa aumentar. – Nós temos tão pouco tempo para falar...

– Óbvio.

– Vou mandar um e-mail assim que puder, está bem?

– Eu já disse, mãe, não se preocupe. Eu não preciso de você. Lulu está aqui.

– Betsy. Eu te amo.

Só se ouvia respiração do outro lado da linha; então Lulu atendeu, com uma vozinha esganiçada. Ao fim de uma história sobre algo que ela tinha feito para Jolene com macarrão e barbante, a menina falou:

– Eu quero que você leia uma história pra mim hoje.

– Eu não posso, querida.

Lulu caiu em prantos.

– Papai, ela ainda não tá voltando...

– Oi, Jo – disse Michael um segundo depois; sua voz soava tão cansada quanto ela se sentia de repente.

– Lulu não disse tchau nem *eu te amo*.

– Ela está chateada, Jo. Vai passar. Como você está?

Já fazia onze minutos que Jolene começara a falar. Os soldados na fila começavam a se impacientar.

– Ela está tendo pesadelos de novo? Se estiver, precisa da mantinha amarela e da faixa cor-de-rosa.

– Poxa, Jo, você achou que as meninas iriam se despedir da mãe, ver ela marchar para a guerra e ficar bem?

Atrás dela, alguém exclamou:

– Vamos, dona. Todos aqui têm família.

Havia tanto a se dizer, mas ela não tinha tempo. O silêncio de Michael lhe dava nos nervos.

– Vou mandar um e-mail para Betsy agora à noite. Você pode lhe mostrar antes de ela ir para a escola?

– Claro. Seu tempo acabou?

– Acabou.

– Ótima conversa, Jo – concluiu, tão baixo que ela mal escutou.

Jolene sussurrou *tchau* e desligou. Outro soldado se aproximou e pegou o fone.

Ela se afastou e percebeu que Tami chegou ao seu lado. Começaram a andar juntas para os dormitórios.

– Betsy passou dez minutos me contando sobre o dia dela e me pedindo para ligar para o professor para ele tirá-la do castigo – disse Jolene.

Tami riu baixinho.

– Então nós vamos para a guerra, mas a maternidade não muda. E Michael?

– Ele perguntou se eu pensei que as meninas iriam ficar bem quando eu fosse para a guerra.

– Nem estamos na guerra.

Jolene suspirou.

– Como está Seth?

– Ele me ama, está com saudade e tem orgulho de mim. Pelo menos é o que me disse. Segundo Carl, ele não está dormindo bem, tirou o Xbox da tomada e não quer mais jogar videogames. Não quer mais ver gente de mentira explodindo. E quando eu penso em quantas vezes pedi para ele desligar aquele jogo idiota...

– Como vamos lidar com tudo isso? – perguntou Jolene em voz baixa.

Tami não sabia o que responder. No dormitório, pegaram o kit de higiene e foram para os chuveiros. Depois, dirigiram-se até os refeitórios e se sentaram junto com diversos integrantes da Unidade

Charlie, inclusive Jamie e Smitty. Foram envolvidas pelo cheiro de molho de carne que cozinhara por tempo demais e milho que virara uma papa. As vozes monótonas dos soldados lembravam a de um motor a jato.

Smitty punha colheradas de milho na boca em um ritmo alarmante, falando ao mesmo tempo sobre o treino de tiro. Jamie olhava para o prato de comida, cutucando o bolo de carne com o garfo. Parecia distante de todos e Jolene compreendia a sensação.

– Temos que nos focar, Jo – disse Tami. – Agora, em primeiro lugar somos soldados. Tem que ser desse jeito, senão...

– Vamos morrer – completou Jolene baixinho. Sabia que Tami tinha razão; ela já pensara o mesmo diversas vezes. Sem dúvida, era isso também que ocupava os pensamentos de Jamie. O objetivo dos exercícios de guerra, no fim das contas, era a guerra. Jolene precisava armazenar os sentimentos pela família em um compartimento e deixá-lo escondido. – Não consigo parar de sentir saudade. Eu me sinto culpada o tempo todo. Fico pensando que, se souber dizer a coisa certa ao telefone, todos vamos ficar bem.

– Carl e eu falamos sobre isso antes de eu vir. Ele disse que eu precisava deixar de ser parte dele e começar a ser parte disto. Falou que sabia que eu o amava e que meu trabalho era pensar em mim e nos homens e mulheres à minha volta. – Tami olhou para a amiga. – Daqui a duas semanas, vamos estar em outro país, Jo. Você precisa se desligar de Poulsbo. Tenha confiança no Michael, ele vai segurar as pontas.

– “Tenha confiança no Michael” – repetiu ela em tom sarcástico.

– Você não tem escolha.

Jolene sabia que Tami estava certa, mas falar em se desligar era mais fácil do que colocar em prática. Ela conhecia a sensação de ser abandonada na infância e, embora aquela situação fosse diferente, bastante diferente, não tinha certeza de que as crianças de fato entenderiam por que a mãe as tinha deixado.

– Como os homens fizeram todos esses anos, indo para a guerra e deixando os filhos?

– Eles tinham mulheres – respondeu Tami com simplicidade.



Tarde da noite, depois que Tami pegara no sono, Jolene abriu o laptop. Estava tão cansada que tinha dificuldade de manter os olhos abertos, mas precisava escrever para a filha.

Querida Betsy:

Sinto muito por não poder ajudar com a detenção. De qualquer forma, você não iria querer ouvir o que eu tenho para dizer sobre isso. O que importa é que você infringiu as regras. Nossas ações sempre têm consequências. É bom que você aprenda isso cedo. É claro que Sierra e Zoe estão erradas por provocar você e são cruéis por rirem de você. Mas é a sua reação que mostra quem você é.

Eu tenho muito para falar e me sinto péssima por não estarmos juntas. Mães e filhas têm que ficar abraçadinhas no sofá e conversar sobre todo tipo de coisa. Logo vamos fazer isso, você vai ver. Até lá, se eu pudesse, ajudaria você a enfrentar os momentos difíceis na escola. Eu sei muito sobre garotas cruéis.

Quando eu tinha a sua idade, ninguém gostava de mim. Eu era a garota de roupas velhas e sem dinheiro para comprar comida. Eu tinha vergonha de convidar alguém para ir na minha casa, então não fazia amigos. Era terrível. Eu me sentia sozinha. Não quero isso para você.

As garotas me ignoravam e caçoavam de mim. E eu também as ignorava, mas isso só fazia eu me sentir mal comigo mesma.

Sabe o que ajudou? Entrar para o Exército, e não porque me ensinaram a voar (ou não só por causa disso), mas porque foi lá

que eu conheci Tami.

Eu tinha medo de falar com ela no começo. Ela era muito confiante e não parecia se importar de nós sermos as únicas mulheres no curso de voo. Na primeira semana inteira, eu a ignorei porque imaginei que ela não iria gostar de mim. E sabe de uma coisa?

Ela estava ESPERANDO que eu puxasse uma conversa.

Foi aí que eu aprendi a importância de um sorriso. Deixe que as pessoas saibam que você está disposta a ser amiga delas e, se lhe derem uma chance, aproveite. Não tenha medo. Com Tami, tudo o que precisei fazer foi criar coragem para dizer "oi", para me sentar do lado dela no refeitório. Você nunca sabe quando uma frase, um "oi", pode mudar sua vida.

Eu queria poder estar aí para dizer como você é linda, inteligente e talentosa, mas, por enquanto, temos que ficar com estas palavras só na tela. Seja forte, Betsy. Acredite em você e tudo vai dar certo.

Eu te amo até a lua, ida e volta.

Não era o bastante. Nem de longe. Mas era o que podia fazer estando ali. No dia seguinte ela escreveria para Lulu. Bocejou e enviou o e-mail.



Na última quinta-feira de maio, Michael acordou cedo e deixou o café da manhã pronto. Pensou que, caso se adiantasse e a rotina das meninas estivesse no horário, ele se sairia bem. Desde a partida de Jolene, estava sempre atrasado – para reuniões, para a balsa, para o jantar. Algo sempre dava errado. Hoje estava determinado a ter uma manhã tranquila e agradável.

Percebeu que tinha perdido seu tempo quando Betsy entrou na cozinha usando mais maquiagem do que uma dançarina de cabaré.

– Você só pode estar brincando – reclamou, baixando o jornal.

Betsy virou as costas para ele.

– O quê? – perguntou a menina, abrindo a geladeira.

– Você não vai para a escola com essa maquiagem.

Ela o encarou.

– Que maquiagem?

– Eu só uso óculos para leitura, Betsy. Não sou cego. Vá lavar o rosto.

– Senão o quê?

– Senão... – Michael estreitou os olhos – eu me ofereço para ser voluntário na sua aula hoje. Estudos sociais. Vocês não estão lendo a Constituição?

– Você não faria isso.

– Duvida?

Ela o olhou durante um longo tempo, depois bateu o pé no chão e saiu da cozinha. Quando voltou, fez de tudo para irritar, batendo portas de armários, resmungando, tratando mal Lulu, que chorou durante boa parte do café da manhã e perguntava sem parar quando mamãe voltaria.

No trabalho, ele passou o dia tirando o atraso de tudo o que deixara de fazer nas últimas semanas, mas era demais. Administrar a firma e defender seus clientes o sobrecarregavam. Naquele momento, estava requerendo uma pesquisa nos registros militares de Keith Keller, algo que deveria ter feito semanas antes.

Ligou para a secretária.

– Ann? Alguma notícia de Keith Keller?

– Não, Michael.

– Obrigado.

Voltou a olhar para os papéis espalhados sobre a mesa. Quando esticou a mão para pegar uma caneta, seu celular tocou.

– Oi, Michael – disse sua mãe. – Desculpe por ligar enquanto você está no trabalho, mas meu pneu furou. Estou no shopping de

Tacoma para aquela feira de jardinagem. Não vou conseguir voltar a tempo de pegar Lulu e estar na sua casa antes de Betsy chegar.

– Você está bem?

– Sim, sim. Estou esperando a assistência. Sarah Wheller ficou responsável por deixar Betsy em casa depois do treino de atletismo. Por volta das cinco. E a saída da Lulu é às quatro e meia.

Ele consultou o relógio. Eram 15h33. A próxima balsa sairia em vinte minutos. Se a perdesse, Betsy encontraria a casa vazia – um pecado mortal segundo a enorme lista de Jolene. Se bem que, francamente, não entendia por que uma garota de 12 anos precisava de alguém para recebê-la em casa.

– Está bem, mãe. Obrigado.

– Me desculpe por complicar o seu dia. Droga, meu telefone está apitando. Será que a bateria está no fim? Michael? Você me ouviu?

– Estou aqui, mãe. Não tem problema. Obrigado.

Ele desligou, pegou o trabalho que precisaria levar e saiu da sala, falando com Ann ao passar pela mesa dela:

– Deixei o requerimento na mesa para você. E tente falar com o pai de Keller de novo, lembre-o que eu preciso falar com o filho dele. Se precisar de mim, estou no celular.

– Seu compromisso às 16h15...

– Cancele. Preciso sair agora mesmo – disse enquanto saía.

Lá fora, um chuvisco constante caía das nuvens baixas. Os faróis dos carros brilhavam em meio à chuva, parecendo uma fila infinita de bolas amarelas difusas que avançavam devagar pelas ruas molhadas. À medida que se afastava do escritório, letreiros borrados de neon comprovavam o passado negro da cidade – lojas de armas, livrarias proibidas para menores e bares escuros e decadentes. Seguiu o trânsito intenso até o terminal de barcas, xingando a cada sinal vermelho e olhando para o relógio.

Percebeu que estava enrascado quando viu a fila para a entrada. De repente, lembrou que era quinta-feira antes do feriado prolongado. Os turistas estavam todos na rua, já a caminho da

Bainbridge Island e da bela Península Olímpica. Batucando com os dedos no volante forrado de couro, avançou centímetro a centímetro, seguindo o carro à sua frente até que chegasse a sua vez de comprar a passagem.

– Qual balsa? – perguntou secamente.

– Seis e vinte.

– Merda.

Michael calculou rapidamente: se esperasse a balsa, estaria em casa no mínimo às 19h20.

Mas ele poderia fazer o contorno; a península de Kitsap ficava só a 35 minutos de balsa desde o centro de Seattle, mas também era possível passar por Tacoma e alcançar Poulsbo pelo continente. Chegaria em casa em menos de duas horas e ainda eram só 15h45. Passaria por Tacoma antes da hora do rush.

– Obrigado.

Ele saiu da fila e voltou a atravessar a cidade. Em menos de dez minutos, estava voando baixo pela autoestrada I-5 Sul. Ligou para a mãe, que não atendeu. Provavelmente ficara sem bateria. Depois telefonou para a creche e avisou à professora que chegaria tarde para buscar Lulu.

Quatro horas.

E, sim, ele não estaria em casa quando Betsy chegasse.

Sabia o que Jolene diria, o olhar desapontado que lhe daria, mas seriam só alguns minutos de atraso – quinze ou vinte. Pelo amor de Deus, Betsy tinha 12 anos. Podia passar quinze minutos sozinha. Até trinta.

Ele pôs música bem alta – um CD do U2 ao vivo – e se concentrou em dirigir na chuva, que agora aumentara. Estava indo bem até chegar à Narrows Bridge, com seus altos pilares verdes.

E o trânsito parou. Ao longe, avistava-se o brilho das luzes vermelhas de ambulâncias.

– Droga – reclamou. Ligou para casa e deixou uma mensagem para Betsy: – Estou preso no trânsito, Betsy. Espere só um pouco.

Estarei em casa o quanto antes. Às seis, no máximo. Se quiser, me ligue. Estou no celular.

E esperou... e esperou... e esperou em meio ao engarrafamento, a chuva turvando o para-brisa. Sentia sua pressão subir, mas não tinha como resolver a situação. Às 17h40, ligou para casa de novo.

– Droga, Betsy, atenda.

Como não teve sucesso, desligou e telefonou para a casa da mãe. Ela também não atendeu, então ele deixou outra mensagem.

Eram quase 18h20 quando foram retirados os bloqueios e o trânsito voltou a andar. Michael pisou no acelerador e disparou. Quando parou no estacionamento da creche, estava com uma dor de cabeça latejante. Dentro da casa pequena e bem-cuidada, encontrou a professora esperando.

– Desculpe – disse ele, afastando o cabelo do rosto. – Tinha um acidente na ponte. Feio. Eu vim o mais rápido que pude.

Ela assentiu.

– Acontece, eu sei. Mas Lulu está chateada.

A professora foi para o lado e, através da porta aberta, Michael viu Lulu sentada sozinha na sala de recreação de cores vivas, rodeada de bonecas e bichos de pelúcia.

– Você tá atrasado – afirmou ela, olhando-o. – Todas as mamães já vieram.

– Eu sei. Desculpe.

Ele a ajudou a vestir o casaco, se despediu da professora e a carregou para o carro.

Lulu não falou em todo o trajeto para casa, mas, sinceramente, a última das preocupações de Michael naqueles dias era se uma menina de 4 anos estava zangada.

Em casa, deu um tapinha no bumbum dela e disse que fosse boazinha.

– Betsy! Cheguei! – gritou, fechando a porta. – Eu sei que você está brava, mas desça para falar comigo.

Largou a pasta na mesa da cozinha e afrouxou a gravata.

– Betsy? – chamou de novo.

– Ela não tá aqui – disse Lulu.

– O quê? – Michael olhou para a filha. – Como assim?

Lulu ficou ali parada, segurando a manta amarela surrada.

– Betsy não tá em casa.

– O quê?

Gritou tão alto que Lulu levou um susto. Ele saiu correndo e subiu a escada; chegou no quarto de Betsy e abriu a porta com um safanão, berrando seu nome.

Sem resposta.

Correu por toda a casa aos gritos, até confirmar: ela não estava ali.

Embaixo, Lulu estava chorando.

– Ela sumiu. Ai, não... alguém roubou ela...

– Ninguém roubou Betsy – resmungou com raiva enquanto ia até o telefone e ligava para a mãe. Quando ela atendeu, perguntou: – Por que você não ouve as mensagens? Betsy está com você?

– O quê? Eu acabei de chegar. O que está acontecendo?

– Eu cheguei tarde em casa – explicou ele, murmurando um palavrão. – Ela não está aqui.

Desligou antes que a mãe pudesse responder. Sentiu um medo forte e profundo.

– Vou ligar para as amigas dela – disse, pegando o telefone de novo e ficando imóvel. – Lulu, droga, pare de chorar. Quem são as amigas da Betsy?

Lulu gemeu.

– Eu não sei. Ela *sumiu...*

Michael telefonou para a escola e ouviu uma gravação fora do horário de funcionamento.

Xingando, desligou.

– Talvez ela fugiu – sugeriu Lulu.

Michael foi para a varanda. A chuva caía forte contra o gramado, formando poças lamacentas na entrada de carros. Pensou na baía, nas águas frias e profundas de que suas filhas tanto gostavam.

– Betsy! Cadê você?

Quanto mais gritava seu nome, maior era seu pânico e mais Lulu chorava. O que ele tinha na cabeça? Devia ter deixado o carro no centro, cruzado na maldita balsa a pé e pegado um táxi. Ou podia ter ligado para Carl. Por que não tinha pensado nisso? *Droga.* E se um cara tivesse visto Betsy sair do carro e seguiu até a casa vazia...?

Chamando a filha de novo, pegou Lulu como se fosse uma bola de futebol americano, perpendicular ao corpo, e correu sob a chuva em direção ao vizinho. Ajeitando a menina no colo enquanto corria, chegou à casa de Carl e Tami em menos de um minuto. Bateu na porta com força.

Carl abriu.

– Michael, o que foi?

Michael enxugou os olhos molhados de chuva.

– Betsy devia estar em casa, mas não está. Eu pensei que talvez ela estivesse aqui.

Carl balançou a cabeça devagar e Michael sentiu o estômago se revirar. Por um instante, pensou que passaria mal.

Seth entrou na sala, chupando um pirulito. Segurava uma edição surrada de *Um estranho numa terra estranha*, vestia jeans justo, tênis de cano alto e uma camiseta velha do jogo *Gears of War*. O cabelo preto estava preso em um coque de samurai, ressaltando o rosto fino.

– O que foi?

– Betsy não está em casa – respondeu Carl. – Michael está preocupado.

– Aposto que eu sei onde ela está – declarou Seth.

– Sério? – perguntou Michael. – Onde?

Seth jogou o livro no sofá.

– Esperem aqui.

Ele correu para fora. Michael e Lulu o seguiram pela entrada de carros. Carl pegou um guarda-chuva e se juntou a eles ao lado da

caixa de correio. Seth parou no meio-fio, olhou para os dois lados e atravessou, chegando à praia.

Ela não pode ir para perto da água sozinha. A chuva ressoava no guarda-chuva, abafando o som de suas respirações.

Minutos depois – minutos que pareceram horas –, Seth reapareceu, com Betsy ao lado. Vinham subindo pelo caminho da praia até a rua. Ambos estavam encharcados.

Michael sentiu um alívio tão grande que quase caiu de joelhos.

– Betsy, graças a Deus.

Enquanto eles se aproximavam, viu como sua filha estava zangada e magoada.

– Como você *pôde*?

– Me desculpe, Betsy.

Ela afastou o cabelo molhado do rosto.

– Você tem que estar aqui quando eu chego!

– Eu sei. Eu sei.

– Eu *não* posso chegar em casa e não ter ninguém.

– Desculpe. Mas eu acho que você já tem idade para chegar em casa sozinha.

– Aaaah! – exclamou ela. Empurrou-o e andou a passos largos para dentro de casa, batendo a porta.

Michael olhou para Seth, agradecido.

– Obrigado, Seth.

– É a árvore grande ao lado da doca dos Harrisons. Ela sempre fica lá quando está chateada.

– Ah. Bom. Obrigado.

Sentiu vergonha ao ver que o filho do vizinho conhecia Betsy melhor do que ele. Deu meia-volta e foi para casa. Ao entrar, envolveu Lulu em uma grande toalha e a pôs na frente da TV antes de subir até o quarto de Betsy.

Ela estava de costas. O cabelo molhado pingava, escurecendo a camiseta. Estava olhando pela janela.

– Me desculpe, Betsy. Se você tivesse ouvido...

A filha se virou e o encarou.

– Você não entende? Eu pensei que você tivesse morrido.

– Ah.

Como é que ele não pensara nisso? Jolene certamente reconheceria o medo de Betsy e a protegeria. É claro que Betsy temeria perder o pai.

– Sinto muito, Betsy. Eu errei. Não vai acontecer de novo. Está bem?

Os olhos da menina se encheram de lágrimas. Ela os enxugou, impaciente.

– Eu vou estar sempre aqui do seu lado.

– Rá.

Lá embaixo, o telefone tocou. Um instante depois, Lulu exclamou:

– É a mamãe!

Betsy passou por Michael e desceu correndo as escadas.

Ele a seguiu, relutante. Não era um bom momento para um telefonema.

– Mãe – disse Betsy, segurando o telefone contra a orelha, furiosa –, meu pai não estava aqui quando eu cheguei hoje. Ele me esqueceu. Se *você* estivesse aqui, isso não teria acontecido.

Lulu se atirou contra Betsy.

– Me devolve! Eu estava falando com ela...

Betsy a empurrou. Lulu caiu sentada e gritou:

– Eu quero falar!

– Betsy – repreendeu Michael –, deixe Lulu falar também.

A garota fez uma careta, mas deixou a irmã entrar na conversa. As duas se sentaram juntas à mesa, falando ao mesmo tempo.

Suspirando, Michael foi para a cozinha e se serviu uma bebida. Em dez minutos, Betsy lhe deu o telefone.

– Ela quer falar com você, pai. Ela não tem muito tempo. Como sempre.

Michael foi para a sala e sentou-se.

– Oi, Jo.

– Sério, Michael? Você se esqueceu dela?

– Se você vai me dar um esporro, não precisa, Jolene. Eu já estou péssimo.

Houve uma pausa.

– Você a assustou, Michael.

– Me diga algo que eu não saiba.

Outra pausa.

– Vamos partir amanhã – informou ela. – Para o Iraque.

– Já passou um mês?

– Já, Michael.

Na insanidade das últimas quatro semanas, se esquecera daquela data, quase esquecera que ela iria para a guerra. Não tinha *realmente* esquecido, é claro, mas a lembrança tinha sido soterrada pelo caos dos seus dias. Até agora Jolene tinha estado em segurança, então fora mais fácil para ele pensar só em si próprio.

– Eu não sei como vai ser a comunicação em Balad nem quanto tempo vamos ficar lá. Vou manter contato sempre que puder. – Fez uma pausa. – Michael, seria muito legal se as meninas me mandassem cartas ou e-mails, se tivermos internet.

Imaginou os dias da esposa lá, como ela se sentiria vazia sem as meninas. Era meio embaraçoso que Jolene precisasse pedir aquilo. Ainda mais que ele sabia como era difícil para ela pedir favores para o marido ou qualquer um.

– Vou cuidar disso – garantiu.

– Obrigada. Bom, preciso ir. O pessoal aqui está impaciente.

– Jo?

– Oi?

– Fique em segurança. Cuide-se.

Jolene suspirou.

– Tchau, Michael.

– Tchau.

Ele só queria voltar para a cozinha, pegar a garrafa de bebida e acabar de tomá-la. Até pensou que não seria má ideia ficar bêbado.

Em vez disso, ligou para a pizzaria, encomendou o jantar e subiu a escada. A porta do quarto de Betsy estava aberta. Ele olhou para dentro, viu que não havia ninguém e caminhou até o banheiro. A filha estava se olhando no espelho, cutucando o rosto.

– Acho que não é bom você espremer – recomendou ele.

Betsy se virou e gritou:

– SAI DAQUI! – E bateu a porta na cara do pai.

Michael ficou ali um bom tempo, esperando que ela mudasse de ideia e pedisse desculpas, mas foi em vão.

Finalmente, voltou para baixo e encontrou Lulu assistindo mais uma vez ao vídeo de despedida de Jolene. Ele grunhiu.

A pizza chegou. Michael pagou ao garoto e jogou-a sobre a mesa, gritando:

– Jantar!

– Pizza é pra aniversários, papai. Não pra jantar – falou Lulu com um suspiro.

Ela passou por ele e subiu na cadeira ao mesmo tempo que Mila entrava em casa, parecendo irritada.

– Nunca mais desligue na minha cara, moço. Betsy está bem?

– Ela está aqui – respondeu Michael. – Não sei se está bem.

– Graças a Deus. De agora em diante...

– Por favor, mãe. Deixe a bronca para amanhã. Foi um dia infernal.

Mila o encarou.

– Você precisa fazer melhor do que isso, Michael – afirmou, com a voz contida.

– É. Já sei.

Antes que a mãe dissesse algo que o fizesse se sentir pior, ele saiu da cozinha e foi para o escritório, onde, felizmente, estava silencioso. Fechou a porta e se deixou afundar na cadeira em frente à escrivaninha.

Ele não ia conseguir dar conta daquilo, pensou. E *aquilo* era cuidar das filhas.

O que havia de errado com ele? Como podia ser tão bem-sucedido em um tribunal, na firma e com os clientes, mas ser um completo fracasso com a própria família?

Suspirou. Sua mulher tinha partido havia menos de um mês e ele já estava cansado daquela situação.

Onze

Na manhã seguinte, Betsy continuou sem falar com o pai. Michael acordou cedo, preparou o café e deixou as crianças pontualmente na escola. Quando entrou no seu escritório – depois da hora –, já estava cansado. Mas pelo menos ali ele se sentia competente.

Às onze, recebeu a ligação que estivera esperando.

Keith pedira uma entrevista. Até que enfim.

Michael pegou suas anotações e saiu da firma. Após quinze minutos, chegou ao presídio de King County e sentou-se em uma sala lúgubre.

Keith entrou vestindo um macacão laranja, com os pulsos algemados à frente e correntes nos tornozelos que arranhavam o piso de lajotas de pedra.

– Deixe-nos a sós – pediu Michael para o guarda. – E tire as algemas.

– Senhor...

– Tire as algemas. Eu estou ciente dos riscos.

O guarda franziu a testa, mas obedeceu, e então saiu e permaneceu do outro lado da porta. Keith se sentou à mesa de frente para Michael, com as costas rígidas. Sob a luz pálida, ele parecia surpreendentemente jovem. O cabelo raspado tinha crescido e parecia uma coroa loura irregular sobre o rosto.

– Meu pai disse que eu tenho que falar com você.

– Estou tentando tirar você da cadeia. Aliás, você não está facilitando o meu trabalho.

– Já passou pela sua cabeça que eu não mereço ser salvo?

– Não – respondeu Michael, com a voz calma. – Não passou. E nem pela do seu pai. Ou da sua mãe, que, pelo que sei, chora a noite toda.

– Golpe baixo.

Michael abriu o bloco de notas e tirou a tampa da caneta.

– Você sabe por que estou aqui, Keith. Você prometeu a seu pai que me contaria o que aconteceu naquele dia. E dizem que os militares sempre cumprem as promessas.

– Eu matei o amor da minha vida – retrucou Keith, e enfim seu olhar demonstrou emoção. – Devo ter matado.

– O quê? O que quer dizer com “devo ter matado”?

– Eu estou louco – falou Keith em voz baixa. – Devo estar. Eu não me lembro de atirar na minha mulher. Isso parece normal para você?

Michael examinou seu cliente. Aquela realmente era a primeira notícia boa que ele tinha no caso. Detestava ser frio a ponto de detectar a dor e pensar *que bom*, mas esse era seu trabalho: raciocinar a partir do sofrimento. Ainda que a lei fosse um conjunto de regras codificadas, a justiça não era tão dura. Em um julgamento, sempre havia espaço para a ambiguidade, a emoção, a empatia.

– Me conte o que aconteceu, Keith. Minuto a minuto.

Keith fixou os olhos na parede. Michael viu o olhar vazio retornar à expressão do jovem.

– Ela queria ir ao mercado de Pike Place. Eu sabia que era má ideia, mas não sabia por quê, não sabia dizer por quê. E sabe, eu amo... amava Emily e fazia o que ela queria, principalmente depois de voltar do Iraque.

– Por que principalmente?

– Estava difícil conviver comigo. Toda hora eu tinha que me redimir por alguma coisa. Mas enfim, fomos para o mercado. – Fez uma

pausa tão longa que Michael já ia pedir que ele continuasse, quando Keith voltou a falar. – Fazia sol naquele dia. O mercado estava lotado. Pianistas, ilusionistas, mágicos, vendedores, mendigos. Não era possível dar um passo sem alguém esbarrar em você, passar correndo na sua frente ou tentar vender alguma coisa. – Ele olhou para as mãos trêmulas. – Eu comecei a ficar nervoso, tenso. Então eu tomei uma dose de tequila no Athenian, mas não deu para me acalmar. Fiquei muito agitado. Eu fico agitado por qualquer coisa ultimamente. Naquele dia, tudo me assustava, fazia meu coração acelerar. E era muita coisa acontecendo. A todo momento eu achava que as pessoas estavam me perseguindo. Então, quando Emily foi escolher flores, eu corri para o Athenian e tomei mais umas doses.

– Quantas?

– Muitas. – Keith suspirou. – Eu *sei* que beber não ajuda. Emily e eu andávamos brigando por causa disso. Ela achava que eu bebia muito e ficava violento. E naquele dia eu senti isso. Fui ficando violento.

– Você bebia muito antes de ir para o Iraque?

Ele deu de ombros.

– Não.

– E depois?

– Demais. Às vezes, ajudava a diminuir os... gritos na minha cabeça. Mas não ajudou naquele dia.

– Só piorou.

Keith assentiu.

– Quando a gente estava saindo do mercado, e eu estava puto e muito bêbado, um mendigo veio para cima de mim. Emily disse que ele só se levantou, mas para mim não foi o que pareceu. Talvez ele tenha se erguido muito rápido, e era um cara todo ferrado, de cabelo preto longo e uma barba tipo Jesus, e eu dei um soco tão forte no homem que ele caiu. Eu vi espirrar sangue do nariz dele. Emily começou a gritar que não sabia mais quem eu era, e tudo... eu me

chacoalhava tanto que eu não conseguia ficar parado. Depois disso, só me lembro de ver Emily deitada no chão da nossa sala. – Suas mãos estavam no colo, se abrindo e fechando. – Foi como se eu acordasse no pesadelo de outra pessoa. Tinha sangue por toda parte, em mim, na parede, na Emily. Estava faltando metade da cabeça dela. Eu me abaixei e tentei fazer boca a boca e massagem cardíaca. Eu gritava e chorava o tempo todo. Foi só quando eu vi o revólver, o meu revólver, que eu percebi o que tinha feito.

– E isso é tudo que você lembra.

– Sim.

– Está bem. Eu preciso que você converse com um psiquiatra. Pode fazer isso por mim, Keith?

– Claro. Mas não vai fazer diferença. Eu não preciso de um médico para saber que estou maluco.

Michael olhou para seu cliente, pensando: *Esse garoto precisa da minha ajuda.* Sabia que tudo estava contra ele e, pela primeira vez em muito tempo, sentiu esperança. Aquele podia ser um caso do tipo que importava. Desejou que seu pai estivesse ali para compartilhar com ele.

– Vou marcar a consulta.

Querida mãe:

Você NÃO vai acreditar. Meu pai comprou um celular para mim. O primeiro só meu. Ontem eu estava no refeitório e pus o celular na mesa e você tinha que ver a cara da Sierra. Ela nem ACREDITOU. Só o pessoal do ensino médio tem celular. Eu falei para a Sierra que ela podia usar se quisesse e ela fez uma ligação e depois foi para a aula comigo. Você disse que um sorriso fazia toda a diferença. Talvez você esteja certa. Talvez ela queira ser minha amiga de novo. Eu sinto falta dela. Bom, eu tenho que ir, meu pai está me chamando aos gritos. Como sempre. Ele está totalmente estressado. Ontem ele esqueceu de

tirar o lixo antes do caminhão passar. Todo mundo está com saudade de você. Beijos, Betsy.

Querida Betsy:

Estou feliz de saber do seu presente. Vai ser bom para emergências. Cuide bem dele e use-o com juízo. Tenho que dizer que quem se deixa "comprar" assim não é exatamente uma amiga, mas podemos conversar sobre isso depois. Eu FINALMENTE vou para o Iraque hoje. Escrevo de novo quando chegar lá. Eu te amo até a lua, ida e volta.

Mamãe.

P.S.: Espero que você esteja ajudando o seu pai em casa...

Quando Jolene desceu do avião de carga e pisou na areia plana de Balad, parecia que estava entrando em uma fornalha. Grãos minúsculos de areia flutuavam invisíveis no vento quente e entravam em tudo: olhos, orelhas, narinas, cabelo, garganta. Jolene queria proteger a boca e o nariz com as mãos, mas ficou imóvel, os olhos lacrimejando, à espera.

Havia muito para esperar: instruções, suprimentos, transporte. A viagem parecia ter levado séculos. Do Texas para Alemanha, Kuwait, Tallil, Al Kut e, finalmente, a base aérea de Balad.

O vento escaldante atravessava a base. Em questão de segundos, Jolene estava suando. Após o que pareceram horas, ela e Tami foram alocadas em um pequeno trailer com paredes revestidas de madeira cheias de furos de tachas e pregos dos ocupantes anteriores. Um par de camas arqueadas e dois armários metálicos riscados eram a única mobília.

Jolene deixou a bolsa pesada cair no chão; ergueu-se uma nuvem de poeira em torno dela. A poeira, ela já sabia, era um dos muitos elementos novos da sua vida. Sentou-se na cama estreita, que rangeu, segurando os lençóis novos, de tecido rústico, e o travesseiro que trouxera de casa.

– Precisamos de fotos e pôsteres – comentou Tami, tossindo ao se sentar na sua cama. – Com o Keanu ou o Johnny.

Jolene suspirou e olhou para a amiga. O trailer tinha cheiro de pó e calor e dos homens que o habitaram antes. O vento fazia o trailer vibrar e pressionava janelas e portas, tentando entrar. De repente, soou um alarme.

Jolene chegou à porta primeiro. Abriu-a para Tami, segurou o pulso da amiga e a puxou. O alarme e os alto-falantes estavam em um poste bem perto do trailer e o aviso repetitivo – PARA OS BUNKERS! – era tão alto que ela não conseguia ouvir mais nada.

Havia dezenas de bunkers de cimento posicionados em torno da base. Jolene e Tami correram até o mais próximo e entraram.

Não havia mais ninguém ali. Sentaram-se no chão, no escuro, enquanto tiros de morteiro ressoavam ao redor. Choveram lascas de cimento. Em algum lugar perto, um foguete caiu com força e explodiu. O cheiro acre de fumaça se esgueirou pelas rachaduras na porta.

E então acabou.

Jolene se levantou e não se surpreendeu ao ver que as pernas estavam um pouco trêmulas.

– Percebeu que somos as únicas aqui? – indagou Tami. – Onde está todo mundo?

Jolene abriu a porta. O sol brilhante as cegou. No ar pairava uma fumaça preta que fazia os olhos arderem. Em todas as direções, viu soldados que agiam como se nada tivesse acontecido. Iam de bicicleta de um trailer a outro, faziam fila em banheiros químicos, jogavam futebol americano. Voltou-se para Tami.

– Disseram que Balad se chamava Morteirópolis. Acho que já sabemos por quê.

O alarme soou de novo. Tiros de morteiro explodiram à sua esquerda, destruindo uma parede de cimento. A fumaça foi na direção delas.

– Vai levar um tempo até nos acostumarmos com isso – constatou Tami quando tudo voltou a se acalmar.

Jolene olhou para a melhor amiga e soube que estavam tendo o mesmo pensamento. Durante o próximo ano, poderiam morrer a qualquer momento de qualquer dia, quando estivessem sentadas no trailer, jogando cartas ou tomando banho.

Como era possível conviver com a certeza de que, a qualquer instante, poderia ser morta, mutilada, despedaçada? Pior do que seu medo era a preocupação com as filhas. Pela primeira vez, ela realmente pensou: *E se eu não voltar para casa? Como as minhas filhas vão sobreviver sem mim?*



Naquela noite, após um longo dia preenchendo documentos, conhecendo as pessoas ao lado de quem serviria e ouvindo palestras sem fim sobre tudo, de escorpiões até o uso de rádios de sobrevivência, Jolene enfim chegou aos chuveiros às onze horas. Como havia muito poucas mulheres na base, as filas eram curtas, mas ali uma mulher não andava sozinha no escuro. O Exército evoluíra muito, mas não o suficiente. Recomendava-se que tivessem “companheiras de batalha”.

Depois do banho, ela e Tami voltaram para o trailer em silêncio.

Ao entrarem, Tami desabou na cama e logo caiu em um sono profundo.

Jolene já tinha passado do ponto da exaustão, mas estava agitada demais para conseguir dormir, então pegou o laptop e começou a escrever uma mensagem para a família. Ainda não tinha acesso à internet, e talvez ficasse assim ainda por um bom tempo, mas podia fazer o texto e, no dia seguinte, descobrir como enviá-lo pelo centro de comunicações. Precisava se conectar à família agora e esse era o único método de que dispunha.

Ela os imaginou em detalhes: a família, *sua* família, junta no sofá, unida em torno do e-mail. Betsy o leria em voz alta.

A base foi bombardeada quatro vezes hoje e nós só acabamos de chegar.

Jolene imaginou a reação a essa frase... e soube como suas mensagens teriam que ser.

Meus amores, escreveu, sentido uma pontada de saudade tão forte que era difícil continuar. Respirou fundo.

O voo até aqui foi longo e tenho que admitir que estou cansada.

Betsy, você não imagina como tudo é plano e da mesma cor, como trigo seco. E nossa, que calor! Acho que eu já estava suando antes de descer do avião.

Tami e eu dividimos um pequeno trailer. É mais ou menos como imaginei que a faculdade seria. Então precisamos de fotos e pôsteres para deixar mais aconchegante. Vocês podem nos ajudar? Mando fotos quando puder...

Jolene digitou tudo o que lhe passou pela cabeça. Quando sua energia acabou, fechou o laptop e o pôs no armário. Foi aí que notou o diário cor-de-rosa que Betsy lhe dera de aniversário. Estendeu a mão, colocou-o no colo e o abriu. Pretendia devolvê-lo para Betsy quando voltasse, mas, em menos de 24 horas, constatou que isso não aconteceria. Ela precisava ter um lugar onde pudesse ser sincera, pois, de agora em diante, era a chefe Zarkades e não poderia demonstrar medo nem hesitação, assim como não poderia contar a verdade à família.

Abriu o diário e escreveu.

MAIO DE 2005

Este diário seria para você, Betsy. Eu tinha a intenção de anotar as minhas impressões aqui e, quando voltasse para casa, daria a você, dizendo “tome, aqui está tudo o que eu pensei enquanto

estávamos longe”. Pensei em lhe dar todos os conselhos de que você precisaria, em ser sábia e prestativa. A mãe perfeita, mesmo a um mundo de distância.

Mas a verdade é que ser sua mãe está partindo o meu coração. Preciso descobrir como ser forte, como deixar de lado meu amor por você e Lulu. Se não conseguir, não vai ser bom para ninguém.

Aqui, nestas páginas que você me deu, eu tenho que falar comigo mesma. Espero que escrever sobre o meu medo o diminua. Talvez, algum dia, eu dê o diário a você, quando tiver idade para não me julgar com muita severidade.

A base foi atacada quatro vezes hoje. Na quarta vez, quando o alarme disparou, Tami e eu só nos olhamos, demos de ombros e ficamos no trailer. Eu continuei guardando as minhas roupas, mas ouvia o zunido dos mísseis e os tiros de morteiro, e pensei: será que eu vou poder dizer adeus às minhas meninas? E aí acabou.

Acabou.

É uma palavra que tem aparecido cada vez mais na minha vida ultimamente. Como o meu casamento.

Acabou.

Eu me sinto muito só aqui, sem o Michael. Às vezes finjo que ele ainda está me esperando em casa. Que ele ainda me ama.

Então eu acordo com o barulho de bombas. Estou aqui há um dia e eis o que eu penso: vou morrer aqui.

Por que não pensei nisso antes?

Michael saiu do escritório por volta de meio-dia e foi para o norte da cidade. Parou o carro em uma rua e verificou o endereço que anotara. Olhou pela janela, franzindo a testa. Sim, era ali.

O consultório do psiquiatra não inspirava confiança. Ficava em uma casa malcuidada de meados do século, em um trecho feio da Aurora Avenue. O tráfego passava por ela, buzinando.

Michael estacionou entre uma picape enferrujada e um reluzente carro elétrico verde. Seguiu por uma calçada rachada e com mato até um pórtico ligeiramente desnivelado.

Bateu na porta da frente, que se abriu quase de imediato, revelando um homem mais velho e meio desengonçado, com cabelo grisalho até a altura do ombro e rosto longo e enrugado. Usando um terno azul xadrez, que estava fora de moda havia pelo menos duas décadas, e uma camisa verde-limão, parecia um cruzamento do protagonista de *A lenda do cavaleiro sem-cabeça* com um roqueiro britânico decadente. Devia ter 70 anos, mas algo nele era estranhamente jovial.

Michael torceu para que ele não fosse o médico. O júri gosta de especialistas com aparência de especialistas.

– Você deve ser Michael Zarkades – disse o homem, estendendo a mão. – Christian Cornflower. A maioria dos meus pacientes me chama de Dr. C. Entre.

O doutor deu um passo atrás. No primeiro cômodo, uma mulher jovem, de cabelo roxo e piercing no nariz, estava sentada atrás de uma mesa antiga caiada, digitando em um teclado enquanto falava ao telefone. Acenando para ela com a cabeça, o médico conduziu Michael através de uma sala cheia de confortáveis poltronas estofadas e mesas de carvalho antigas. Um papel com padrão de rosas revestia as paredes, também decoradas com telas de ponto cruz com chavões como *hoje é o primeiro dia do resto de sua vida.*

Por fim, chegaram ao que provavelmente era o aposento principal da casa. Uma janela grande emoldurava uma linda macieira antiga, repleta de folhas verdes brilhantes e pontilhada de pequenas frutas tenras. As paredes tinham painéis de madeira dos anos 1970, cobertos com mais frases de efeito e molduras com diplomas de Harvard, Johns Hopkins e Berkeley.

O médico sentou-se atrás de uma mesa antiga de mogno. Michael acomodou-se à frente, em uma confortável poltrona de veludo vermelho.

– Devo dizer, Dr. Cornflower, que você foi altamente recomendado. Estou defendendo um jovem...

– Keith Keller.

Michael franziu a testa.

– Eu não dei o nome do meu cliente pelo telefone.

Christian deu de ombros.

– Eu posso ter a aparência de quem esteve em Woodstock, evento que, infelizmente, eu perdi, mas não se deixe enganar. Eu sou inteligente, Michael. Você foi incumbido da defesa quase impossível de Keith Keller, que deu um tiro na cabeça da mulher e depois se entrincheirou em casa durante horas, ameaçando se matar. Passou na televisão, ora essa. Uma equipe da SWAT o capturou, manchado de sangue, na frente das câmeras. Todos sabem o que ele fez. Eu sabia que, se você fosse esperto, e eu esperava que fosse, mais cedo ou mais tarde bateria na minha porta.

– E por quê?

– Sou especializado em transtorno de estresse pós-traumático. No instante em que eu soube que Keith Keller é ex-fuzileiro naval, procurei a ficha dele. Keller cumpriu duas missões no Iraque. – Balançou a cabeça. – É um crime o tratamento negligente do Departamento de Veteranos dado aos soldados que voltam do Iraque. Quando essa maldita guerra acabar, vamos ter centenas de milhares de soldados profundamente traumatizados tentando pôr a vida de volta no lugar. Esse caso do Keith vai se tornar algo comum se não começarmos a ajudar esses jovens.

Michael pegou um bloco de notas.

– Prossiga.

– Eu estive no Vietnã. 1967. Vi em primeira mão a guerra engolir homens bons. No Vietnã, pelo menos tínhamos aonde ir para nos desestressar. No Iraque, nada e nenhum lugar está a salvo. A

mulher sorridente que acena pode explodir o soldado que vai ajudá-la a atravessar a rua. Isso acontecia de vez em quando no Vietnã, mas é supercomum no Iraque. As ruas estão cheias de artefatos explosivos que matam qualquer um que passar. Há bombas em montes de lixo, em animais, em pessoas, em fossas. Não se está a salvo em lugar algum. Os nossos soldados estão voltando com transtorno de estresse pós-traumático em um grau extremo.

– O TEPT extremo pode diminuir a capacidade de alguém de pensar racionalmente?

– Sem dúvida. Essa é a grande questão neste caso. Keith não é um cara malvado aleatório que matou a mulher e alega ser louco. Ele serviu ao país e, mesmo que tenha voltado sem ferimentos físicos, a discussão não termina aí. Mas seria necessário falar com ele para fazer um diagnóstico preciso.

– Pode me explicar um pouco mais como o TEPT atua?

– É bem possível que o Keith nem tenha tido consciência de que estava matando a mulher. Pode ter ficado desorientado a ponto de não saber onde estava ou o que fazia. É claro que não posso afirmar com precisão até falar com ele. Mas posso dizer com autoridade que são muitos os soldados que voltam com um TEPT devastador, e esse transtorno pode fazer um soldado perder o controle. Tudo indica que Keith Keller era um homem de bem antes da guerra.

Michael ficou batendo no bloco com a caneta, pensando nas possibilidades. Cornflower acabara de lhe dar a defesa do homicídio doloso, mas era algo delicado. Os júris sempre relutavam em aceitar uma defesa com base em capacidade reduzida. E detestavam a insanidade.

Christian uniu as pontas dos dedos das mãos.

– O TEPT é um transtorno psiquiátrico legítimo há décadas. Uma pessoa pode ficar incapacitada. As coisas que acontecem lá... bom... você deve saber mais do que qualquer um.

Michael franziu a testa.

– Como assim?

– Pelo que sei, sua família é militar. Sua esposa é piloto de helicóptero e está servindo agora mesmo no Iraque, não é?

– Você faz mesmo o dever de casa.

– Gosto de saber com quem estou falando. Sua mulher lhe conta muita coisa?

Michael não gostou do modo como o médico o examinava. Mexeu-se na poltrona, desconfortável.

– Ela acabou de chegar lá, mas não deixam as mulheres entrarem em combate. Na maioria das vezes, vai transportar pessoas mais importantes.

– Ah – fez ele, observando Michael, então sorriu. – Ela é mãe. Seu instinto é proteger. Claro. – Fez uma pausa.

– Claro o quê?

– O que você precisa saber é: alguns clichês são verdadeiros e a guerra certamente é um inferno. É sentir medo o tempo todo, menos quando a adrenalina age com tanta força que você é capaz de explodir. É ver pessoas a quem você ama de verdade serem esfaceladas bem do seu lado. É ver uma perna em uma fossa e pegá-la para pôr em um saco porque nenhum homem, nem mesmo uma parte do seu amigo, pode ficar para trás. É a noite escura da alma, Michael. Lá não há linha de frente. A guerra envolve tudo, todos os dias, em todo lugar a que se vá. Alguns lidam com isso melhor do que outros. Não sabemos por quê, mas sabemos disto: a mente humana não consegue processar de modo seguro ou saudável aquele grau de carnificina, incerteza e horror. Simplesmente não consegue. Ninguém volta o mesmo de uma guerra.

– Você pode se encontrar com o Keith e avaliá-lo? Para basear a minha defesa em TEPT, eu preciso de um diagnóstico.

– É claro – respondeu Christian. – Eu ficaria honrado de ajudar aquele jovem.

Honrado. Ali estava uma palavra que Michael não escutava havia muito tempo em relação a um de seus clientes. A maioria deles era bastante culpada. Ele se orgulhava de ser uma parte importante do sistema de justiça criminal, mas raramente se orgulhava de defender um cliente.

Pensou em Jolene, para quem a honra era tão importante. Ela teria gostado de vê-lo defender este caso. Levantou-se e apertou a mão do Dr. Cornflower, agradecendo.

Durante todo o trajeto para casa, pensou em Keith e nesta nova defesa... e no que teria acontecido no Iraque com aquele jovem bom e decente.

Então, seus pensamentos mudaram: *Jolene, o que está acontecendo com você?*

Chegou em casa tarde, como sempre, e percebeu no olhar de Betsy que ela contara os minutos para usá-los contra ele. A ideia de outro ataque de fúria adolescente, e merecido, era mais do que ele suportaria.

Sua mãe entrou na cozinha.

– Eu não tive problema em ficar mais uma hora. Não se preocupe.

– Obrigado, mãe – disse, enquanto o telefone tocava.

Em algum lugar, Betsy gritou, a plenos pulmões:

– Eu atendo!

Ouviu passos firmes descendo a escada. Michael deu um sorriso constrangido e acompanhou Mila até a porta dos fundos.

– Obrigado de novo, mãe.

Ela lhe deu um beijo no rosto.

– Aliás, chegou um e-mail da Jolene. Lulu está morrendo de vontade de ler, mas eu a lembrei da regra: ninguém lê até você chegar. E ela está um pouco... agitada.

Michael deu um beijo na mãe e a viu andar até o carro. Pensou, não pela primeira vez, que não daria conta daquilo sem ela. Quando Mila partiu, ele entrou na cozinha e se serviu de uma bebida.

Lulu surgiu, decidida.

– Chegou um e-mail da mamãe. Podemos ler agora?

– Eu posso beber alguma coisa e trocar de roupa primeiro?

– Não, papai, eu tô esperando há um *tempão*.

Michael olhou o calendário de Jolene e viu que o jantar de hoje devia ser frango assado e arroz. Pensou que isso envolvia uma lata de sopa de cogumelos.

– Está bem. Vá chamar a sua irmã. Encontro vocês no meu computador.

Lulu subiu a escada correndo. Segundos depois estava de volta, o rosto contraído, as bochechas vermelhas.

– Ela tá no telefone.

– Fale para ela desligar.

– Ela não quer.

– Bom, podemos esperar...

– *Nãonãonãonão!* – gemeu Lulu. Lágrimas escorreram.

Michael sabia que era ele quem mandava ali, mas, francamente, não queria sequer pensar em Lulu dando um ataque. Com um suspiro, subiu a escada e encontrou Betsy no quarto, falando ao telefone.

– Você pode ligar de volta depois, querida? Vamos ler a carta da sua mãe antes que Lulu tenha um ataque.

A menina virou as costas e continuou falando.

– Betsy – disse ele em tom de ameaça.

– Sai daqui, pai. Estou no *telefone*.

Michael tirou o fone das mãos da filha.

– Ela liga de volta em dez minutos – falou, e desligou.

Parecia que tinham apertado o botão de uma ogiva nuclear. Betsy gritou *era a Sierra!* tão alto que ele ficou temporariamente surdo.

– Vamos ler a mensagem agora. Desça.

Michael deixou-a ali parada, tão furiosa que quase soltava fumaça, e foi até o escritório, onde instalou Lulu na cadeira da sua mesa e foi para o sofá esperar Betsy. Não demorou muito. Ela desceu a

escada pisando duro e entrou no quarto como a Rainha Vermelha, resmungando:

– Tá bom, cadê a mensagem idiota?

Betsy empurrou Lulu para o lado e se sentou, então a caçula subiu no colo da irmã, dizendo:

– Lê, Betsy.

Betsy abriu o e-mail. Uma foto preencheu a tela do computador. Nela, Jolene e Tami estavam de pé na frente da tenda de um mercado ao ar livre, passando o braço uma pelo ombro da outra. Tudo estava apagado, meio sem cor, como se estivesse chovendo ou ventando muito. Mas os sorrisos brilhantes se destacavam.

– Mamãe. – Lulu apontou para Jolene.

Betsy desceu a barra de rolagem e começou a ler a mensagem em voz alta.

– O voo até aqui foi longo...

...e tenho que admitir que estou cansada.

Betsy, você não imagina como tudo é plano e da mesma cor, como trigo seco. E nossa, que calor! Acho que eu já estava suando antes de descer do avião.

Tami e eu dividimos um pequeno trailer. É mais ou menos como imaginei que a faculdade seria. Então precisamos de fotos e pôsteres para deixar mais aconchegante. Vocês podem nos ajudar? Mando fotos quando puder...

Hoje jantamos no refeitório. Lulu, serviram a sua sobremesa favorita: torta de pêssego. Não estava tão gostosa quanto a da Yia Yia Mila, mas me fez pensar em vocês.

Nós somos uma unidade de substituição da 131ª. Todo mundo que conhecemos é ótimo. Com certeza vamos fazer muitos amigos.

Bom, pessoal, é melhor eu dormir.

Penso em vocês o tempo todo e amo vocês até a lua, ida e volta.

Beijos e abraços,
Mamãe.

P.S.: Boa sorte na prova de matemática, Betsy. Eu sei que você vai arrasar. Tenho orgulho de você! ☺

– Lê de novo – pediu Lulu. – A minha parte. Papai, diz pra ela ler de novo – choramingou.

– Pronto, já li. Grande coisa. Faz calor lá – retrucou Betsy. Voltou-se para Michael. – Agora posso subir e ligar para a Sierra?

– Está bem – concordou Michael, quase sem prestar atenção.

Quando a filha passou correndo, ele se levantou do sofá e foi para a frente do computador. Olhou para a fotografia das duas mulheres de uniforme, sorrindo para a câmera.

– Ela parece contente – disse Lulu.

Michael pensou no que aprendera hoje e não conseguia conciliar as informações com aquela imagem. Pensou nas descrições que ouvira da guerra, sobre encontrar partes dos corpos dos amigos, bombas ao longo das estradas e chuva de estilhaços.

Duas mulheres, melhores amigas, sorrindo para a câmera.

Entendeu de repente o que Cornflower quisera dizer. *Ela é mãe. Seu instinto é proteger.*

Aquela fotografia era uma mentira, assim como tudo o que ela lhe contara sobre a convocação. *Lá não há linha de frente*, afirmara Cornflower. Logo não havia lugares seguros.

Jolene, sempre a heroína, sempre a mãe, estava suavizando tudo para mostrar que eles não tinham nada com que se preocupar. Ela plantara as sementes desde cedo. *Eles não deixam as mulheres entrarem em combate. Vou transportar gente importante*. *Estarei em segurança.*

Michael acreditara porque quisera. Ele desviara o olhar. Mas não devia ter feito isso. Sabia que era uma *guerra*. Talvez tivesse sido o fiasco político das armas de destruição em massa imaginárias ou o

jogo de gato e rato com Saddam Hussein. Não sabia por que tinha imaginado que se tratava de uma guerra menor, que talvez acabasse logo e com poucas baixas americanas.

Ele vira fotos na imprensa de soldados junto a crianças iraquianas, distribuindo água, posando para fotos, e lera a respeito de ataques suicidas, mas por alguma razão imaginara esses dois aspectos em separado. Quis acreditar em Jolene quando ela lhe disse que ficaria longe do combate.

Ela devia pensar que ele era um idiota.

Michael se ocupara tanto pensando em si próprio, se irritando com o impacto que a escolha dela teria na vida *dele*, que mal considerara a verdade relacionada ao lugar aonde Jolene estava indo e ao que iria fazer.

Como ela se sentiria, à noite, na cama, sozinha e longe de casa, sabendo que a qualquer segundo uma bomba poderia atingir o trailer e matá-la?

O mês de junho pareceu passar voando para Michael; os dias escoavam entre seus dedos. Em casa, ele pensava em trabalho; no trabalho, pensava em casa. Vivia correndo e quase sempre chegando tarde. *Desculpe* era seu novo lema. Nas últimas semanas, usara a palavra mais do que nos últimos anos.

Com o fim do ano letivo, teve que refazer sua agenda. Sua mãe ainda era de grande ajuda com as meninas, mas o verão era a temporada mais movimentada no Polegar Verde e ela não podia passar tanto tempo na casa do filho como antes. Por isso, Michael passou a trabalhar quatro dias por semana. De sexta a domingo ficava em casa, fazendo malabarismos para conciliar as exigências da paternidade com as profissionais. Quando não estava fazendo compras, preparando o jantar ou lavando pratos, escrevia petições e pesquisava casos. Inscreveu as crianças em todas as atividades

possíveis e ainda assim o tempo não dava para tudo. Levá-las para diversos lugares, ou conseguir alguém para levá-las, consumia um tempo absurdo. Na semana anterior, finalmente admitira que não trabalhava tanto quanto precisaria. Passara a maioria dos casos menores para os associados.

Isso lhe deu mais tempo para se dedicar à defesa de Keller.

Naquele dia, o plano era trabalhar nas perguntas para os depoimentos do policial que prendera Keith e do delator da cadeia.

Acordou cedo e desceu para fazer o café. Às dez, deixaria as meninas no Polegar, onde elas "ajudariam" Mila até que ele as buscasse às duas. Não era muito tempo para trabalhar, mas, ultimamente, ele aproveitava o que houvesse.

As perguntas de Lulu começaram logo cedo, uma atrás da outra: *Hoje tá sol, papai. Podemos ir na praia? Mamãe quase sempre leva a gente na praia quando tá sol. Eu podia fazer um castelo de areia. Você sabe fazer castelo de areia, papai?*

Michael não conseguia acompanhar. Apenas murmurou qualquer coisa e se afastou, preferindo tomar o café de pé na frente da TV.

Outro erro. A CNN noticiou que um terrorista suicida matara seis pessoas em um mercado em Bagdá.

O telefone tocou.

– Eu atendo! – gritou Lulu tão alto que provavelmente os cachorros do bairro correram para lá.

Ele viu Lulu atender.

– Mamãe? – Então seu sorriso se desfez e seus ombros tombaram. Ela desligou, voltou para a cozinha arrastando os pés e subiu na cadeira. – É a Sierra – disse, desanimada. – Betsy tá falando com ela.

Quinze minutos depois, Betsy desceu a escada voando.

– Eu vou no shopping com Sierra ver um filme.

Michael se inclinou e desligou a televisão.

– Você poderia reformular essa frase em forma de pergunta?

– Claro. Me dá dinheiro?

Michael se virou, prestes a dizer *você não quer dizer "por favor, pai, eu posso ir ao shopping?"*, mas, quando a viu, até esqueceu a pergunta irônica.

Ela tinha maquiagem suficiente para ser figurante no *Rocky Horror Show* e as roupas eram igualmente inaceitáveis: botas de camurça rosa, uma saia jeans tão curta que parecia uma faixa e uma camiseta de moletom branca que tinha sido cortada para mostrar um pedaço da barriga.

– O que é isso que você está vestindo?

Ela o encarou, irritada.

– Roupas, ué.

– Sua mãe não deixaria você sair de casa assim.

– Ela não está aqui.

– E o que é isso no seu rosto?

– Nada.

– Você está de maquiagem.

– Não estou, não.

Mal acreditou que ela era capaz de mentir.

– Não está, é? Você parece a Tootsie.

– Sei lá o que isso quer dizer.

– Quer dizer, mocinha, que você não vai sair de casa assim.

– Ah, vou, sim. O irmão da Sierra vem me pegar em meia hora.

– O *irmão* da Sierra? E quantos anos ele tem?

– Ele tem carteira.

– Carteira de terceira idade, espero, porque nenhum garoto de 18 anos vai levar você para o shopping.

– Você está destruindo a minha *vida*.

– Eu sei, você já tinha dito isso. Me dê o telefone da Sierra e eu falo com a mãe dela. Se você se vestir como uma humana, eu levo vocês lá.

– Prefiro morrer.

– Sério? Bom, eu penso o mesmo de ir até o shopping. A escolha é sua.

Deu de ombros e voltou a ligar a TV, mudando de canal. A propaganda de um novo filme de Spielberg, *Guerra dos mundos*, preencheu a tela.

Guerra. Estava por toda parte.

Betsy batia o pé no chão.

Michael a ignorou. Nas últimas semanas, ele podia não ter aprendido tudo o que precisaria sobre a criação de uma pré-adolescente, mas aprendera algumas lições valiosas: não ceda. E use os amigos para pressionar. Ah, e tente manter a calma. Dois malucos não acabam bem.

– Tá bom. Vou tirar a maquiagem que eu não estou usando.

– E mude de roupa.

– Aaaah! – gritou ela, correndo para cima.

Michael ouviu os passos no andar superior e balançou a cabeça. Quanto drama...

Entrou na cozinha, onde Lulu estava à mesa, ajoelhada em uma almofada que ela colocara sobre uma cadeira. Tinha um livro de colorir aberto à sua frente, ao lado de uma montanha de giz de cera. Estava fazendo listras vermelhas com toda a vontade em uma bandeira dos Estados Unidos.

– Por que a nossa casa não tem uma bandeira, papai? – perguntou ela. – Pra lembrar mamãe.

Michael parou. Como era possível que ele jamais tivesse pensado nisso antes? Tudo o que aprendera com Cornflower e Keller lhe voltou à mente.

Eles eram uma família militar.

Ouvia aquilo o tempo todo; as pessoas diziam isso e ele desmerecia, pensando *não é bem assim, a minha mulher só está na Guarda*. Só porque *ele* não era do Exército aquilo nunca lhe pareceu real e jamais apreciara ou apoiara o engajamento de Jolene.

Ainda assim, eles eram uma família militar e sua esposa tinha ido para a guerra. E uma menina de 4 anos vira a verdade antes dele.

Michael passou a mão no cabelo de Lulu, vendo-a colorir o desenho de uma menina se despedindo de uma mulher uniformizada.

– Vamos pôr uma – respondeu ele em voz baixa.

Betsy entrou pisando durou e parou ao seu lado.

– Já estou suficientemente horrorosa agora. Posso ir?

Ele se voltou. Betsy vestia shorts cortados que pareciam curtos demais mas não valiam uma briga, uma camiseta com os dizeres *Oops! I Did It Again* e chinelos. Removera boa parte da maquiagem, mas ainda usava rímel azul e blush.

Ela pensava que o pai não enxergava?

– E então? – exigiu, e sua voz falhou.

Michael notou o quanto aquilo importava para ela e ficou perdido. Os jogos que essas pré-adolescentes faziam entre si pareciam ridículos aos olhos dele. Betsy passava de sorridente para descontrolada em um segundo, só por causa do comentário sussurrado de uma ex-amiga. E que ninguém risse do cabelo dela, pelo amor de Deus.

– Vai, pai, é a Sierra. Eu esperei um tempãão para ela me ligar. Eu preciso ir. Por favooor.

Ele se sentiu um covarde, mas não conseguiu recusar. A filha parecia absurdamente desesperada e solitária e ele sabia o quanto aquelas saídas com Sierra significavam para Betsy.

– Você está bonita, Betsy. E pode ir ao shopping. Só me deixe ligar para a mãe da Sierra.

– Eu já liguei. Foi *muito* constrangedor falar que meu pai não queria me deixar ir no carro do Tod.

– Pavoroso – concordou ele.

– Enfim, a Sra. Phillips vai me pegar em dez minutos. Você pode me dar dinheiro?

– Quanto você quer?

– Cinquenta.

– *Dólares?*

– Tá bom. – Ela deu um suspiro dramático. – Vinte e cinco.

Michael tirou a carteira do bolso. Enquanto contava as notas, Betsy deu um grito.

– Chegaram! Me dá o dinheiro, pai. Agora! Rápido! Elas podem ir embora.

– Eu vou com você até o carro.

– Não!

Ele sorriu. Ela fez uma careta.

– Tá bom.

Michael a acompanhou pela entrada de carros, onde uma minivan azul aguardava. Uma mulher estava ao volante.

– Tome, Betsy – disse, dando-lhe 30 dólares. Ela pegou as notas como uma ave de rapina e murmurou algo que talvez fosse uma despedida.

A motorista baixou o vidro.

– Oi – cumprimentou ela. – Eu sou Stephanie. Acho que Betsy pensou que Tod iria dirigir. – Sorriu. – Até parece.

Michael retribuiu o sorriso.

– É bom saber disso. Eu me lembro de quando tinha 18 anos. A concentração na direção não era o meu forte.

– Meu marido diz a mesma coisa. – Stephanie olhou para o banco de trás e então se aproximou. – É bom ver as meninas juntas de novo. Como Jolene está?

As pessoas perguntavam aquilo o tempo todo. Ele nunca sabia o que dizer.

– Bem.

– Diga que eu mandei um abraço.

– Pode deixar.

Ele se afastou, viu o carro ir embora e se dirigiu para casa. Na varanda, parou e olhou em volta. A luz do sol se refletia nas estacas brancas, iluminando as almofadas desbotadas das cadeiras. O gramado da frente ainda era de um verde-escuro vívido; o calor do verão não tinha chegado. Do outro lado da rua, viu uma família

reunida, fazendo uma fogueira e abrindo cadeiras para passar o dia na praia. Em um ano normal, Jolene já estaria lá, com *coolers* e cadeiras.

Voltou para dentro.

– Ei, Lulu – disse, fechando a porta –, quer me ajudar a achar a nossa bandeira?

Doze



Querida mãe:

Eu tive o melhor fim de semana da minha vida! Você não vai acreditar no que aconteceu. Vou começar pelo início. Primeiro, eu ganhei o celular – você se lembra disso –, Sierra achou legal e foi se sentar comigo. Então ela falou comigo na educação física e brigou com Zoe porque a Zoe, tipo, mentiu feio para ela sobre uma coisa que Jimmy disse. Então Sierra é minha amiga de novo! Na semana passada a gente foi no shopping juntas assistir Guerra dos mundos, que foi muito legal.

E adivinha? Zoe estava lá e a gente nem falou com ela.

Meu pai falou que Sierra e eu podemos ir num passeio de caiaque em julho. Legal, né?

Bom, isso é tudo. As coisas aqui estão bem.

Lulu não acha mais que é invisível o tempo todo, então está melhor. Fizemos meu pai colocar uma bandeira.

Bom, eu tenho que ir. Meu pai está pedindo pizza para o jantar de novo e eu quero a minha com abacaxi. Se cuida, mãe.

Beijo, B.

P.S.: Sierra quer saber se você já atirou em alguém.

Querida Betsy:

Uau, quantas notícias! Estou feliz de saber que você e Sierra reataram a amizade. Vocês eram amigas havia tanto tempo, e

esses relacionamentos são importantes. MAS eu também quero que você seja cuidadosa. Eu não esqueci aquela história da Sierra com o cigarro e, sinceramente, acho que ela às vezes é cruel. Cuide-se.

Além disso, você devia pensar no que sentiu quando Sierra e Zoe isolaram você. Você quer mesmo ser o tipo de pessoa que trata alguém daquele jeito, que magoa alguém de propósito? Seja boa com Zoe. Seja a menina que eu sei que você é.

Mas que bom que você está tendo um verão divertido. Eu adoraria estar aí. Sinto muita saudade de vocês.

E não se preocupe comigo. Eu sei que você viu uma matéria na CNN, mas estou bem. Aqui é perigoso, é verdade. Mas, em geral, Tami e eu voamos muito longe das áreas violentas. Transportamos um monte de gente importante e de suprimentos. Você não precisa se preocupar comigo. Sério.

Eu te amo até a lua, ida e volta.

Mamãe.

P.S.: Diga para o seu pai que chega de pizza! E não, eu não atirei em ninguém. Sierra perguntou isso mesmo?

JULHO DE 2005

Uma vez, li num livro do Stephen King a sigla MMDD. Mesma merda, dia diferente. Foi bem assim o último mês no Iraque. Dia após dia levantando à meia-noite e meia, recebendo as instruções da missão, verificando a aeronave e voando.

Hoje eu passei mais de catorze horas trabalhando. A verdade é que Tami e eu estamos tão cansadas na maior parte do tempo que mal conversamos antes de pegarmos no sono. O calor e a areia são insuportáveis. Quase sempre faz mais de 50 graus e eu ainda uso capacete, luvas e coletes à prova de bala. Bom, o meu cheiro depois de uma missão não pode ser bom.

Voamos muito de noite, o que é melhor, pelo menos com relação ao calor. Às vezes damos apoio ao pessoal da evacuação médica e, preciso dizer, não é tarefa fácil. Eu não consigo apagar as imagens da minha cabeça – soldados arrebentados, sangrando, gritando por ajuda.

Ontem mesmo eu acabei me sentando do lado de um garoto, perto de uma das tendas hospitalares. Era jovem – não tinha mais de 25 anos – e eu sabia que não iria sobreviver. Não sou médica, e mesmo agora eu não sou capaz de descrever os ferimentos, que eram horríveis. Eu simplesmente sabia. Enfim, eu segurei a mão dele e o ouvi falar, e o que ele mais repetia era “diga à minha mulher que eu a amo”. Eu disse que faria isso e vou escrever uma carta para ela – o que mais posso fazer? Mas, quando eu fui embora, quando ele morreu, e eu estava ali escutando a guerra, os gritos dos médicos e um helicóptero pousando perto, pensei: O que eu diria no fim? É claro que eu pensaria nas minhas filhas, a quem eu amo mais do que tudo, mas e o Michael? Eu sei que ele não me ama mais – se as palavras não fossem prova suficiente, a falta de cartas desde que eu parti deixa a posição dele muito clara –, mas será que eu ainda o amo?

A verdade é que, no fim, eu o chamaria. Eu sei disso. Eu chamaria um homem que não me quer mais ao seu lado.

Igual à minha mãe.

No fim de julho, Michael e as meninas tinham conseguido se adaptar a uma rotina viável. Betsy fora passar a semana em um acampamento de verão na Orcas Island, onde aprenderia a andar de caiaque; Lulu ficaria com a avó sábado e domingo. A última notícia que ouvira era que elas estavam fazendo coisas com

macarrão seco. Sem as meninas, a casa estava silenciosa. Talvez silenciosa demais.

Estava ficando tarde; a noite começava a cair. Após um longo dia no escritório, Michael chegara em casa, comera uma tigela de cereais com passas e continuara trabalhando. Ele enfim recebera uma cópia do histórico militar de Keith Keller e abrira os documentos na mesa da cozinha, ao lado das transcrições de entrevistas. Na semana anterior, conversara com Ed e a esposa e com o Dr. Cornflower. Também fizera uma lista de possíveis testemunhas, militares e civis.

Tudo indicava que Keith fora um rapaz comum de cidade pequena antes de ir para a guerra. Recebera bolsas de estudo, jogara beisebol e completara o ensino médio. Apaixonara-se perdidamente pela vizinha. Casaram-se em um clube de campo, com DJ e um bar não incluso, e passaram a lua de mel em Honolulu.

E então: 11 de Setembro.

Aquele dia mudara o rumo da vida de Keith. Ele tinha um amigo no voo 93, um colega de escola que viajara para o leste a fim de visitar faculdades. Quando Keith soube da queda e do perigo súbito e inesperado de terrorismo em solo norte-americano, alistou-se como fuzileiro naval.

Ele era um rapaz desse tipo, dissera Ed, balançando a cabeça. *Keith queria resolver a situação.*

E lá se foi Keith para a base e depois para a guerra. Passara duas temporadas no Iraque e, a cada volta, Ed disse que via menos do garoto que criara.

Michael folheou a pesquisa feita por sua equipe. Keith ficara no triângulo sunita, uma das regiões mais mortais da guerra. *Bombas nas estradas atingiam a minha brigada pelo menos duas vezes por dia, todos os dias, durante um ano*, falara Keith. *Era muita merda explodindo à nossa volta. Muitos amigos morrendo... Quando eu voltei para casa, o pior eram os sons. Quando alguém batia uma*

porta ou o escapamento de um carro disparava, eu dava um salto. Uma luz súbita me apavorava loucamente.

Michael recostou-se na cadeira. Por que ele não tinha conhecimento de tudo aquilo, das mortes e da devastação, das sequelas que os soldados sofriam? Caramba, estávamos em 2005. A guerra já acontecia havia um tempo. A verdade deveria ser mais aparente. Os telejornais tinham que mostrar imagens de caixões cobertos por uma bandeira e sendo postos em aviões de carga, de heróis retornando dentro de caixas.

Levantou-se e se afastou da mesa. O caso Keller começava a perturbá-lo profundamente, e não pelas razões habituais. Quanto mais ele lia sobre seu cliente, mais se preocupava com Jolene.

Pegou uma cerveja na geladeira, abriu-a e foi até a varanda. Tocou o vime branco desgastado das costas da cadeira ao seu lado. *Para que comprar móveis novos?*, perguntara Jolene quando acharam aquela cadeira abandonada na rua. Na época, eles tinham mais amor do que dinheiro e Michael era incapaz de lhe negar qualquer coisa, até mesmo uma cadeira usada. *Eu quero uma cadeira com uma história para contar.*

A noite estava silenciosa. Em algum lugar, um coiote uivou; era um som lúgubre, de lamento.

Na rua, uma bicicleta virou na entrada de carros dos Flynns; era Seth. Michael teve uma lembrança súbita de anos atrás, quando Betsy e Seth andavam juntos de bicicleta a toda hora e Jolene se preocupava tanto...

Michael acenou para Seth, que o viu e pedalou até ele.

– Oi, Seth – cumprimentou quando o garoto apareceu sob a luz das lâmpadas da garagem.

Como sempre, Seth estava magro e estranho, com o rosto fino e o cabelo preto liso. Hoje estava todo vestido de preto; não é a melhor escolha quando se anda de bicicleta à noite.

Ele desceu da bicicleta e a segurou ao seu lado.

– Oi, Sr. Z.

– Como você está, Seth?

O menino deu de ombros.

– Acho que bem. Minha avó está comigo. Ela alugou um filme para hoje. Provavelmente é algo família, com um cachorro que fala. Meu pai teve que ir para Ellensburg comprar umas peças de carro. Betsy ainda está no acampamento?

Michael assentiu.

– Até o domingo.

– Ah.

Michael franziu a testa.

– Quer uma Coca?

Seth abriu um sorriso.

– Irado.

Entendeu aquilo como um sim e entrou para buscar um refrigerante. Quando voltou, o menino estava apoiado na balaustrada da varanda; a bicicleta repousava na entrada de cascalho.

Michael se sentou. Ele deveria conhecer bem aquele garoto – desde sempre, estiveram em contato, pois Betsy era sua grande amiga –, mas, sinceramente, mal conversara com Seth em todos aqueles anos. Assim como com Carl. Eles não tinham muito em comum. Até agora.

– Mas então, Seth, o que aconteceu com você e Betsy? Um dia vocês eram unha e carne, aí de repente você sumiu.

– Ela começou a andar com umas garotas que eu chamo de megeras. Sierra e Zoe. Acham que eu sou um lesado. E acho que agora Betsy concorda.

Michael franziu a testa.

– Ela não diria isso.

– Diria, sim – murmurou Seth. – Eu não sou o cara mais popular da escola.

– Eu também não era. E o *quarterback* do time de futebol americano, Jerry Lundberg, agora está em cana. A escola

provavelmente foi o ponto alto da vida dele.

Seth tomou um gole de refrigerante e então falou:

– Ontem teve um bombardeio. Eu vi na CNN. Derrubaram um helicóptero. Você sabia que, quando um dos nossos soldados morre, eles bloqueiam as comunicações na base até que os parentes sejam notificados? Eu fiquei, tipo, esperando o telefone tocar. Mas elas estão bem.

Michael passara o dia no tribunal e não ligou a TV quando voltou para casa.

– Eu não sabia – disse ele, com a voz tensa.

– Minha mãe fica mandando umas fotos dela e da Jo. Parecem fotos de férias, amigas se divertindo. Ela pensa que eu sou idiota.

– Não – replicou Michael em voz baixa. – Não é isso.

Seth o olhou.

– Meu pai diz que a gente tem que acreditar que ela vai ficar bem e vai dar tudo certo.

– É – concordou, olhando para a cerveja pela metade.

– Eu tenho medo de me esquecer dela.

Michael desviou o olhar. Sabia que aquilo podia acontecer; podíamos esquecer alguém. Ele mesmo não tinha feito isso, esquecendo Jolene quando ela estava bem ao lado?

Michael não percebeu quanto tempo passou em silêncio. Seth pigarreou.

– Obrigado pela Coca, Sr. Z. É melhor eu ir. Minha avó chama a Guarda Nacional quando eu demoro e, na nossa família, isso não é piada. Ela liga para o Ben Lomand, que me dá um esporro.

Michael sorriu.

– Foi bom falar com você, Seth. Mande um alô para o seu pai.

Quando o garoto se afastou, acrescentou:

– Um dia desses você devia passar aqui para ver Betsy.

Seth se virou para ele. A tristeza nos olhos escuros surpreendeu Michael.

– Quem me dera.

Se Dante vivesse nos dias de hoje, Michael não tinha dúvida de que ir ao shop- ping com as filhas seria classificado como um dos círculos do inferno. Sobretudo quando o objetivo fosse encontrar um presente de aniversário para a melhor amiga da filha de 12 anos. Já haviam andado durante uma hora, sem achar nada. Ele estava tão farto de olhar para tiaras cintilantes, camisetas rasgadas e pôsteres de *boy bands* que tinha vontade de gritar.

Agora estavam no supermercado, vagando pela seção de maquiagem. Lulu parecia um pitbull preso a uma coleira; ficava agarrando a mão de Michael e puxando-o para a frente, investindo contra qualquer coisa brilhante e barata.

– Ali – disse Betsy, apontando para um estojo pequeno, rosa-choque, que continha diversos itens de maquiagem. – Ela vai gostar disso.

– Sierra pode usar maquiagem?

Betsy o olhou com raiva.

– Eu sou a única que não pode.

Ele a encarou, vendo os borrões de rímel sob os olhos e o blush que parecia pintura de guerra.

– Sei. E você não usa. Certo. Pegue. Vamos.

– É caro.

– Pegue. – Ele pagaria qualquer coisa para sair dali.

– Eu quero alguma coisa, papai – pediu Lulu, puxando-o pela mão.

– Preciso de papel de presente e um cartão – informou Betsy.

Michael tinha certeza de que deixara escapar um grunhido. Ainda assim, seguiu-a enquanto Lulu gritava: *Para, papai! Eu quero isso e isso e isso!*

Na seção de presentes, Betsy parou tão de repente que Michael a atropelou.

– Ai, Betsy... – gritou Lulu.

– Preciso ir no banheiro.

– Ah, Betsy, não dá para segurar até...

A filha se virou para ele.

– *Agora.*

Falou com tanta veemência que Michael franziu a testa. Com outro suspiro, acompanhou-a até o banheiro, mesmo que isso irritasse Betsy e a fizesse sussurrar, pedindo que parasse, mas o que ele podia fazer? Tinha desenvolvido um medo irracional de perder uma das filhas. Tinha pesadelos em que dizia para Jo: *Não sei, eu só desviei o olhar um segundo...*

Sentou-se em uma cadeira desconfortável para esperar.

– Papai, vamos brincar de adoleta? – perguntou Lulu, levantando as mãos como um mímico.

– Ahn?

Antes que Lulu começasse a reclamar, Betsy saiu do banheiro, pálida e aterrorizada. Caminhava de um jeito estranho, como se não conseguisse dobrar os joelhos direito.

Michael se levantou, instantaneamente preocupado.

– Betsy?

A menina olhou em volta. Quando ele repetiu seu nome, mais alto, ela se encolheu.

– Shhhhh!

O pai se aproximou.

– Querida? O que foi?

Betsy o olhou. Tinha a boca trêmula, os olhos arregalados.

– A menstruação veio.

Michael sentiu o estômago se revirar.

– Ah.

– O que é *mestrução*? – perguntou alto Lulu, e Betsy tapou a boca da irmã.

Imediatamente, Lulu gritou.

– Pare, Lulu – sibilou Michael. Para Betsy, disse: – O que a gente faz?

– Eu preciso de... alguma coisa.

– Alguma coisa. Certo.

Ela precisava era de uma mulher, mas isso não aconteceria. Michael pegou-a pela mão e a levou de volta para a loja. A filha caminhava rígida, tentando esconder a parte de trás da calça com as mãos.

Produtos femininos.

Não havia dúvida quanto àquilo. Ele observou as fileiras de pacotes multicoloridos e tentou entender de que ela necessitava. *Abas! Faixas adesivas! Superabsorvente!*

Betsy parecia a ponto de vomitar.

– Rápido, pai. Escolhe algum.

Vamos, Michael. Resolva a situação. Ela precisa de você já.

– Está bem – disse ele com firmeza, aproximando-se dos produtos e lendo as embalagens.

– Pai... – sussurrou Betsy, passando o peso de um pé para o outro. – Anda...

Ele não fazia ideia do que tornava um produto melhor do que outro, então escolheu o mais caro e lhe entregou.

Betsy ofegou.

– Eu não posso comprar isso. E se tiver alguém que eu conheço? Ai, meu Deus...

– Certo. – Ele assentiu. – Encontro você no banheiro.

A expressão de Betsy irradiou gratidão e ela saiu correndo. Michael pegou Lulu, que reclamava e se contorcia. Enquanto andavam até o caixa, ela cantarolava *mestruçãomestruçãomestrução* a plenos pulmões. Michael deu um sorriso amarelo para a moça da loja e depois caminhou depressa até o banheiro, levando uma sacolinha plástica.

Betsy o esperava encostada na parede dos fundos, batendo o pé no chão.

– Você... ahn... sabe usar isto? – perguntou ele.

– Não é física quântica, pai.

Michael percebeu que ela queria ser sarcástica, mas sua voz não saiu no tom certo. Betsy pegou o embrulho e correu para dentro do banheiro.

Pelo menos quinze minutos depois, ela saiu do banheiro devagar, olhando para Michael. Parecia assustada e infantil; algo irônico, pois, em tese, aquele era o início de sua vida adulta. Deu um giro lento.

– Dá para ver alguma coisa?

– Não – respondeu Michael baixinho –, a calça está ok.

– Ufa!

– Podemos ir agora? – queixou-se Lulu.

Michael pegou a caçula no colo e lá foram eles, novamente a caminho da seção de presentes. Enquanto escolhiam o papel e o cartão e compravam fita adesiva e laço de fita, Lulu estava fora de controle, mas seus gritos e pedidos eram mais fáceis de aguentar do que o silêncio de Betsy.

Michael sentiu dó da filha. Sabia que era um daqueles momentos que ficariam guardados na memória e seria lembrado como o dia em que a mãe estivera ausente e o pai a decepcionara.

Ele queria lhe dar algo que aliviasse a dor daquela recordação no futuro. Estava pensando nisso quando passaram pelo balcão de joias.

– Ei, Betsy. Você quer furar as orelhas? Estão com uma promoção hoje.

Betsy ofegou e depois abriu um grande sorriso, exibindo os elásticos vermelhos, brancos e azuis presos ao aparelho.

– Minha mãe diz que só aos 13 anos.

– Já está quase lá. E você já é... mulher agora, eu acho – murmurou ele, desconfortável com essas palavras. – E não precisamos contar para sua mãe.

Betsy deu um forte abraço em Michael.

– Obrigada, pai.

– O quê? Eu *também*! – berrou Lulu, sua voz cada vez mais alta.

Michael estremeceu. A caçula gritava histericamente. Ele olhou em volta, certo de que haveria gente olhando. *Por favor, papai, porfavorporfavorporfavor...*



Querida mãe:

Meu pai diz que eu tenho que escrever esta carta, então estou fazendo isto. Minha menstruação chegou. No supermercado. Com meu pai.

Ele comprou uns absorventes que parecem um colchão de casal. A mãe da Sierra diz que isso é que dá mandar um homem para fazer a tarefa de uma mulher. Blé.

Obrigada por não estar aqui quando eu precisei.

AGOSTO

Nossa, que calor. Estou me habituando tanto ao meu suor e fedor que já nem sinto mais. Estou começando a sonhar com gelo. Quer dizer, isso quando eu durmo.

O comandante convocou uma reunião ontem à noite. Disse o que nós já sabíamos: as missões estão ficando mais perigosas. Somos alvo de tiros o tempo todo e aterrissamos sob fogo cruzado. Aparentemente, vamos fazer muitos mais ataques aéreos. Oba.

E Betsy ficou menstruada sem mim. Eu nem consigo escrever sobre isso; me faz sentir muito mal. Eu estou perdendo a vida dela. Perdendo.



Em meados de agosto, o Dr. Cornflower apresentou a avaliação psiquiátrica de Keith. O diagnóstico: transtorno de estresse pós-traumático extremo. Além disso, o médico deu o parecer de que

Keller tinha competência para ser julgado, pois compreendia plenamente a natureza dos procedimentos.

Isso queria dizer que o julgamento aconteceria. A data fora agendada.

Michael olhou para o conjunto de rostos jovens, ambiciosos e ansiosos sentados à sua volta. Estavam em uma mesa de reuniões. Cada um dos três associados escolhidos para a equipe de defesa se formara como o melhor da turma e trabalhava mais de sessenta horas por semana. Para ser um ótimo defensor criminal, era preciso ter gana, e eles tinham.

– Bom, vamos lá. O TEPT, como sabem, é uma defesa com base em capacidade reduzida, ou seja, vamos usá-lo para negar o dolo. Vamos provar que Keith não tinha como formular a intenção específica de matar a mulher; sem intenção, não é homicídio doloso. Não preciso dizer que qualquer coisa mais branda do que isso seria uma vitória neste caso. Mas júris não gostam de capacidade reduzida nem de insanidade, então precisamos de especialistas, testemunhas e estatísticas.

Distribuiu as tarefas: pesquisar sentenças, instruções de júris e precedentes no estado de Washington e em outras jurisdições, e esboçar as moções preliminares.

– Quero encontrar *qualquer* caso, em *qualquer* lugar, em que o TEPT, especialmente relacionado ao Iraque, tenha sido usado com sucesso e qualquer outro caso em que tenha sido usado como argumento. Quero um esboço da nossa comunicação de que vamos apresentar defesa até segunda. Hilary, vá começando isso. Vocês têm todos os documentos e as informações de especialistas de que precisam. Sigam bem todas as regras instrutórias. Alguma pergunta? – Ninguém se manifestou. – Ótimo.

Michael ficou de pé e a equipe fez o mesmo. Enquanto saíam da sala de reuniões, ele reorganizou a pasta e voltou para sua sala. Durante as horas seguintes, trabalhou no computador, recolhendo todos os casos de defesa envolvendo TEPT que encontrou.

Na balsa, a caminho de casa, continuou nessa atividade. Leu de novo o parecer de Cornflower, concentrando-se especificamente no modo como Keith contava a sua história.

Em Ramadi, a gente apostava qual tenda seria a próxima atingida por um morteiro... eu fui mijar e estava voltando quando um morteiro acertou o nosso obus... não pudemos fazer nada... eles queimaram vivos, gritando... Aí tivemos que pôr em sacos... pegar pedaços de corpos... pernas, braços... colocamos em sacos e levamos de volta. É muito bizarro pegar o braço do seu amigo...

Michael baixou o relatório. *O que estava acontecendo com Jolene lá? O que ela estava testemunhando?* Quando as perguntas surgiram, ele não tinha como ignorá-las. Pensou em sua esposa e, pela primeira vez, imaginou o pior...

Ainda estava claro – um céu lindo, cor de lavanda – quando ele estacionou na frente do Polegar Verde.

Sua mãe foi encontrá-lo na porta, parecendo preocupada.

– Desculpe o atraso.

Ela dispensou o pedido de desculpas com um aceno, impaciente.

– Betsy está perturbada. Aquela amiga dela, Sierra, ligou há uma hora e disse que um helicóptero pilotado por uma mulher foi abatido hoje. Eu tentei acalmá-la, mas...

Michael olhou para além da mãe; viu Lulu no canto, sentada em uma mesa com produtos de jardinagem, fingindo servir chá para a boneca em uma xícara de papel.

– Onde ela está?

– La fora, perto da pedra grande.

Michael assentiu.

– Nós vamos jantar no Crab Pot. Quer vir com a gente?

– Eu adoraria, mas não posso. Eu e Helen vamos mudar os itens da vitrine hoje. Está chegando o Dia do Trabalho, quando começa a

grande liquidação.

Ele se inclinou e lhe deu um beijo no rosto.

– Obrigado, mãe.

Com um suspiro, atravessou a loja, passando pelas estantes cheias de vasos, ferramentas de jardinagem e enfeites. Parou só um instante na porta dos fundos para reunir forças e então saiu para o estacionamento entre as lojas da rua principal e a marina. Havia uma grande rocha no gramado que dava para o porto. Desde que eles moravam ali, viam crianças subirem e descerem da pedra. Agora, sua filha estava sentada no topo, os cabelos louros emaranhados pela brisa quente de verão, observando o mar. Centenas de barcos balançavam abaixo, nas águas calmas.

Ele parou ao lado da rocha.

– Oi – disse, erguendo o olhar.

Betsy o fitou, o rosto pálido e com espinhas banhado de lágrimas. Seus olhos estavam assustadoramente opacos.

– Oi, pai. Você está atrasado.

– Desculpe.

Enquanto ele buscava algumas palavras de sabedoria, o alarme do relógio dela soou. Betsy o arrancou e atirou no chão.

Michael se abaixou e o pegou, ouvindo o *bip-bip-bip* que sua mulher escutava naquele mesmo momento, do outro lado do mundo. Por um instante, imaginou-a olhando para o relógio, sentindo-se muito distante de casa.

– Sua mãe está bem – disse ele por fim.

Aquilo tudo era mais fácil antes do caso Keller, quando Michael conseguia acreditar nas cartas otimistas e nas garantias de segurança de Jolene. Agora sabia a verdade. Como faria para consolar uma criança cujos medos eram sensatos e ele também sentia?

– Não foi ela, Betsy.

Betsy desceu deslizando pela rocha.

– Podia ter sido.

– Mas não foi – replicou em voz baixa.

Os olhos dela marejaram e sua boca tremeu. Ele viu que a filha não conseguiria manter a calma.

– Desta vez – falou Betsy.

– Desta vez.

– Eu estou me esquecendo dela. – Tirou do bolso a foto mais recente que Jolene tinha mandado e ergueu-a. – Esta aqui... não é ela. Ela não é só um soldado.

O que Michael poderia dizer que não fosse mentira?

– Vamos no Crab Pot olhar para a foto dela. Isso vai ajudar você a lembrar.

Betsy assentiu.

Não era o bastante.

Ele a pegou pela mão. Às vezes, tudo o que se podia fazer era ficar junto.



Após o jantar, Michael levou as meninas para casa e as observou subir a escada correndo. Sentia-se exausto. Devia ter imaginado o quanto jantar no Crab Pot abalaria todos. O espírito de Jolene era muito forte lá. Lulu e Betsy passaram uns bons dez minutos olhando para a foto Polaroid da mãe afixada à parede. Lulu nem comeu; ficou o tempo todo segurando o broche com asas e chorando.

Ele se serviu de uma bebida e olhou pela janela, vendo a noite começar a cair no outro lado da baía. Ouviu Lulu aproximar-se por trás. Ela o escalou como um macaquinho, parando na altura da cintura.

– Betsy tá chorando, papai – avisou, com aquela voz esganiçada.

Ele lhe deu um beijo na testa, suspirando.

– É por causa da mamãe – continuou, e então caiu em prantos. – Ela tá perdida ou machucada, né?

Michael segurou Lulu com mais força.

– Não, querida. Mamãe está bem.

– Eu tenho saudade da mamãe.

Ele a balançou para a frente e para trás, consolando-a até que as lágrimas cessassem. Quando a menina se acalmou, sentou-a no sofá e pôs o DVD de *A pequena sereia*. Lulu ficaria um tempo entretida. Deveria estar na cama, é claro. Era tarde. Mas ele só conseguia pensar em Jo e no que poderia ter acontecido.

Michael não tomou de fato uma decisão, mas se viu indo em direção ao escritório. Entrou e fechou a porta. Suas mãos tremiam; o gelo chacoalhava no copo.

Podia ter sido.

Ele se deixou afundar no sofá e baixou a cabeça. Betsy estava preocupada, com medo de esquecer a mãe. Mas Michael esquecera Jolene havia muito tempo, não? Morava com ela, dormia com ela, mas ainda assim tinha esquecido a mulher com quem se casara. Olhou para a esquerda e viu uma fotografia emoldurada dele e Jolene; havia sido tirada anos antes, no jardim botânico de Seattle. Eles eram jovens e estavam muito apaixonados. *Veja aquela família de patos, Michael; nós vamos ser assim um dia, passeando com os nossos filhinhos atrás...* Naquela única imagem, no sorriso brilhante de Jolene, ele se lembrou dela.

Quando ficou de pé, estava um pouco vacilante. Tirou da estante de livros um álbum de fotografias com capa de couro e uma antiga fita VHS. Colocou-os debaixo do braço, foi até a sala, pediu a Lulu que o seguisse e subiu a escada.

Bateu na porta de Betsy.

– Podemos entrar?

– Sim.

Ele pegou Lulu no colo, levou-a para dentro do quarto e se sentou na cama ao lado de Betsy. Com uma filha de cada lado, abriu o álbum.

Centralizada na primeira página, coberta por um plástico transparente brilhante, estava uma das poucas fotos que ele vira da

esposa ainda criança. Estava de pé em um rochedo, vestindo um jeans desbotado e um suéter barato de gola V. Seu olhar não estava totalmente voltado para a câmera e o vento tinha jogado mechas de cabelos louros sobre seu rosto. À esquerda havia um homem se afastando; só se via a bainha de um jeans surrado e uma bota preta gasta.

Jolene dissera diversas vezes que escolhera aquela foto para começar seu trajeto de vida por ser muito representativa: sua mãe estava ausente e o pai, partindo. Michael vira aquela imagem um monte de vezes, mas agora olhou com atenção e notou como ela era magra. O cabelo parecia que não era penteado havia semanas e seus olhos revelavam uma perda devastadora. Estava olhando na direção do homem que se afastava. Por que não tinha percebido isso antes?

– Ela tinha uns 15 anos. Não muito mais do que você, Betsy.

– Ela parece triste – comentou Betsy.

– É porque a gente não tinha nascido – disse Lulu, repetindo o que Jolene sempre falava sobre aquela foto.

Michael virou as páginas devagar, levando as meninas em uma viagem pela vida de Jolene. Havia fotografias dela com o uniforme do Exército, sentada em um helicóptero, jogando frisbee. Conforme as imagens se sucediam, parecia mais alta, mais forte, mas foi só nas do casamento que ele viu a mulher por quem se apaixonara. Ela rira e chorara durante toda a cerimônia e lhe disse que aquele era o dia mais feliz de sua vida.

Das nossas vidas, replicara Michael, beijando-a. *Sempre vamos nos amar assim, Jo.*

É claro que vamos, disse ela, rindo, e eles acreditaram nisso por anos e anos, até... que deixaram de se amar. Não, até que *ele* deixou.

– Ela estava bonita – falou Lulu.

Michael sabia tudo o que Jolene perdera na vida, o que nunca tivera e o que superara, mas, ainda assim, em todas aquelas fotos

ela parecia estar incrivelmente feliz. Ele a fazia feliz; era algo que sempre soubera. O que esquecera era o quanto ela o fazia feliz.

– Quando ela volta pra casa? – perguntou Lulu. – Amanhã?

– Em novembro – respondeu Betsy com um suspiro. – Só por duas semanas.

– Ah. – Lulu deu um gemidinho. – E eu já vou ter 5 anos?

– Já – disse Betsy. – Mas ela não vai estar aqui para o seu aniversário.

Antes que a caçula começasse a chorar, Michael se levantou e pôs a fita no videocassete. Desde a partida de Jolene, as meninas assistiam obsessivamente aos “filmes de despedida”. Mas não assistiam a este havia anos.

Ele apertou play. Na primeira cena estava Jolene, com os olhos enevoados, segurando uma bebê que parecia um pacotinho.

– Diga oi para os seus fãs, Elizabeth. Ou você vai ser Betsy? Michael? Você acha que ela tem cara de Betsy?

Agora Betsy estava andando pela primeira vez, cambaleante, e rindo ao cair sentada... Jolene aplaudia e chorava.

– Michael, olhe o que você está perdendo...

Doze anos de vida passados em 42 minutos de gravação.

Ele apertou pause.

Ali estava a sua Jo. Seu lindo rosto estava distorcido, pixelado, mas, através das cores apagadas e granuladas, ele viu a força do seu sorriso.

Viu toda a vida dele em seus olhos, todos os seus sonhos, esperanças e medos.

Eu não te amo mais.

Como podia ter dito aquilo para ela? Como podia ter feito tão pouco caso da vida deles, do compromisso que tinham assumido?

Queria pedir perdão a ela, mas agora o tempo e a distância os separavam. O que quer que tivesse a dizer, teria que esperar até novembro. Será que ela ouviria?

– Vamos comprar coisas amanhã para mandar uma encomenda bem legal para ela? – perguntou Betsy.

– Vamos! – animou-se Lulu, batendo palmas.

Michael assentiu, sem dizer nada, torcendo para que elas não vissem as lágrimas em seus olhos.



Presa ao assento pelo cinto de segurança e pelos 13 quilos do colete à prova de balas, Jolene pilotava o Black Hawk em direção a Bagdá. O suor sob o capacete aumentava, umedecia seu cabelo, escorria pela nuca. Tinha a pele avermelhada e um pouco de dificuldade para respirar. Dentro das luvas, as mãos estavam escorregadias. Mesmo com as portas do helicóptero abertas, ali dentro era um forno. A água dentro da garrafa estava com temperatura de pelo menos 50 graus – nem um pouco refrescante. Tami estava no assento da direita.

Voavam em formação de combate, um helicóptero acima do outro e mais um terceiro formando um ângulo reto, cruzando o céu cada vez mais escuro. Embaixo, a confusa Bagdá se estendia em todas as direções.

– Chuva azul... chuva azul... – disse o outro piloto pelo rádio.

Isso queria dizer que a zona na qual estavam entrando era perigosa. Qualquer coisa poderia acontecer: tiros de morteiro, um míssil, um lança-granadas ou outro tipo de arma.

Jolene falou pelo microfone:

– Raptor oito-nove rumando para leste. Tempo até Zona Verde, quatro minutos.

Movimentou o manche e o helicóptero respondeu instantaneamente, baixando o nariz e pegando velocidade.

Ra-ta-ta-tá. Uma rajada de balas atingiu o helicóptero. O ruído foi tão alto que, mesmo com o capacete e os fones de ouvido, Jolene se encolheu.

– Estamos sob fogo – alertou Tami.

– Segure! – mandou Jolene, fazendo uma curva súbita para a esquerda.

Ouviu o *tchin-tchin-tchin* dos tiros de metralhadora acertando a aeronave. Primeiro um, depois uma rajada bem próxima, semelhante a chuva forte batendo em latão. O helicóptero se encheu de fumaça.

– Ali – disse Tami. – Três horas.

Um grupo de insurgentes estava sobre um telhado embaixo, atirando. Uma metralhadora sobre um tripé cuspia fogo amarelo.

Jolene virou novamente à esquerda. Enquanto fazia a curva, o helicóptero à sua direita explodiu. Estilhaços de metal em chamas atingiram a lateral da aeronave de Jolene. Sentiu-se uma onda de calor e o impacto da explosão os fez balançar.

– Knife zero-quatro, na escuta? – chamou Tami pelo rádio. – Aqui é Raptor oito-nove.

O helicóptero ao lado deles caiu em espirais. Com o impacto, uma nuvem de fumaça preta começou a subir. Durante um segundo, Jolene não conseguiu desviar o olhar.

Tami passou para a base as coordenadas da queda.

– Knife zero-quatro, na escuta?

Jolene fez uma série de curvas rápidas, variando a velocidade, mudando a altitude. Acima, abaixo, de um lado para o outro.

Quando ficaram fora de alcance, ela olhou para o fundo da cabine.

– Todos estão bem? – perguntou à tripulação, ouvindo respostas de todos.

Jolene seguiu o outro Black Hawk até o heliporto Washington e aterrissou atrás dele. Estava trêmula ao destravar sua unidade de microrrefrigeração e o cinto de segurança.

Desceu do helicóptero. O céu estava cinza-escuro, mas mesmo na semiescuridão ela via a densa fumaça preta que ainda se erguia do local da queda. Fechou os olhos e rezou pelos soldados caídos, embora, no fundo, soubesse que ninguém sobreviveria àquela

explosão. Segundos depois, o rugido de motores a jato tomou conta do céu; bombas explodiram em clarões vermelhos. Assim que fosse possível, ela sabia que um helicóptero de evacuação médica tentaria localizar sobreviventes e vítimas.

Não pôde deixar de pensar que, se alguém *estivesse* vivo e ferido em território inimigo ao lado de um helicóptero em chamas, enfrentaria a espera mais longa de sua vida.

Ela poderia ter feito algo diferente? Será que outra escolha de sua parte mudaria o resultado? Voavam em formação para que um protegesse o outro, mas Jolene não protegera a aeronave ao seu lado. Logo mais, do outro lado do mundo, uma equipe de apoio a baixas se reuniria para dar a pior notícia possível às famílias.

Tami e Jamie se juntaram a ela. Estavam de pé na frente do helicóptero deles, que tinha várias marcas de tiro.

Ninguém disse nada. Todos sabiam que bastava uma bala ou granada certeira e eles poderiam ter sido a aeronave abatida no deserto.

– Quem está com fome? – perguntou Jamie, tirando o capacete.

– Eu sempre estou com fome – respondeu Smitty, aproximando-se e tossindo. Abriu o sorriso característico para todos, que não se irradiava para os olhos. Naquela noite, pela primeira vez, Smitty parecia velho. – Um refrigerante cairia muito bem agora.

Jamie, como sempre, manteve um fluxo contínuo de conversa enquanto caminhavam pela Zona Verde. Tudo o que dizia era engraçado e todos queriam poder rir de algo. Pediram comida chinesa e milk-shakes preparados na hora e comeram enquanto a equipe de manutenção consertava o helicóptero. Conversaram o tempo todo sobre qualquer coisa, exceto o que estava em suas mentes.

À meia-noite decolaram de novo, sobrevoando Bagdá. Contornaram as áreas mais perigosas da cidade. Ocasionalmente ouviam-se tiros, disparados por insurgentes oportunistas que

ouviam o helicóptero e atiravam para o céu, esperando acertar o que não enxergavam. Pousaram em Balad sem incidentes.

Jolene desligou o motor. Os rotores foram desacelerando, o *tuóp-tuóp-tuóp* cada vez mais arrastado a cada rotação.

Jolene enfim relaxou no assento. Pelos óculos de visão noturna, o mundo parecia distorcido. Sobre a pista negra, viu imagens verdes fantasmagóricas se movendo à sua frente.

Pensou absurdamente em almas saindo dos corpos e se lembrou da equipe que tinham perdido.

– Meu filho está com catapora – disse Jamie atrás dela. – Eu já tinha contado?

Era bem o que ela precisava: lembrar-se da família.

– As crianças se curam rápido disso. Daqui a um ano ele nem vai lembrar mais. Betsy pedia picolé de morango em todas as refeições.

– Ele vai lembrar-se de que eu não estava lá?

Jolene não tinha uma resposta fácil para aquilo.

Desprendeu os óculos do capacete e se soltou do assento. Quando pisou na pista, uma onda de exaustão a dominou, e não era um cansaço comum – chegava até os ossos.

Queria saber que tinha feito todo o possível naquela noite, que nada tinha sido falha sua, mas não havia ninguém para lhe dizer isso, ou pelo menos ninguém em que ela acreditasse. Esse pensamento a isolou e a fez lembrar como estava sozinha ali. Queria poder ligar para Michael, contar sobre seu dia e deixar que a voz dele acalmasse seu nervosismo. Muitos soldados ali tinham isso, uma conexão conjugal. Como Tami e Carl.

Ali havia pouca privacidade e, como Tami e Jolene costumavam ficar juntas na fila do telefone, ouviam as conversas uma da outra. Escutava Tami sussurrar: *Eu te amo tanto, meu amor, só de ouvir a sua voz já me sinto mais forte.*

Lembrava-se de quando ela e Michael tinham sido assim, completando-se. Tami parou ao seu lado e bateu o seu quadril no dela.

– Você está bem?

– Não. E você?

– Não. Vamos ligar para casa. Preciso ouvir a voz do meu marido.

Atravessaram a base até os telefones. Por incrível que pareça, a fila estava curta: só havia dois soldados.

Jolene deixou Tami falar primeiro e ouviu a amiga dizer:

– Carl? Amor? Estou morrendo de saudade...

Tentou não escutar. A verdade é que precisava de Michael naquele instante, precisava que o marido dissesse que a amava e a estava esperando, que ela não estava tão só ali quanto parecia, que em casa ainda tinha uma vida.

Quando chegou a vez de Jolene, ela discou o número de casa, torcendo para que houvesse alguém. Lá eram 14h15 de sábado.

– Alô?

– Oi, Michael.

Ela fechou os olhos e imaginou seu sorriso. Queria falar mais com ele, revelar seus sentimentos, mas como? Ele nunca entenderia. Não era como Carl; Michael não tinha orgulho do que ela fazia ali. Não compreendia o quanto ela se importava com os outros soldados com quem servia. Isso a fazia sentir-se ainda mais separada, mais distante.

A um mundo de distância, ouviu o rangido da cadeira quando ele se sentou, e aquele som simples e comum a fez sentir uma falta terrível das pessoas a quem deixara para trás e que continuavam tocando a vida, vivendo momentos que não a incluíam.

– Como você está, Jo?

Ela sentiu a boca tremer. O tom da voz era tão carinhoso que Jolene precisou repetir para si própria que ele não queria saber de verdade. Quando o marido quisera ouvi-la falar de trabalho? Ela não podia contar que naquela noite alguns amigos tinham morrido, que talvez fosse um pouquinho culpa dela. Michael retrucaria que era uma guerra ridícula e que os soldados tinham morrido por nada. Endireitou-se e pigarreou.

– Como estão as meninas? Lulu está entusiasmada com o aniversário?

– Estão com saudade de você. Betsy ouviu a notícia de uma piloto de helicóptero que foi abatida e ficou muito preocupada.

– Diga que eu estou bem longe da linha de frente.

– Mas está mesmo?

Pensou naquela noite e estremeceu.

– Claro. Estou em segurança. – Era aquilo que ele queria ouvir. – Posso falar com as meninas?

– Minha mãe as levou ao cinema.

– Ah.

– Elas vão ficar chateadas. Elas estão morrendo de saudade, Jo. Lulu vive perguntando se você vai voltar para a festa dela.

Elas estão com saudade.

– É melhor eu ir.

– Espere. Eu queria dizer...

Sempre era o que ele queria. Ficou exausta só de pensar nisso. Tinha sido tolice sentir que precisava dele.

– Eu tenho que ir, Michael. Há uma fila atrás de mim.

– Cuide-se – falou após uma pausa.

– Estou tentando. – Sua voz falhou.

Desligou o telefone e se virou. Tami ouvira cada palavra.

– Que tal um banho quente? – perguntou a amiga, passando um braço ao redor dela.

Jolene assentiu. Caminharam até o trailer, pegaram os kits de higiene e se dirigiram para os chuveiros. Jolene queria dizer algo para Tami, começar algum papo trivial que encobrisse suas emoções, mas não conseguia.

Mesmo tarde da noite, a base estava agitada. Trinta mil homens e mulheres moravam ali, sem incluir os contratados que iam e vinham.

Jolene entrou no chuveiro de chinelos e abriu a água.

Fria.

Tentando não pensar na água quente de casa, ela se lavou rapidamente, tirando o suor e a areia da pele. Após se secar, voltou a vestir o uniforme sujo e empoeirado.

– Água fria não era bem o que eu tinha em mente – disse Tami, com um sorriso cansado.

– Pois é.

Saíram do trailer dos chuveiros e voltaram para a área de dormitórios.

Jamie e Smitty as estavam esperando, sentados em duas caixas de cabeça para baixo fora do trailer deles, que ficava em frente ao de Tami e Jolene. Ao lado de Smitty havia um pequeno *cooler* azul e branco cheio de refrigerantes.

– Querem tomar alguma coisa? – perguntou.

Jolene notou que ele se esforçava para sorrir. Smitty podia ser um ótimo atirador e um soldado corajoso, mas ainda era só um garoto de 20 anos e aquela noite o abalara. Provavelmente não dormiria bem, assim como nenhum dos outros.

Tami se sentou nos degraus em frente à porta do trailer e Jolene, na caixa ao lado de Smitty. Atrás deles, o metal ainda irradiava um pouco do calor do dia, embora agora fizesse frio. Dos dois lados da porta, havia pilhas altas de sacos de areia, fileiras e mais fileiras que davam alguma proteção contra os constantes tiros de morteiro. De frente para ela, a não mais de 3 metros de distância, estava o trailer delas.

– Bill Diehler estava no Knife zero-quatro – informou Tami em um tom grave.

Jolene imaginou Bill: um piloto da Guarda dos velhos tempos, de rosto grande e vermelho, treinado em Fort Worth. Na semana anterior mesmo ele tinha lhe mostrado uma foto da filha, que o esperava para acompanhá-la até o altar.

Fechou os olhos, mas logo desejou não ter feito isso. Reviu os últimos segundos: o francoatirador no telhado, os tiros. A curva

brusca à esquerda que ela fizera, distanciando-se rapidamente do outro helicóptero.

– Wally Toddan era o chefe da tripulação – disse Jamie. – A mulher dele acabou de descobrir que está grávida. Ontem ele foi ao Haji Mart e comprou uma bola de futebol americano para o bebê. Nem chegou a mandá-la.

Jolene não queria pensar naquilo, em uma criança que nunca conheceria o pai.

– Eles foram heróis – prosseguiu Jamie.

– Heróis – repetiu Jolene, pensando na palavra e em tudo o que ela implicava.

Os quatro brindaram, batendo suas latas de refrigerante umas nas outras ao mesmo tempo, em um tributo silencioso aos amigos caídos. Depois ficaram quietos. Finalmente, Tami se levantou.

– Vou para a cama. Daqui a pouco já vão ser quatro e meia. Jo?

Jolene se voltou para Smitty e Jamie.

– Vocês estão numa boa?

Jamie abriu um sorriso.

– Firme e forte, chefe. Não vou deixar o garoto se meter em encrenca.

Smitty sorriu ao ouvir isso.

– Ele está velho demais para encrenca, mesmo.

Jolene e Tami ficaram de pé juntas e se dirigiram ao trailer escuro e fedido delas. Já dentro, Tami acendeu a luz e olhou para Jolene.

– Você sabe que fez tudo o que podia, né? Nada do que houve hoje foi sua culpa.

Jolene nunca amou tanto a amiga. Com medo de que sua voz falhasse se tentasse falar, assentiu.

– Estou preocupada com você – comentou Tami, sentando-se na cama e erguendo o olhar. – Bom, estou preocupada comigo também. Quero que voltemos para casa.

Jolene se sentou na própria cama. Percebeu o medo nos olhos escuros de Tami e isso a afetou, liberou algo que estivera reprimido.

– Eu também – disse em voz baixa.

– Se nós não...

Até aquela noite, Jolene teria interrompido Tami, mas agora ficou calada, esperando.

– Se eu não voltar – continuou Tami baixinho –, conto com você para cuidar do Seth. Faça com que ele saiba quem eu era.

Jolene concordou solenemente com a cabeça.

– E as minhas meninas vão precisar de você.

Tami assentiu.

– Mas nós vamos voltar – garantiu Jolene.

– É claro que vamos.

Sorriram uma para a outra. Jolene não sabia que aparência tinha, mas via o medo nos olhos de Tami. Nenhuma delas tinha mais a certeza de antes.



AGOSTO

Como escrever sobre a morte de um colega? Que palavras usar para me livrar do medo e da confusão que se irradia lentamente pelo meu corpo? Não consigo. Não quero escrever sobre isso. Não quero me lembrar do cheiro de fumaça e do som terrível de metal se partindo e dos tiros de metralhadora. Não quero pensar em Wally Toddan e na viúva jovem ou no bebê que nunca vai ver o sorriso do pai. Ou na noiva que vai entrar na igreja sem o pai.

Descanse em paz, Knife 04. É o que posso dizer. Tudo o que posso dizer. Vocês foram heróis e vão fazer falta.

Treze

Após um dia longo e terrivelmente quente voando, em geral transportando civis e soldados iraquianos em Bagdá e arredores, Jolene estava exausta. Enquanto estavam fora, Balad fora atacada de novo, e desta vez os danos foram graves. É impressionante o estrago que estilhaços causam em madeira e metal: blindados e construções foram destruídos.

Ela saiu e se afastou do helicóptero, com Tami de um lado e Jamie do outro. Ninguém falava.

– Preciso ir ao centro de comunicações para ver se a conexão com a internet já voltou – disse Tami. – Se eu não falar com a minha família, acho que vou surtar.

Os três fizeram uma curva e percorreram o caminho escuro e empoeirado entre os trailers.

Passava da meia-noite, mas a base ainda estava movimentada.

– Esperem aqui – pediu Tami na frente do trailer de comunicações. Saiu um instante depois, com uma expressão infeliz. – Ainda não tem internet. Droga.

Jolene suspirou. Cruzaram a base. Jamie se separou delas e foi para o refeitório, enquanto as amigas seguiram para o trailer. Cansadas demais para conversar, cada uma se atirou na cama e abriu o laptop. Iriam escrever mensagens que – esperavam – pudessem enviar no dia seguinte.

Meus amores, Jolene digitou.

Obrigada pelo pacote. Não tenho palavras para dizer o que significa para mim receber algo. Já sei que foi Betsy que escolheu o shampoo (eu adoro aquele cheiro de morango) e Lulu escolheu a fivela brilhante. Ficou linda no meu cabelo.

Temos voado muito ultimamente. Em geral eu saio do trailer às 4h30, vou de bicicleta até o DFAC (trailer do refeitório) e depois vou para o helicóptero. Num dia de sorte, voltamos para a base antes das nove da noite. Aí estamos acabadas. Mas eu penso em vocês o tempo todo. Principalmente quando o meu alarme toca, Betsy. Espero que você pense em mim nessa hora também. ☺

Ontem eu tentei ligar, mas os telefones não estavam funcionando, então só o e-mail para nos salvar! Comprei presentes para vocês no Haji Mart, um tipo de feira livre que tem dentro da base. É uma loucura. Aposto que vocês não estão surpresos por eu e Tami encontrarmos tempo para fazer compras. As mulheres nunca mudam! ☺

Amanhã vamos fazer uma festinha em volta de um tonel em chamas que serve de fogueira. Dizem que vai ter cachorro-quente e milho assado, que nem nas festas que a gente fazia na praia!

Eu sei que estou superlonge, mas vou fingir que estou com vocês na festa de aniversário da Lulu. Espero que o presente chegue a tempo! Pense na mamãe quando assoprar as velas, minha lindinha. ☺ *Eu te amo.*

Bom, estou quase dormindo sentada, então é melhor eu deitar. Logo mais vão ser 4h30.

Betsy, não se esqueça de lembrar seu pai da consulta com o ortodontista. Você precisa ir na semana que vem. Lulu, você pode me mandar uma foto da sua festa? Eu tenho a última aqui na parede.

Levantou os dedos do teclado. Queria dizer algo para Michael, mas o quê? Ele não escrevera nem uma vez desde que ela partira. Ir

atrás dele a fazia sentir como sua mãe, que lutava para se aproximar de um homem que não a amava.

Eu penso em vocês todo dia e amo vocês. Até a lua, ida e volta.

Lembrem: faltam só 91 dias para a gente se ver de novo. Disney???? Beijos!
Mamãe

Jolene nunca imaginara um calor como o do verão no Iraque. A poeira estava em toda parte – no cabelo, nos olhos, no nariz. O suor ficava áspero e, assim que ela tomava banho, começava a transpirar de novo.

Desde o primeiro dia no país, ela sabia que cada respiração poderia ser a última, e à noite não era melhor. Sonhava com chamas, morteiros e bebês que esqueciam o rosto da mãe. Fizera as pazes, de um jeito meio incômodo, com a morte.

Os ferimentos a aterrorizavam ainda mais: os lança-granadas e os artefatos explosivos estraçalhavam os corpos, atiravam braços e pernas ao ar e por terra.

Seu medo nunca esteve tão intenso quanto em um dia como aquele.

Ela estava em uma “missão heroica”, isto é, tinha cruzado o deserto para buscar os restos de soldados mortos.

Tinha feito muitas daquelas missões ultimamente; a cada vez que assistia à cerimônia, imaginava a si própria ou alguém de sua equipe em um daqueles hospitais improvisados, irremediavelmente ferido, com o rosto pálido, chorando.

Agora ela estava do lado de fora da entrada da tenda hospitalar, entre as tripulações que tinham sido enviadas na missão. Todos mantinham-se de pé, eretos sob o calor massacrante. Como eram pilotos, Jolene e Tami poderiam ter ficado no helicóptero, mas isso

nunca lhes pareceu correto. Então ali estavam, junto à equipe para demonstrar respeito.

O hospital de campanha parecia um forno sob o sol do meio-dia.

Ele consistia em uma fileira de tendas sujas de lona branca, interligadas por uma rede de estrados de madeira. Dentro, o chão era de cimento, manchado de sangue. Jolene não entrou; estava ali para esperar. O procedimento da missão heroica era muito preciso.

Além disso, ela sabia como era lá dentro: uma maca ao lado de outra, com feridos e moribundos. Ferimentos horrendos, devastadores não eram mortais nos dias de hoje. Os médicos de campanha faziam praticamente milagres.

E não havia apenas soldados, mas também muitos civis, crianças e mulheres iraquianos que estavam perto demais de um artefato explosivo ou foram acertados por um tiro de morteiro. O cheiro era terrível e o calor impiedoso o tornava ainda pior.

Um médico se abaixou para passar pela abertura de lona da tenda e a segurou atrás de si. Seis soldados o seguiram, empurrando quatro macas. Em cada uma estavam os restos de um soldado, dentro de um saco preto.

Jolene e Tami de imediato bateram continência. O olhar que trocaram era solene como o momento: cada uma pensava no que sentiria se a outra estivesse naquele saco. Em algum lugar ali perto, caiu um tiro de morteiro, que estilhaçou concreto. Ninguém sequer piscou.

O médico aparentava estar tão cansado quanto Jolene se sentia. Ele pôs a mão em cada um dos corpos e disse simplesmente:

– Obrigado.

Jolene sentiu um nó na garganta. Olhou para as macas, sabendo que os soldados caídos mereciam aquele último ato de respeito de todos. Um dos sacos era pequeno, pequeno demais. Isso era ruim. Significava que faltavam partes. Devia ser o resultado de um artefato explosivo ou lança-granadas. Ao lado de cada corpo havia um pequeno saco plástico transparente com itens pessoais. Embora

os sacos tivessem marcas de digitais ensanguentadas, ela via relógios, plaquetas de identificação e alianças dentro.

Lembrou-se de Betsy segurando as plaquetas dela e perguntando se eram para identificá-la...

O silêncio se estendeu mais um segundo, então alguém chamou "Capitão Craig" de dentro da tenda e o médico voltou a entrar.

Lideradas pelas macas e por seus guardiões silenciosos, as duas equipes dos Black Hawks atravessaram a base até os helicópteros. Ali, mais uma vez, a forma exata de transporte estava prevista.

No helicóptero de Jolene e Tami, Jamie e Smitty prestaram continência e puseram os corpos no helicóptero com todo cuidado, acomodando-os delicadamente.

Durante o carregamento, surgiram soldados de todas as partes, alguns uniformizados e outros em trajes civis, e formaram duas filas a partir da lateral aberta do helicóptero, batendo continência uma última vez para os companheiros mortos.

Ela imaginou quem seriam essas pessoas falecidas. Maridos? Pais? Mães? As famílias já sabiam que seus mundos tinham se transformado?

Jolene e Tami assentiram uma para a outra e subiram na aeronave. Hoje era Tami que ficaria no assento da esquerda. Ela se inclinou para a frente e pôs o cartão branco da missão heroica no para-brisa.

Jolene sentou-se no assento da direita, prendeu o cinto de segurança e começou a verificação pré-decolagem. As portas do helicóptero se fecharam. Em instantes, estavam levantando voo em meio a um redemoinho de areia.

Embaixo, os soldados começaram a se dispersar.

No trajeto para o aeroporto de Bagdá, a tripulação ficou em silêncio, como sempre faziam em missões heroicas. As mortes lhes pesavam nas mentes. A guerra começara a se acirrar nos últimos meses. Agora era normal ser alvo de tiros, ser acertado. Jolene ouvia o *ping!* de balas de metralhadora atingindo o helicóptero

enquanto dormia e muitas vezes acordava gritando. Na semana anterior, uma bala atravessara a janela ao lado de sua cabeça, estilhaçando-a, e ricocheteou em seu capacete. Ela sentiu um golpezinho suave na cabeça e continuou pilotando. Só mais tarde começou a ter pesadelos com aquilo, a imaginar sua cabeça explodindo, seu corpo sendo apresentado às suas filhas em um saco preto 30 centímetros mais curto do que deveria ser.

Quando chegaram a Balad, Jolene estava mais do que esgotada. Não dormia bem havia semanas e começava a sentir os efeitos. Não se lembrava da última vez em que não houvera um ataque de morteiro no meio da noite. Ela adormecia durante o bombardeio, mas acordava ao som ensurdecedor do alarme.

Após o fim da missão, a equipe de manutenção chegou correndo para verificar o helicóptero. Jolene e a tripulação se afastaram. Naquela noite escura não havia camaradagem, nada de *vamos comer uma torta no refeitório*. Cada um deles, assim como Jolene, pensava na sorte tênue que os separava dos corpos que haviam transportado.

– Você está bem, Tami? – perguntou Jolene.

Tami se deteve.

– Para falar a verdade, não.

Entraram no trailer. Tami ligou o interruptor e a lâmpada fluorescente do teto se acendeu. Instantaneamente, o pequeno espaço se iluminou. Havia fotografias de família por toda parte, além de um pôster de Johnny Depp em *Piratas do Caribe* na parede.

Tami se sentou na cama, envergada no meio; uma nuvem de poeira se levantou dos lençóis verdes. O alarme soou.

Jolene ouviu passos apressados passarem pelo trailer. Sentou-se de frente para Tami. Em algum lugar, algo explodiu; as luzes do trailer piscaram e continuaram acesas.

Quando o alarme parou e o mundo se aquietou, Tami prosseguiu como se nada tivesse acontecido:

– Carl diz que Seth está passando maus bocados. Os meninos tiram sarro dele por causa de nós. Que vontade de dar uns tabefes nesses moleques...

– Michael diz só que as meninas estão bem.

Tami ergueu o olhar.

– Bom, você também não está contando a verdade.

– Nós mal nos falamos. Ele não me mandou nem um e-mail.

Jolene se inclinou e começou a desamarrar as botas.

– Você está recebendo um pacote de encomendas por semana. Quem compra e manda tudo aquilo?

– Quer que eu adivinhe? Mila. E as meninas.

– Você escreveu para ele?

Jolene suspirou.

– Você sabe que não. O que eu diria?

– Talvez ele esteja pensando a mesma coisa.

– Não fui eu que disse que queria me separar.

– Você vai mesmo ficar dando uma de durona, para não ceder primeiro?

– Não fui eu que comecei.

– E daí? Pense no que fizemos hoje. – Ela estalou os dedos. – Acontece assim, Jo. Morto. Vivo. – Estalou os dedos de novo. – Morto. Agora é a hora de dizer o que precisa ser dito, não de fazer jogos. Seus pais foram uns idiotas que deixaram marcas em você. Eu entendo, de verdade. Mas você precisa ter colhões para falar com seu marido, senão vocês vão perder tudo.

– Para você é fácil falar, Tam. Seu marido ama você.

– Não é fácil, Jolene. Nada disto é fácil, você sabe disso. Michael ama você. Eu sei disso.

– Não, ele me ama.

– Você o ama?

Ali estava, a pergunta que ela passara meses evitando. É claro que Tami a lançaria na sua cara.

– Eu não consigo deixar de amar – respondeu baixinho, surpreendendo-se. – Está no meu sangue. Mas...

– Mas o quê? Essa não é sua resposta?

– Não. – Jolene suspirou. Ela realmente não queria pensar naquilo, nem falar sobre aquilo. – O amor é só uma parte disso tudo. Assim como o perdão é só uma parte. Mesmo se eu o perdoasse, como eu esqueceria? Ele deixou de me amar, Tam. Acabou. Ele me olhou nos olhos e disse que não me amava mais. Como posso confiar nele de novo? Como posso acreditar no nosso casamento, em ficarmos juntos para sempre, se o nosso amor tem data de validade?

– Só não desista. Isso é tudo o que quero dizer. Escreva para ele. *Comece.*

Jolene sabia que era um bom conselho. Ela acreditava em lutar pelo amor; ao menos acreditara antes. Ultimamente, tinha dificuldade de lembrar em que acreditava e quem ela costumava ser.

– Eu estou com medo – revelou, após um longo silêncio.

Tami assentiu.

– Ele partiu seu coração.

Jolene olhou para a amiga, sentada à sua frente naquele trailer fedido, e pensou na sorte que tinham de contarem uma com a outra.

– Que bom que você está aqui comigo, Tam. Eu não sei o que seria de mim sem você.

Tami sorriu.

– Eu também te amo, Jo.

Catorze



– Temos uma situação de emergência que está indo mal – disse o capitão. – Precisamos fazer busca e resgate em um lugar muito difícil. A previsão do tempo nos dá um espaço muito pequeno. São necessários dois helicópteros no ar em quinze minutos ou menos. – Ele sinalizou um ponto em um mapa. – Aqui. Temos dois soldados encurralados por fogo inimigo.

– Podemos decolar em dez minutos – assegurou Jolene.

Olhou para Tami, que assentiu com firmeza, e dirigiu-se para a pista. Ninguém conversou no trajeto.

Enquanto atravessavam a base, rajadas de vento levantavam poeira, que açoitava a pele e os olhos; no alto, a bandeira balançava freneticamente. Após uma verificação rápida da aeronave, Jolene subiu pelo lado esquerdo da cabine e tomou seu assento. Em alguns segundos, toda a tripulação estava posicionada. Fez a verificação final, autorizou a decolagem junto à torre e deu partida no motor.

O helicóptero se elevou devagar sob seu comando; suas mãos e seus pés se moviam sem parar. A cada quilômetro voado, a tempestade de areia se intensificava. O vento batia contra o para-brisa.

– Visibilidade piorando – informou Jolene.

Estendeu o braço, acionou um interruptor e observou os instrumentos. Rajadas de vento investiam contra eles, empurrando o

Black Hawk de lado. Um vácuo de ar parou os rotores; o helicóptero despencou 60 metros em um segundo de apavorante queda livre.

– Segurem firme! – falou Jolene ao microfone.

Ela se agarrou ao controle, ativou vários comandos e estabilizou o helicóptero.

No vetor de busca, Jolene precisou de toda a força nos membros superiores para descer com estabilidade em meio à tempestade. Abaixo deles, a terra era toda irregular.

– Não tem onde pousar – gritou Jamie.

– Entendido – respondeu Jolene.

Ela movimentava os dois pedais para encontrar o delicado equilíbrio entre e a cauda e os rotores principais.

– Ali! – disse Smitty. – À uma hora.

Jo sustentou o helicóptero no lugar, mas cada segundo era uma luta. O vento os castigava. Embaixo, no solo, ela mal enxergava os dois soldados. Estavam claramente sob fogo cerrado. Ouviam-se balas atingirem a aeronave.

Jamie abriu a porta e fez descer uma pesada cobertura à prova de balas.

– Pronto! – falou ele após alguns segundos. – Liberado para pousar.

Uma rajada de vento e areia fez o Black Hawk balançar de um lado para o outro.

– Baixando devagar – avisou Jolene ao microfone.

Desceu seu helicóptero aos poucos até o chão. O outro continuou no ar, dando cobertura.

Jolene monitorou atentamente os indicadores enquanto os dois soldados eram resgatados. Quando estavam a salvo na parte traseira, a respiração dela enfim normalizou-se um pouco. Em questão de segundos encontraram-se no ar, indo em direção à base. Ao chegarem, souberam que outra aeronave caíra perto de Bagdá, matando toda a tripulação.

Naquela noite, ela não conseguiu dormir. Sempre que fechava os olhos, via helicópteros em queda, ouvia gente gritar. Via crianças vestidas de preto, reunidas em torno de um caixão coberto com uma bandeira; um soldado de uniforme caminhando até a porta da frente da sua casa... Finalmente, desistiu de tentar cair no sono. Acendeu a lâmpada pequena ao seu lado e pegou o diário.

AGOSTO

Eu adoro voar. Sempre adorei e sinto orgulho de estar aqui, fazendo o meu trabalho, ajudando o meu país. Mas um medo tomou conta de mim ultimamente, uma coisa terrível, apavorante, como um pássaro que bate as asas para tentar sair do meu peito. Tenho um mau pressentimento.

As coisas que eu vi permanecem comigo. Mesmo dormindo, não consigo me livrar delas – braços e pernas arrancados, soldados morrendo, fotos de crianças pregadas nas paredes de um trailer, encurvadas por causa do calor. Toda vez que decolo, penso: *Vai ser agora?* Imagino minha família recebendo a notícia ruim.

Tami fica me dizendo que eu preciso me abrir com o Michael. Fala que Carl a ajuda muito a lidar com o que ela enfrenta. Que eu sou cabeça-dura por brincar com meu casamento.

Mas como posso ouvir os conselhos dela? Como falar com o Michael – que amei desde o instante em que ele me beijou, que é minha família. Ou era, até me dizer que não me ama mais. Eu vi minha mãe fazer assim, ano após ano, ir atrás de um homem que deixou de amá-la. Isso acabou com ela. Nunca pensei que seria como ela. Será que sou?

Estou me perdendo aqui ou estou mesmo deixando de amá-lo? Ou isto é parte da guerra? Eu sei que não posso pensar demais em ninguém lá em casa. Meus amigos aqui são as pessoas que me protegem, as pessoas que me dão cobertura e vão me salvar.

Só que, às vezes, isso não basta. Às vezes eu preciso... do Michael. Preciso dele. Mas não quero. Não confio em que ele me ajude. Não mais.

Não é à toa que eu me sinto tão só. E agora a droga do relógio está tocando o alarme, me lembrando...



Agosto passou como um borrão de dias quentes e preguiçosos, com céu azul. Betsy e Lulu passavam quase todo o tempo fora, em vários acampamentos ou com Mila no Polegar Verde. A festa de cinco anos da caçula correu bem, embora tenha sido uma versão mais quieta das comemorações anteriores.

Naquela manhã de quinta-feira, o sol se ergueu forte e brilhante contra um céu azul e límpido. Seria um dia glorioso de verão. Às nove e meia, Michael saiu do computador e subiu a escada. Bateu na porta do quarto das meninas, dizendo:

– Vamos acordar, dorminhocas. A *Yia Yia* vai chegar em meia hora para pegar vocês.

Desceu e pôs o café da manhã na mesa. Rabanada com amoras frescas.

– Vamos, meninas! – gritou de novo.

Bebendo café, ligou a TV da sala.

– ...sob fogo cerrado na noite passada, perto de Bagdá. O helicóptero, um Black Hawk pilotado pela subtenente Sandra Patterson, de Oklahoma, foi atingido por um lança-granadas e caiu em segundos, matando todos a bordo...

Imagens de soldados orgulhosos preencheram a tela, uma após a outra...

– Eu pensei que as mulheres não podiam entrar em combate – disse Betsy em voz baixa atrás dele.

Michael pensou: *Essa não...* Já era ruim demais ele ter visto aquilo, e agora tinha que consolar a filha. Como poderia tranquilizá-la,

quando a verdade estava tão óbvia diante deles?

O que Jolene faria? O que ela gostaria que ele fizesse?

Michael virou-se lentamente e viu lágrimas nos olhos de Betsy, que parecia tão frágil e abalada quanto ele.

– Ela mentiu para a gente – falou a menina. – Todas aquelas cartas e fotos... são mentira.

Michael estendeu a mão, tomou a da filha e a conduziu até o sofá, onde se sentaram juntos.

– Ela não quer nos preocupar.

– Você está preocupado?

Ele olhou em seus olhos assustados e soube que Betsy se lembraria do que o pai dissesse a seguir. Poderia lhe contar uma mentira? Ele sabia distorcer a verdade, mas desta vez queria algo mais de si mesmo.

– Estou preocupado, sim – respondeu por fim, puxando-a para o seu colo.

– Eu também.

Betsy enroscou os braços em volta do seu pescoço, como se tivesse voltado a ser uma criancinha, e enterrou o rosto ali. Ele a sentiu chorar, os ombros magros estremecendo, a pele úmida, e não disse mais nada.

Quando ela enfim se afastou, trêmula, o rosto pálido banhado de lágrimas, Michael sentiu um amor mais poderoso do que jamais sentira.

– Eu te amo, Betsy, e tudo vai acabar bem. É nisso que temos que acreditar. Ela vai voltar para casa.

Betsy concordou devagar, mordendo o lábio inferior.

– Ei – disse Lulu, entrando na sala. – Eu quero um abraço.

Michael abriu o outro braço e Lulu subiu, sentando-se ao lado da irmã.

– Acho que hoje eu vou levar minhas meninas na praia – falou ele após alguns momentos.

Lulu se afastou e arregalou os olhos.

– Você?

– Mas é dia de semana – replicou Betsy.

– Eu trabalhei bastante – explicou Michael.

Essas palavras estranhas afrouxaram algo nele e o fizeram se sentir mais leve. Estendeu a mão, pegou o telefone na mesa ao lado do sofá e ligou para a mãe.

– Oi, mãe. Vou ficar com as crianças hoje. Vamos passar o dia na praia. Você quer vir?

Mila riu.

– Eu tenho um monte de coisas para fazer na loja. Encontro vocês lá?

– Perfeito – respondeu Michael, desligando. Então, disse às filhas estupefatas: – Por que estão aí sentadas? Eu achei que íamos para a praia.

– Eba! – exclamou Lulu, descendo do colo dele e correndo escada acima.

Na garagem, Michael descobriu que Jolene tinha deixado tudo muito bem-organizado: cadeiras dobráveis, espetos para assar marshmallows, produto para acender fogueiras. Um *cooler* já estava preparado quando Betsy e Lulu desceram, vestindo maiôs e carregando toalhas de praia.

– Eu vesti a Lulu – anunciou Betsy com orgulho.

Após o café da manhã, Michael pegou o *cooler*, instruiu as meninas para pegarem baldes e pazinhas e lá foram eles. Ao chegarem à rua, silenciosa naquela manhã, atravessaram de mãos dadas e foram até o pequeno deque.

Passaram o dia inteiro na praia, fazendo castelos de areia, procurando conchas e caminhando pelas ondas azuis e frias. Por volta de meio-dia, no deque, Michael fez uma fogueira em um recipiente de metal específico para isso e, em seguida, começaram a assar salsichas.

À uma da tarde, Mila chegou e se uniu a eles. Pela primeira vez em meses, Betsy deixou de lado a atitude de pré-adolescente e

voltou a ser criança, e à noite, quando o céu ficou lavanda e uma lua translúcida apareceu para ver quem brincava na praia, sentaram-se bem juntos nas cadeiras, enrolados em cobertores.

– Papai – disse Lulu, encolhida contra o corpo dele –, tô com medo de começar a escola. Quando é semana que vem? Mamãe pode vir pra casa?

Uma emoção o invadiu e comprimiu seu peito.

– Eu sei que mamãe iria adorar levar você para a escola, mas ela não pode vir. Mas eu vou estar lá. É o suficiente?

– Você vai me dar a mão?

– É claro.

– Por que eu tenho que ficar lá o dia todo? Mamãe disse que ia acabar na hora do almoço.

– Agora é diferente, querida. Você precisa ficar em período integral.

– Porque ela não tá aqui? – perguntou Lulu, sonolenta, mexendo nas asinhas metálicas presas ao maiô.

– É.

– E se eu ficar com medo?

– A gente sempre sente medo no primeiro dia – respondeu Betsy baixinho. – Mas todos vão gostar de você, Lulu. E você vai ter uma professora ótima, a Srta. MacDonald. Eu adorava ela.

– Ah – fez Lulu, pouco convencida.

Michael sorriu.

– Eu vou explicar como é...

Enquanto falava sobre o jardim de infância, as professoras, as salas e o recreio, era como se fosse outro homem, em outra vida. Ele passara anos esforçando-se para fazer alguma diferença no mundo e se matava de trabalhar para isso, porém ali estava, sentado no deque com as filhas, e nunca tivera tanta certeza de que suas palavras faziam alguma diferença.

Era aquilo que Jolene tentara lhe dizer toda vez que ele perdia algum evento. *Faz diferença*, alertava a esposa.

– Tá bom, papai – disse Lulu por fim. – Acho que eu consigo porque agora eu sou grande. Se você me der a mão. E vou levar a minha fita rosa.

– Ah, Lulu – respondeu ele –, eu não perderia por nada desse mundo.

Bem mais tarde, quando as meninas dormiam nas cadeiras, enquanto as ondas lambiam a orla de seixos e as estrelas brilhavam, Mila olhou para o filho.

– Jolene ficaria orgulhosa de você hoje – afirmou ela baixinho.

Michael fitou-a por sobre a cabeça de Lulu.

– Eu a decepcionei – replicou.

Sua mãe assentiu, dando um sorriso triste, como se soubesse disso havia tempos.

Setembro foi um mês violento. Parecia que todo dia um helicóptero voltava para a base danificado. Missões heroicas e bombardeios suicidas tinham virado rotina. Jolene passara a evitar o Haji Mart; não suportava pensar que o rapaz bonitinho vendendo vídeos podia um dia ter uma bomba amarrada ao peito. Nos últimos dias começara a chover e a base se transformara em um imenso lamaçal. O piso de cimento do trailer parecia terra. Não havia como tirar a lama vermelha e viscosa das botas.

Naquela noite, o céu estava negro e limpo, pontilhado de estrelas. Ocorreu-lhe que, poucos meses antes, uma vista assim a faria pensar na família em casa, dormindo em paz sob as mesmas estrelas. Ultimamente, ela não pensava muito no que estaria acontecendo em casa. Estava ocupada e exausta demais para isso. Passava o tempo todo no ar, levando unidades até suas posições estratégicas e operários para locais de construção e transportando soldados e civis iraquianos, além de gente importante do Exército.

Com cada vez mais frequência, fazia missões de ataque aéreo, levando tropas para as áreas de suas missões.

Estava caminhando ao lado de Tami até o trailer que abrigava a sala de planejamento de voo da Unidade Charlie. Não se davam o trabalho de conversar; não tinham forças para falar. Eram dez da noite e já haviam feito duas missões. No dia anterior, estiveram mais ocupadas ainda.

Jolene subiu os degraus de madeira enlameados e entrou no trailer. As paredes estavam cobertas de papel – cronogramas, relatórios, folhetos, calendários. As rotas de todas as aeronaves eram rastreadas dali. Cada mesa tinha um monitor de computador. Era ali que armazenavam todas as metralhadoras, as munições e os equipamentos de voo.

Quando ela entrou no trailer, a luz acabou e tudo ficou escuro. Ouviu alguém dizer:

– Merda. De novo?

Jolene sabia que o gerador logo estaria funcionando, mas precisava estar no helicóptero em cinco minutos.

– Zarkades, senhor – anunciou para a escuridão. – Tem o plano de missão do Raptor oito-nove?

Houve um ruído de papel e o ranger de passos sobre o piso de madeira.

– Ataque aéreo, chefe. Vocês e o Raptor quatro-dois vão para Al Anbar. Temos uma unidade de fuzileiros presa em um fosso. Estão sob fogo cerrado.

O gerador foi acionado; as luzes se acenderam. O capitão Will “Caubói” Rossen estava de pé diante dela, segurando as instruções.

– Sim, senhor.

O homem assentiu.

– Fique em segurança.

As duas amigas foram para a pequena sala ligada ao centro de operações e coletaram seus pertences. Jolene vestiu o pesado colete à prova de balas e pegou a bolsa de voo. Enquanto

caminhavam pelas trilhas cheias de lama, começou a chover. Ela ergueu o olhar e viu uma camada de nuvens cinza-claro ocultando as estrelas.

– Merda. A visibilidade está piorando – comentou Jolene.

Apertaram o passo; as botas chapinhavam na lama. Jamie apareceu ao seu lado, mas ninguém disse nada enquanto se dirigiam à aeronave. Então surgiu Smitty, amarrando o capacete enquanto caminhava.

– Sua vez do lado esquerdo? – perguntou Tami após verificarem o helicóptero.

Jolene concordou, subiu e afivelou o cinto. Prendeu os óculos de visão noturna ao capacete e os posicionou sobre o rosto.

Decolaram em menos de cinco minutos, voando logo abaixo da camada de nuvens.

Era uma missão de dois helicópteros. Seguiram juntos, sempre em contato, cruzando a extensão negra do deserto, por sobre Bagdá, até a província de Al Anbar, logo depois de Fallujah.

Quando entraram no espaço aéreo de Fallujah pelo norte, ouviram a primeira rajada de tiros de metralhadora. O *tap-tap-tap* na fuselagem era de alguma arma pequena.

– Raptor oito-nove sob fogo, sete horas, duzentos metros – informou Jolene pelo rádio.

O outro helicóptero respondeu imediatamente:

– Raptor quatro-dois sob fogo, nove horas, virando à direita.

Sobrevoaram uma pequena vila. Havia uma metralhadora posicionada sobre um telhado, disparando contra eles.

Jolene vasculhou a área embaixo; os óculos de visão noturna revelaram dezenas de pontos esverdeados que se moviam na escuridão. Seriam os soldados presos no fosso ou os insurgentes em busca deles? Estendeu a mão para ativar um interruptor e tudo explodiu.

Uma granada atingiu a fuselagem com tanta força que Jolene foi jogada para o lado; o pé foi impelido para cima e chutou o painel de

instrumentos.

A cabine se encheu de fumaça. Labaredas tomaram conta da parte de trás da aeronave; Jolene sentiu o calor. Ela chamou sua equipe, mas não obteve respostas. Agarrou o manche e tentou manter o helicóptero no ar, mas estavam caindo – despencando – a 240 quilômetros por hora.

O motor número dois enlouqueceu; o painel de instrumentos apagou. Nada. Nem a temperatura dos motores.

Chamou de novo a tripulação e os alertou para que se preparassem para o impacto, então tentou passar sua posição para a torre, mas a fumaça era tão intensa que ela não conseguia respirar.

– *Mayday*... – foi tudo o que disse antes de caírem.



Após um longo dia colhendo depoimentos dos policiais que interrogaram Keith Keller, Michael voltou para casa, exausto, e preparou o jantar para as filhas – uma das receitas de frango com arroz que ele encontrou no fichário de Jolene. Mais tarde, quando as meninas foram dormir, ele foi até a sala vazia e notou como a casa estava silenciosa.

Uma emoção incomum cresceu dentro dele, tão estranha que levou um instante para reconhecê-la: solidão.

Durante muito tempo, ele sentira raiva por ter que cuidar da casa, como se ficar responsável pelas filhas, a comida e as compras o tornasse menos homem. Culpara Jolene por largá-lo à deriva em um mar de responsabilidades que ele não queria assumir e que mal sabia como realizar. Mas, nas últimas semanas, isso mudara. Ele mudara. Descobrira uma nova faceta de si mesmo. Adorava ler para Lulu na hora de dormir, ouvir suas perguntas inusitadas sobre as histórias, ver o dedinho dela apontar as figuras. Adorava quando Betsy se sentava com ele à noite para ver TV e contar coisas da

escola. Achava o máximo perceber que tinham formado uma equipe eficiente no supermercado e como um simples jogo de tabuleiro rendia boas risadas.

Sentia saudade de Jolene. Como não tinha previsto o que sua vida seria sem ela?

Ela estava tão longe, todo dia sendo alvo de tiros, esquivando-se de artefatos explosivos, se transformando de uma maneira que ele nem podia imaginar. E o que Michael lhe dera de despedida? *Eu não te amo mais.*

Foi até a TV e a ligou. A última fita que Jolene mandara estava no videocassete, como sempre; as meninas a assistiam toda hora. Apertou play.

E ali estava, Jolene de uniforme, sorrindo para a câmera, indicando os pontos principais de Balad: *Aqui é o lugar onde a gente come aquela torta gostosa...*

Sua esposa.

A fita terminou e a última imagem dela ficou congelada. Estava de pé com Tami, ambas de uniforme, passando o braço uma ao redor da outra. Jolene tinha um largo sorriso, mas Michael enxergou a verdade em seus olhos. Ela também estava assustada e sozinha.

Sentiu tanta vontade de falar com a esposa que seu peito doeu. Mas não havia como ligar para ela. Tudo o que podia fazer era escrever um e-mail.

Justo o que ele nunca fizera. Iniciara vários nas últimas semanas, mas deletara todos antes de enviá-los. Tinha muita vergonha de sua atitude anterior; como poderia agora simplesmente mandar uma mensagem e fingir que tudo mudaria?

Atravessou a sala e foi até o escritório, onde se sentou na frente do computador e o ligou.

Jolene, digitou, mas então parou, apagou aquilo e começou de novo.

Minha Jo...

Lembra a primeira vez que eu chamei você assim? Estávamos no jardim botânico, em uma canoa alugada, vendo os patinhos filhotes nadarem entre os caniços. Você disse "Eu não sei como eles acham a mãe", e isso me fez entender como a sua infância tinha machucado você. Levou muito tempo até você me contar como tinha sido e, quando finalmente me contou... foi aí que eu soube que você me amava. Eu olhava nos seus olhos e via meus próprios sonhos. Quando foi a última vez que realmente nos olhamos? Não sei dizer. Enfim, voltando aos patos, eu falei: "Eles simplesmente sabem. Como eu sei que você é a minha Jo."

"Eu quero ser sua", respondeu você.

Eu a amava tanto que até doía. Eu ficava deitado na cama e imaginava perder você de formas terríveis. Doentio, né? Mas é verdade. Eu a amava tanto que acho que eu precisava pensar em perder você, senão eu é que me perderia. Você me amou assim?

Eu acho que sim.

Então o que aconteceu? Quando deixamos de ser amantes e começamos a ser só os pais das meninas, depois colegas de quarto? Quando foi que eu comecei a culpar você em vez de a mim? Acho que muito disso se deve à morte do meu pai. Eu nunca tinha perdido ninguém antes, não conhecia a sensação de perder uma parte de mim mesmo daquele jeito e não lidei bem com isso. Acho que eu culpei você por tudo o que tinha de errado na minha vida.

É tarde demais para voltar atrás?

Espero que não.

Eu pensava que tinha entendido tudo, que o nosso ciclo tinha chegado ao fim, mas agora eu vejo como estava enganado e como magoei você, e sinto muito.

Sinto muito. Por tantas coisas... Acho que a guerra não transforma só os soldados. Aqueles que lutam em casa também atravessam mudanças.

Estou com saudades.

Michael olhou para o e-mail. Era muito curto. De que servia pedir desculpas com tudo o que ela estava vivendo?

Será que a esposa o perdoaria? Só havia um jeito de saber.

Enviou a mensagem.



Jolene acordou tossindo, os olhos lacrimejando, com gosto de sangue na boca. Chamou de novo sua equipe, mas não obteve resposta. Tami estava ao lado, presa ao assento, caída para a frente, desmaiada.

Jolene tentou se soltar do banco. Na terceira tentativa, descobriu o problema. Seu antebraço direito estava todo ensanguentado. Mal conseguia erguer a mão e os dedos não se moviam direito. Usando a mão esquerda, inclinou-se para a frente, sobre o painel de instrumentos chamuscado e absurdamente quente, para fazer uma desativação de emergência.

– *Mayday* – disse, sentindo dificuldade para falar e se concentrar. O rádio não estava funcionando. Desmaiou de novo.

Quando acordou, passou suas coordenadas pelo rádio, na esperança de que agora desse certo. Precisava do aparelho. Onde estava? *Pense.*

– Tami – chamou Jolene, tentando alcançar a melhor amiga, mas não pôde se mexer.

Tentou se soltar, mas não conseguiu. Seu corpo não respondia. Algo estava errado com seu pé direito.

Tap-tap-tap.

Estavam sob fogo mais uma vez. Ao longe, ouvia os sons guturais de vozes de homens, os passos chegando mais perto.

Eu tenho que sair, estabelecer um perímetro.

Tap-tap-tap.

Continuam atirando em nós.

Tentou tirar sua arma do coldre, mas a mão direita não reagia.

Enfim soltou-se do assento e se arrastou com dor pela cabine. Agarrou Tami, soltou o cinto de segurança e puxou com força. Tami escorregou de lado, os olhos vidrados, os lábios entreabertos. Jolene mexeu no capacete de Tami de forma desajeitada, retirou-o e viu a enorme ferida na cabeça, da qual jorrava muito sangue.

– Fique comigo, Tami...

Olhou para a traseira do helicóptero. O lado direito da fuselagem tinha sido arrancado; havia pedaços de metal em brasa e derretidos. As faixas de lona e as redes estavam em chamas. Smitty, tombado de lado, tinha um grande buraco preto no peito, do qual saía sangue e fumaça. Seu olhar estava vazio. Morto. Jamie estava caído em um canto.

– Jamie! Jamie!

Ela precisava tirar todos do helicóptero.

Quando se mexeu, foi tomada por uma onda de náusea. A dor no pé era lancinante. Jolene vomitou e voltou a se mover. Sacou sua arma com a mão esquerda, ergueu-a, trêmula, e tentou enxergar em meio à fumaça.

– Tami, vou tirar você e aí temos que estabelecer um perímetro. Precisamos do rádio. Jamie, acorde. *Jamie!* Tire o Smitty. Me ajude.

Levantou-se usando o braço bom e tentou mirar além da fuselagem destruída. O *tap-tap-tap* ficou mais alto, mais insistente. Agarrou Tami, deitou o corpo inerte dela sobre suas costas e rastejou devagar para fora da cabine, caindo com força no chão. Sentiu uma dor violenta na coxa.

– Chefe...

Era Jamie. Ou teria imaginado sua voz?

– Jamie – disse ela, mas sua voz mal passou de um gemido. Ficou ali deitada, arfando, o corpo de Tami um peso morto sobre ela. – Vamos, Tami, acorde, *por favor*...

Ouviu o alarme do seu relógio de pulso disparar naquele som desolado, mas não era real. Ela sabia que não era. Não teria como

ouvi-lo por sobre todo aquele ruído – os tiros, os gritos.

– Desculpe, Tam – falou, arrastando a amiga pela terra. Sua visão estava turva, o sangue latejava em sua cabeça.

Atrás dela, o helicóptero explodiu. Jolene atirou-se sobre Tami, cobrindo o corpo da amiga com o seu. Algo atingiu-a com força e a fez tombar de lado. Ficou estendida na terra, atordoada, olhando para o céu preto, estilhaços ardentes de metal caindo feito fogos de artifício, chovendo sobre ela.

Ouviu de novo o apito do seu alarme... ou seria outra coisa? Um grito? Uma bomba que passara perto dela? Pensou *BetsyLuluMichael* e sentiu-se cair, dissolver... e então nada.

Quinze



Michael estava de pé na frente da janela da cozinha, observando a noite cair. Eram meados de setembro e estava frio, com uma brisa que fazia as copas baixas dos cedros gigantes ondularem em torno do gramado alto. Os dias de caminhar na praia chegavam ao fim; o outono se aproximava, com manhãs geladas e chuva incessante. Ele sabia, sem olhar, que as ameixeiras tinham começado a perder as folhas.

Contra a luz cor de lavanda, ele olhou a cerca branca que demarcava seu terreno. *Estes somos nós*, dissera Jolene enquanto o ajudava a cravar as estacas tanto tempo atrás. *A família Zarkades. Todos vão ver esta cerca e saber que aqui é o nosso lugar.*

Na rua, mais ao longe, um carro apareceu, os faróis brilhantes contra o pôr do sol. Ele se aproximou, um veículo quadrado, com aparência oficial, e diminuiu... até parar de vez na entrada da casa.

Os dedos de Michael se fecharam sobre o azulejo branco e frio da bancada. *Dê meia-volta, vá embora... você está no lugar errado...*

Um soldado saiu do carro, bateu a porta e voltou-se para a casa.

Meu Deus.

Michael fechou os olhos e respirou com tanta força que sentiu a cabeça girar.

A campainha soou de forma desagradável.

Ele caminhou rígido até a porta e abriu-a.

– Ela morreu?

– Eu sou o capitão Lomand...

– Jolene morreu?

– Ela está viva.

Michael se agarrou ao batente da porta, temendo por um instante que seus joelhos cedessem.

– Desculpe por chegar assim. Eu sabia o que o senhor pensaria ao me ver, mas eu não queria que recebesse um telefonema de um estranho... Posso entrar?

Michael assentiu, entorpecido, e abriu espaço para que ele passasse, pensando *mas você é um estranho.* O homem entrou na casa e foi direto para a sala. Agia como se já tivesse estado ali, e provavelmente tinha, mas Michael não fazia ideia de quem ele era.

O capitão parou perto do sofá, continuou de pé e tirou o quepe. Quando olhou para Michael, seus olhos demonstravam compaixão.

– O Black Hawk de Jolene foi derrubado há várias horas.

Michael se abaixou devagar até a lareira de tijolos. Atrás dele, o fogo ardia. Estava perto demais e muito quente, mas não conseguia sentir nada.

– Ela está sendo transportada para Landstuhl, na Alemanha, agora mesmo. É o maior hospital militar norte-americano da Europa. Ela está em boas mãos.

– Em boas mãos – repetiu Michael, tentando obrigar sua cabeça a funcionar. – Mas como ela está?

– Ainda não tenho nenhum detalhe, senhor.

– Tami estava no helicóptero com ela?

– Sim. Mas até o momento não tenho informações sobre seu estado, exceto que está viva.

– O que eu faço? Como posso ajudar?

– Reze, Michael. É tudo o que podemos fazer por ela agora. Assim que houver informações, um funcionário da Cruz Vermelha vai telefonar para cá.

Michael olhou para as mãos e viu que tremiam. Coisas curiosas passaram por sua cabeça, coisas bobas... ouviu seu próprio coração

e o ar que expirava, o som de uma madeira que rangeu em algum lugar da casa.

– Vai vir gente mais tarde. Para ajudar – continuou Lomand.

Michael não imaginava como estranhos poderiam ajudar, mas não se importava, então não disse nada. As palavras pareciam perigosas de repente; havia muito que ele não queria ouvir ou pensar. Desejava que aquele homem fosse embora.

– Eu preciso vê-la. – Era a única coisa de que tinha certeza.

– Claro.

O capitão ficou ali mais um momento, parecendo aflito.

– Ela é uma guerreira – afirmou em voz baixa.

– É. – Michael não aguentava ouvir mais nada. – Obrigado... – Queria dizer o nome do homem, mas tinha esquecido.

Levantou-se e foi em direção à porta, abrindo-a. Ouviu Lomand atrás dele, os passos firmes no piso de madeira, mas nenhum deles falou. À porta, o capitão falou:

– Todos estamos rezando por ela.

Michael assentiu. Não tinha forças para falar, nem mesmo para agradecer. Ficou parado na entrada, vendo o capitão ir até o carro, as costas eretas, o quepe firme sobre a cabeça, os braços ao lado do corpo.

Michael perdeu a noção do tempo. Num minuto estava ali, vendo um soldado andar, e no minuto seguinte estava sozinho, de pé no frio, olhando para um gramado cada vez mais escuro.

Em sua carreira, ouvira dezenas de vítimas e réus dizerem *não lembro do que fiz...* e *eu perdi o controle, minha mente ficou vazia*.

Agora ele sabia como era sentir isso, como a mente podia desligar, deixar de funcionar.

Devagar, fechou a porta e voltou para o calor da cozinha. Só ouvia seu coração, sua respiração e aquelas palavras, repetidas inúmeras vezes.

Derrubado.

Ela podia estar morrendo agora mesmo... sozinha...

Fechou os olhos e, por um momento, imaginou perdê-la, o enterro, as palavras, os sentimentos. Por mais que o machucasse, não conseguia parar. Ele *queria* aquela dor, a merecia; como sobreviveria ao pior se não estivesse preparado?

O problema era que ele não conhecia o pior, não saberia identificá-lo. Teria que contar para as crianças, criá-las sem ela, falhar, tropeçar; teria que ficar diante dos amigos – um viúvo que deixara a mulher ir para a guerra levada por uma maré de palavras amargas e promessas rompidas; teria que voltar para casa sem ela e aprender a dormir só.

Sentindo falta dela.

Isso seria o pior. Como ele não tinha pensado em tudo isso quando dissera aquela bobagem de *eu não te amo mais*? Na época, só pensara em como eles tinham chegado àquele ponto. Ela parecia ter ficado tão grande e tão pequena ao mesmo tempo; a irritante engrenagem de sua existência. Michael se ressentia da força da esposa, de sua independência. Queria que Jolene precisasse dele, mesmo que ele fosse pouco confiável. Michael a culpara por sua infelicidade, quando o tempo todo fora ele que abrira mão do que importava.

E agora talvez Michael tivesse que viver sem ela. A ideia era aterradora. Conseguia ponderar os sintomas – as conversas, as responsabilidades, os momentos públicos –, mas a realidade, a vida continuar sem um coração que bate, era mais do que podia suportar.

Cambaleou até a bancada da cozinha e pegou o telefone sem fio. Precisou de três tentativas para discar o número de sua mãe – os dedos tremiam tanto que ele errava as teclas. Quando sua mãe atendeu, meio sem fôlego e feliz com a ligação, a dor o dominou e apertou sua garganta até que ele mal pudesse falar.

– Oi, Michael. Que bom que você ligou. Eu estou desencaixotando umas coisas na loja. Amanhã ainda vamos...

– Jolene – falou ele, com os olhos ardendo.

– Michael? – indagou sua mãe devagar. – O que foi?

Ele se inclinou para a frente e apoiou a cabeça na parede da cozinha, coberta por um papel amarelo ensolarado (*Uma cozinha não deve ser ensolarada, Michael? É o coração da casa*). Não via mais nada.

– Derrubaram a Jo. Ela está viva, a caminho de um hospital na Alemanha.

Ouviu a mãe inspirar fundo.

– Meu Deus. Como...

– É tudo o que eu sei, mãe.

– Ai, *kardia mou*, eu lamento tanto...

O termo carinhoso, dito com tanta ternura, acabou com sua compostura. Ele começou a tremer e, depois, a chorar como nunca antes, nem mesmo quando seu pai morrera. Pensou em Jolene sorrindo, gargalhando, segurando as filhas nos braços fortes, fazendo-as girar e envolvendo-o em seus braços, trazendo-o para junto dela à noite.

Chorou até ficar vazio, oco, e então se endireitou aos poucos e enxugou os olhos. Sua mãe continuava falando, dizendo algo... Ele ouvia sua voz, mas sem compreender as palavras. Nada era capaz de consolá-lo agora.

– Preciso de um tempinho, mãe. Umas duas horas para falar com as meninas.

Mila ainda estava falando quando ele desligou.

Inclinou-se sobre a pia da cozinha, pensando por um segundo que fosse vomitar. Isso acontecera antes ao receber más notícias, como quando ouviu que o câncer de seu pai sofrera metástase. Engoliu a saliva espessa e tentou reduzir os batimentos cardíacos com a força de vontade. *Ela pode morrer.* A visão do ralo prateado se turvou e novas lágrimas se formaram, queimando, desceram pelo seu rosto, pingando na porcelana branca.

Quanto tempo passou ali inclinado, chorando dentro da pia?

Quando voltou a respirar normalmente, enxugou o rosto e obrigou-se a endireitar-se. Devagar, atravessou a casa e subiu a escada. Cada degrau que subia era um triunfo, como pedalar montanha acima. Quando chegou até a porta de Betsy, estava arfando e suado.

Parou, desejando mais do que tudo não ter que lhes dizer aquilo... Então entrou, lembrando tarde demais que devia ter batido, que adolescentes exigem privacidade.

Elas estavam na cama juntas, assistindo a um vídeo em que Jolene lia uma história de ninar.

Michael quis dar meia-volta. Elas não seriam as mesmas após ouvirem a notícia. Aprenderiam, de agora em diante, que coisas ruins aconteciam, podiam acontecer de repente, quando nem se estava prestando atenção. Helicópteros podiam ser derrubados. Mães podiam se ferir... ou pior.

Ele tropeçou.

– Quer ver mamãe ler pra mim, papai? – perguntou Lulu.

Michael tentou avançar, mas ficou ali, um pouco vacilante, apoiando-se no batente da porta. Então deu um passo à frente e desligou a TV. Betsy franziu a testa.

– O que aconteceu?

No silêncio que se seguiu, o rosto de Betsy perdeu a cor.

– É minha mãe?

– Mamãe voltou? – indagou Lulu. – Eba! Cadê ela?

Esperança, pensou Michael. Ele tinha que deixar seus próprios medos de lado e lhes dar esperança.

E se fosse uma falsa esperança? Ele não fazia ideia da gravidade dos ferimentos de Jolene ou se ela sobreviveria.

Derrubada.

Engoliu em seco e enxugou os olhos antes que novas lágrimas surgissem.

– Me diz – pediu Betsy, séria.

Ver o medo que ela sentia e como estava tentando ser adulta partiu o coração de Michael. Ele passou por entre as roupas jogadas no chão e sentou-se na cama. Lulu pulou no peito dele, sem sobreaviso.

– Cadê ela, papai? – perguntou Lulu, quicando.

Michael endireitou o corpo e esticou as pernas.

– Venha aqui, Betsy – falou em voz baixa.

Ela se moveu com cuidado pela cama, observando-o o tempo todo, com a boca trêmula, embora desse para ver que tentava se controlar.

– Mamãe sofreu um acidente – disse ele com as duas filhas nos braços. – Ela está agora a caminho de um hospital muito bom. E... – *Ela vai ficar boa.* Não conseguiu dizer essas palavras.

Lulu se soltou, sentou-se nas pernas dele e o encarou.

– Mamãe se machucou?

– Ela vai ficar bem? – questionou Betsy baixinho.

Nunca na vida Michael se sentira tão dolorosamente deslocado.

– Temos que acreditar que vai. Temos que rezar por ela.

Betsy o olhou, derrotada. As lágrimas começaram a rolar; seu corpo todo tremeu. Lulu caiu em prantos.

Michael tomou as duas nos braços, agarrando-se a elas e segurando as próprias lágrimas. Choraram durante muito tempo. Por fim, Lulu se afastou. Tinha os cachinhos pretos úmidos e colados às bochechas rosadas.

– Se mamãe se machucou, ela vai ganhar sorvete? Lembra quando mamãe me deu sorvete quando eu caí da escada, Betsy?

– De morango – respondeu Betsy e Lulu concordou.

– Com granulado.

Betsy enxugou os olhos e fungou.

– Lembra quando ela torceu o tornozelo na praia no verão passado, Lulu? Ficou todo inchado, roxo e horrível, e ela disse que nem doía. Ela só não correu, tipo, um dia.

– E quando aquele cachorro mordeu ela no supermercado, ela sangrou, mas quase não doeu, lembra? Porque ela é soldado, isso que ela disse. Ela tem força militar. Né, papai?

Michael só conseguia assentir. Para as filhas, essas histórias eram uma forma reconfortante de trazer Jolene para casa, onde era seu lugar, mas ele só conseguia pensar em helicópteros caindo no deserto, se partindo, explodindo... em ferimentos catastróficos. Pensou nas mensagens que ele não tinha mandado desde a partida da esposa, nas coisas que não dissera e no que tinha dito – *eu não te amo mais* –, e se sentiu enjoado.

Ficou imensamente agradecido quando sua mãe apareceu, duas horas depois.

– Mamãe se machucou, *Yia Yia* – informou Lulu, começando a chorar de novo.

Mila avançou, decidida.

– Sua mãe é uma guerreira, Lucy Louida, não se esqueça disso. Agora ela precisa dos nossos pensamentos positivos. Que tal se vocês vestirem o pijama para eu contar uma história?

Michael se soltou das filhas e ficou de pé. Sentiu as pernas bambas ao caminhar em direção à mãe.

– Ah, Michael... – falou Mila com suavidade quando ele se aproximou, a voz vacilante e os olhos úmidos.

– Agora, não – disse Michael, desviando-se da mão estendida dela. Não podia ser consolado agora na frente das filhas. O toque da mãe poderia fazê-lo ruir. Passou por ela e foi para o corredor.

Fechou a porta do quarto e desceu a escada. Durante um tempo – não tinha ideia de quanto –, vagou pela casa, apenas olhando para objetos. A fotografia do casamento na estante de livros, a mesinha em que deram o acabamento juntos, o prato decorativo com os dizeres *Você é especial* pendurado da parede da cozinha.

O telefone tocou e ele correu para atender.

– Michael Zarkades.

– Sr. Zarkades, aqui é Maxine Soll, da Cruz Vermelha.

Ele apertou o fone, pensando: *Por favor, Deus, faça com que ela esteja bem.*

– Como minha mulher está?

– O helicóptero foi abatido na província de Al Anbar na noite passada. Devido ao combate intenso, o resgate foi difícil. Eu não tenho muitos detalhes e não posso dar informações sobre o resto da tripulação, mas sei que ela está viva e estável. Foi atendida em Balad e agora está a caminho de Landstuhl, na Alemanha.

O alívio de Michael foi tão grande que ele caiu de joelhos no chão da cozinha.

– Graças a Deus – murmurou.

A funcionária da Cruz Vermelha prosseguiu falando sobre o hospital, mas ele mal ouviu. Desligou e foi para fora, onde a noite fria e escura o rodeou. *Jo, você vai voltar para casa... você vai ficar bem...*

Estava tão imerso em seus pensamentos que demorou uns instantes para ver o homem de pé no deque do outro lado da rua. Embora não desse para reconhecê-lo – via só uma silhueta sob o brilho de um poste distante –, sabia quem era.

Fechou a porta e desceu pela entrada de carros de cascalho, ouvindo seus passos pressionarem as pequenas pedras cinzas. A noite cheirava a maré baixa, ligeiramente sulfúrica.

– Carl? – perguntou ao se aproximar. – Lomand também visitou você?

O outro assentiu.

– Eu precisava sair de casa. Seth está... Eu não sei o que dizer. A mãe da Tami está com ele agora.

– É. Minha mãe também está com as meninas. Como Tami está?

– A porcaria do Exército e da Cruz Vermelha não me dizem merda nenhuma. Ela está viva. Em estado crítico. É o que eu sei. Jo?

– Viva e estável. É tudo o que sei. Nada sobre o resto da tripulação.

– Recebi uma mensagem da Tami hoje. Acho que ela mandou antes da missão. Ela parecia tão... – A voz cansada de Carl falhou por um momento. Então, em voz baixa, continuou: – Depois, eu reli e pensei: essas são suas últimas palavras?

Michael não fazia ideia do que responder, então não disse nada. Mas também não suportava o silêncio.

– Você vai pegar um voo amanhã? – perguntou.

– Vou. E você?

– Vou.

Michael olhou para a água escura e a escutou marulhar. Quanto mais ficava ali, mais desconfortável se sentia. Enfim ele e Carl tinham algo em comum, mas que não necessariamente os aproximava.

– Bom, é melhor eu ir ver as meninas. Nos vemos amanhã.

– Certo. – Carl fez uma pausa. – Obrigado por vir até aqui, Michael.

O outro assentiu e voltou para casa, mas quase desejou ter ficado com Carl. Para todo canto que olhasse, via Jo.

Recebi uma mensagem...

Entrou no escritório, ligou o computador e abriu a caixa de entrada.

Ali estava: o endereço de e-mail militar de Jolene em letra preta e negrito.

Quando o tinha escrito? No dia anterior, logo antes do voo?

Michael clicou nele.

Meus amores,

Muito obrigada pelas encomendas que vocês mandaram esta semana. Eu virei a Rainha dos Dormitórios, podem crer! Todos queriam provar as minhas guloseimas deliciosas e a baclava estava ótima. Eu dei uma mordida e pensei em todos vocês. Peçam para a Yia Yia contar a história de quando ela me ensinou a fazê-la. Eu não fui a melhor aluna dela, com certeza. Não cheguei nem perto da Betsy. ☺

Sabem o que mais me faz pensar na nossa casa? O clima daqui. É setembro, mês de muita chuva, mesmo no deserto. A base virou um enorme lamaçal. Você adoraria, Lulu. Splash! Splash!

Ultimamente, tudo tem sido rotineiro. Temos voado muito. Alguns dias atrás, fomos até um lugar chamado Zona Verde e tomamos milk-shakes feitos na hora. Hmm!

O Black Hawk está virando a minha segunda casa. Ele tem tantos equipamentos que eu tenho o mundo inteiro na ponta dos dedos. Sempre que olho para o GPS, penso em vocês e em casa e conto os dias que faltam para eu voltar.

Até lá, eu sei que vocês duas sentirão muita saudade de mim e quero que vocês saibam que eu sinto a mesma saudade. Vocês são o meu primeiro pensamento toda manhã e o último à noite.

Lulu, estou louca para ouvir todos os detalhes do seu primeiro dia de aula. Eu sei que você ainda está com um pouco de medo, mas tente se lembrar de que todo mundo se sente igual. Você fez algum amigo novo? O que achou da professora? Me conte tudo!

Betsy, eu sei como você às vezes se sente sozinha estes dias. Essa fase da escola não é fácil para ninguém, ainda mais para uma menina que está preocupada com a mãe e que tem problemas com as amigas. A vida é complicada, especialmente agora, mas o que ajuda é você aceitar essa complicação e conviver com ela. Não tenha medo de falar com Sierra sobre as suas preocupações. Ou Seth. Ou seu pai. Nunca se sabe quem vai dizer aquilo que você precisa ouvir. E lembre: uma amiga pode ajudar nos piores momentos. Eu sei disso porque Tami me ajuda todo dia aqui.

Se tem uma coisa que eu aprendi aqui, tão longe, é quanta sorte temos de contar uma com a outra.

Eu amo vocês duas até a lua, ida e volta
Mamãe

Recostou-se na cadeira. Eu amo vocês... *duas.*

Ele merecia aquilo, claro, mas mesmo assim doeu. Pensou que sua mensagem fizesse alguma diferença, mas por que faria? Um e-mail, escrito tão tarde, não teria como desfazer o estrago que causara.

– Michael? – perguntou Mila atrás dele, entrando no escritório.

Ele se voltou devagar. A cadeira rangeu.

– Chegou uma mensagem da Jo. As meninas vão querer ler de manhã.

– Venha comigo.

Michael seguiu-a até a sala, onde ela se sentou na poltrona estofada perto da janela. Ele se deixou afundar no sofá. Entre os dois havia uma antiga mesa de centro azul-clara – o primeiro projeto de "falso acabamento" de Jolene – coberta com os restos da vida familiar: um lápis, duas fotografias em molduras baratas, um jarro de cerâmica de uma das meninas, uma revista por ler. Se Jolene estivesse ali, o móvel estaria mais arrumado.

– Você precisa ser forte, pelas meninas – aconselhou Mila. – Todas elas.

– Antes de ela ir embora... – começou, sabendo, ao formular o pensamento, que não devia enunciá-lo em voz alta pois a mãe se envergonharia dele, mas não pôde evitar. – Antes de ela ir embora eu disse que não queria continuar casado com ela.

Sua mãe ficou totalmente pasma.

– Isso é o que ela levou daqui?

– É.

– Ah, Michael... – Deu um suspiro profundo. – Eu estranhei... Os e-mails...

– São para as meninas. Pois é.

– Bom, você é um idiota, claro. Mas todos nós já fomos idiotas com relação ao amor. Seu pai e eu também tivemos os nossos problemas. Uma vez ele saiu de casa, durante seis meses. Você era

novo. Eu inventei desculpas. Esperei. É uma longa história que não tem mais importância, com exceção disto: ele voltou e eu o recebi de volta. Encontramos um jeito de sermos felizes de novo. E vocês vão encontrar também.

Ela se levantou e contornou a mesa de centro. Sentou-se no sofá, passou um braço pelos ombros do filho e o puxou para perto de si, apaziguando seus nervos em frangalhos como só uma mãe sabe fazer.

– Eu tomo conta das meninas. Vá atrás dela, Michael.

Ficaram muito tempo ali sentados. Quando sua mãe enfim adormeceu, Michael se levantou. Agasalhou a mãe com um dos cobertores que ela mesma tricotara à mão e vagou pela casa escura. Foi olhar as filhas diversas vezes, ficando de pé na porta e observando-as dormir, odiando a nova vida que elas encontrariam na manhã seguinte. Começou a tomar café às cinco da madrugada, porque, embora não conseguisse pegar no sono, estava tão cansado que tropeçava o tempo todo, batia nos objetos, os derrubava. Às vezes uma imagem de Jolene sorrindo aparecia na sua mente e causava uma espécie de cegueira temporária. Era aí que trombava com uma cadeira ou deixava cair um porta-retratos.

Acordou com a campainha. O susto o fez dar um salto e ele percebeu que tinha dormido em uma cadeira de madeira da cozinha. Ficou de pé, meio instável, foi até a porta, abrindo-a.

Havia três homens ali. Apresentaram-se como colegas de Jolene na Guarda e se ofereceram para fazer qualquer coisa para ajudar. Na rua, ele viu um carro parar na frente da casa de Carl e Tami. Sem dúvida havia mais três soldados lá, dispostos a prestar auxílio.

Michael tentou se livrar deles, em vão, e acabou convidando-os para entrar. Os homens ficaram parados ao longo da parede da sala. Disseram que estavam dispostos a tudo: levar as crianças à escola, fazer compras, aparar a grama.

– Mãe? – chamou ele, inclinando-se para acordá-la.

– Ahn? – Com os olhos embaçados, ela se sentou.

– Vieram alguns...

Antes que terminasse de falar, a campainha tocou de novo.

Agora eram quatro esposas, de pé na varanda, cada uma com uma travessa de comida coberta de papel-alumínio e uma sacola cheia de compras. Abriram sorrisos tristes e cúmplices e o abraçaram – sem nenhuma lágrima – e então começaram a organizar a comida que haviam trazido. Em pouco tempo, a casa já cheirava a bacon frito. Estavam preparando o café para as meninas.

Às nove, as crianças tinham se integrado àquela casa lotada. Lulu dera uma olhada na comoção e subira no colo da avó. Betsy colocou os fones de ouvido do iPod e se sentou em um canto, ouvindo música e jogando algum *game*.

Michael estava a ponto de dizer algo quando a campainha soou de novo. Exausto só de pensar em mais ajuda, foi até a porta e abriu-a.

No estado em que se encontrava, precisou de uns instantes para processar o que via. Uma mulher de aparência familiar, com cabelo curto e muita maquiagem, estava na varanda, segurando um microfone.

– Sou Dianna Vigan, da KOMO TV. O senhor é Michael Zarkades?

Ele assentiu, apático, observando que as pessoas tinham começado a deixar buquês ao longo da cerca. Alguém amarrara uma fita amarela na estaca sob a caixa de correio.

– Sua esposa partiu em uma missão de combate com a melhor amiga como copiloto, a subtenente Tamara Flynn? Eu soube que elas se conheceram na escola de voo, ainda adolescentes. O senhor deve estar muito orgulhoso de sua mulher. Como...

– Sem comentários.

Bateu a porta e afastou-se dela, tão zangado que demorou um minuto para perceber que a casa tinha ficado totalmente silenciosa. Os guardas e as esposas, além de sua família, o encaravam. Ele tinha cometido um erro, isso era óbvio. O que queriam que ele dissesse? Que tinha orgulho dela? *Orgulho* de ela ter sido abatida?

Como podiam esperar isso dele? Como seria capaz até mesmo de enunciar aquela palavra, agora que seu mundo estava desabando?

Dezesseis



Era um daqueles dias enevoados em Seattle, em que parece que não existe céu, só camadas e camadas de cinza. Jolene ouviu o som da buzina da balsa ao longe, ondulando como a água sobre a qual flutuava a embarcação. Uma gaivota grasnou.

Betsy adora alimentar essas gaivotas. Quantas vezes tinham ficado no deque da balsa, de mãos dadas, castigadas pelo vento frio, jogando comida para as aves de olhos redondos que pareciam pairar sem esforço algum?

Um carro buzinou.

Ela franziu a testa, confusa.

O som mudou e se tornou um *bip-bip-bip* insistente.

De repente, percebeu que seus olhos estavam fechados. Tinha a boca tão seca que não conseguia engolir. Não. Havia algo na sua boca.

Despertou aos poucos, lutando para abrir os olhos.

Acima dela, em vez do céu, havia um teto branco bastante iluminado. Piscou. Havia máquinas aglomeradas em torno dela, suportes altos com monitores no topo, como carpideiras magras e pálidas, emitindo diversos sons.

O que tinha na boca era um tubo. Outro tubo entrava em seu peito, vindo da máquina à direita. Um enorme som de sucção ia e vinha, subindo e descendo. Ouviu passos, então uma porta se abriu e se fechou.

Precisava *pensar*. Onde estava? O que tinha acontecido?

Um homem alto, de jaleco branco, parou ao lado da cama. Usava luvas roxas e uma máscara branca sobre o nariz e a boca. Fez correrem as cortinas que criavam um semicírculo de privacidade.

Uma cama. Isso. Ela estava em uma cama.

– Chefe – disse o homem. – Você acordou.

Ela tentou falar, mas o tubo a fez engasgar.

Dor. Sentia *dor*. Surgiu de repente, a engoliu. Estivera ali todo o tempo? Ao lado ela, um monitor começou a apitar mais depressa.

– Acalme-se, chefe – alertou o estranho através da máscara. – Você sofreu um acidente terrível, lembra? Seu helicóptero foi abatido.

Ele arrastou a palavra, a alongou: a-ci-den-te.

Fumaça. Pedaços de metal em chamas. *Tami*.

Uma onda de adrenalina a atravessou. A dor aumentou. De onde vinha? Não sabia dizer, não conseguia localizá-la. Queria perguntar sobre Tami, sobre a tripulação, mas não conseguia fazer seu corpo reagir. Encarou o estranho e pensou *por favor...*

Imaginou-se estendendo a mão, agarrando o braço do homem, exigindo saber como sua equipe estava, mas não conseguia fazer nada daquilo. Pensou em Tami, lembrou-se de segurá-la e prometer-lhe que tudo acabaria bem.

O rosto dela coberto de sangue... por todo lugar.

O homem fez algo na bolsa que pendia ao lado da cama e, lentamente, a névoa retornou, envolveu-a, até que ela foi para longe dali. Estava na varanda traseira de casa, com os pés apoiados na balaustrada, ouvindo os gritinhos agudos de Lulu, que corria pelo gramado, e os sons constantes das ondas distantes.



A dor a fez acordar. Jolene abriu os olhos, ofegando, desesperada para encher os pulmões de ar. Já não tinha mais o tubo na boca. Quanto tempo passara ali, recuperando e perdendo a consciência?

Não tinha noção do tempo. Quando acordou, foi um despertar instável; tinha a cabeça enevoada, confusa. Algumas vezes, enfermeiras entraram no quarto e ela implorara por notícias, porém só obteve olhares tristes de *coitadinha* e uma promessa de chamarem o capitão, mas, se ele veio, Jolene devia estar dormindo.

Mas agora estava acordada. O encosto da cama estava um pouco mais alto e algumas das máquinas tinham desaparecido. As luzes do teto eram fortes, implacáveis. Pela pequena janela à direita, viu que chovia. Durante um segundo arrastado e confuso, pensou estar em casa...

Examinou o quarto – viu uma pequena cadeira metálica perto da janela, uma TV no canto entre a parede e o teto e paredes pintadas de cinza. Então, lentamente, olhou para baixo. O braço direito estava engessado do pulso ao cotovelo. Mas não foi isso que chamou sua atenção.

Sua perna direita mal parecia uma perna. Estava estendida sobre os impecáveis lençóis brancos, com o joelho um pouco dobrado. Da metade da coxa para baixo, era uma coisa inchada, preta, cheia de pus; parecia uma linguiça estorricada. Quatro grandes parafusos metálicos a mantinham no lugar, para que ainda fosse uma perna. Uma mangueira ligava o membro a um tipo de aspirador que sugava os fluidos do ferimento e os coletava em um saco plástico. No tornozelo apareciam fragmentos de ossos. E o cheiro... era terrível, de algo em parte queimado, em parte podre.

A visão lhe causou uma ânsia de vômito. Ela pressionou uma das mãos sobre a boca e sentiu a bile subir pela garganta.

– Meu Deus... – sussurrou.

A porta se abriu e um homem alto, de jaleco branco, entrou no quarto.

– Você acordou – disse, puxando a máscara sobre a boca e o nariz.

Foi até o outro lado da cama e parou ao lado dela.

– Eu sou o capitão Sands.

– C-como está a minha equipe?

– Chefe, você precisa se manter calma.

Jolene lutou para se mover, mas não tinha força na parte superior do tronco. Aquele mísero esforço a deixou arfando e suando.

– Minha equipe... e Tami? – perguntou baixinho, olhando para cima. – A chefe Flynn?

– A chefe Flynn está no andar de cima.

– Está viva – falou Jolene, deixando a cabeça cair no travesseiro. – Graças a Deus. Posso falar com ela?

– Ainda não, chefe. Ela sofreu traumatismo craniano. Está sendo constantemente monitorada.

– E Hix?

– O sargento Hix também está aqui. Alguns estilhaços atingiram sua coxa, mas ele está se recuperando depressa. Seu outro atirador, Owen Smith, não sobreviveu à queda. Sinto muito.

– Meu Deus...

Smitty. Lembrou-se do seu sorriso radiante... e do buraco no peito. *Estou guardando o lugar para você, chefe. Eu iria gostar se minha mãe ligasse.*

– Agora, chefe, podemos falar de você? – perguntou o capitão.

Ela o fitou, com os olhos turvos, detestando a pena que via na expressão do médico.

– Eu estou morrendo. É isso que veio me dizer?

– Você se feriu gravemente, Jolene. Não posso esconder a verdade. As infecções são a maior preocupação em ferimentos de explosão como os seus. O corpo é atingido por tudo: terra, vidro, fragmentos de metal. Temos medo de que sua perna gangrene. Estamos desbridando todo dia. E, como você perdeu muito sangue, estamos preocupados com o funcionamento do seu fígado e dos rins. E hoje sua mão direita vai ser operada. Os estilhaços danificaram os nervos do seu pulso, mas esperamos que você recupere parte das funções.

Parte das funções.

– Os ferimentos do seu rosto devem cicatrizar com o tempo, mas estamos monitorando. De novo, são ferimentos da explosão.

Ela resistiu ao impulso de tocar o rosto. *Meu rosto.*

Fechou os olhos para que o homem não percebesse como estava apavorada, mas foi um erro. Na escuridão de seu medo, viu as filhas juntas, chorando por causa dela, implorando que voltasse para casa.

– Por favor – sussurrou Jolene, com raiva ao sentir a voz tremer. Ela era um *soldado*, caramba, e não conseguia reunir coragem para olhar aquele homem nos olhos. – Eu não posso morrer. Eu tenho duas filhas, capitão. Por favor.

O médico tocou sua mão esquerda. Ela sentiu a borracha fria da luva em sua pele; não havia contato humano, mas que diferença faria? De que serviria o toque de um estranho quando tudo o que ela era dependia de um equilíbrio tão precário?

Precisava de Michael ali agora. Ele cuidaria bem dela.

Michael, cujo amor já a salvara uma vez antes. Em algum lugar de sua memória, sabia que havia um problema com Michael, algo que dera errado, mas então a morfina começou a fazer efeito e a acalmá-la, e Jolene estava de novo com o marido, de mãos dadas, caminhando pela praia com o homem que amava...

Às duas horas, no dia em que a CNN anunciou o acidente de Jolene, Michael e Carl embarcaram em um avião rumo à Alemanha.

Pousaram em Frankfurt em uma noite fria e escura, em que a garoa caía nos edifícios de concreto e nas pistas do aeroporto.

Quando finalmente passaram pela alfândega com as malas, Michael olhou em volta.

– Disseram que alguém viria nos receber – disse a Carl.

Momentos depois, um jovem uniformizado se aproximou.

– Sr. Zarkades? Sr. Flynn?

– Somos nós – respondeu Carl. – Eu sou Flynn.

O soldado entregou a Michael um pequeno saco plástico. Nele estavam a aliança de Jolene, suas plaquetas de identificação e o velho relógio dela, com o vidro quebrado. Ele olhou para aquilo. Em doze anos, nunca vira Jolene sem a aliança. *Isto é real*, pensou. Iria ver a mulher que se ferira na guerra.

– Obrigado – agradeceu com a voz rouca.

O jovem os conduziu pelo aeroporto até um carro. Foi um trajeto curto até o Centro Médico Regional de Landstuhl.

A chuva caía, as gotas carregadas em ondas pelo vento. Dentro do saguão iluminado de neon, Michael e Carl foram imediatamente sugados pelo redemoinho dos protocolos militares: havia médicos, enfermeiros, capelães e oficiais esperando para recebê-los. Todos estavam eretos, rígidos e sérios, com luvas de borracha roxas. Mais de uma vez, Michael exigiu ser levado para ver a mulher, mas sempre havia um motivo para esperar.

Começou a andar de um lado para o outro e começou a ficar bravo.

– Droga de exército – murmurou, indo e vindo pelo corredor movimentado.

Quando um neurocirurgião chegou para levar Carl, Michael perdeu a paciência. Dirigiu-se de novo para o posto de enfermagem.

– Sou Michael Zarkades. Viajei meio mundo para ver minha mulher, Jolene Zarkades. Ela é subtenente, caso isso tenha importância. Já não aguento mais esperar. Me diga qual é a droga do quarto dela.

A enfermeira parou de olhar uma pasta e levantou a vista.

– O capitão Sands pediu que esperasse. Ele quer falar com o senhor pessoalmente. Lamento, senhor...

Atrás deles, começou um pandemônio. Michael se virou a ponto de ver uma fileira de soldados em macas entrando pelas portas do hospital. Médicos e enfermeiros apareceram instantaneamente;

surgiu um capelão que tomou a mão de um soldado e fez o sinal da cruz.

Michael se inclinou sobre o balcão, viu o número do quarto de Jolene na pasta e se dirigiu para os elevadores.



– MAYDAY! – gritou Jolene, acordando de um pesadelo. Sentou-se de supetão e o movimento fez a dor explodir do lado direito do corpo. Arfando, deixou-se cair no travesseiro.

Como sempre, a primeira coisa que notou ao abrir os olhos foi aquele resto de perna horrível e fedido. O *vush-clunk* do aspirador de líquido era tão alto que abafava todos os outros sons, inclusive as batidas do seu coração. A dor era excruciante, absurda.

Porém, mais do que na dor, pensou em Tami, Smitty e Jamie.

Ela fora otimista a vida toda, se obrigara a ser assim. Aquela firme esperança desaparecera. E se Tami não sobrevivesse? E o que diria para a mãe de Smitty? *Ele me mostrou a sua foto um monte de vezes... aquela com vocês jogando tênis...*

Era culpa dela. Tudo aquilo. Como faria para viver com aquela culpa? Será que valia a pena?

Estendeu a mão para o botão de liberação de morfina e pensou que seria melhor dormir até o horror passar.

Então, através de uma abertura nas cortinas que a rodeavam, ela o viu.

Michael.



Michael discutiu com a enfermeira e perdeu.

– O senhor deveria esperar o Dr. Sands. Mas, seja como for, não pode entrar lá sem máscara e luvas – avisou a mulher com firmeza.

– Certo.

Ele pegou a máscara e as luvas e se afastou. Vestiu-as, parou do lado de fora da porta do quarto da esposa, inspirou fundo e entrou.

Ocorreu-lhe de repente, dolorosamente, que talvez não devesse ter entrado assim, talvez devesse ter esperado para saber o prognóstico de Jolene...

Havia uma cortina em volta de metade da cama; ele não conseguia vê-la de lá.

– Jolene?

Fechou a porta. A primeira coisa que notou foi o cheiro. Havia um fedor pútrido no ar que lhe deu ânsia de vômito. Sentiu a bile subir pela garganta, sufocando-o. Passou a língua nos lábios, nervoso, e deu um passo à frente, abrindo a cortina.

Mal reconheceu a mulher. O lado direito de seu rosto estava marcado por chagas ensanguentadas e úmidas e o lado esquerdo estava contundido e inchado. Um corte profundo ao longo do maxilar fora costurado. Os lábios estavam secos e rachados. Cabelos finos pendiam sem vida de uma parte lateral.

Mas o que o sobressaltou foi a perna. Se é que podia se chamar de perna. Escura, descascada, curva e quebrada, estava com o dobro do tamanho normal; grandes pinos metálicos a prendiam ao joelho e ao tornozelo. Um osso pálido emergia da carne azul e preta. E o cheiro...

Durante um segundo terrível e humilhante, ele pensou que fosse vomitar.

Deu respirações rasas e só pela boca, através da máscara, mas o cheiro continua-va. Ele sabia que tinha que ser mais forte agora, tinha que pensar nela, mas sentia como se estivesse se afogando. Não conseguia recuperar o fôlego e se estabilizar.

– Jo – disse com suavidade, a voz trêmula, a respiração acelerada. – Eu sinto muito – acrescentou, *finalmente* juntando forças para encará-la.

Sabia que seu olhar transmitia pena e horror; não tinha como evitar. Ele não devia ter entrado lá, não tão despreparado. Jolene

precisava que ele fosse forte e seguro, mas ele não conseguia.

– Eu não falei com o médico... eu não sabia. Devia ter esperado... – Começou a estender o braço para tomar uma das mãos dela quando viu as contusões, então recuou. – Não quero machucar você.

– É tarde demais para isso – afirmou ela em voz baixa, com lágrimas brilhando nos olhos.

– Jolene...

Ela virou o rosto na direção contrária.

– Tami estava errada – murmurou, mais para si própria do que para o marido.

– O quê? O que Tami disse?

– É tarde demais para nós, Michael. Nisso você estava certo.

Sua voz falhou na última frase e o fez sentir ainda pior. Ela estendeu a mão, apertou o botão da morfina e em instantes adormeceu.

Dezessete



Michael a decepcionara, de novo. Vira a perna ferida e entrara em pânico. Por que ninguém o alertara? Se ele soubesse, talvez conseguisse dissimular sua reação inicial.

Talvez. Mas, sinceramente, tinha suas dúvidas. Os ferimentos o tinham assombrado. Como poderia ajudá-la?

– Sr. Zarkades?

Ele se voltou e viu um homem alto, de cabelos grisalhos e jaleco branco entrar no quarto. Por sobre a máscara cirúrgica, os olhos cinzentos estavam sérios.

– Desculpe pelo atraso, Sr. Zarkades. Emergências são rotina por aqui. Sou o capitão Sands. Jim. Eu queria falar com o senhor antes que a visse.

Michael sentiu outra onda de vergonha, depois raiva – de si mesmo, do Exército, daquele homem que não aparecera a tempo, de Deus.

– Teria sido bom.

– Venha comigo – pediu Sands, conduzindo-o para o saguão movimentado.

Havia enfermeiros por toda parte, correndo de um quarto para outro.

– Como certamente percebeu – continuou o médico ao fechar a porta de Jolene –, sua esposa teve ferimentos graves. Temos muitas preocupações, mas a principal são infecções. Os ferimentos por explosão, como os dela, são bastante perigosos. O senhor não

imagina tudo o que entra na ferida. Há uma enorme quantidade de bactérias. Estamos desbridando a perna todo dia, limpando-a na sala de cirurgia, mas, para ser sincero, não tenho muita esperança.

– Como assim, não tem muita esperança?

– Há um risco de que ela perca a perna. Ainda não sabemos sobre a mão direita, se ela recuperará as funções.

– Como posso ajudá-la?

– Estamos fazendo tudo o que podemos. As feridas do rosto cicatrizarão depressa.

Michael agradeceu ao médico e voltou para o quarto, onde ficou ao lado da cama de Jolene. Passou horas ali, observando-a, esperando que despertasse. A necessidade de se desculpar, de explicar sua reação, o fazia passar mal. Ele precisava ser um homem melhor. Crescera tanto na ausência dela e então, na primeira oportunidade de demonstrar essas mudanças, falhara. Completamente.

Por fim, exausto, saiu do quarto e se encaminhou para a saída do hospital. Mas, ao se aproximar dos elevadores, pensou em Carl e Tami. Perguntou a uma enfermeira onde era a UTI e subiu um andar, até o quarto de Tami.

Através do vidro, viu Carl de pé ao lado da cama da mulher, a cabeça pendida para a frente, lágrimas rolando pelo rosto. Michael estava a ponto de sair quando Carl ergueu o olhar e avistou-o. Enxugando os olhos e endireitando-se, Carl foi até a porta e a abriu.

– Como ela está? – perguntou Michael.

– Traumatismo craniano. – Carl deu de ombros. – Significa que ela pode acordar ou não. Pode ficar perfeitamente bem ou não. Tiraram um pedaço do crânio porque o cérebro estava inchado. E Jo, como está?

Michael se surpreendeu com as lágrimas que ardiam em seus olhos. Não se deu o trabalho de enxugá-las.

– Pode ser que perca a perna e por enquanto não consegue mexer a mão direita.

Eles se entreolharam. Deveriam sentir-se reconfortados, mas não era assim. Michael não suportava ficar ali com aquele homem que mal conhecia, um passando seus medos para o outro.

– Bom, eu estou indo para a Residência Landstuhl – disse. Era um lugar construído por um filantropo norte-americano para abrigar as famílias de soldados feridos.

– Eu vou dormir aqui hoje. Pedi para trazerem outra cama.

Michael devia ter pensado nisso. Murmurou algo sobre ver Carl no dia seguinte e saiu do hospital. Em menos de meia hora, estava acomodado em uma suíte pequena e arrumada na Residência Landstuhl.

Sentado na cama desconfortável, olhando para o vazio e relembrando tudo, tentou descobrir uma forma de desfazer o erro cometido naquele dia. Como convenceria Jolene de que mudara quando agira como ela já esperava?

Na hora combinada, ligou para casa. Betsy atendeu. Enquanto ele dizia *alô*, a filha perguntou:

– Como minha mãe está?

O que deveria dizer? A verdade talvez lhe provocasse pesadelos, mas ela precisava se preparar para o pior, não? Michael provavelmente teria lidado melhor com aquilo se estivesse preparado. Recostou-se na cabeceira barata e instável da cama.

– Ela diz que está se sentindo um pouco melhor e não vê a hora de falar com vocês.

– Mas o que ela tem?

Michael ficou quieto. Agora era a hora de dizer algo, a coisa certa, para acalmar a filha e lhe dar esperança. Ponderou suas escolhas – mentiras ou a verdade – e veio com meias-verdades.

– A mão e o tornozelo direitos estão... machucados. Os médicos estão tratando disso agora.

– Ela é canhota, então isso é bom – comentou Betsy.

– É – concordou, com a voz rouca.

– Pai? O que você não quer me contar?

Ele pigarreou.

– Nada, Betsy. Não sabemos de tudo, só isso. Ainda estão fazendo alguns exames. Com certeza em breve...

– Você acha que eu sou um bebê. Lulu! – gritou. – É o papai no telefone. Ele quer dizer que o helicóptero da mamãe caiu, mas está tudo bem.

– Betsy...

– Papai? – perguntou Lulu. – Mamãe tá melhor? Ela tomou sorvete?

Michael passou a mão pelo cabelo e suspirou. Conversou alguns minutos com Lulu, embora francamente não fizesse ideia do que disseram, e então sua mãe pegou o telefone.

– Como ela está, Michael?

– Eu a decepcionei, mãe – afirmou com suavidade, mais para si próprio do que para ela.

Logo percebeu que era um erro, não era o tipo de coisa que devia falar para a mãe, mas precisava dos seus conselhos e ela não poderia dar bons conselhos sem as informações corretas.

– Ela vai dizer o que precisa de você, Michael. Basta escutá-la.

Conversaram por mais algum tempo. Após desligar, fechou os olhos e pensou que não conseguiria dormir, mas, quando viu, o quarto já estava banhado pela luz do sol e ele estava acordando.

O relógio ao lado da cama marcava 7h15.

Levantou-se, sentindo-se velho e cansado. Depois de tomar banho, fazer a barba e se vestir, estava um pouco melhor. Isso até se encontrar de pé ao lado da cama de Jolene, quando tudo retornou: o medo, a culpa, a raiva. Temia que ela ficasse sem a perna direita, não pudesse mais usar uma das mãos e, assim, se tornasse outra pessoa. Não conseguia imaginar a sensação de estar tão ferido, de perder tanto. Como Jolene voltaria a ser quem tinha sido?

Sentia-se culpado por se preocupar com partes do corpo quando a vida da esposa corria perigo, e tinha raiva por ela ter corrido tantos

riscos e ter se ferido. Agora nenhum deles seria o mesmo.

Detestava sua própria fragilidade. Queria ser o tipo de pessoa que desejava apenas que ela vivesse, em qualquer condição, mas também não se imaginava olhando-a do mesmo jeito se ela sofresse mudanças físicas.

Michael aproximou-se, com cuidado para não mexer nos tubos presos à esposa. Jolene corou; por baixo dos hematomas amarelos e roxos, sua pele tinha um tom avermelhado e ela suava bastante, respirando de forma agitada. Cabelos sujos e oleosos caíam ao lado do rosto ferido. Tinha os lábios rachados e descascando, sem cor. Ele pensou que deveria ter levado um hidratante labial. O cheiro estava pior, como de lixo deixado na rua em dia quente. Combateu o instinto de engasgar.

Olhou para a perna direita dela, sobre as cobertas, ainda inchada e estranha, o pé virado para a direita de uma forma impossível. O aspirador sugava e sibilava, retirando um líquido amarelo e viscoso do ferimento.

Ele a ouviu despertar e inspirar.

– Mi... chael... – começou a falar, virando a cabeça devagar para enxergá-lo melhor. Seu olhar estava vidrado, sem foco. – Você... veio... Que legal...

– Eu já estive aqui, lembra?

Ela franziu a testa e passou a língua pelos lábios.

– Esteve?

– Jo?

Michael tinha muito a dizer, mas por onde começar? Já seria difícil desfazer o estrago feito em um casamento sem tudo aquilo. Afastou os cabelos dela do rosto e sentiu sua testa.

Jolene estava fervendo.

– Espere... – disse ela, arrastando as palavras. – Você não me ama...

Michael apertou o botão da enfermeira. Quando uma mulher entrou, ele alertou:

– Ela está com febre.

A enfermeira o empurrou com tanta força que Michael cambaleou para trás. Em questão de segundos, o quarto estava cheio de gente, medindo a temperatura de Jolene, tirando as cobertas. Uma enfermeira desenrolou a gaze da perna.

O cheiro quase o fez vomitar.

– Para a cirurgia, já.

Era o Dr. Sands. Quando ele tinha entrado?

– Esperem – pediu Michael, avançando na direção dela e inclinando-se. – Eu te amo, Jolene... Muito.

Era tarde demais; a esposa estava inconsciente. Ficou ali parado enquanto ela era retirada do quarto.



Ela está se arrastando pela lama grossa e pegajosa, carregando a melhor amiga.

– Aguente firme, Tami... não morra... vamos chegar lá...

Mas para onde estão indo, para onde está levando Tami?

Em algum lugar próximo, uma bomba explode. O céu se enche de fogo, balas e pedaços incandescentes de aço. Um helicóptero cai no chão e explode em chamas.

Ela lança seu corpo sobre o de Tami, tentando protegê-la, mas, quando a noite se aquieta e ela se afasta, Tami está estremecendo e sangrando pelo nariz... a boca... os olhos. Há sangue por toda parte, e fumaça. Jolene grita:

– Nãããão!

Ela acordou, ainda gritando. Levou um segundo para se lembrar de onde estava: em um hospital. Na Alemanha.

Com extremo cuidado, levantou a cabeça do travesseiro. Estava tonta, com a vista turva e um pouco de náusea. Com os olhos entreabertos, viu as máquinas à sua volta. O aspirador barulhento

tinha sumido. O cheiro de carne podre também. Agora cheirava a antisséptico e plástico.

Tentou apoiar-se em um cotovelo, mas o esforço a deixou sem fôlego. Arfando, sentindo vertigem, olhou para as pernas.

A perna.

Do joelho para baixo, o lado direito da cama era uma extensão lisa de lençóis brancos. Tinha uma vaga memória de recuperação, de ver enfermeiros e médicos irem e virem, monitorando seu progresso.

Tinham amputado sua perna na altura do joelho.

Pegou um travesseiro, cobriu a boca e gritou de pesar e dor; gritou até que a garganta ficasse áspera, os olhos ardessem e o peito se comprimisse. Imaginou sua nova vida, sem equilíbrio, com limitações, incompleta, e cada imagem deixava uma cicatriz: chega de pilotar Black Hawks, correr na praia, segurar as crianças e fazê-las rodopiar em um dia de verão.

Por fim, exausta, voltou a se deitar e fechou os olhos. A aflição deu lugar a um senso de desespero incontrolável. Ali estava ela, com a perna cortada, em um hospital longe de casa, sem uma amiga para conversar ou um marido para abraçá-la.

Michael.

Expirou fundo ao pensar nele.

Agora ficaria com ela; o marido era assim. Michael Zarkades tinha um forte senso de dever. Veria que ela estava mal e voltaria a participar do casamento, onde era seu lugar. A pena o traria de volta; a obrigação o faria ficar. Afinal, era por isso que ele estava ali. O marido responsável ao lado da mulher frágil.

Alguém tocou seu rosto com delicadeza. Ela abriu devagar os olhos, que demoraram a entrar em foco. As medicações ainda circulavam pelo organismo e a faziam sentir-se instável.

Michael abriu um sorriso cansado. O casaco que vestia, caro, preto e de gola rolê, tinha um caimento estranho sobre o corpo, como se ele tivesse puxado o tecido em volta da garganta, alargando-o. É

claro que iria tocá-la com cuidado. Agora ela estava inválida, aleijada. Tinha medo de tocá-la, medo de que o que restava dela se rompesse.

– Ei, dorminhoca – falou ele. – Bem-vinda de volta.

– Michael – respondeu, sentindo-se imensamente triste. – Por que você está aqui?

Precisava se concentrar para que a voz saísse. Sentia-se zonza.

– Você é a minha mulher.

Ela engoliu em seco; tinha a garganta seca. Os pensamentos se agitavam em sua cabeça.

– Você queria se separar.

– Jo, estou tentando dizer desde que cheguei aqui: eu te amo. Eu fui um idiota. Me perdoe.

Ela esperara meses para ouvir aquilo, sonhara com isso quase toda noite no deserto, desejara ardentemente, e agora... não se importava mais. Aquelas palavras eram vazias. Apertou o botão de morfina e rezou para que o remédio fizesse efeito rápido.

– Dê uma chance para nós, Jo. Você precisa de mim agora.

– Eu nunca precisei de ninguém. – Ela suspirou. – Graças a Deus.

– Jo, por favor...

– Você quer me ajudar, Michael? Vá para casa. Prepare a casa para uma aleijada. Prepare as meninas. Não vai ser fácil para elas me verem assim. Precisam estar preparadas.

Fechou os olhos, sentindo as lágrimas inúteis mais uma vez. Por sorte, a morfina fez efeito e devagar, bem devagar, ela sentiu que se afastava.

Michael se inclinou e a beijou no rosto. O toque suave e familiar dos lábios em sua pele por pouco a fez mudar de ideia. Jolene quase esticou a mão para ele, quase revelou o medo que tinha e o quanto precisava dele. Em vez disso, disse:

– Vá... bora...

Recusava-se a precisar dele.

Como se de muito longe, ouviu os passos do marido se afastando, ouviu a porta se abrir e fechar. No último segundo, pensou: *Volte*. Mas era tarde demais. Michael tinha saído e ela estava pegando no sono.

Seu último pensamento consciente foi uma lista daquilo que perdera: Correr. Voar. Ser bonita e inteira. Ser forte. Pegar as crianças no colo.

Michael.

Dezoito



Vinte e quatro horas após cortarem a perna de Jolene, queriam que ela saísse da cama. De início, ela brigou com as enfermeiras que foram tentar colocá-la em uma cadeira de rodas, mas então percebeu a oportunidade de ver Tami.

– Está confortável, senhora? – perguntou a enfermeira mais jovem, ajudando Jolene a se acomodar.

Quantos dias tinham se passado desde que ela estivera na cabine de um Black Hawk? Agora precisava de ajuda só para se sentar em uma cadeira. O coto de perna, envolto em gaze, se destacava à sua frente.

– Estou bem, obrigada. Vou ver a chefe Tami Flynn, na UTI.

– Eu empurro.

Nem *isso* ela conseguia fazer por conta própria, por causa da mão direita imprestável. A enfermeira se posicionou atrás da cadeira de rodas e empurrou Jolene para fora do quarto.

A ala de ortopedia estava cheia de pacientes como ela, com membros destruídos, quebrados ou amputados. A maioria era de homens, e muito jovens. Apenas meninos, pela aparência; um deles usava aparelho nos dentes.

Lembrou-se de Smitty.

Smitty, de sorriso radiante, andar desengonçado e gargalhada sonora; Smitty, que tomava refrigerante direto e jurava que as moças estavam todas doidas para ir para a cama com ele. Smitty, que ficara tão entusiasmado com a ida para o Iraque.

Vamos botar pra quebrar lá, chefe. Não vamos?

Jovem demais para tomar cerveja, mas com idade para manter a cabeça no lugar em meio às batalhas e morrer por seu país.

No elevador, ela não tinha para onde olhar, exceto para baixo, para aquela parte protuberante de seu corpo, enfaixada, inútil.

Um coto.

Desviou o olhar rápido, sentindo mal-estar. E vergonha. Como fazer para viver quando não se tinha coragem para olhar para o próprio corpo? Os médicos e enfermeiros não pareciam preocupados com sua covardia. Diziam-lhe a toda hora que era normal sentir aflição e medo e que era comum sentir luto pela perda de um membro. Asseguravam-lhe que um dia voltaria a se sentir ela mesma.

Mentirosos.

No terceiro andar, saíram do elevador e cruzaram o movimentado saguão da UTI. Ali, como sempre, os funcionários não paravam.

A enfermeira parou do lado de fora de uma porta fechada. Na superfície metálica, alguém colara o credo do soldado. Não qualquer pessoa. Carl. Ele pusera aquelas palavras ali pela esposa, pois a conhecia bem. Sabia que Tami gostaria que quem entrasse naquele quarto soubesse que naquela cama estava alguém do Exército.

Jolene não lia aquelas palavras havia anos.

Eu sou um Soldado Americano.
Eu sou um guerreiro e parte de uma equipe.
Eu sirvo ao povo dos Estados Unidos da América e vivo segundo os Valores do Exército.
Eu sempre colocarei a missão em primeiro lugar.
Eu nunca aceitarei a derrota. (Isso estava sublinhado.)
Eu nunca desistirei.
Eu nunca abandonarei um companheiro caído.
Eu tenho resistência física e mental e sou disciplinado, treinado e competente nas minhas tarefas e atividades de guerreiro.

Eu sempre faço a manutenção das minhas armas, dos meus equipamentos e de mim.
Eu sou especialista e eu sou profissional.
Eu estou pronto para me mobilizar, enfrentar e destruir os inimigos dos Estados Unidos da América em combate.
Eu sou guardião da liberdade e do estilo de vida americano.
Eu sou um Soldado Americano.

Jolene engoliu em seco.

A enfermeira abriu a porta e a empurrou para dentro do pequeno quarto repleto de equipamentos. Carl estava sentado ao lado da cama, com as mãos sobre o colo.

– Jolene – disse, ficando de pé.

Pelo jeito como ele se moveu, ela percebeu que passara muito tempo sentado.

– Pode deixar comigo – garantiu à enfermeira, que pôs a mão no ombro de Jolene e a manteve ali tempo suficiente para lhe transmitir confiança, e então saiu do quarto.

Carl se abaixou e deu um beijo leve no rosto machucado de Jolene. Ela estendeu a mão boa e apertou a dele.

– Como ela está, Carl?

Ele deu de ombros.

– Pelo jeito, ninguém tem certeza de nada com relação a lesões cerebrais. Ela está em coma. Vamos saber mais quando ela acordar.

Carl empurrou a cadeira até a lateral da cama. Jolene detestava estar tão baixa, como uma criança olhando para cima. Já aprendera como o mundo parecia diferente quando se estava sentada. Ainda assim, viu o perfil de Tami. O rosto da amiga estava preto, roxo e deformado. Ela parecia ter lutado doze *rounds* com Mike Tyson. Um corte profundo atravessava o lábio superior, inchado. A cabeça estava enfaixada, a gaze escurecida aqui e ali pelo sangue.

– Me ajude a ficar de pé – pediu Jolene baixinho.

Carl obedeceu e ficou ao lado, segurando-a.

– E aí, piloto? – perguntou Jolene.

Queria tocar a mão de Tami, mas ficar de pé requeria toda a sua força e concentração. Agarrou a grade da cama com força com a mão esquerda.

– Me desculpe – sussurrou.

– Ela ficaria furiosa se ouvisse você dizer isso – comentou Carl.

Jolene concordou. Era verdade. Tami detestaria saber que a amiga se sentia culpada pelo acidente, mas como não se sentir?

– Será que ela sabe que estamos aqui?

– Sabe.

Jolene queria acreditar naquilo. Sentiu uma onda súbita de pesar. Eram melhores amigas havia mais de vinte anos. Tami estava tão enraizada em seu coração quanto Michael e as meninas. Só a ideia de perdê-la...

Não. Ela não podia pensar assim.

– Você vai voltar para nós, Tam. Eu sei que vai. Aposto que só está fazendo isso para chamar a atenção.

Contou a Tami seus próprios ferimentos e falou de Smitty e de Jamie, que estava se recuperando em um quarto no andar de baixo e perguntava por Tami todo dia. Falou sobre onde moravam, o verão que passariam catando bolachas-da-praia e empinando pipas.

– Vamos correr na praia de novo, nós duas.

Ouviu suas próprias palavras e perdeu as forças. As lágrimas queimaram seus olhos e tudo o que lhe restou foi implorar:

– Volte, Tam.

– E se...

– *Não*. Ela não vai morrer – assegurou ela suavemente. – Está me ouvindo, piloto? Morrer não é permitido. Se eu tenho que viver com uma perna e um braço, vou precisar de você.

Nesse momento, percebeu a gravidade daquilo tudo, a possibilidade daquela perda, e fechou os olhos, pensando *volte.*

Continuou agarrada à barra metálica. Sua perna começou a doer, mas não se mexeu. Queria ficar ali de pé até Tami acordar.

Olhou para a melhor amiga e viu toda a vida delas em um segundo: as meninas que tinham sido, de uniforme, em cabines de helicópteros, desesperadas para provar que eram capazes... e as mulheres que tinham se tornado, as batalhas que lutaram juntas, as piadas compartilhadas. Haviam passado a vida toda lado a lado, ouvindo de Madonna a Tim McGraw, dando forças uma à outra. Força de soldados.

– Vão me mandar para casa em breve – informou a Carl.

– Isso é ótimo.

Jolene o olhou. Não suportava a ideia de ir para casa e deixar Tami para trás.

– Como posso deixá-la aqui?

– Você precisa – respondeu ele com carinho. – Ela iria querer que você fosse. Volte para as suas filhas, Jolene.

Quanto tempo ela passou com Tami e Carl? Minutos? Horas? Não sabia. Enquanto estava com a amiga, ela perdeu a noção do tempo e até mesmo a dor na perna foi deixada de lado. Tentava encontrar as palavras certas para dizer a Carl, um modo perfeito de embrulhar a esperança e entregá-la a ele, mas, com o passar dos minutos, ela murchou. Por fim, terminaram sentados lado a lado em um doloroso silêncio e Jolene chamou a enfermeira e pediu para ser levada de volta ao quarto.

Na sua cama, fechou os olhos e tentou não pensar no pior – Tami não acordar e Smitty nunca voltar para casa.

Tinha consciência, ainda que vaga, de que as pessoas entravam e saíam, a verificavam, ajustavam os medicamentos e cuidavam do que restava da sua perna – a erguiam, enfaixavam, limpavam. As

horas passavam. Ela tentou manter os olhos fechados e ignorar tudo.

– Jo?

Ouviu a voz de Michael e sentiu uma onda de exaustão.

– Acho que eu tinha pedido para você ir para casa.

– Não é isso que você quer. Eu estive tentando dizer que te amo, Jo. E que sinto muito.

Ela não ligava. Não mais. De que valia um amor não confiável? Virou a cabeça devagar e o olhou nos olhos.

– Vá para casa e tome conta das nossas filhas, Michael. Por favor. – Sua voz falhou. – Por favor. Elas precisam de você. Eu não.

– Jolene...

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

– Vá, Michael. Eu vou estar lá daqui a poucos dias. Estão prestes a me dar alta. Você sabe disso. E você nem pode voltar junto comigo mesmo. Vá. Cuide das crianças. É assim que você pode me ajudar.

– Está bem – concordou ele, de forma pausada, como se talvez soubesse que era a decisão errada, mas estivesse feliz por poder ir embora. – Eu vou. Mas estarei em casa esperando você voltar.

– Que sorte a minha – murmurou ela, fechando os olhos.

No longo voo de volta, Michael disse a si mesmo que estava fazendo o que Jolene tinha lhe pedido, e havia momentos em que acreditava nisso. Mas, na maior parte do tempo, a verdade se mostrava clara: ele estava fugindo, assim como fizera quando o pai estava morrendo. Era um defeito seu, como um hematoma roxo e feio. Não suportava ver as pessoas que amava sofrerem.

Pior do que a vergonha era a culpa. Ele não deixava de pensar que tinha causado tudo aquilo. Partira o coração de Jolene com palavras inconsequentes e a mandara para a guerra enquanto alimentava sua raiva autocentrada e culpava a *ela* por fazer a escolha perigosa.

Michael daria tudo para voltar atrás naquela noite em que arruinara tudo. Se ela tivesse partido repleta de amor, será que teria voltado inteira? Teria sido mais forte? Teria desviado o helicóptero uma fração de segundo mais depressa?

Sabia que a resposta era não. Jolene era uma piloto excepcional e a maior aptidão que desenvolvera com a infância sofrida fora a de guardar bem fundo a dor e seguir em frente.

Agora ele estava quase em casa. Quando a balsa atracou na Bainbridge Island, saiu com o carro, atravessou a ponte de Agate Pass e passou pelas barraquinhas de fogos de artifício – agora vazias até o Natal, quando passariam a vender pinheiros – e pela impecável cidade de Poulsbo.

No grande letreiro da livraria, viu o primeiro cartaz: *Jolene Zarkades e Tami Flynn, vocês estão em nossas preces. Voltem para casa em segurança.* Havia dizeres semelhantes por toda parte e grandes laços amarelos decoravam postes, cercas e varandas. Na saída da cidade, apareceram mais fitas amarelas – em caixas de correio, portas de casas e macieiras.

Ao aproximar-se da casa, viu que a cerca estava decorada com mais laços amarelos. A bandeira na varanda estava caída naquela noite sem vento. Havia buquês no chão abaixo de uma das colunas, como uma tumba, as pétalas murchando e escurecendo.

Ele estacionou na garagem e ficou ali, sozinho, no escuro. Com um suspiro, finalmente entrou em casa.

Mila estava sentada em frente à lareira acesa. Quando Michael entrou, ela o observou por sobre os óculos de leitura com brilhantes. Abaixando o livro, ficou de pé e abriu os braços.

Ele se deixou abraçar, só percebendo o quanto precisava daquele contato quando se sentiu envolvido pela mãe.

– Conte-me tudo – pediu ela, levando-o para o sofá.

– Eu devia ter esperado o médico, mas você sabe como eu sou impaciente – começou, e em seguida relatou tudo. Concluiu: – Ela

me pediu para voltar e preparar a casa e as meninas para a chegada dela.

– Você não devia ter saído de lá.

– Você me aconselhou a ouvi-la, pois ela me diria o que precisava.

– Michael... – reprovou sua mãe, balançando a cabeça.

– Eu sei. – Ele passou a mão pelos cabelos, suspirando. – Ela me expulsou.

Sua mãe fez aquele *tsc tsc* que ele conhecia tão bem.

– Os homens são uns idiotas. Desculpe, mas é verdade. *Por favor, vá embora* não significa que ela queria que você fosse mesmo embora.

– Eu não sei ler mentes.

– Percebe-se.

– Eu não quero falar nisso. Já me sinto mal o bastante e não preciso que você piore a situação.

Mila o olhou.

– Sua mulher está na Alemanha, ferida e assustada, e você a deixa sozinha se lamentando pelo colega morto e preocupada com a melhor amiga. Você acha mesmo que dá para piorar a situação, Michael?

– Eu não sei o que fazer, mãe. Eu nunca fui bom nessa merda.

– Faça o seguinte, Michael: suba e conte às suas filhas o que aconteceu com a mãe delas. Depois abrace-as quando elas chorarem e prepare a sua família e a sua casa para a volta da sua mulher. E não cometa o mesmo erro de novo. Da próxima vez, olhe para Jolene, para ela toda, Michael, inclusive sua perna, e diga que a ama. Você a ama, não é?

– Sim. Mas ela não vai acreditar. Não agora.

– E quem acreditaria? Você foi tolo. Precisa engolir seu orgulho e convencê-la... e a você mesmo, talvez. Não vai ser fácil, nem é para ser. – Deu um tapinha na coxa dele. – E agora, suba e diga às suas filhas que a mãe delas está voltando da guerra.

– Elas estão na cama?

– Estão esperando você.

Michael suspirou, sentindo-se de repente cansado, curvado pelo novo fardo que parecia que só ele podia carregar. Inclinou-se para o lado, beijou o rosto da mãe e dirigiu-se para a escada.

Em frente ao quarto de Betsy, parou e reuniu coragem. Bateu na porta e entrou no quarto. As meninas estavam no chão, disputando um jogo de tabuleiro.

Michael se ajoelhou entre elas. Lulu imediatamente subiu pelas pernas do pai e passou os braços por sua nuca, inclinando-se para trás como num rodopio de patinadores no gelo.

– Oi, papai!

– Como ela está? – perguntou Betsy, ressabiada.

Lulu ficou se balançando.

– Quer jogar com a gente, papai?

– Pai? – insistiu Betsy. – Como minha mãe está?

Michael inspirou fundo.

– Ela perdeu uma perna.

Lulu ficou imóvel.

– Onde?

– Eles cortaram fora, idiota – retrucou Betsy, ficando de pé.

– O quê? – exclamou Lulu.

– Betsy – censurou Michael, ríspido –, não assuste a sua irmã. Lulu, mamãe vai ficar bem, ela só perdeu parte da perna. Mas ela ainda vai poder andar e tudo mais. Só que vai precisar da nossa ajuda por um tempo. Ela vai chegar daqui a três dias.

– Minha mãe perdeu a perna e Tami está em coma, mas tudo vai ficar bem. Vamos todos ficar bem, que nem era antes. – A voz de Betsy falhou e ela correu para a porta e abriu-a de supetão. – Você e minha mãe são dois mentirosos – acusou, enxugando os olhos.

Saiu do quarto e bateu a porta.

– Mas cadê a perna dela, papai? – perguntou Lulu, começando a chorar.

– Jo?

Ela ouviu a voz de Jamie e abriu os olhos.

O amigo estava na porta, de uniforme camuflado.

– Oi.

Jolene sorriu para ele, tentando parecer forte. Ultimamente, sua coragem parecia ter acabado; não tinha forças. Mas era bom demais vê-lo de pé, caminhando, ainda que mancasse. Ele a visitara também no dia anterior.

Jamie fechou a porta e entrou no quarto. Seu olhar foi tão compassivo que ela quase começou a chorar de novo. Ele sabia o que ela sentia.

– Não foi culpa sua, Jo.

– Smitty morreu. Tami está em coma. Eu estava pilotando a aeronave.

– Você a carregou para fora do helicóptero, Jo. Você. – Olhou para a perna amputada. – Desse jeito. Você carregou a sua melhor amiga. Eu vi enquanto eu fazia de tudo para tirar Smitty. E consegui, mas foi tarde demais.

Jolene viu a culpa que o amigo carregava.

– Eu o vi, Jamie. Ele já estava morto.

Jamie a encarou.

– Nem pense em desistir – disse, com a voz rouca.

– Eu não sei ser esta pessoa. – Ela indicou o próprio corpo destruído.

– Você é militar, Jo. Está dentro de você.

– Está?

– Eu recebi ordens para voltar ao Iraque.

Ela assentiu, com um nó na garganta. Percebeu que acabara de se abrir mais com aquele homem do que jamais fizera com o marido.

– Cuide-se, Jamie.

Ele a encarou durante muito tempo.

– Você é a minha heroína, chefe. Quero que saiba disso. E vou sentir sua falta lá no céu.

Então foi embora e ela ficou só.



SET.

Eu devia estar feliz por ser canhota. Ouço isso o tempo todo. Mas como posso ficar feliz com alguma coisa?

Amanhã vou para casa e Tami ainda não acordou. Carl diz que os médicos começaram a balançar a cabeça e "prepará-lo" para a morte. Como podemos nos preparar para perder Tami?

Tami, que canta desafinada, ama *mai tai* e não desiste nunca. Minha melhor amiga. Ela não vai desistir agora. Isso é certo.

Carl veio se despedir de mim hoje de manhã e o medo nos olhos dele me fez passar mal. Ele disse *O coração dela parou hoje. Eles a reanimaram, mas...*, e aí nós dois estávamos chorando. Ele não sabe o que Tami pensa de "medidas heroicas" e eu falei que ela era uma heroína e para ele não desistir. Nunca.



Jolene acordou sobressaltada. Por um instante perfeito, esqueceu onde estava, mas então a verdade forçou a entrada. Tami estava em uma cama no fim do corredor, Michael tinha ido embora e ela estava se preparando para voltar para casa.

Abriu os olhos e viu uma soldado, de uniforme, em pé na frente da cama, lendo o último número do jornal militar *Stars and Stripes*. Jolene apertou o botão ao lado da cama para erguer a cabeceira e poder encarar a fuzileira naval.

– Oi, chefe – saudou a mulher, pondo o jornal sobre as cobertas em cima da cama. Não exatamente onde a perna de Jolene estaria, mas perto.

– Nós nos conhecemos?

– Não. Eu sou Leah Sykes. Da Carolina do Norte – respondeu, com uma voz bonita, em um sotaque cantarolado.

– Ah.

– Estou voltando para Landstuhl depois de mais de nove meses. Às vezes demora para conseguirmos encarar algumas coisas.

– Você é uma oficial motivacional?

Leah riu.

– Até parece. Meu marido diria que não tem nada mais diferente de uma mulher inspiradora do que eu. Mas você... Eu soube que pilota helicópteros.

Jolene olhou para onde sua perna devia estar.

– Eu não quero ser rude, Leah, mas estou cansada...

– Você já ouviu falar do Programa Leoa?

Jolene suspirou.

– Não.

– Começou há um tempo, acho que há alguns anos. Não sou historiadora. Mas enfim, quando os fuzileiros faziam buscas em terra, encontravam muita resistência das mulheres iraquianas, que se recusavam a ser revistadas pelos homens. Precisavam de soldados mulheres, então pediram voluntárias. Várias de nós estávamos cansadas de cuidar de mantimentos e nos candidatamos. Eu fui uma das primeiras.

Jolene observou a mulher com mais atenção. Parecia uma moça de fraternidade universitária, de cabelos trançados tingidos de louro e cílios com rímel.

– Nós acompanhávamos unidades de combate. Recebemos um treinamento especial, mas não muito, coisa de uma semana, e lá fomos nós. Eu gostei. Digo, do combate. Quem imaginaria? As minhas amigas líderes de torcida é que não. Mas *você* sabe como é.

Leah saiu de trás da cama. Ela se movia de um jeito estranho, meio que levantando o corpo, ao mesmo tempo que fazia uma careta.

Foi aí que Jolene viu suas pernas: duas barras de aço que terminavam em botas. Ela se sentiu envergonhada por reclamar. Ao menos tinha a perna esquerda.

– Você perdeu as duas pernas?

– AEI. E não vou mentir: você tem um caminho difícil pela frente. Eu virei uma pessoa insuportável. Nem sei como meu marido não me deixou.

– Eu vou voltar a pilotar?

O olhar triste de Leah foi pior do que uma resposta.

– Isso eu não sei. Mas você vai voltar a ser você mesma. Leva tempo.

Ver a coragem daquela mulher diante de tamanha adversidade deveria significar algo para ela. Teria surtido efeito no passado, num tempo que agora parecia distante. Agora, tudo o que queria era ficar sozinha. Queria se aconchegar nas águas escuras e mornas da autocomiseração, e foi o que fez, fechando os olhos.

Toda vez que acordava, Leah ainda estava ali, do seu lado.

Parte Dois



Coração de soldado

"A sabedoria não nos é dada.
É preciso descobri-la por nós mesmos,
depois de uma viagem que ninguém nos pode poupar
ou fazer por nós."

– Marcel Proust

Dezenove



Michael e as meninas passaram o dia todo no shopping. Pareciam cães farejadores implacáveis atrás dos itens da lista. Uma cama nova, roupa de cama e lençóis novos, um monte de travesseiros. Tinta acrílica, um rolo de papel pardo, um conjunto de canetinhas multicoloridas, de ponta fina e grossa.

Após comerem numa lanchonete e encherem o porta-malas do carro com as compras, Lulu estava com a adrenalina nas alturas. Falava tanto e tão depressa que era impossível acompanhar. Michael até parara de tentar responder as perguntas. Todas elas começavam com *Quando mamãe chegar em casa*.

"...vamos cantar a música preferida dela. Qual é a música preferida dela, Betsy?"

"...vamos gritar SURPRESA!"

"...vamos dançar. Ela adora dançar. Ih, ela não tem uma perna. O que a gente faz em vez de dançar?"

"...vamos dar sorvete pra ela."

Nem Betsy dava conta. Ao chegarem a Poulsbo, pegaram Mila no Polegar Verde. Ela levou dezenas de vasos com flores; rosas, orquídeas, crisântemos amarelos. Queria encher o quarto de Jolene de flores.

– Conseguimos tudo, *Yia Yia*! – exclamou Lulu quando a avó se sentou no banco do carona e bateu a porta. – Mamãe vai ficar *tão* feliz...

Mila sorriu.

– Ela vai ficar feliz só de ver as meninas de novo.

Lulu recomeçou a falar, algo sobre um desenho, e eles partiram. Michael cruzou a cidade, que estava tranquila na baixa temporada, e pegou a rua da baía. Era fim de tarde e o sol reluzia nas águas do estuário.

Uma vez em casa, lançaram-se aos preparativos. Betsy desenrolou o papel pardo no chão da cozinha e se ajoelhou na frente dele. Organizou cuidadosamente as tintas acrílicas e começou a fazer o cartaz de bem-vinda de volta, mamãe que fora tão debatido. Lulu exigia que houvesse sóis no papel inteiro, e corações cor-de-rosa; Betsy queria arco-íris e bandeiras norte-americanas. Quando terminaram, o papel estava quase todo tomado.

– O que você acha, pai? – perguntou Betsy, franzindo a testa, sentada sobre os joelhos e examinando o cartaz. – Ela vai gostar?

Era uma explosão de imagens, cores e amor. O melhor era o desenho no canto: um homem e uma mulher de mãos dadas ao lado de duas filhas que eram bonecos de palito de cabelo crespo. As quatro figuras estavam dentro de um imenso coração rosa.

Vamos ser assim de novo, Jo?, pensou ele, tentando manter o sorriso.

– Está perfeito.

– Agora temos que fazer o bolo – lembrou Betsy. – O preferido dela é o de limão.

– Eu ajudo! – gritou Lulu.

Betsy lançou um olhar irritado para Michael.

– Ela só fica lambendo a colher, pai. E enfia o dedo na cobertura.

– Vocês têm que dar um jeito de trabalhar juntas – afirmou ele. – Hoje é um grande dia. O dia mais importante. Sua mãe está voltando da guerra e precisamos mostrar que ela é a pessoa mais importante do mundo para nós.

Betsy ficou de pé e andou até Michael.

– Ela está animada por voltar para cá, pai?

Michael se surpreendeu ao ouvir a preocupação que também sentia dita em voz alta pela filha.

– Por que você perguntou isso, querida?

– Eu não fui muito legal com ela algumas vezes.

Eu sei como é.

– Ela entende isso. Ela sabe como foi difícil para você.

– Ela não escreveu muito ultimamente.

– Ela não teve muito tempo. A guerra se intensificou muito em setembro.

– Foi por causa disso?

– Como assim?

Betsy o examinou com o olhar aguçado.

– Talvez tenha sido por causa daquela briga que vocês tiveram. Quando você disse que não a amava mais.

Michael estremeceu. Então Betsy se lembrava daquilo; talvez lembrasse pelo resto da vida, não importando o que acontecesse dali para a frente. Teria ficado preocupada todo aquele tempo? E o que ele diria?

– Os adultos brigam, eu já disse isso.

– Você nunca escreveu para ela. E ela não escreveu para você. Eu não sou idiota, pai.

– É claro que não. Mas...

– E se ela tiver mudado?

Michael também estava preocupado com isso. Deu um sorriso para a filha, torcendo para que parecesse genuíno.

– Sua mãe está animada por voltar, Betsy. Não se preocupe com nada. Só temos que mostrar como ela fez falta.

– Eu senti falta dela também. Estou louca para dar um abraço nela. E para ouvir que ela me ama até a lua, ida e volta.

Michael a envolveu em um abraço.

– Nós vamos ser felizes de novo, Betsy – afirmou ele, tentando manter a voz firme. – Você vai ver. A partir de amanhã.

Nove dias atrás, Jolene atravessara a base com a melhor amiga, reclamando do clima, dizendo: *É difícil à beça andar nesta lama.* Segurara a porta do Black Hawk e subira na cabine facilmente, pondo os pés sobre os pedais. Ela sabia, com certeza absoluta, quem era.

Agora estava de novo no ar, mas tudo no seu mundo se transformara. Estava em um avião, a caminho de casa, com seis outros soldados feridos, além de alguns médicos e enfermeiros e uns poucos civis. Os pacientes estavam na parte da frente da aeronave, em camas aparafusadas às paredes internas. Uma cortina fina e pálida os separava dos outros passageiros. Em outros tempos, Jolene encontraria uma forma de sorrir em meio à dor e à perda; teria se esforçado para garantir que todos os demais estivessem à vontade. Aqueles dias tinham ficado para trás. Ela estava deitada, rangendo os dentes devido a uma dor fantasma que fazia seu pé inexistente latejar.

Quando o avião aterrissou em Seattle, a enfermeira sentada ao lado dela disse:

– Já está quase em casa, chefe. A senhora deve estar contente.

Jolene virou a cabeça para o outro lado e não disse nada. A enfermeira tinha razão: voltar para casa deveria deixá-la contente. Durante meses sonhara com aquele momento, em que veria as filhas de novo. É claro que se imaginara atravessando a porta de sua casa, caindo de joelhos e abrindo os braços para um longo abraço.

O que havia de errado com ela?

Deveria estar feliz só de poder voltar para casa. O que Smitty não daria para estar no lugar dela? Ou Tami? Esse pensamento a fez se sentir culpada e mesquinha. Mas o que podia fazer contra seus sentimentos? Estavam dentro dela, incontroláveis, contaminando tudo.

Desta vez não era capaz de ignorar os problemas ou fingir que tudo estava bem. Carregava dentro dela uma sensação de torpor que era nova e assustadora. Talvez tivesse medo de sentir demais, medo de que, se deixasse suas emoções fluírem, começasse a gritar e nunca conseguisse parar.

O avião pousou e taxiou.

– Bem-vinda ao aeroporto de Boeing Field, chefe – saudou a enfermeira. – Vamos transportá-la para uma ambulância, que a levará ao centro de reabilitação.

Jolene queria agradecer, mas seu coração batia tão depressa que ela estava zonza. Não estava preparada para aquilo. Realmente sentia medo de ver as filhas. O que estava acontecendo com ela?

Um major apareceu ao seu lado, de uniforme completo, e afixou uma medalha à sua camiseta. Falou com ela, disse palavras que ela mal ouviu. Medalhas não deviam ser dadas a uma mulher que deixou seu helicóptero ser derrubado e um jovem ser morto.

Contudo, ela não se deu o trabalho de dizer algo, nem mesmo de agradecer.

Desceram-na do avião de maca por uma rampa irregular até a pista de Boeing Field, onde uma fileira de ambulâncias esperava para levar os pacientes a diferentes hospitais e centros de reabilitação. A chuva caía no seu rosto, a primeira indicação real de que estava de volta ao Noroeste. Ela olhou para o céu cinzento carregado e em seguida estava na ambulância, ao lado de um paramédico jovem e sério que lhe agradeceu pelo serviço prestado ao país.

Na estrada rumo ao norte, ela dormiu sem nem perceber e, quando acordou, tinham parado. Desta vez, os paramédicos a levantaram como se fosse uma criança e a carregaram até uma cadeira de rodas, acomodando-a com cuidado. Cobriram seu colo e as pernas com um cobertor.

Sua família estava reunida à frente do centro de reabilitação. Michael e Mila seguravam flores. Mesmo à distância, ela viu que

Lulu se balançava agitada, com um sorriso radiante. As meninas seguravam um cartaz dizendo sentimos saudade pintado em tinta acrílica azul, com um arco-íris na parte de cima.

Ela amava suas filhas com todas as suas forças; ela *sabia* disso, mas por alguma razão não conseguia sentir aquilo e essa incapacidade a apavorava mais do que tudo na vida.

– MAMÃE! – gritou Lulu, correndo em sua direção.

Betsy veio logo atrás e, sem querer, acabou se chocando contra a perna residual de Jolene. Uma dor cortante percorreu todo o membro.

– Droga, Betsy, tenha cuidado! – exclamou Jolene antes que pudesse evitar.

A filha deu um passo atrás, os olhos brilhantes de lágrimas.

Jolene trincou os dentes, com respirações curtas, até que a dor diminuísse.

– Desculpe, Betsy – disse ela, tentando sorrir, sem sucesso.

– Desculpa – murmurou Betsy, sentida e zangada.

Lulu estava prestes a chorar.

– Mamãe?

Jolene sentiu uma onda de exaustão. Não sabia como rebobinar os últimos minutos e começar de novo, como voltar a ser a pessoa sorridente que era, e a perna latejava de dor.

Michael avançou e assumiu o controle da cadeira de rodas.

– Mãe, leve as meninas para o quarto de Jolene. Vamos dar entrada e daqui a um segundo estaremos lá.

Mila conduziu as meninas, que pareciam confusas, para dentro do edifício.

– Obrigada – agradeceu Jolene.

– Elas estavam muito ansiosas para ver você.

Ela assentiu.

Michael a empurrou até um saguão bem iluminado e para o balcão da recepção. Ali, apresentou Jolene, que deu um sorriso amarelo, e assinou alguns papéis. Depois levou-a por um corredor até um

pequeno quarto com um cartaz gigante de bem-vinda de volta, mamãe pendurado em uma das paredes. Havia buquês suficientes para abastecer uma floricultura, e fotografias da família cobriam todas as superfícies. Suas filhas e Mila estavam de pé em frente à janela, mas agora os sorrisos eram hesitantes, inseguros.

Jolene queria tranquilizá-las, mas, quando viu o trapézio triangular que pendia sobre a cama, pensou: *Essa é a minha realidade agora. Preciso de ajuda para me sentar.* E o torpor retornou e voltou a se espalhar...

Vamos, Jo, sorria, finja ser quem você era... Você consegue.

Michael levou-a para perto da cama e parou tão de repente que ela deu um tranco para a frente. Ele olhou para o coto de perna sob o cobertor.

– Você consegue subir na cama?

Antes que ela respondesse, alguém bateu na porta aberta. Jolene se virou e viu um homem negro e grande, com *dreadlocks* grisalhos, entrar no quarto. Vestindo um uniforme cor-de-rosa, sorria como se tivesse ganhado na loteria. Passou ao lado de Michael e, com uma delicadeza impressionante, levantou Jolene da cadeira e a pôs na cama. Retirou seus chinelos e colocou-os no chão, então agasalhou-a com um cobertor roxo. Ao terminar, inclinou-se sobre ela e disse com suavidade:

– Apenas respire, Jolene. Você vai superar isto. Eu soube que você é dura na queda.

Ela o olhou, surpresa.

– Quem é você?

Ele sorriu.

– Sou o seu fisioterapeuta, Conny. Nos vemos hoje às seis para a sua sessão.

– Você não tem cara de Conny.

– Querida, eu passei a vida ouvindo isso.

Sempre sorrindo, apresentou-se à família, apertou a mão de Michael e saiu do quarto. Então ela ficou a sós com a família.

Jolene olhou para seus entes queridos. Queria, desesperadamente, sentir alegria, mas não conseguia, e essa ausência a aterrorizava e a deprimia. Ela não sentia nada.

Lulu caminhou até a cama. Olhou para a parte plana do cobertor, onde a perna de Jolene deveria estar. Franzindo a testa, inclinou-se sobre a cama e deu um tapinha no espaço vazio.

– É, não tem mais. Onde tá?

– Não está aqui, Lulu. Minha perna ficou muito machucada e eles me curaram. Agora estou perfeita. – A mentira fez a voz de Jolene falhar.

Lulu ficou na ponta dos pés e espiou o braço engessado de Jolene, com os dedos pálidos, inchados e inúteis na ponta.

– Mas você ainda tem duas mãos – disse, voltando-se para Betsy. – Ela tem duas mãos, Betsy. Ainda dá pra brincar de adoleta.

Betsy não respondeu. Ficou parada, encarando Jolene, os olhos magoados bem abertos. Ela também estava apavorada. Como não estaria? Sua mãe voltara com um pedaço do corpo a menos. A expectativa para o futuro não era exatamente otimista. E as primeiras palavras que a mãe dissera para ela foram agressivas.

Jolene sabia que aquele era o momento de dizer *tudo bem, quem precisa de duas pernas mesmo?* e fazer com que todos se sentissem melhor, mas não era capaz. Ainda não tivera coragem nem de olhar para a perna. Como poderia fingir que não tinha importância?

Mila ficou ao lado de Betsy, pousou a mão em um dos ombros dela e lhe deu um empurrãozinho.

– As meninas estavam tão entusiasmadas de ver você de novo... Elas quase nem dormiram.

Jolene percebeu a hesitação na voz da sogra e a bronca sutil, e pensou que deveria lidar com a situação de outra forma.

– Você vai voltar a ser a mesma – garantiu Mila após um silêncio desconfortável, durante o qual Betsy só olhou para o chão e roeu a unha do polegar.

Jolene assentiu. Queria acreditar naquilo.

– É claro. É só que o voo foi longo e a minha perna está doendo.

– É questão de tempo.

Ela trincou os dentes. Esperava que parecesse um sorriso.

– Bom – continuou Mila –, é melhor irmos para casa e deixar a sua mãe descansar.

– É – concordou Betsy rápido demais.

– Me dá um beijo, mamãe! – pediu Lulu, abrindo os braços.

Michael a levantou e Lulu se inclinou para a frente, enrolando os braços em volta do pescoço de Jolene e enterrando o rosto em seu pescoço.

– Eu te amo, mamãe.

Ali estava. O amor. O coração de Jolene quase transbordou. Ela nem percebeu que tinha começado a chorar. Apertou a filha com tanta força que nenhuma delas conseguia respirar.

– Eu também amo você, gatinha. E amo vocês, Betsy, Mila. Me desculpem por estar tão cansada. O voo foi longo.

– Nós entendemos, não é, meninas? – indagou Mila, dando tapinhas em um dos ombros de Betsy.

– Betsy? – chamou Jolene. – Quer um beijo de despedida?

– Eu não quero machucar você – disse a filha, soando mal-humorada.

– Betsy... – falou Mila em tom de advertência.

A menina avançou sem vontade e se inclinou para dar um beijo no rosto de Jolene. Foi um beijo rapidíssimo, que terminou antes de começar, e em seguida Betsy se afastou da cama.

Jolene acenou com a mão esquerda e as viu irem embora. Só Betsy não parou na porta, não olhou para trás e sorriu. Michael ficou ao lado da esposa.

– A casa está quase pronta – comentou ele. – Seus amigos da Guarda me ajudaram a construir uma rampa. E transformamos o escritório em um quarto, assim você não precisará subir a escada.

– A separação que você queria.

– Não faça isso, Jo. Por favor. Eu estou me esforçando.

Claro, Michael, tudo gira em torno de você. Suspirou, subitamente cansada para qualquer coisa – discutir, fingir, sentir. O dia fora de mal a pior e ela não via uma luz no fim do túnel. Pensava que a perna amputada era o pior que lhe acontecera, mas alguma outra coisa estava errada; aquele torpor dentro dela. Queria repetir todo o reencontro e conseguir ser uma mãe melhor.

– Tchau, Michael – disse.

– Você fica me afastando.

Ela deu um riso amargo, que se transformou em um soluço. Empurrando as cobertas, ela lhe mostrou a perna pela metade, inchada até o dobro do tamanho, cortada acima do joelho e envolta em gaze e bandagens.

– Olhe, Michael. Olhe para *mim.*

A pena e a tristeza nos olhos dele acabaram com ela.

– Jo...

– Vá embora, Michael. Por favor. *Por favor*. Estou cansada.

– Minha mãe me passou um sabão por deixar você na Alemanha. Segundo ela, quando uma mulher diz *vá*, quer dizer *fique*.

– Não esta mulher. *Vá* quer dizer *vá*.

Queria cruzar os braços e dar um suspiro dramático, mas é claro que só conseguia mexer um braço. Usou a mão boa para puxar as cobertas para cima e fechou os olhos.

Ouviu-o se aproximar, sentiu a respiração do marido em seu rosto quando ele se inclinou e lhe deu um beijo na têmpora. O toque carinhoso lhe deu vontade de chorar. Ela engoliu em seco e não disse nada.

Finalmente, Michael saiu e Jolene voltou a ficar só.

Passou muito tempo até que ela conseguisse dormir.

– *Jo! Não me deixe...*

Tami está gritando, chorando... o sangue jorra do nariz e da boca... dos olhos. Jolene está tentando chegar até ela, tentando alcançá-la, mas uma bomba cai... e explode. A noite escura está cheia de fogo e estilhaços que caem, e agora ela não consegue encontrar Tami. Em algum lugar, Smitty chama por Jolene, dizendo que está preso. Jolene os chama, tossindo em meio à fumaça, arrastando-se pela terra, procurando...

Jolene acordou, ofegando com a dor. Era como se alguém torcesse seu pé na direção errada, como se os ossos se partissem em protesto.

Ela se agarrou à barra sobre a cama com o braço esquerdo e puxou seu corpo para cima até se sentar. Arfando, encarou o cobertor plano.

– Você não está aí! Você não deveria doer mais!

Voltou a se deitar, olhando para as placas acústicas brancas manchadas no teto, rangendo os dentes. As lágrimas queimavam seus olhos. Queria se render a elas, talvez chorar até ser carregada por um rio de lágrimas e desaparecer. Mas de que adiantaria chorar? Mais cedo ou mais tarde, enxugaria os olhos e olharia para a perna, que ainda não estaria lá.

– É comum, sabe?

Com um suspiro, ela girou a cabeça. Através da ondulação do travesseiro, viu o homem negro de pé na porta e soube para que ele estava lá. Para *ajudar.*

– Vá embora, Conny.

Ele entrou no quarto mesmo assim. Enquanto caminhava, tirou algo do bolso – um elástico, talvez – e prendeu o cabelo em um rabo de cavalo. Brincos cintilavam nas orelhas escuras.

– Não é todo homem que usa uniforme rosa – comentou ela, sarcástica.

– Nem é toda mulher que pilota helicóptero. – Ele parou ao lado da cama. – Posso?

– Pode o quê?

– Te ajudar a sentar – respondeu ele com delicadeza.

Ela engoliu em seco e o fitou. A compaixão nos olhos dele doeu tanto quanto a dor fantasma na perna.

– Vá embora. – As palavras saíram como um grunhido.

– Você vai só ficar deitada e sentir pena de si própria?

– É.

Era isso mesmo o que ela queria: ficar sozinha. Passara a vida toda sendo Poliana, acreditando no poder do pensamento positivo, e o que ganhara com isso? Tami estava gravemente ferida, seu casamento dera errado e ela nem conseguia se levantar da cama sozinha.

Conny passou um braço pelas costas dela e a ajudou a se sentar, posicionando os travesseiros para que servissem de encosto. Ela resistiu, mas sem muita convicção, deprimida demais para se importar, e depois desistiu. Quando estava sentada, ele se afastou só para ser educado, mas não o bastante para que Jolene tivesse um espaço confortável.

– Como eu disse, é comum.

Ela não queria conversar, mas tinha certeza de que ficar de boca fechada não daria certo com aquele homem. Apostava que ele tinha a paciência de um francoatirador.

– Certo. O que é comum?

– A dor na perna que você perdeu. Dizem que é estranho. Parece que é bem no pé.

Isso chamou sua atenção.

– Pois é. Como vou conseguir esquecer isso se não para de doer?

– Imagino que você não vá esquecer isso tão cedo, não é?

– Não.

– São os nervos cortados. Estão tão confusos quanto você. Para eles está tudo errado; estão procurando o pé.

– Eu também.

– Eu posso ajudar a lidar com a dor até os nervos cicatrizarem completamente. Vou ensinar algumas técnicas básicas de

relaxamento. Exercícios e um banho quente também ajudam.

– A morfina ajudava.

Conny riu.

– Recruta, aqui não vai rolar morfina. Você não vai lidar com isto dormindo.

– Imagino que você tenha uma ideia melhor.

– Tenho, sim. Que tipo de tratamento você começou a fazer na Alemanha?

Jolene levantou o braço engessado.

– O que você acha? Eu não consigo usar muletas.

Ele franziu a testa, pensativo.

– É, tem razão. Acho que não vou começar por aí.

– Olha, Conny, é muito divertido você ficar me espionando, mas eu estou cansada. Não dormi bem na noite passada e estou exausta. Por que você não volta outra hora?

– Eu estou aqui agora.

– Estou pedindo que você saia. Mandando, aliás.

– Espere aí. Você está confusa, recruta? Pensa que está em um helicóptero poderoso e eu sou a sua tripulação?

– Escute, Con...

– Não, escute *você*. Como o meu neto diz, você não é o chefe *de mim*. Eu sou o chefe *de você*. Sua família está pagando caro por sua reabilitação, e é exatamente isso o que vai acontecer.

– Eu não consigo me mexer. Não deu para perceber?

Ele sorriu.

– Isso eu já sei. Eu vi a sua ficha. E ali falta uma perna e ali tem um braço engessado. Não estou pedindo que você se mexa. Ainda.

– Então o que você *está* pedindo?

– Que você comece. Eu achei que quisesse pilotar helicópteros de novo.

– Você vai fazer a minha perna crescer de novo, que nem mágica?

Conny deu uma gargalhada.

– Para falar a verdade, me disseram que você era mais simpática.

– Pois é. Eu perdi uma parte de mim. A simpatia foi junto.

– Vamos fazer assim: comecemos bem devagar, com algo que você consiga fazer.

– Pular amarelinha?

– Vou lhe ensinar a colocar as ataduras. A pressão de uma bandagem bem-feita alivia a dor. Imagine que é como envolver uma das suas filhas pequenas.

Jolene tentou se livrar dele, mas não havia para onde ir.

– Não. Vá embora.

Conny apoiou uma das mãos na cabeceira e se inclinou sobre ela. O rabo de cavalo pendeu para um lado.

– É normal não querer olhar, mas faz parte de você, Jolene, parte do seu corpo. Você precisa aprender a se cuidar. Vou fazer bem devagar.

– Eu não quero olhar. Vá embora – disse ela, agora bem baixo.

Estava com dificuldade para respirar. O pânico tinha tomado conta do seu corpo. Conny tirou a mão da cabeceira e foi em direção às pernas de Jolene, retirando as cobertas. Ela esticou a mão, agarrou o cobertor e tentou segurá-lo, mas o enfermeiro soltou-o.

Viu sua metade inferior: a calça azul do pijama em uma perna, com o pé pálido e perfeito no extremo e, na outra, a protuberância que saía do tecido que fora cortado e se desfiava. Estava grotescamente inchada, enorme, arredondada na ponta, enrolada em bandagens brancas.

– Respire fundo – pediu ele.

– Não... consigo.

– Olhe para mim, Jolene.

Seu punho esquerdo se fechou. Ela tentou respirar, mas não conseguiu.

– Apenas olhe para mim.

Enquanto dizia isso, Conny moveu as mãos até o que restava da perna – sua perna residual, como a chamavam. Eles não diziam *coto*, que era uma palavra feia.

Você consegue, Jo, pensou ela desesperada. *Você supera tudo. Não desvie o olhar. A primeira vez é a pior.* Mas essa era a antiga Jo falando, e sua voz era baixa, fácil de ignorar.

Conny soltou a bandagem lentamente, tão devagar que Jolene notou que ele estava lhe dando tempo para se preparar para cada movimento. O enfermeiro ergueu um pouco a perna, soltou a parte de trás, depois passou para a frente.

Ela pensou que fosse ficar enjoada. *Aguente aí, Jo. Aguente.* Suas unhas se cravaram na palma da mão. Sentiu que começava a transpirar.

Conny terminou de retirar as bandagens e as pôs no lençol, ao lado da perna boa. Restava somente um curativo de gaze. Através dele, Jolene viu a pele inchada, e descolorida, com hematomas. Fechou os olhos.

– Jo?

– Não vou olhar – sussurrou ela. – Não consigo.

– Continue respirando. Só escute a minha voz. Vou massagear a sua perna, está bem? É bom para a circulação. Quando você estiver preparada, eu ensino como fazer.

Quando as mãos de Conny tocaram sua pele, ela estremeceu e sentiu repulsa. Sem conseguir evitar, deu uma espécie de gemido.

– Respire, recruta.

Ela exalou com força. Sentiu os dedos do enfermeiro se movimentarem, massagearem e soltarem os músculos contraídos, operando um milagre. Seus ombros relaxaram e ela abriu a mão, aliviando a pressão. A cabeça se inclinou um pouco para a frente.

– Pronto – disse Conny, por fim, e ela tinha quase pegado no sono. – Pode abrir os olhos agora, Jolene.

– Está protegida?

– Sim. *Você* está protegida.

Ela notou a pequena ênfase que Conny deu à palavra e ergueu a cabeça devagar, abrindo os olhos.

A bandagem tinha sido recolocada, com mais pressão, e o pequeno par de fechos prateados estava posicionado num ângulo oblíquo, quase como uma insígnia de oficial.

– Obrigada – agradeceu ela. – A dor melhorou.

– Você *vai* melhorar, Jolene. Acredite em mim.

– Eu não era tão megera antes.

Conny voltou para a cabeceira da cama e ficou de pé ao lado dela.

– Você não é uma megera. Está só assustada. Minha mulher é que é uma megera. – Ele sorriu. – Mas eu a amo feito louco.

– Eu também não era de me assustar.

– Então estava se enganando. Todos ficamos assustados às vezes.

Jolene não tinha resposta para aquilo. De fato tinha se enganado quanto a muitas coisas ao longo dos anos, mentindo ou fingindo não ver. Era a única forma de sobrevivência que conhecia. E estivera certa ao fazer aquilo, pois aquele medo era insuportável. Tinha revelado quem ela era, tão claramente quanto a bandagem que Conny retirou, expondo tanta dor e feiura.

As terminações nervosas: ele explicara que esse era o problema. Coisas cortadas, que terminaram de repente ou morreram – como pais e casamentos –, continuavam doendo para sempre.

Jolene sabia que Conny esperava que ela fosse mais forte, tentasse com mais empenho, acreditasse que ficaria melhor. Mas não queria melhorar. Queria sua antiga vida de volta, queria ser quem tinha sido, mas tudo isso se perdera, fora amputado de forma tão incisiva quanto a perna.

– Tente. É só isso que eu peço.

Tentar. Era outra palavra em que acreditar, e ela estava cansada daquilo.

– Vá embora, Conny – disse, suspirando e fechando os olhos.

OUT.

Está chovendo lá fora. Tudo o que vejo são lágrimas na janela. Tem algo muito errado comigo, e não é a perna a menos. Estou fraca, atolada num fosso de autocomiseração, e isso me constrange, mas não consigo evitar. Conny entra no meu quarto com aquele sorrisão e diz que eu só preciso tentar. Mostra fotos de mulheres jogando tênis com pernas artificiais, e eu entendo o que ele quer dizer, entendo mesmo. Mas não consigo me importar. Que direito eu tenho de andar quando Tami está em uma cama, lutando pela vida, e Smitty está enterrado no fundo da terra e nunca vai sorrir de novo, nunca vai dizer: *E aí, chefe, vamos jogar um baralhinho?*

Estou aqui há oito dias e Michael me visitou quase todo dia. Eu finjo estar dormindo quando ele chega. Me tornei uma covarde. Ele não trouxe mais as meninas para me verem. Eu sei por quê. Estão com medo. Me veem, sabem que eu mudei e ficam se perguntando se o mundo deles vai voltar a ser o mesmo. Eu gritei com a Betsy quando ela bateu na minha perna. Não tive a intenção, mas como poderia voltar atrás? Eu sei que preciso reconfortá-los, mas não consigo. Não tenho mais forças. Toda vez que penso neles, fico com vontade de chorar.

Se eu dormisse, talvez me sentisse bem. Ou pelo menos melhor. Mas as minhas noites são cheias de pesadelos. Ouço a minha equipe me chamando toda hora. Vejo Tami pedindo ajuda. Está cada vez pior e eu faço o possível para não fechar os olhos.

Michael estava sentado na poltrona de couro de seu escritório, olhando pela janela em um dia feio de outubro. Eram 10h42, nove dias após o retorno da sua esposa. Ela devia estar na fisioterapia agora, tentando aprender a fazer coisas básicas.

O telefone tocou.

– Michael, o Dr. Cornflower está aqui.

– Mande-o entrar – pediu ele, ficando de pé.

O médico entrou na sala.

– Chris – disse Michael, tentando se concentrar no que importava agora. – Olá. Obrigado por vir.

O doutor prendeu uma mecha solta de cabelo no rabo de cavalo desgrenhado. Vestia camiseta preta, um colete de camurça com franjas, calça tipo cargo e sandálias pretas de plástico; cruzada sobre o corpo, uma bolsa cara de couro. Ele a tirou e remexeu dentro, pegando uma pasta verde, que pôs sobre a mesa.

– Acho que não resta dúvida de que Keith sofre de transtorno de estresse pós-traumático extremo, e provavelmente encontrava-se em estado dissociativo quando matou a mulher.

– E você pode declarar isso no tribunal?

Chris se sentou e cruzou as pernas.

– Poderia.

– De terno?

Chris sorriu.

– Você se surpreenderia ao me ver arrumado, Michael.

– Ótimo. Me diga o que eu preciso saber – pediu, voltando a sentar-se atrás da mesa.

– Eu incluí um relatório detalhado para você estudar, então só vou destacar alguns detalhes. Primeiro, deixe-me explicar como é o diagnóstico. Começamos com perguntas elaboradas para determinar se o paciente testemunhou ou vivenciou algum evento envolvendo ferimentos sérios ou morte. A probabilidade de alguém sofrer de TEPT é maior nos seguintes casos: quando se é atacado, emboscado, baleado, alvo de foguetes ou morteiros, responsável pela morte de um civil ou inimigo, ou quando se vê ou interage com norte-americanos gravemente feridos ou seus restos mortais. É claro que muitos desses acontecimentos causam mais impacto quando é um amigo que morre ou se fere. Como você sabe, a

unidade de Keith vivenciou alguns dos piores combates da guerra. Os tiros e morteiros de insurgentes eram quase incessantes. Na brigada em que ele ficou, 64 soldados morreram só no primeiro ano dele lá. O que você não sabia é que Keith muitas vezes foi o "ensacador", quer dizer, teve que recolher as partes dos corpos. Dos *amigos* dele.

– Minha nossa – murmurou Michael.

– Eu acho que a ida ao mercado foi o gatilho. A multidão e a movimentação o deixaram hipervigilante, em modo de ataque. Ele começou a beber para se acalmar, mas isso não ajudou. Quando o mendigo se aproximou, Keith reagiu como tinha sido treinado. Ele atacou. Ele não tem uma lembrança substancial do que aconteceu em casa, mas a minha teoria é de que outro gatilho, como um som alto, um clarão de luz, fez com que ele se imaginasse de volta à guerra. Naquele estado dissociativo, reagiu como tinha sido treinado: se defendeu e matou a mulher.

– Em um estado dissociativo assim, é possível pensar racionalmente?

– Se você quer saber se é possível formar intenção, minha resposta é não. Além disso, na minha opinião profissional, Keith Keller era incapaz de formar a intenção de matar.

Michael recostou-se na cadeira, pensativo.

– Ele é um homem de bem, Michael. Um homem que viu e passou por coisas que a mente dele não consegue processar. Seria terrível agravar a tragédia que isso representou para ele e a família deixando-o em uma cela pelo resto da vida. Keith precisa de tratamento residencial.

Michael abriu sua pasta.

– Você sabe que o Departamento de Veteranos considerou que ele tinha um "transtorno de ansiedade leve". Não diagnosticou TEPT.

– O DV... – disse Chris, balançando a cabeça. – Nem pergunte o que eu penso do governo e das falhas com relação aos soldados. É algo criminoso. As Forças Armadas tendem a associar TEPT com

fraqueza e covardia. Mas vão ter que tomar uma atitude, sobretudo porque os soldados têm feito diversas missões. Temos que forçar o DV e o governo a começarem a prestar atenção às necessidades dos soldados em *casa*. Temos que esclarecer este assunto e apagar o estigma. Este caso é importante, Michael. Talvez você possa ajudar outro soldado afetado e salvar algumas vidas.

– Ainda não encontramos nenhum caso em que o argumento de TEPT tenha sido bem-sucedido.

– Sempre existe uma primeira vez. – Chris sorriu.

Michael concordou e olhou pela janela, para a chuva constante, tão fina que parecia uma seda cinza que borrava os contornos dos edifícios. Como lágrimas. Ele compreendeu de repente o que aquele caso significava para si próprio, por que importava tanto.

– Minha mulher... – começou devagar. – Ela perdeu uma perna lá. Um membro da tripulação dela morreu. Sua melhor amiga ainda está em coma. Enfim, Jolene acabou de voltar e está diferente. Está reservada com as crianças, chega mesmo a ficar brava e tensa. Mas é louca por elas. Eu quero ajudar, só que não sei como.

Houve uma pausa. Michael sentiu que Chris o estudava.

– Ela é piloto de helicópteros do Exército, não é? – perguntou o médico.

Michael se voltou para ele.

– É. Isso é significante?

Chris sorriu.

– Você não entende mesmo os militares... Isso quer dizer que a sua mulher é durona, Michael. É uma pessoa forte, que passou a vida conseguindo o que quer em um sistema que não quer lhe dar aquilo.

– Essa é a Jo.

– Uma mulher como ela não pede ajuda facilmente.

– Ela fica me afastando.

– É claro. Assim é o Exército, a mentalidade militar. Seja forte, faça tudo você mesmo, termine a missão. Não deixe que ela afaste você.

Ela precisa de você, por mais que não saiba. Fique de olho nos sintomas de TEPT: pesadelos, falta de sono, hipervigilância, surtos de raiva ou depressão ou aparente torpor.

– Obrigado, Chris – agradeceu Michael.

O médico ficou de pé e eles apertaram as mãos. Chris abriu a porta e olhou para trás.

– Poliéster ou cotelê, aliás?

– O quê?

– Para o meu terno.

– Eu posso arranjar...

– Hugo Boss, então – concluiu Chris, abrindo um largo sorriso ao sair do escritório.

Vinte



No dia seguinte, Michael acordou cedo, exausto após outra noite sem dormir. Saiu da cama cambaleando e tentou reanimar o corpo com um banho quente, que só o fez sentir-se mais cansado. Vestiu as mesmas roupas do encontro com o médico, que ele deixara penduradas no encosto de uma cadeira. Era mais fácil do que ir até o armário escolher algo. Como já era normal ultimamente, as roupas estavam jogadas por todo canto, penduradas em cadeiras, dobradas em pilhas no chão, amontoadas no banco ao pé da cama.

Foi até o quarto de Betsy e abriu a porta só o bastante para falar *Levante, Betsy. Café da manhã em dez minutos.*

Fechou a porta e foi até o quarto de Lulu. Parecia que uma bomba de brinquedos e roupas havia sido detonada lá dentro. Talvez devesse obrigá-la a recolher as coisas, porém seria mais fácil ele mesmo fazer isso. Era o que pensava toda manhã, mas nunca colocava em prática. Graças a Deus, uma diarista os ajudava uma vez por semana, senão estariam morando em um lixão.

– Ei, Lulu – chamou, inclinando-se para beijá-la.

Pegou-a no colo e a levou até o banheiro, ficando ao lado dela durante a eternidade que levava para escovar os dentes minúsculos. Quando a filha terminou, sorriu para ele, triunfante.

– Eu sou uma mocinha.

– O que você quer vestir para ir à escola? – perguntou Michael.

Aprendera nos últimos meses que dizer a uma menina o que ela devia vestir, mesmo uma tão pequena, não era uma boa ideia. Em geral, isso originava ataques de histeria. Lulu foi para o quarto e ficou de pé em meio às pilhas de roupas com as mãos na cintura, examinando a bagunça. Michael contou mentalmente até dez.

Por fim, ela escolheu uma calça rosa com margaridas e uma camiseta azul do *Toy Story*. As meias de listras verdes davam um toque circense, mas e daí? Desceram a escada juntos. Na cozinha, Michael olhou a tabela de refeições de Jolene – mais uma coisa que facilitava a sua vida, como descobrira. Enquanto pegava os ingredientes para fazer rabanadas, Lulu começou a pôr a mesa. Trabalharam em silêncio, quebrado apenas pelos ruídos dos talheres.

Ele estava se servindo de uma segunda xícara de café quando Betsy entrou na cozinha.

– Aquela moça da TV está falando da minha mãe e de Tami de novo.

Michael não se surpreendeu. Na última semana, o canal de TV local ficara fissurado na história das pilotos de helicóptero que eram melhores amigas e sofreram um acidente juntas.

– Venha tomar o café – foi só o que ele disse.

Enquanto as meninas comiam rabanada, Michael bebia café e pensava em tudo o que tinha para fazer naquele dia. As pesquisas sobre o caso Keller estavam a pleno vapor e ele se preparava para o início do julgamento. Era para a sua cabeça estar fervilhando com perguntas e estratégias.

Mas só conseguia pensar em Jolene. Ele não a estava ajudando. Talvez nenhum deles estivesse. Michael percebeu que, desde a chegada da esposa, Betsy ficara emburrada, muda. Estava certa de que Jolene tinha algum problema fundamental e definitivo, e pior, estava brava com a mãe. Brava por ela ter ido para a guerra, se ferido, voltado diferente.

Às 8h20, as filhas estavam no ônibus, a caminho da escola. Michael foi de carro até a balsa e cruzou o estuário. Em Seattle, seguiu para o norte.

Quinze minutos depois, estacionou na frente do centro de reabilitação. Tirou o casaco, colocou-o sobre o braço e entrou.

– Sr. Zarkades?

Ele viu o fisioterapeuta vir em sua direção. Como sempre, Conny vestia um uniforme rosa e os *dreadlocks* grisalhos balançavam a cada passo, um pouco como o alienígena de *Predador.*

– Oi, Conny. Como Jolene está se saindo? Aposto que está dando bastante trabalho.

– Até que não.

– Como assim?

– Ela só sai da cama para ir ao banheiro e odeia fazer isso porque precisa de ajuda. Ela se recusa a aprender a cuidar da perna residual. Não quer nem olhar para ela. É claro que isso é comum; a aceitação pode demorar anos. Mas ela não quer nem tentar.

– Jolene não quer tentar? – Franziu a testa.

– Ela está mal, e não só por causa da perna. Eu entendo, mas já passaram dez dias. Ela precisa começar a fisioterapia.

Michael assentiu. Afastou-se e atravessou o corredor comprido e iluminado até o quarto de Jolene. Bateu uma vez na porta e a abriu.

A esposa estava sentada na cama, com o olhar vazio voltado para a TV. Os cabelos louros e longos estavam embaraçados, descuidados, com as raízes escuras. Ela estava muito pálida e magra. A perda de peso ressaltava as maçãs do rosto, agora pontudas, e seus lábios carnudos estavam rachados e sem cor. As olheiras comprovavam as noites insones. Ele nem notou a parte lisa das cobertas. Olhou para *ela*, sua mulher.

Jolene estava apavorada; ele percebia isso agora. E deprimida.

– Conny me disse que você não quer começar a fisioterapia – disse Michael, fechando a porta e caminhando em direção à cama.

– Saia daqui, Michael.

– Você não pode desistir, Jo.

Ela empurrou as cobertas, expondo a meia perna enfaixada. Ainda estava inchada, imensa.

– Agora eu posso, sim.

Michael detectou o tremor na voz dela e sentiu tanta pena que seu peito doeu. Queria lhe dizer isso, fazê-la entender o quanto sentia a dor que ela carregava, mas eles haviam se distanciado demais. Jolene nem daria ouvidos.

– Por que você está aqui? – ela perguntou.

– Eu te amo, Jolene.

– Você pensa que eu não vejo a pena nos seus olhos agora? Você pensa que eu não sei que você só está aí porque não tem outro jeito? Eu virei a sua responsabilidade.

Michael engoliu em seco. Ele merecia aquela raiva e teria que aceitá-la. No momento, era preciso pensar em algo mais importante do que o casamento em crise.

Não deixe que ela afaste você.

Cornflower tinha razão. Se Michael queria sua mulher de volta – e queria –, teria que lutar por ela. E não seria algo agradável.

– Chega – disse ele, ríspido. – Não se trata só de você. Esta é a nossa vida. Você está sendo egoísta.

– Como *você* ousa me dizer isso?

– Você não pode ficar aí deitada, lamentando o que perdeu.

– O que foi *cortado*, você quer dizer. Fale. Olhe para isto, Michael.

– *Você* queria voar. Você, Jo. Queria o combate, queria a guerra, queria realizar todo o seu potencial. Muito bem, você conseguiu, e essa é quem você é agora.

Ela empalideceu.

– Cale a boca.

– Eu me lembro de todas as suas histórias do treinamento militar e da escola de voo. E de todas as vezes em que os homens subiam no seu Black Hawk, viam o seu rabo de cavalo e saíam, dizendo

que não voariam com uma mulher. Você disse que os faria engolir suas palavras, que era durona.

Jolene pegou a jarra plástica de água ao lado da cama e atirou-a nele, errando por centímetros a cabeça do marido. Ela se chocou contra a parede, espirrando água.

– Saia do meu quarto! Você é a última pessoa no mundo que pode me ajudar.

– Jo...

– Fora!

– Por quê? Para você voltar a ficar se lamentando?

– Você não faz ideia do que eu sinto, Michael.

– Eu quero você de volta, Jo. E, se isso não importar, pense isto: as meninas precisam de você.

Quando Michael mencionou as filhas, Jolene ficou arrasada: os ombros caíram, a cabeça pendeu. Ele queria dizer mais, insistir, mas, ao vê-la assim, não foi capaz. Com um suspiro, saiu do quarto e fechou a porta.

Conny estava esperando por ele. O homem grande estava encostado na parede, com os braços musculosos cruzados.

– Nossa recruta é osso duro. Como foi?

– Ela não me quer lá dentro.

– É Jolene que manda em quem entra no quarto? – perguntou o enfermeiro, pensativo. – Quero dizer, ela nem consegue levantar da cama. E precisa de motivação, você não acha?

Michael olhou para o fisioterapeuta.

– Imagino que ela não vá atirar coisas nas filhas.

Conny sorriu.

– Não. Imagino que não.

No sábado, Jolene estava sentada na cama, observando os visitantes passarem na frente da sua porta aberta, segurando balões

e carregando flores, conversando animadamente com os parentes que tinham ido visitar.

Ela expulsara Conny do quarto e tentara ler um livro. Mas não conseguia se concentrar, lendo a mesma frase diversas vezes. Enfim, desistiu e fechou os olhos.

Num instante, ela estava de novo no Black Hawk, caindo.

Fomos atingidos. Tami...

Abriu os olhos. Nossa, como ela estava cansada daquilo, cansada da dor, cansada dos pesadelos... cansada de tudo.

– Oi, Jolene.

Ela se voltou um pouco e viu Conny na porta. Antes que pudesse mandá-lo sair dali, Michael entrou, conduzindo as meninas. Todos se aproximaram juntos; ele apoiava as mãos sobre os ombros das filhas. Lulu vestia o pequeno uniforme de camuflagem que Jolene mandara fazer para ela no ano anterior, com o broche de asas no colarinho. Os cabelos pretos e longos, todos emaranhados, emolduravam seu rosto pequeno. As meias estavam descasadas.

– Oi, mamãe! – exclamou Lulu, entusiasmada. Foi direto até a cama, se agarrou às grades metálicas e as chacoalhou. – Papai falou que a gente tinha que ser soldadinha pra ajudar você a melhorar. Eu estou prontinha, tá vendo? – Ela rodopiou para mostrar a roupa.

Michael deu um tapinha nas costas de Betsy e um empurrão leve. A filha tropeçou, avançando um pouco.

– Oi, mãe.

Ela não olhou para Jolene e manteve a cabeça baixa, para que o cabelo caísse sobre o rosto. Jolene olhou bem nos olhos magoados e zangados de Betsy.

– Desculpe por ter gritado com você naquele dia – disse ela em voz baixa.

Betsy deu de ombros e desviou o olhar. Era óbvio que não sabia para onde olhar – nem para o rosto da mãe, que ainda estava arranhado e marcado, nem para a perna a menos.

– Tanto faz – murmurou.

Jolene não sabia como consertar o estrago que fizera. O silêncio no quarto se expandiu. Então, Michael falou:

– Conny afirmou que você precisava de motivação para começar a fisioterapia. Eu sei que você não quer desapontar as meninas. Elas sabem que vai ser difícil e assustador, então querem ajudar.

– A gente quer ajudar! Que nem quando você ajuda quando a gente tem pesadelos – disse Lulu, ansiosa por demonstrar que compreendia o plano.

Jolene imaginou o que acontecera na noite anterior. Michael devia ter dito às meninas que a mãe delas estava machucada e assustada e que todos precisavam ajudar.

Olhou para as filhas e a dor quase não a deixou respirar. Sabia que Michael contava com ela; esperava que ela fosse a mulher que tinha sido antes de tudo aquilo. Mas aquela mulher partira; tinha sido abatida e morrera no deserto.

Lulu tirou a mochila das costas. Remexeu lá dentro e puxou sua manta amarela, que costumava acariciar enquanto chupava o polegar.

– Aqui, mamãe – anunciou solenemente, indo até a cama. – Você pode ficar com a minha mantinha.

O coração de Jolene pareceu se partir. Durante um segundo, ela *sentiu* todo o amor que antes a preenchia. Segurou a mantinha puída, lembrando-se de como embelezava o berço branco de Lulu. E queria aquilo de volta, tudo, sua vida, sua capacidade de amar, seu senso de maternidade.

– Obrigada, Lucy. Vou cuidar bem dela.

– Mas você devolve quando ficar boa, né?

– Claro.

Eles a olharam, na expectativa.

Vamos, Jo. Finja.

Ela enfim forçou um sorriso. Recusava-se a decepcionar suas filhas.

– Certo, Conny. O que eu faço?

– Você sabe a resposta, Jolene. Você vai aprender a enfaixar a sua perna.

Ela assentiu, mas uma sensação de náusea comprimiu seu estômago.

– Está bem. Mas as meninas não precisam estar aqui.

– Por que não? – perguntou Michael, se postando ao lado da cama.

– Elas não precisam ver isso – respondeu Jolene, o olhar suplicante. Sabia que ele também estava com medo.

– "Isso"? Quer dizer *você*, Jo? Nós já conversamos sobre isso – informou Michael, olhando para as meninas. – É você, nós te amamos e você está machucada. Não temos medo. As coisas que não vemos é que nos dão mais medo.

– Que nem os pesadelos e os monstros no armário – completou Lulu. – Quando você acende a luz, puf!, eles somem e a gente fica bem.

Jolene encarou Michael e moveu os lábios, sem emitir som: *Por favor.*

A gente fica, articulou ele em resposta.

Conny caminhou até o meio da cama, do lado oposto ao da família, e retirou as cobertas de Jolene. Ela viu Betsy se encolher e se aproximar da porta.

Jolene trincou os dentes enquanto os dedos compridos começaram a desfazer lentamente a bandagem.

– É um padrão em oito, está vendo? É assim que precisa pôr as ataduras, pressionando bem.

Conny terminou de retirar as bandagens; embaixo havia uma gaze. Jolene agarrou o cobertor com a mão esquerda e fechou o punho com força, apertando o tecido. Michael pôs a mão sobre a dela e a segurou.

Jolene viu sua perna cortada pela primeira vez, e seu estômago embrulhou. Estava imensa e inchada. Feia. Seus olhos se encheram

de lágrimas e ela lutou para que não escorressem.

– Preciso ir no banheiro – disse Betsy, aliás, grunhiu, e saiu correndo do quarto, batendo a porta.

– Parece uma bola de futebol americano – falou Lulu, franzindo a testa, curiosa.

Michael olhou para a esposa; ela viu suas próprias emoções nos olhos dele: medo, tristeza, pena.

– Vamos, Jolene – insistiu Conny.

Ela inspirou, trêmula, e devagar, bem devagar, inclinou-se para a frente e pegou a gaze nova que o enfermeiro colocara ao seu lado.

– Com cuidado – recomendou Conny, pondo as mãos por cima das dela e mostrando como colocar a faixa.

Sua pele estava tensa e sensível; não parecia ser dela. A bile subiu pela garganta; ela engoliu e se obrigou a continuar.

Por Betsy e Lulu, pensou várias vezes. *Faça de conta que não é nada, que não dói nem dá enjoo. Seja a mãe delas de novo.*

Jolene enfaixou a perna bem apertado, prendeu os pequenos ganchos prateados e então se recostou e puxou as cobertas para cima, sentindo os olhos arderem.

– Excelente – elogiou Conny. – Praticamente perfeito. – Ele olhou para Lulu. – Você e a sua mãe são muito corajosas.

– A gente é soldado – afirmou ela. – Bom, eu tô fazendo de conta.

Conny sorriu.

– Então é por isso. Agora, mocinha, eu preciso pegar algumas coisas para a sua mãe se exercitar. Quer me ajudar a buscar?

– Posso, papai?

– Claro.

Quando eles saíram, Jolene se deixou cair na pilha de travesseiros, exausta.

– Você está bem? – perguntou Michael, inclinando-se sobre a esposa.

Ela não tinha forças para lidar com o marido agora. Sentia-se muito fraca e vulnerável e, na fração de segundo em que seus olhares se

cruzaram, ela viu amor. Nada a assustava mais do que isso. Jolene lhe entregara seu coração tanto tempo atrás, por tantos anos, e ele o partira. Agora tinha o corpo tão destroçado que não podia permitir outro ferimento.

– Por que você está aqui, Michael? Você sabe que acabou.

– Não acabou.

Ela lutou para voltar a se sentar, desequilibrada e ofegante, detestando fazer todo aquele esforço por algo tão simples. Tirou as cobertas.

– É isto que você quer?

– Sim.

– Não minta para mim, Michael.

– Não estou mentindo. Eu aprendi muito quando você foi embora, Jolene. Sobre você... sobre mim... sobre nós. Eu fui um idiota quando disse que não a amava. Como eu não ia amar?

Jolene queria que fosse verdade, queria tanto que seu peito se apertou. Mas agora ela estava inválida, e Michael sempre tivera um forte senso de responsabilidade. Era algo que eles tinham em comum. Não abandonaria a esposa ferida, por mais que quisesse.

– Voltamos, mamãe – disse Lulu, entrando no quarto com o enfermeiro. – Conny falou que a gente vai brincar de agarrar bola!

Jolene respirou fundo, cansada. Quis dizer *Sério? Quer quebrar a minha outra mão?*, mas ficou calada. Foi um pequeno triunfo. Conseguiu abrir um sorriso.

– Está bem, Lulu. Que ótimo. Vamos começar.

Michael estava de pé ao lado da cama de Jolene.

Ela pegara no sono quase imediatamente após a sessão de fisioterapia. Não era de se espantar: devia estar exausta. Hoje ele vira a mulher que pilotava helicópteros. A guerreira.

Olhou para seu rosto ferido. Sempre, desde o princípio, quando ela entrara em seu escritório naquele dia em que se conheceram, percebera que Jolene era uma mulher de ferro.

Agora via a sua vulnerabilidade. Talvez pela primeira vez na vida, Jolene precisava dele. Surpreendeu-se ao constatar o quanto aquilo significava para ele, o quanto queria ficar ao lado da esposa.

Michael tocou seu rosto com delicadeza.

– Eu perdi você, Jo? – sussurrou.

Ouviu a voz esganiçada de Lulu no corredor e se voltou para a porta, percebendo, tarde demais, que tinha lágrimas nos olhos. Enxugou-as quando Lulu entrou, dizendo:

– Olha, papai, ganhamos sorvete.

Dando o melhor sorriso que conseguiu, ele se voltou de novo para a mulher, lhe deu um beijo no rosto e ficou ali só mais um segundo. Depois, endireitou-se e saiu, conduzindo as meninas até o carro. Durante todo o trajeto para casa, inclusive a longa espera pela balsa e a travessia do estuário, Lulu tagarelou. Queria uma cadeira de rodas para ela também.

Quando entraram na rua da baía, a menina começou a fingir que estava brincando de adoleta com a mãe.

– Brinca comigo, Betsy. Que nem mamãe faz.

– Ela agora só tem uma mão boa – retrucou Betsy, irritada. – Como você acha que ela vai brincar de adoleta com você?

Lulu arregalou os olhos.

– É verdade, papai? Fala pra ela não falar isso. Quando tirarem o gesso, mamãe vai ficar boa, né?

Michael entrou na garagem e estacionou ao lado do utilitário de Jolene.

– Parem de se provocar.

Lulu gemeu. Betsy desceu do carro e saiu correndo da garagem, batendo a porta.

– Que ótimo.

Michael tirou Lulu da cadeirinha e a pegou no colo. Em casa, ela logo se soltou dos braços do pai e correu para cima, provavelmente para atormentar a irmã.

Michael foi para a cozinha, se serviu de uma bebida e ficou de pé ao lado da bancada, bebendo, reunindo forças para o que estava por vir. Quando terminou, deixou o copo e subiu a escada. Bateu na porta do quarto de Betsy.

– Betsy, é o seu pai. Posso entrar?

Ela demorou bastante a responder, mas resmungou:

– Tanto faz.

Michael já detestava aquela frase.

Dentro do quarto, Betsy estava em frente à janela, de costas, organizando seus cavalos de plástico. Ele não precisava que Cornflower lhe dissesse que era uma tentativa desesperada de criar ordem a partir do caos.

– Ela está com muita dor, Betsy – começou Michael.

A filha ficou quieta. A mão dela parou sobre um malhado preto e branco, os dedos trêmulos.

– Ela está diferente.

Michael foi até ela, segurou sua mão e a conduziu até a cama, onde se sentaram lado a lado.

– É normal sentir medo.

– Mas é falha dela. Foi ela que *escolheu* o Exército...

– Betsy, querida...

– O pai da Sierra disse que é culpa da minha mãe. Ele falou que as mulheres não têm que pilotar helicópteros em guerras. Se ela não pilotasse, nada disso tinha acontecido. Eu falei que nunca mais a perdoaria e... não consigo mesmo.

Michael suspirou.

– O pai da Sierra é um babaca que não sabe porra nenhuma. Pode avisar a ele que eu disse isso.

– Eu estou com medo, pai.

– É – concordou ele, abraçando-a. – Eu também.

Então a porta se escancarou e Lulu apareceu, franzindo a testa, irritada.

– Encontrei vocês! Acharam que iam se esconder de mim?

Betsy se voltou para ela, fungando.

– Desculpa por ser má com você, Lulu.

A caçula abriu um sorriso largo, exibindo os dentinhos e as gengivas rosadas.

– Tá bom, sua boba. Agora vamos brincar de adoleta?

Vinte e um



No dia anterior, Jolene tivera um dia de trabalho mais pesado do que nunca, duro como o treinamento de um soldado, e para quê? Só para conseguir se sentar ereta em uma cadeira, esticar uma perna que não estava lá e segurar uma bola de borracha com dedos que mal se mexiam.

Agora estava na cama, exausta e deprimida demais para se apoiar no trapézio e se sentar. Era patético. Telefonou para Carl, no hospital na Alemanha, mas ele não atendeu. Deixou um recado e desligou.

Tami, por onde você anda? Por que não estamos enfrentando esta merda juntas?

Ela ouviu uma batida na porta e soube quem era. Conny, o torturador com *dreadlocks*. Não abriu os olhos.

– Eu sei que você não está dormindo – falou ele, entrando no quarto.

Jolene rolou na cama, dando-lhe as costas. Até aquilo era difícil de fazer só com uma perna boa; foi um movimento desajeitado.

– Vá embora.

Conny foi até o lado dela.

– Você não pode ficar se escondendo, recruta.

– Eu já rolei. Por que você não me dá um prêmio e encerramos por hoje?

Ele deu uma risada. Foi um som alegre, aveludado, que fez estremecerem os nervos frágeis de Jolene.

– Eu posso pegar você e tirar esse seu traseiro branquelo dessa cama.

– Não duvido.

– O que aconteceu com a mulher que se saiu bem no Exército e na escola de voo?

– A perna dela ficou na Alemanha, e faz falta.

– Ela não vai voltar.

Jolene o encarou, irritada.

– Pensa que eu não sei?

– Quer que eu vá embora, Jo?

– Quero – respondeu ela, quase chorando.

– Então saia dessa cama e comece a trabalhar comigo. Deixe que eu ajude.

Jolene o olhou, sabendo que seu rosto transmitia medo, mas sem conseguir disfarçar.

– Isso está me matando, Conny.

Ele afastou os cabelos dela da frente dos olhos com uma delicadeza que encheu os olhos de Jolene de lágrimas.

– Eu sei, recruta. Já passei por isso.

– Passou por isso?

– Dor é dor. Eu tive a minha cota... aliás, mais do que a minha cota. Meu filho morreu. Elijah. Um dia eu conto. Era um menino lindo, com um sorriso que iluminava tudo ao redor. Quando ele faleceu, eu fiquei cheio de ódio. De escuridão. Comecei a beber e a gritar. Bom, eu acho que você só precisa saber até aí. Precisei de muito tempo, e de uma mulher muito forte, para achar o meu caminho de volta. Eu sei o que é sentir dor até os ossos. E eu sei o que é desistir. Não é por aí.

– Eu era o tipo de pessoa que nunca desistia.

– Você vai voltar a ser assim.

Jolene virou o rosto para não ver a compaixão e a cumplicidade nos olhos escuros dele.

– Vamos lá, Jolene – incentivou Conny, estendendo as mãos.

Ela não tentou se desvencilhar e se deixou ser levantada da cama e colocada na cadeira de rodas.

A sala de fisioterapia era um espaço enorme e iluminado, com quatro camas largas cobertas de vinil ao longo de uma parede e janelas em outra. Havia dois conjuntos de barras paralelas prateadas presas ao piso de linóleo. Espalhados pelo ambiente, havia diversos degraus, com e sem corrimãos, tapetes de ioga, bolas de fisioterapia de todos os tamanhos e cores, estantes com pesos, elásticos e uma coleção de muletas e andadores.

Primeiro, Conny fez com que Jolene se aquecesse. Ela se deitou de lado sobre um dos tapetes azuis de ioga e alongou as pernas o máximo que pôde, imaginando que o pé ainda estava ali, se esticando, tentando alcançar o fim da esteira. A cada movimento, Conny anotava a amplitude do movimento e a encorajava a melhorar.

– Acho que não dá mais – disse ela, ofegando.

– Ah, dá sim. Estique mais.

Jolene cerrou os dentes e continuou alongando o coto até gritar de dor. O suor pingava nos olhos e caía do rosto, deixando a esteira escorregadia.

– Mais alguns centímetros – pediu Conny.

– Eu te odeio – falou ela, tentando obedecer.

– Eu não estaria fazendo o meu trabalho direito se você não me odiasse – afirmou ele, rindo. – Está bom. – Deu tapinhas no ombro dela. – Agora, algumas abdominais.

– Você é pior do que qualquer instrutor de treino que eu já tive, sabia?

– Agradeço o elogio.

Enquanto ela fazia abdominais, Conny foi até a cadeira de rodas e a aproximou de Jolene.

– Já está bom. Suba.

Ela olhou para a cadeira com rancor. Seu cabelo pingava de suor. Enxugou as mãos na camiseta, deixando listras úmidas. Conny a

levantou e ajudou a se sentar no banco de exercícios, então levou a cadeira de rodas até ela.

– Vou ensinar você a subir na sua cadeira. Olhe, o freio sempre tem que estar posicionado. Enxugue a mão para não escorregar e se lembre de não pôr peso na mão direita. Use essa mão só para manter o equilíbrio. Venha, eu ajudo...

Ela passou a língua nos lábios, nervosa.

– Quem imaginaria que sentar daria este trabalhão? Antes eu corria maratonas. Já contei isso? Teve uma vez que...

– Você está me enrolando.

Jolene reuniu forças de novo e deu início ao esforço necessário só para ir do banco à cadeira de rodas. Gemendo, ela se inclinou para a frente e se levantou aos poucos sobre a perna boa. Buscou se equilibrar e esperou até se sentir estável, apoiando a mão boa na cadeira. Já estava ofegante e suando de novo. E com medo de cair. Não seria a primeira vez.

Antes, conseguia levantar uma perna e se equilibrar facilmente. Agora, seu equilíbrio estava tão instável quanto ela própria. Com um cuidado exagerado, girou sobre o pé e se sentou na cadeira; a perna residual enfaixada se ergueu, apontando para a frente.

– Você conseguiu – disse Conny, abrindo um sorriso brilhante.

Deixou que Jolene apreciasse o triunfo durante uns dez segundos e então a pôs de novo no tapete de ioga. Ela ainda não tinha a força necessária para descer até lá só com uma perna, então o enfermeiro a ajudou.

– Mais abdominais – disse Conny quando ela estava posicionada. – Duzentas.

– Duzentas? Você é doente?

– Eu avisei que você ia me odiar. Pare de choramingar e comece.

Jolene deitou-se, pôs as mãos na nuca e puxou para cima.

– Um... dois... três...

Antes ela não percebia como os pés serviam de âncora ao fazer abdominais. Agora mexia-se o tempo todo, escorregando, sentindo

o corpo instável ao subir, descer, subir, descer.

– Duzentas, Jolene – repetiu Conny. – Não diminua o ritmo.

– Vá... se... danar – xingou ela entre respirações.

Queria desistir desesperadamente, mas, a cada vez que pensava em parar, se lembrava das filhas, da família e do quanto queria voltar a ser ela mesma, e então continuava se esforçando.

Quando terminou, Conny levou-a de volta para o quarto.

– Vou chamar uma assistente para ajudar com o banho – informou ele, posicionando a cadeira de rodas em frente à janela.

– Conny? – chamou Jolene, olhando-o.

– Oi?

– Sinto muito por seu filho.

Devagar, ele abriu um sorriso triste.

– E eu sinto muito por sua perna, recruta.



Durante a semana seguinte, Jolene passou as noites atormentada pelas lembranças, e os dias fingindo estar melhor. Telefonava para as filhas no fim da tarde para saber como tinha sido o dia delas e depois ligava para a Alemanha e falava com Carl sobre Tami. Acima de tudo, continuava batalhando. Toda manhã, ao acordar, na fração de segundo antes de se lembrar da verdade, seu primeiro pensamento era: *Será que está frio demais para correr?*

Quando abria os olhos, a pergunta já tinha sido descartada, jogada na pilha de oportunidades perdidas que faziam parte do Antes.

Agora seu quarto estava escuro, e a porta, fechada. Ela virou a cabeça só para conseguir olhar pela pequena janela. Viu uma árvore seca, os galhos pontiagudos cobertos de musgo e com algumas folhas multicoloridas e tenazes.

Segurou-se no trapézio e se sentou, ofegando. Cansada, de novo. Mal acreditava em quanta massa muscular tinha perdido em tão pouco tempo.

Hoje fariam o molde para a prótese temporária. Sua nova perna. Queria se entusiasmar com aquilo, mas a verdade era que tinha medo. Uma perna nova significava que ela poderia se levantar e caminhar, que iria para casa, para o casamento arruinado e as filhas assustadas e para uma vida sem alicerces. Ela não era mais piloto, não era mais militar, não era bem uma esposa. Quem ela era?

Queria conversar com alguém sobre seus medos, mas Jolene nunca fora assim, e com certeza essa não era a forma de um militar se portar. Era ela que deveria lidar com os novos medos, os nervos em frangalhos e as imagens residuais que trouxera do Iraque. Além disso, aprendera desde criança que as palavras eram fúteis. Nunca se abrira totalmente com Michael, mesmo nas melhores épocas, por medo de que ele visse todas as feridas que a esposa ocultava sob a superfície corajosa. Era um truque que ela aprendera ainda jovem, naquela casa cheia de alcoólatras. Nunca diga nada.

Só com Tami ela fora realmente sincera.

Voltou a se recostar e fechou os olhos, pensando: *Tami*.

Como você está, piloto? Você precisa de mim tanto quanto eu de você? Você pensava que eu era problemática antes... Devia me ver agora. Eu não confio nem na minha cabeça e não consigo dormir sem ter pesadelos... Nossa, que saudade de você... Acorde...

Jolene suspirou. Enquanto ficou ali deitada, sentindo medo e (admita, Jo) pena de si mesma, ouviu os sons do centro de reabilitação despertando. Logo em seguida, uma assistente chegou com o café da manhã e outra a ajudou a ir até o banheiro para tomar uma chuveirada.

Às nove, Michael apareceu. Entrou sem bater. Ela se sentia tão vulnerável que quase teve medo de olhá-lo.

– Achei que você tinha um depoimento hoje.

– Eu não queria que você fizesse isso sozinha.

O jeito fácil como ele disse isso foi como uma flecha atravessando seu coração, como se tivessem voltado a ser o casal Michael e Jolene. *Não acredite.*

– Obrigada – foi tudo o que conseguiu dizer.

Conny deu várias batidas rápidas na porta e entrou no quarto. Se notou o silêncio entre eles, disfarçou bem.

– Ótimo. Você já chegou, Michael. Vamos.

Jolene não se sentia à vontade de sentar-se na cadeira na frente de Michael – tudo era ridiculamente difícil para ela –, mas logo ficou claro que Conny não tinha a menor intenção de ajudá-la. Então ela se segurou na barra e endireitou o corpo com a mão esquerda, depois foi deslizando até a lateral da cama e deixou as pernas penderem para fora.

Ainda era um choque apoiar só um pé no chão, mas Jolene se concentrou em manter o equilíbrio. Michael aproximou a cadeira de rodas; ela balançou a cabeça, deu um pequeno salto, apoiou-se nos braços emborrachados da cadeira e sentou-se, suspirando. Sentiu que tinha o rosto avermelhado por causa do esforço e estava ofegante – de novo –, mas fizera tudo sozinha, o que lhe deu alguma satisfação.

Conny sorriu e se posicionou atrás da cadeira. Os três saíram para o corredor. Pela primeira vez, ela viu como aquele lugar era grande. Por fim, chegaram até uma porta que dizia Próteses.

Dentro parecia o laboratório de Frankenstein. Havia mãos, pés, braços e pernas de plástico pendurados no teto e nas paredes, de todos os tamanhos, cores e composições imagináveis.

Uma mulher asiática pequena, com óculos enormes, saiu de uma porta dos fundos.

– Deve ser a Sra. Zarkades – disse.

– Me chame de Jolene. Este é o meu marido, Michael.

A outra assentiu.

– Vamos começar.

Durante a hora seguinte, a mulher trabalhou em silêncio, concentrada. Mediu a perna residual de Jolene e fez um molde dela. Enquanto o gesso secava, Michael fazia perguntas.

– Por que ela não pode fazer uma perna permanente agora? Por que é temporária?

A mulher piscou os olhos atrás dos óculos do tamanho de pires.

– O coto vai continuar encolhendo, então o topo da prótese precisará ser trocado com frequência. É uma economia de tempo e dinheiro. E há a vantagem de lhe ensinar a se mover enquanto a perna diminui. Pôr peso nela acelera a recuperação e vai ajudar na dessensibilização.

Ela retirou cuidadosamente o molde de gesso, para o qual Jolene sentiu dificuldade em olhar, e o levou para a sala nos fundos.

Em seguida, os três voltaram para o quarto de Jolene.

– Logo, logo você estará andando – garantiu Conny enquanto empurrava a cadeira de rodas até a cama.

Ela se sentou sozinha no colchão e cobriu as pernas com o cobertor.

– Ao meio-dia eu volto para a sessão – lembrou Conny.

– Que sorte a minha.

A risada do enfermeiro ressoou e aos poucos foi sumindo enquanto ele se afastava. Então Jolene e Michael se viram a sós.

– Bom – disse ela –, eu preciso dormir antes que o Genghis Khan me jogue no tapete de ioga e me mande fazer duzentas abdominais.

– Você dá conta, você sabe disso – replicou o marido. – De tudo o que ele pedir.

Jolene olhou-o e se lembrou de quanto o seu apoio já significara para ela. Queria lhe dizer como tinha medo de voltar para casa, como se sentia insegura com tudo, como os pesadelos eram terríveis.

– Obrigada por vir hoje, Michael. Não precisava.

– Eu já desapontei você demais.

– É – concordou ela em voz baixa.

– Deixe que eu conserte meu erro.

Jolene pensou naquilo, em se abrir novamente para ele, em esperar algo, e a ideia foi aterrorizante. Michael já partira seu

coração. Como confiar nele de novo? Ainda mais agora.

Ela não respondeu. Ele esperou muito tempo, encarando-a. Então, com um suspiro, saiu do quarto e fechou a porta.



Jolene contou os dias até a prótese temporária terminar de ser feita. Quando chegou o momento, Conny entrou no quarto dela com passos largos e um enorme sorriso no rosto.

– Está pronta para dar uma movimentada, recruta?

– Estou.

Ele levou a cadeira até a cama e Jolene se sentou nela com menos esforço do que antes.

Em todo o trajeto pelo corredor até o salão de fisioterapia, ela tentou se preparar tanto para o triunfo quanto para o fracasso. Não queria que o fracasso a levasse novamente até o fundo do poço.

No salão, Conny a conduziu até as barras paralelas. Jolene nunca percebera como elas eram intimidadoras. Enquanto as olhava, uma assistente aproximou-se e parou ao lado, segurando a prótese. Parecia um tronco de árvore com um pé.

– Muito bem, Jolene – disse Conny, abaixando-se para que os olhos de ambos ficassem no mesmo nível. – Hoje o objetivo não é caminhar. Sua mão direita ainda não está pronta para sustentar o seu peso.

– Talvez nunca esteja.

– Vamos pensar em um problema de cada vez.

Conny pegou algo que parecia uma meia grande e colocou na perna residual dela. Então olhou para Jolene.

– Hoje você vai ficar de pé.

– Falar é fácil...

Ele sorriu e ajudou-a a se levantar. Jolene foi saltitando, apoiada no enfermeiro, e se posicionou entre as barras paralelas.

A mulher com a prótese se ajoelhou na frente de Jolene e encaixou a perna residual no topo da peça. Ficou bem firme, quase apertado demais.

– Está presa – informou a mulher, afastando-se.

Conny segurou Jolene com mais força.

– Tudo bem? Vou deixar você pisar agora. Tente ficar de pé.

Ela segurou a barra da esquerda com a mão boa. Com a direita, não conseguia se apoiar bem, mas colocou os dedos sobre o metal para se equilibrar.

Respirou fundo, tentando acalmar os nervos. Aquilo significava tudo. Se ela conseguisse ficar de pé, poderia andar e, se conseguisse andar, poderia correr. Talvez até pudesse reaprender a voar. *Vai fundo, Jo. Fique de pé.*

– Jolene?

Seu coração batia tão alto que ela levou uns instantes para ouvir a voz dele. Conny estava de pé no extremo oposto das barras, sorrindo. Ele a soltara. Quando?

Lentamente, olhou para baixo. Estava de pé. *De pé.* Ela mal acreditou. Olhou para Conny através das lágrimas.

– Eu sei, recruta.

Jolene ficou um bom tempo ali, ajustando o equilíbrio. Experimentou tirar as mãos das barras. Apoiar todo o peso do corpo na prótese doía, mas ela não se importava.

Segurou-se de novo na barra com a mão esquerda e deu um passo à frente com a perna direita.

– Você está indo rápido demais, Jo, não...

Ela o ignorou. Era gostoso fazer a escolha que quisesse e insistir. Teve que arrastar a perna com a prótese. Era muito pesada e difícil de controlar, mas conseguiu. Ela *caminhou.*

Deu outro passo à frente. Parecia que o topo da prótese tinha dentes que se cravavam na carne e a rasgavam. Jolene estremecia toda vez que se apoiava nela e chegou à metade da barra tão suada que suas mãos escorregavam.

– Preciso de luvas – disse, entre as respirações.

– Já chega por hoje, Jo.

Fingindo que não o escutara, ela se segurou com a mão boa, firmou-se sobre a perna forte e forçou outro passo desajeitado.

A dor revidou.

Concentre-se, Jo.

Ela foi se soltando da barra até tirar as mãos completamente. Colocou todo o peso sobre a prótese, ignorou a dor que subiu pela coxa e se alojou no quadril, como uma lâmina em brasas, e deu outro passo. Demorou uma eternidade, mas ela caminhou sozinha até o fim das barras. Quando enfim ergueu o olhar, suando e ofegante, com o rosto afogueado, viu que Conny sorria.

– Sabe o que isso quer dizer, recruta?

Ela enxugou o suor que caía nos olhos, ainda arfando.

– O quê?

– Quer dizer que ela vai para casa logo – respondeu Michael.

Jolene olhou para a esquerda e viu o marido de pé contra a parede, sorrindo. Bastou só isso, um olhar, um ajuste mínimo do equilíbrio, para ela tropeçar. A dor do lado direito explodiu.

Conny apareceu do seu lado no mesmo instante, amparando-a antes que caísse no chão. Ela mordeu a língua com tanta força que sentiu gosto de sangue.

– Estou cansada. Posso voltar para o quarto?

– Claro. – Conny estendeu o braço para alcançar a cadeira de rodas.

– Eu vou andando.

– Não sei, Jolene, isso é...

– Ela vai andar – disse Michael, ficando ao lado dela. Seu olhar para a esposa foi firme. – Ela pode se apoiar em mim.

Ele abriu um dos velhos sorrisos, e Jolene surpreendeu-se com o quanto aquilo a tocou. Percebeu, naquele instante, como sentia falta daquilo, sentia falta *dele.*

Michael aproximou-se mais e passou um braço em torno da esposa. Firmou a mão no quadril dela, dando-lhe estabilidade. Jolene sentiu a respiração dele contra seus lábios, seu rosto.

– Não me deixe cair.

– Não vou deixar.

Ela assentiu e respirou fundo. Encarando a porta aberta, cerrou os dentes e começou a andar como Quasímodo: dá um passo, manca, arrasta; dá um passo, manca, arrasta.

Foi avançando, um passo de cada vez, até a porta, além da porta, pelo corredor. Quando chegou ao seu quarto, a dor na perna era insuportável.

Estava tão exausta que deixou que Michael a ajudasse a subir na cama. Nenhum deles sabia tirar a prótese, então a cobriram com o cobertor. Ela tinha certeza de que havia bolhas se formando lá embaixo, soltando pus, e não tinha pressa alguma em olhar.

– Você voltou – disse Michael.

Jolene estava tão concentrada pensando na dor que quase se esquecera de que ele estava lá.

– O quê?

– Lá dentro eu vi a mulher capaz de correr uma maratona com uma perna mecânica.

– Aquela mulher morreu, Michael.

A expressão dele demonstrava tristeza e dizia muito sobre quem eles tinham sido e em quem haviam se tornado.

– Eu devia ter dito a ela que a amava, antes que ela fosse para a guerra.

– É – concordou a esposa, com a voz rouca. – Teria sido bom.

Vinte e dois



Jolene acordou gritando, encharcada de suor, tremendo muito. Deixou-se cair de novo nos travesseiros e se concentrou em acalmar a respiração. Aqueles pesadelos estavam acabando com ela. Lutava para não dormir, mas, cedo ou tarde, o sono a vencia e os pesadelos estavam sempre à espreita, na escuridão. Toda manhã ela acordava sentindo-se exaurida, já cansada. Seu primeiro pensamento era sempre *Tami*.

Olhou pela pequena e única janela, que agora era toda a sua vista. Seu mundo encolhera até o tamanho de um quarto e de um vidro de 90 x 90 centímetros que dava para uma árvore seca.

Na cabine do helicóptero, ela vira a eternidade... e agora precisava de ajuda para ir ao banheiro. Era desmoralizante. Por mais que tentasse ser positiva, sentia-se irritada e ranzinza quando Gloria, uma das assistentes, finalmente chegou para ajudá-la.

– Eu soube que hoje é um grande dia – disse a mulher ao entrar no quarto empurrando uma cadeira de rodas.

– É – respondeu Jolene, séria. – Vou tirar o gesso.

– Eu achei que a senhora ia para casa.

Jolene pensou: *O que está errado comigo?*

– Ah. É, também.

Gloria ajudou-a a se acomodar na cadeira. Falando sem parar sobre algo – Jolene não conseguia se concentrar nas palavras –, levou-a até o banheiro e a auxiliou no processo de baixar as calças e se sentar no vaso.

– Precisa de ajuda para se limpar? – perguntou Gloria, no mesmo tom de voz com que alguém diria *aceita fritas para acompanhar?*, simpático e alegre.

– Não. Eu sou canhota. Obrigada. Me dá uns minutinhos de privacidade?

– Claro.

Gloria saiu do banheiro e deixou a porta um pouco entreaberta. Jolene precisou de bastante tempo para esvaziar a bexiga; nada parecia funcionar direito ultimamente. Quando terminou, estava quase sem fôlego. E ainda faltava se vestir, pentear os cabelos e escovar os dentes. Só de pensar naquilo já se sentiu cansada.

– Terminamos? – indagou Gloria.

– *Eu* terminei – retrucou Jolene, tentando não parecer ofensiva.

Estava ficando zangada, e não era preciso nenhum Sigmund Freud para adivinhar por quê.

Jolene estava com medo de tirar o gesso.

Com o gesso no braço, havia esperança. Ela podia olhá-lo e pensar que, ali dentro, os nervos da mão estavam se recuperando, ganhando força. Mas hoje ela teria certeza. Seria uma mulher com duas mãos úteis ou só uma?

Deixou que Gloria a auxiliasse na volta para a cadeira de rodas, por mais que fosse humilhante.

– Conny vai vir em alguns minutos para levar a senhora até onde vão tirar o gesso. Quer esperar na cama?

– Pode me empurrar até a janela? Quero olhar para fora.

– Claro. – Gloria fez o que Jolene pediu. – Vai ser um dia lindo de outono hoje. – Deu um tapinha em um dos ombros dela e afastou-se. Na porta, parou e se virou. – Ah, quase esqueci. Maudeen Wachsmith, da contabilidade, perguntou o que a senhora quer que façamos com a correspondência.

– Tem correspondência para mim?

– Parece que sim.

– Ah. Bom, traga para cá.

Voltou a olhar pela janela. Lá fora, o céu estava azul-turquesa, com nuvens esparsas. Depois do estacionamento, cedros gigantes impediam de ver o que havia do outro lado. Mais perto, uma antiga cerejeira agarrava-se tenazmente a um punhado de folhas escuras. Enquanto Jolene olhava, uma delas se soltou e caiu.

– Aí está você, recruta. Que bom que está fazendo outra coisa além de ficar na cama.

– Eu estava pensando em dar uma estrela.

Conny riu.

– Você é uma figura, Jolene.

O enfermeiro foi até ela e a empurrou na cadeira de rodas para fora do quarto. Foi falando de amenidades durante todo o trajeto pelos corredores: o novo corte de cabelo da mulher, a promoção da filha, a dor que ele sentia nas costas quando saía da cama ao acordar.

– Bom, aqui estamos.

Jolene se identificou e entrou na sala de exames. Momentos depois, alguém bateu na porta. Entrou um homem magrelo, de jaleco branco, cabelo grisalho bagunçado e um nariz enorme. Murmurou uma apresentação enquanto olhava para a ficha dela. Então, deixou-a de lado e olhou para Jolene.

– Aposto que está ansiosa para ver como a sua mão está.

Ela assentiu, incapaz de falar.

O homem puxou uma cadeira e se sentou em frente a Jolene. Em instantes, o gesso foi quebrado e retirado. Ela olhou para o antebraço direito e se espantou com a magreza e palidez. Uma cicatriz vermelha intensa começava nas costas da mão e subia. O médico tocou a palma dela.

– Conseguiu sentir isso?

Jolene anuiu.

– Tente fechar o punho.

Ela encarou a mão, pensando *vamos, vamos, por favor*, e então, bem devagar, viu os dedos se fecharem, quase sem força. Deu um

suspiro de puro alívio. O médico sorriu.

– Excelente. Consegue levantar o braço?

Ela conseguiu.

Ela *conseguiu*.

Quando terminaram os vários testes motores, Jolene não parava de sorrir. Ao fim da consulta, empurrou sozinha a cadeira de rodas. Foi preciso muito esforço para que a mão direita colaborasse, mas tudo correu bem.

– Você está ótima, recruta – elogiou Conny, levantando-se da cadeira na sala de espera.

Ele a levou de volta para o quarto e a posicionou na frente da janela.

– Fisioterapia em uma hora. Temos que começar a trabalhar essa mão também – avisou Conny. – E você pode começar a usar muletas.

– Eu acho que não estou pronta para ir para casa, Conny. Deveríamos adiar até...

– Até quando?

Jolene viu a cumplicidade nos olhos dele e sentiu vergonha por demonstrar tanta fragilidade.

– Até eu estar pronta – completou ela, desanimada.

– Hoje – replicou ele em voz baixa.

Depois que Conny saiu, Jolene ficou ali, observando o dia ensolarado e apertando a bola que recebera. *Eu consegui, Tami.*

Conseguiu sim, piloto.

Jolene juraria ter ouvido aquelas palavras, mas não havia ninguém lá. Olhou pela janela. *Foi você, Tam?* Queria acreditar na ideia de que a melhor amiga encontrara um jeito de se comunicar, mesmo tão distante. Talvez ela tivesse acordado...

– Sra. Zarkades?

Ela se virou. Um funcionário estava na porta, segurando alguns envelopes presos com um elástico.

– Trouxe a sua correspondência.

– Está bem, obrigada.

Ele entrou no quarto e pôs dois envelopes na mesa ao lado de Jolene. Ela olhou para as cartas, surpresa. Por fim, pegou a de cima. Era do Kansas.

Prezada Jolene Zarkades:

Eu li a sua história na Gazeta de Topeka. Nem acredito que estou escrevendo para a senhora – uma desconhecida –, mas o meu coração não me deixa ficar calada. Fecho os olhos e penso na senhora, porque sei como está se sentindo.

Eu tinha 14 anos quando perdi a perna. Era uma menina comum de cidade pequena, preocupada com espinhas e provas, e pensando em quando começaria a usar sutiã. Não pilotava helicópteros nem fazia nada de mais.

Mas aí eu ouvi a fatídica palavra: câncer.

Minha mãe chorou mais do que eu. Eu estava mais preocupada por me tornar diferente. Sei que a senhora provavelmente é forte, porque é militar e tudo o mais, mas eu acho importante que alguém lhe diga para ser bondosa consigo mesma. Eu gostaria que alguém tivesse me dito isso. Levei muito tempo para ter essa noção. Pensamos que a vida nunca vai ser normal de novo, mas vai. A senhora e suas filhas vão batalhar juntas de novo em breve.

Que Deus os abençoe. Eu acendi uma vela por sua família na minha igreja. Dedicamos nossas orações a vocês.

Atenciosamente,

Mavis Sue Cochran

Topeka, KS

Jolene enxugou os olhos e pôs a carta de volta no envelope. Então abriu a segunda.

Chefe,

Sou Sarah Merrin, soldado de primeira classe. Estou no hospital Walter Reed, após seis meses no Iraque.

Não sei bem o que dizer, nem por que estou escrevendo para a senhora. Acho que é porque agora está silencioso aqui. E porque estou falando com uma mulher.

Eu perdi uma perna na semana passada. Agora eles têm medo de que eu perca a outra. A infecção causada por explosões é séria, mas a senhora já sabe disso. Vou passar muito tempo aqui.

Como a senhora fez? Acho que é isso que eu quero saber. Dizem que eu vou andar de novo, e até mesmo correr, mas eu não vejo como e, quando olho para o que restou de mim, não é nada bonito. Não imagino o meu marido ficando comigo quando eu tirar a roupa.

Qualquer palavra de sabedoria com certeza ajudaria muito.

Cordialmente,

Sarah Merrin

Jolene pôs a carta de volta no envelope e olhou para ele. Sabia como Sarah se sentia, na cama do hospital, longe de casa, se perguntando que parte dela ainda se recuperaria e o que se perderia para sempre.

Mas palavras de sabedoria? Jolene não tinha nenhuma a oferecer.

Teria apenas que adicionar Sarah Merrin à lista de pessoas que não podia ajudar e que decepcionaria.

Naquela noite, após um dia longo e extenuante de trabalho, Michael saiu do escritório e foi até o centro de reabilitação. Enquanto dirigia no trânsito lento da hora do rush, pensava no consultor de júri com quem se reunira. Haviam dado início aos procedimentos de seleção dos jurados para o caso Keller. Como todo defensor criminal sabia, podia-se ganhar ou perder casos antes mesmo de o julgamento

começar. O júri era crucial. Ele precisava encontrar pessoas compassivas e de cabeça aberta, que acreditassem que a mente de um homem bom podia ser avariada pela guerra. A promotoria iria atrás de linhas-duras que pensassem que os distúrbios psiquiátricos eram apenas uma desculpa.

Já estava escuro quando ele chegou ao centro de reabilitação. Estacionou perto do prédio e entrou. No instante em que as luzes o envolveram, esqueceu-se do caso Keller e pensou na mulher.

Ela iria para casa. Finalmente.

Michael esperava que agora tudo pudesse começar a melhorar. Na noite anterior, ele, as meninas e Mila tinham passado horas preparando a casa. Puseram flores em todos os lugares possíveis e encheram a geladeira com todas as suas comidas preferidas. Sua mãe ficara o dia todo na cozinha com as netas, preparando baclava e *moussaka*; fizeram um bolo de limão com cobertura e o decoraram com orquídeas frescas. Penduraram uma faixa sobre a varanda que dizia bem-vinda de volta, nossa heroína! e colocaram o cartaz de bem-vinda de volta, mamãe na cozinha.

Betsy passou um bom tempo arrumando o novo quarto de Jolene, no andar de baixo. Havia uma nova cama, com um edredom novinho e dezenas de travesseiros para ajudá-la a posicionar a perna ao dormir.

Tudo estava perfeito.

No centro de reabilitação, ele cruzou o corredor bem iluminado até o quarto e encontrou a esposa sentada na cadeira de rodas, olhando pela janela.

De perfil, Jolene estava linda como nunca. Os arranhões e hematomas do rosto estavam quase curados. A única cicatriz que restava era uma pequena linha rosada ao longo do maxilar. Ela estava com a testa ligeiramente franzida, roendo a unha do polegar.

– Você parece nervosa – comentou Michael, entrando no quarto.

Ela se voltou e o viu, mas não sorriu.

– Estou mesmo.

Aquela resposta foi uma surpresa. Jolene nunca demonstrara medo ou ansiedade, nem quando seus pais morreram, nem durante o parto, nem mesmo quando partiu para a guerra. Encarara tudo com a firmeza e a coragem que faziam parte dela tanto quanto o verde de seus olhos.

Jolene de fato não queria ir para casa; isso estava visível em seus olhos. Ele se perguntou se teria mesmo perdido a mulher. Michael queria dizer algo sincero, mas ela pareceu tão distante, tão fechada, que ele não se atreveu.

– É hora de ir para casa.

– Casa – repetiu ela, transformando a palavra em algo estranho, um pouco assustador. – As minhas coisas estão naquela bolsa.

Ele pegou a grande bolsa militar, carregou-a até o carro e logo em seguida estava de volta. Assumindo o controle da cadeira, conduziu-a para fora do centro de reabilitação. No estacionamento, abriu a porta do carro e se voltou para ela.

A calça pendia da perna amputada como uma bandeira sem vento. Michael olhou para aquilo, tentando descobrir como faria para levantá-la. Conny nunca lhe ensinara. Poderia tocar a perna dela ou a machucaria?



Durante horas, Jolene imaginara a volta para casa. Em sua cabeça, vira tudo transcorrer à perfeição: as meninas rindo, ela chorando, Mila fazendo comida para todos. Passara a última hora na cadeira, no quarto escuro, dizendo a si mesma que era capaz, que voltaria a ser a mulher de antes.

Então, ao lado do Lexus, viu Michael hesitar. Ele nem conseguia olhar para a perna dela, quanto mais tocá-la.

Jolene passou por ele, determinada a entrar no carro sozinha.

– Jolene, espere... – pediu Michael.

Ela o ignorou, travou a cadeira e apoiou a mão na lateral do carro. Em que poderia se segurar? O que a deixaria mais estável? Ela não tinha treinado isso com Conny.

– Parece que a recruta está tentando fazer tudo sozinha. Eu pensei que a gente tinha conversado sobre isso.

Conny atravessou o estacionamento e seguiu na direção deles, os *dreadlocks* balançando. Enquanto caminhava, prendeu-os em um rabo de cavalo.

– Oi – cumprimentou Jolene quando ele parou ao seu lado.

– Ia fugir de mim? Eu fiquei até mais tarde só para me despedir.

– Não estamos nos despedindo.

Ela ergueu o olhar, subitamente com medo de deixá-lo, com medo de ir para casa, onde tudo o que perdera ficaria tão aparente. Com Conny, o esforço bastava; em casa, as expectativas seriam maiores.

– É – concordou ele. – Vamos nos ver três vezes por semana.

Jolene assentiu, erguendo o queixo. Conny sabia como ela estava aflita para voltar a ser a mãe, a mulher que fora; também sabia o medo que ela tinha de falhar. Haviam conversado muito sobre isso. Ou melhor, ele falara e ela ouvira.

Conny abaixou-se ao lado de Jolene e seus joelhos estalaram em protesto.

– Todos têm medo de ir para casa – afirmou ele baixinho, para que Michael não ouvisse. – Aqui é seguro. – Tomou a mão dela. – Não venha me dizer que você não tem forças para enfrentar o que vem agora, recruta, porque eu a conheço. É um recomeço, só isso.

Era verdade. Jolene *era* forte. Sempre fora, desde o momento em que percebeu que não podia contar com os pais. Aprendeu a cuidar de si mesma. Se sobrevivera à morte dos pais, à ausência de amor de Michael, à perda da perna e à morte de Smitty, tinha que dar conta de ir para casa. Ela teria suas meninas de volta e seria uma nova versão de si mesma.

Engoliu em seco.

– Daqui a uma semana vou estar jogando beisebol.

Conny abriu um sorriso.

– Essa é a minha Jolene. – Ele lhe deu um tapinha na mão e ficou de pé. – Amanhã às dez. Não se atrase.

– Ela não vai se atrasar – assegurou Michael.

– Michael – disse Conny –, é assim que você vai ajudar sua esposa a entrar no carro.

Jolene deixou que o enfermeiro a levantasse, então girou sobre o pé e se abaixou até se acomodar no banco do carona, com a mão de Conny garantindo a estabilidade. Não pôde deixar de notar que a meia perna sobressaía para a frente quando estava sentada. Conny deu um tapinha em seu ombro e fechou a porta.

Então ela e Michael ficaram a sós no carro. Jolene não queria relembrar a expressão dele no estacionamento, quando chegara a hora de tocar nela, porém em que mais ela iria pensar?

Michael puxou conversa durante todo o trajeto. Jolene assentia e emitia sons para parecer que prestava atenção, olhando pela janela.

A familiaridade da paisagem a absorveu, a fez lembrar a vida que eles tinham compartilhado à sombra daquelas magníficas montanhas. Quando viraram na entrada da casa e os faróis se refletiram na cerca branca, ela pensou *estou em casa* e chegou a sentir uma alegria pura e inebriante. Esqueceu-se da perna, do marido, do colega perdido e da amiga em coma e pensou na sorte que tinha só de estar ali. Jolene ainda tinha o que mais lhe importava no mundo: suas filhas. E agora, enfim, voltaria a ser mãe.

Ali, bem ao lado, estava a casa de Tami. *Você devia estar aí, Tam*, pensou, triste.

Ao se aproximarem da garagem, a luz de segurança se acendeu com um clarão...

E, de repente, ela estava no helicóptero, voltando-se para olhar Smitty. Viu apenas o buraco em seu peito, de onde saía fumaça, e seus olhos sem vida...

– Jo? Jo?

Sua mente voltou para aquele momento e Jolene percebeu que tremia. Engolindo em seco, ela apertou uma mão contra a outra para tentar acalmá-las. Havia uma faixa pendurada sobre a varanda: bem-vinda de volta, nossa heroína!

Heroína. Os heróis trazem seus colegas de volta a salvo.

Foi aí que ela soube que estava em apuros.

– Jo?

– Eu estou bem – respondeu mecanicamente. – A faixa é linda.

– Elas deram um duro danado para fazê-la.

Michael entrou na garagem e estacionou; a luz se acendeu. Ele foi até o porta-malas e se enrolou todo para conseguir arrumar a cadeira de rodas. Empurrou-a até o lado do carro e abriu a porta do carona.

Ele a olhou e franziu a testa.

– Você está bem?

Não, queria dizer ela, mas não sabia como, e de qualquer forma não diria isso ao marido. Segurou-se no batente da porta e girou sobre o assento para que as pernas se voltassem para fora. Michael se aproximou, sem jeito, e então passou uma mão por baixo dela, amparando-a e ajudando-a a se sentar na cadeira. Durante o momento em que ele controlou seu corpo, Jolene se sentiu instável, mas tudo correu bem. Michael a conduziu para dentro de casa.

– Ela chegou! – gritou Lulu, descendo a escada correndo; Mila e Betsy vieram atrás. – Você voltou, você voltou! – A caçula começou a dançar. – Viu tudo que a gente fez pra você? Betsy, vamos mostrar o que a gente fez pra ela. Você está com fome, mamãe?

Jolene apertou os braços emborrachados da cadeira de rodas e tentou fazer o coração desacelerar. *O que havia de errado com ela?* Queria estar ali, com cada molécula de seu corpo, mas ainda assim...

– Ela está esquisita – comentou Betsy, cruzando os braços. – O que ela tem?

Lulu se aproximou da mãe, inclinando a cabeça.

– Você gosta dessas coisas todas que a gente fez, né, mamãe?

Jolene deu um sorriso forçado.

– É claro, Lulu. Quero ver tudo. É só que...

Olhou ao redor e viu os vestígios de sua vida passada, tudo o que já fora valioso para ela, mas não conseguia se importar com aquilo. Sentia-se entorpecida e distante, uma mulher envolta em gaze, olhando tudo através de um tecido pálido, um fantasma pairando entre os vivos.

Mila foi até ela e se inclinou até que seus olhos ficassem no mesmo nível. Apertou a mão de Jolene e disse apenas:

– Você está em casa.

Os olhos de Jolene encheram-se de lágrimas.

– É muito bom estar aqui – disse, com um nó na garganta.

– Lembrem que mamãe se cansa depressa – avisou Michael, aproximando-se dela.

– Em dez minutos? – perguntou Betsy.

Jolene sentiu a recepção de boas-vindas começar a ruir. Desapontara todos instantaneamente, sem ter a intenção. *Concentre-se Jo. Seja a mãe que elas esperam. Como ela teria agido antes?*

– Por que vocês não me levam para dar uma volta, meninas? Me mostrem o que fizeram.

– Por que você não anda com a perna falsa? – perguntou Betsy.

– Conny disse para eu esperar um pouco. Nosso piso é irregular. Eu tenho que começar devagar.

– Ah. – Betsy pareceu desapontada. Sem dúvida, queria uma mãe que pelo menos parecesse normal.

Ela se posicionou atrás da cadeira de rodas; Lulu ficou ao lado. Durante a hora seguinte, as duas a conduziram pela casa e mostraram tudo o que tinham feito para ela: a comida na geladeira, o bolo na bancada, o cartaz na parede e um novo quarto onde antes era o escritório de Michael. Durante todo o jantar, Lulu não parou de falar.

Às oito, Jolene mal conseguia manter os olhos abertos. Ela estava com uma dor de cabeça latejante, e o coto doía tanto que ela tinha dificuldade em se concentrar. Betsy o batera sem querer duas vezes contra o batente da porta.

– Para de dormir, mamãe – exigiu Lulu. – Eu estou mostrando a sua nova camisola. Tá vendo?

– Até parece que isso é importante – replicou Betsy. – Ela não liga para nada disso.

Jolene ergueu o olhar.

– Desculpem. Eu ligo, sim. Estou um pouco cansada.

Mila se levantou do sofá.

– Vamos para cima, meninas. É hora de se prepararem para dormir.

– Vem, mamãe – pediu Lulu. – Eu vou mostrar como escovo os dentes.

– Meninas – disse Michael –, sua mãe teve um dia longo. Deem um beijo de boa-noite nela.

Lulu parecia estar prestes a chorar.

– Ela não vai subir pra ler uma história?

Betsy revirou os olhos.

– Cadeira de rodas, Lucy.

– Ah. – Lulu fez bico. – Eu não estou gostando nada disso.

Jolene abriu os braços.

– Venha aqui, Lucy Lou.

A caçula subiu no seu colo; foi dolorido. Jolene cerrou os dentes e torceu para que a careta parecesse um sorriso.

– Um dia eu vou conseguir subir a escada. Mas ainda não, está bem?

– Tá bom – disse Lulu, alongando as palavras para mostrar seu desgosto.

Betsy resmungou *boa noite* e saiu da sala. Mila pegou Lulu pela mão e a conduziu para cima.

Jolene suspirou. Estava à porta do seu novo quarto. Tudo o que restava da decoração anterior era a antiga mesa de Michael, encostada sob a janela, com o computador dele em cima. A porta do banheiro fora alargada; a moldura ainda não tinha sido colocada, então o contorno era de madeira.

Uma cama antiga *queen size* ocupava o centro do cômodo. As roupas de cama com temas havaianos em tons vivos de rosa e amarelo indicavam que as meninas as tinham comprado. Havia muitos travesseiros de penas espalhados e um cobertor branco grosso dobrado.

Jolene percebeu o quanto eles tinham trabalhado para recebê-la e quis se comover com aquilo, mas, francamente, tudo o que sentiu foi cansaço. Haviam passado poucas horas e ela já os decepcionara.

Ouviu Michael se aproximar.

– Eu não devia ter deixado as meninas importunarem tanto você – desculpou-se ele. – Elas estavam muito entusiasmadas por terem você de volta.

Jolene mal conseguiu falar.

– Tudo bem.

Só queria ficar sozinha. Tinha sido um fracasso naquela noite. Um fracasso.

– Eu instalei várias coisas para deficientes no banheiro: apoios e barras.

– Ótimo. Obrigada.

Ele olhou para a meia perna protuberante e logo desviou o olhar.

– Se precisar de ajuda...

– Não se preocupe, Michael. Sua obrigação termina na porta do quarto. A partir daqui, eu me viro – respondeu ela secamente.

– Isso não é justo, Jo.

– Justo? – Ela se irritou. – Nada disto é justo, Michael.

Jolene se afastou. Estava quase na porta do banheiro quando ele a chamou. Parou e o olhou.

– Você quer que eu durma com você? Caso precise de alguma coisa?

Caso eu precise de alguma coisa. Que romântico.

– Não, Michael. Prefiro ficar sozinha.

– Talvez eu não tenha me expressado bem. Quem sabe...

– Boa noite, Michael – retrucou com firmeza, entrando no banheiro e fechando a porta.

Ela disse para si mesma que não estava desapontada, ao travar a cadeira e ficar de pé, apoiando-se na bancada de azulejos.

Levou séculos para escovar os dentes e lavar o rosto. Estava tão cansada que perdia a concentração e o equilíbrio. Uma vez, quase caiu. Quando olhou para o vaso, sentiu uma onda de exaustão. Trincando os dentes, foi até lá saltando em um pé, grata pela barra lateral que Michael instalara. Segurou-se nela com a mão boa e sentou-se, percebendo, tarde demais, que ainda estava de calça. Ficou parada um minuto, cansada demais para se mexer, e então se levantou devagar. Abrir a calça e abaixá-la sem cair era mais difícil do que ela tinha previsto, mas, finalmente, conseguiu.

Quem iria imaginar que seria tão complicado ir ao banheiro? *Bem-vinda de volta, Jo.*

Enquanto estava sentada, tirou a camiseta e o sutiã e vestiu a camisola comprida de flanela que as meninas tinham comprado. Depois, levantou-se com cuidado.

Instável, apoiou-se de novo na bancada e viu de relance seu reflexo no espelho sobre a pia. Com receio, voltou-se para olhar.

Seu rosto estava fino demais, de uma forma inquietante, as maçãs do rosto, altas e pontudas. Os hematomas e arranhões tinham desaparecido; a única marca do acidente era a pequena cicatriz rosada ao longo do maxilar.

Acidente.

Será que pensaria nele toda vez que se olhasse no espelho? E por que não pensaria? Com um suspiro, afastou-se. Não reconhecia mais a mulher no reflexo.

Levou mais um tempão para sair do banheiro e, quando chegou ao quarto, viu Michael em pé à porta, com um olhar preocupado.

Antes que Jolene tentasse por conta própria, ele estava ao seu lado, ajudando-a a subir na cama. No instante em que se deitou, sentiu suas forças se esvaírem. Deixou-se afundar no colchão com um suspiro. Michael a ajudou a colocar travesseiros junto à perna residual.

– Seu remédio para dormir e o analgésico estão bem aqui, na mesinha de cabeceira. E a sua água. E um sanduíche, caso sinta fome.

Ele afastou os cabelos dos olhos dela.

Jolene detestava o jeito como seu corpo reagia ao toque do marido. Sempre fora assim, desde o início. Mesmo agora, exausta como estava, sentia-se atraída.

Isso é perigoso, Jo.

– A gente vai ter que conversar sobre nós, você sabe – disse ele.

– Não há nada para conversar, Michael. Você disse tudo antes de eu ir embora. Agora me deixe dormir. Estou exausta.

Ele a encarou por tanto tempo que Jolene pensou que algo mais seria dito. Mas, por fim, deixou-a sozinha no quarto e fechou a porta.

Vinte e três



Embora estivesse exausta, Jolene não conseguia pegar no sono. Sentia-se como se tivesse tomado uma jarra de espresso: o corpo inteiro tenso, os nervos, irrequietos. A casa estava silenciosa – até demais. Sem tiros de morteiros, alarmes ensurdecedores, helicópteros decolando ou homens conversando. Todo aquele silêncio a assustava e isso não deveria acontecer. Ela estava em *casa*. Nem era para sequer pensar no Iraque.

Estava deitada na cama nova, com lençóis novos, no quarto novo, e sentia-se terrivelmente deslocada. Cada ruído na casa perturbava seu frágil equilíbrio. A cada som, ela se sentava sobressaltada, o coração acelerado, os ouvidos a postos.

Da última vez que vira as horas, eram três e meia da manhã. Quando enfim conseguiu dormir, o pesadelo esperava por ela.

Tami! Temos que estabelecer um perímetro... Smitty... Jamie, ajude o Smitty...

Acordou com o coração na boca, suando. Com a vista turva, olhou para o relógio: cinco e meia. Descobriu-se e começou a sair da cama.

Então se lembrou: tinha perdido a perna. Olhou para ela, ainda inchada e envolta em gaze e bandagens. Fechando os olhos, deixou-se cair de novo na pilha de travesseiros e suspirou. Em algum lugar, no outro lado do mundo, sua melhor amiga também estava deitada em uma cama...

Lá fora, não muito longe, um coiote uivou. Em cima, o assoalho rangeu e depois se ouviu uma descarga. Ela não era a única acordada.

Ali deitada, sozinha, tentou juntar as forças que lhe restavam. Pela primeira vez em meses, iria poder se concentrar nas filhas e ser a mãe que tinha sido, a mãe de que precisavam. Tami iria brigar se desistisse.

Ela era capaz. Ela *conseguiria*. Hoje era o dia em que reivindicaria a sua vida e a si mesma de volta. Imaginou-se preparando o café, aprontando as meninas para a escola, beijando-as e desejando-lhes um bom-dia.

Foi seu último pensamento consciente. Quando percebeu, estava acordando de novo e, através da janela, o mundo era pálido e cinzento, chuvoso.

O primeiro dia de sua nova vida. Sentou-se na cama e observou por um bom tempo as muletas apoiadas contra a parede. Queria estar pronta para usá-las, mas Conny fora categórico ao afirmar que ela ainda não podia usá-las em casa. Havia muitos perigos ocultos. Jolene se sentou na cadeira de rodas e foi até o banheiro. Mais uma vez, foi uma luta. Ela se equilibrou em um pé, escovou os dentes e lavou o rosto, então saltitou até o vaso. Quando enfim estava vestida e pronta para começar o dia, já estava cansada. Acomodou-se na cadeira de rodas, foi até a sala e encontrou o controle remoto. Ligou a TV e passou os canais até a CNN, à espera de notícias sobre as tropas.

Michael desceu a escada carregando Lulu, que falava animadamente sobre algo.

– Ah, você se levantou – disse Michael. Ele estava vestido para ir trabalhar.

– Me põe no chão! – exclamou Lulu, contorcendo-se em seus braços.

Assim que tocou o chão, ela correu até Jolene, chocando-se sem querer contra a perna residual. A dor foi tanta que Jolene xingou

antes que pudesse se controlar.

Lulu ficou imóvel, os olhos arregalados.

– Você falou uma palavra feia, mamãe. Papai, mamãe falou uma palavra feia.

– Desculpe – disse Jolene, taciturna.

– O que vocês querem para o café? – perguntou Michael.

Jolene olhou para o marido.

– Eu faço o café para elas e as apronto para a escola.

– É trabalho demais para você, Jo. Pegue leve. Eu...

– Por favor – pediu ela, sem conseguir disfarçar o tom de súplica na voz. – Eu preciso disso, Michael. Eu tenho que entrar na minha vida de novo. Eu dou conta de fazer o café da manhã para as meninas.

Ele a encarou como se fosse uma bomba a ponto de detonar.

– Se você tem certeza...

– Certeza de quê? – indagou Betsy, descendo a escada.

– Sua mãe vai preparar o café e ajudar vocês a se arrumarem para a escola – respondeu Michael.

– Vai? – questionou Betsy, claramente duvidando da capacidade de Jolene.

– Hoje com certeza é especial – afirmou Lulu, olhando para a mãe como se não estivesse certa quanto àquela reviravolta. – Cereal com açúcar!

Betsy grunhiu.

– Tem certeza, Jo? Porque eu posso fazer... – perguntou Michael de novo.

– Tenho certeza.

– Agora as meninas pegam o ônibus. Elas sabem os horários – disse ele.

Outra mudança. Fazia sentido. Jolene não teria como dirigir.

– Muito bem. Hoje eu tenho seleção de júri, então vou passar quase todo o dia no tribunal. Minha mãe vem buscar você para a fisioterapia em uma hora. Estarei de volta no máximo às seis.

– Você nunca chega às seis.

– As pessoas mudam, Jo – replicou ele, encarando-a.

– Dá um beijo de despedida na mamãe – exigiu Lulu quando o pai pegou o casaco.

Michael e Jolene se entreolharam. Então ele foi até a esposa e se inclinou devagar.

O beijo foi muito de leve. Do tipo que um homem daria em uma idosa ou uma moribunda.

Sentada na cadeira, ela o observou sair de casa. Quando ouviu o carro dar a partida, voltou a si.

– Muito bem, meninas, vão se vestir. Vou preparar o café rapidinho.

Jolene foi até a cozinha e se surpreendeu ao perceber como ficava baixa sentada na cadeira. Mal havia espaço para manobrar e as bancadas eram muito altas; ela não as alcançava facilmente.

Ainda estava tentando descobrir o que fazer quando as meninas se sentaram à mesa. Jolene olhou para o calendário, o que ela deixara para Michael. Naquele dia era mingau de aveia e torrada com banana fatiada.

Levantou-se da cadeira e se apoiou na bancada com uma das mãos, enquanto procurava uma panela no armário. O barulho de metal se chocando a irritou, a fez pensar em tiros e cimento rachando...

– Quer ajuda, mãe? – perguntou Betsy.

– Não – respondeu Jolene. – Eu sei fazer uma droga de um mingau.

– Nossa, não está mais aqui quem falou – disse Betsy, mordida.

Jolene achou a panela, pegou-a e olhou para a pia. Não estava a mais de três metros dela, mas a distância parecia ser bem maior. Nossa, como ela queria andar até lá como antes, rindo com as filhas enquanto cozinhava...

Cerrou os dentes, abaixou-se até sentar-se na cadeira e foi até a pia. Então voltou a ficar de pé, abriu a água e segurou a panela sob a torneira.

O sangue jorrava pelo rosto do soldado. Jolene gritou: "Smitty, chame o médico, este homem não vai aguentar..."

– São 7h57 – disse Betsy com rispidez.

Jolene voltou ao presente. Não estava no Iraque, voando em uma missão de evacuação médica. Estava na sua cozinha. Olhou para baixo; a panela estava transbordando.

– Mãe, são...

– Eu sei – respondeu Jolene.

Fechou a torneira e apoiou a panela na bancada. Girando sobre o pé, reposicionou a cadeira de rodas.

– Meu pai faz o mingau mais depressa – acrescentou Betsy.

Jolene pegou a panela sem prestar atenção, usando a mão direita. Ela perdeu a força e tudo aconteceu em um instante, mas ela viu em câmera lenta: a mão no cabo, o giro, os dedos falhando, se abrindo, a panela caindo...

Atingiu o chão com um *clang.*

– Você me deu um banho! – gritou Betsy, afastando-se da mesa. – Ai, meu Deus! Preciso me trocar... – Saiu da cozinha correndo.

Jolene se deixou cair na cadeira.

– Você fez uma bagunça, mamãe – disse Lulu, franzindo a testa. – O chão está alagado.

Jolene ficou ali sentada, atônita.

– Mamãe? Você fez uma bagunça – repetiu Lulu, com a voz assustada. – Eu quero o papai.

– Grande merda – deixou escapar Jolene.

Lulu começou a chorar.

– Eu quero o papai AGORA!

Betsy voltou a descer, agora de jeans e um casaco branco de capuz. Pegou Lulu no colo. As duas encararam Jolene.

– E aí? – perguntou Betsy para a mãe.

– *E aí* o quê?

– Qual é o seu problema?

Jolene sentiu o rancor aumentar. Queria controlar-se, ser uma boa mãe, mas não conseguiu se conter. A raiva e a tensão a dominaram.

– Qual é o meu problema? – Conteve-se para não dizer: *Você não está vendo?*

Lá fora, o ônibus escolar parou na frente da entrada. Betsy deu um grito e soltou Lulu, que caiu no chão com força e começou a chorar.

– Ela me machucou! Ela me machucou!

Betsy correu até a porta da cozinha e a escancarou.

– Espere! Espere!

Mas era tarde demais. Jolene ouviu o ônibus se afastar.

– Estou *atrasada*! – gritou Betsy, pisando duro em direção a ela. – Agora eu vou chegar *atrasada* para o primeiro tempo. Todos vão olhar para mim.

Lulu choramingou.

– Tô com fome. Eu quero o papai.

– E aí? – exigiu Betsy. – Vai ficar aí sentada?

Foi a gota d'água. Jolene girou na cadeira.

– O que foi que você disse? Escute bem: chegar tarde na escola não é uma tragédia, Betsy. – Levantou a perna residual; a perna vazia da calça pareceu dançar. – *Isto* é uma tragédia. Dê algo para a sua irmã comer. A *Yia Yia* vai chegar daqui a pouco. Ela pode deixar você na escola.

– Você disse que estava bem! – berrou Betsy, o rosto vermelho. – Mas não está. Você nem consegue tomar conta da gente. Por que você voltou?

– E você é uma pirralha mimada.

Jolene saiu da cozinha. Assim que chegou ao escritório, bateu a porta. Levantou-se, saltitou até a cama e deixou-se cair com um gemido.

Queria ligar para a melhor amiga e dizer: *Eu gritei com a minha filha e ela gritou comigo. Me diga que eu não sou uma megera... ela é que é... diga que eu vou ficar bem...*

Jolene ouviu Lulu chorar. Betsy tentava acalmá-la. Deviam estar abraçadas, olhando para a porta fechada, se perguntando quem seria a estranha lá dentro. Sabiam que a mãe delas não voltara realmente da guerra. A mulher que voltara era uma desconhecida, sobretudo para si própria.

Eu quero o papai.

Desde quando Lulu queria que Michael a reconfortasse?

Mais uma mudança. Enquanto Jolene estivera fora, o coração de sua família mudara de lugar. Ela ficara marginalizada, perdera a importância. Agora era Michael que cuidava delas e consolava-as. A pessoa em quem confiavam.

Ouviu uma batida na porta e a ignorou.

A porta se abriu e Mila entrou no quarto. Estava com a roupa de trabalho: uma camisa enorme de brim, um avental de lona verde e jeans. O cabelo preto estava preso sob um lenço azul e branco. Ela foi até a cama e se sentou na beirada. Inclinando-se, tirou os cabelos emaranhados dos olhos de Jolene.

– Uma guerreira não corre para se esconder no quarto depois de perder uma batalha.

– Eu não sou mais uma guerreira, Mila. Nem esposa, nem mãe. Aliás, o que eu sou?

– Você sempre foi muito exigente consigo mesma. Certo, você está enfrentando dificuldades, derrubou uma panela com água e gritou com as suas filhas. Grande coisa. Eu gritava com o Michael o tempo todo quando ele era adolescente.

– Eu não gritava com elas – replicou Jolene em voz baixa, sentindo-se mal.

– Eu sei. Para falar a verdade, não parecia normal.

– Agora elas estão com medo de mim – continuou Jolene, suspirando. – *Eu* estou com medo de mim.

Mila abriu um sorriso, demonstrando compaixão.

– Todos nós sabíamos que seria difícil ficar sem você, mas ninguém imaginou como seria difícil quando você voltasse. Vamos

ter que nos ajustar. Todos nós. E você precisa se dar um desconto.

– Eu nunca fui boa nisso.

– É, não foi. Agora, levante-se e se vista. Saímos para a fisioterapia em vinte minutos.

– Hoje eu não vou. Não me sinto bem.

– Você vai, sim.

Jolene pensou em fazer drama, ficar brava, mas estava desgastada e deprimida demais para fazer qualquer coisa que não fosse obedecer.



Michael passou a maior parte do dia no tribunal, interrogando possíveis jurados. Ele fazia perguntas que visavam descobrir suas posições com relação ao caso. Quando o tribunal deu o tempo por encerrado, voltou para o escritório e trabalhou cerca de uma hora na sua declaração de abertura.

Ele sabia que o tom da promotoria no início do julgamento de Keller faria tudo parecer trivial. Brad começaria com os fatos condenatórios do homicídio, repetindo que Emily amava o marido e confiava nele e que Keith lhe dera um tiro na cabeça. Insistiria que Keith nunca negara ter atirado na esposa. Mostraria os dados das perícias, acumulando fatos, até que o júri quase se convencesse de que nem precisava estar ali. Ouviriam que a perda de memória de Keith era “conveniente”, sem dúvida uma desculpa esfarrapada. Ele provavelmente encerraria com algo como *Quem não gostaria de esquecer que deu um tiro na cabeça da jovem esposa? Muito bem, senhoras e senhores do júri, eu lhes digo quem não vai esquecer.* Então, se voltaria para os pais de Emily, que estariam aos prantos. *Eu não quero dizer a eles que o assassino da filha ficará em liberdade. E os senhores?*

Em geral, Michael refutava cada prova na abertura e tentava provocar incertezas sobre o caso, com relação tanto a detalhes

específicos quanto ao julgamento como um todo.

Naquele caso, porém, Michael assumiria um risco calculado. Ele não refutaria que Keith matara a mulher. Na verdade, queria que o júri entendesse a razão. Em Washington, o Estado tinha que provar cada elemento de um crime, incluindo a intenção. Em outras palavras, o Estado tinha que provar, sem dar margem a dúvidas, que Keith tivera a intenção de matar a mulher.

Intenção.

Essa era a chave.

Continuava refletindo sobre aquilo às cinco e meia da tarde, quando saiu da balsa rumo à sua casa. Ao entrar na garagem, se perguntou como teria sido o dia de Jolene. Pela primeira vez, Mila não estaria lá cuidando das meninas após a escola. Elas estariam com a mãe de novo.

Foi recebido por um pandemônio.

Todas as luzes da casa estavam acesas, a TV estava no volume máximo, exibindo um filme com adolescentes dançando, e as meninas brigavam. Pelo olhar selvagem de Lulu, viu que ela estava à beira de um chilique, e Betsy parecia furiosa.

Quando Michael entrou, elas pararam de gritar uma com a outra e voltaram-se para ele aos berros.

– Ei! – exclamou, erguendo as mãos. – Calma.

– Mamãe não gosta mais da gente – falou Lulu.

– Ela está agindo como uma idiota, pai. Eu sei que é uma palavra ruim, mas é verdade – completou Betsy. – E agora está no quarto e não quer sair. Quando eu entrei, ela disse: *Agora não, Betsy.* Nem pediu desculpa por hoje de manhã.

– Hoje de manhã? O que aconteceu de manhã? – perguntou Michael.

– A gente se *atrasou* para a escola. Perdeu o ônibus – respondeu Betsy, com a voz esganiçada ao se lembrar do terror.

– Ela derrubou a água do mingau – acrescentou Lulu, com os lábios trêmulos. Estava prestes a chorar.

– Bom, meninas, a gente já conversou sobre isso. Não vai ser uma transição fácil. Já falamos que seríamos pacientes, lembram?

– Bom, você devia ter dito isso para *ela.* Eu até ofereci ajuda para fazer o café – retrucou Betsy. – Tem algo errado com ela, pai.

Em meio à raiva da filha, Michael detectou o medo. Ele a entendia. Jolene não era a mesma mulher de antes, e nenhum deles sabia como lidar com isso.

– Vai dar tudo certo, Betsy.

– Quer saber, pai? Já cansei de ouvir isso. É uma baita mentira.

– Ela tá diferente – sussurrou Lulu, agora chorando. – Ela nem falou com a gente depois da escola.

Michael se ajoelhou e abriu os braços. As meninas correram ao seu encontro. Ele as segurou com força.

Quando finalmente se afastaram, Michael viu as lágrimas nos olhos de Betsy.

– Eu sinto muito, Betsy. Eu sei que ela magoou você...

– E eu também! – exclamou Lulu.

– Magoou vocês – corrigiu ele. – Mas pensem na dor que é quando vocês dão uma topada ou se cortam. Ela perdeu a perna. Vai levar um tempo até tudo voltar ao normal. Eu devia ter preparado vocês para isso. Caramba, eu devia é ter *me* preparado para isso.

– E se ela nunca melhorar? – perguntou Betsy.

– Ela vai melhorar – prometeu Michael. Então deu um beijo em cada filha. – Agora, peça uma pizza, Betsy.

– Dava na mesma se ela não tivesse voltado – murmurou Betsy ao se afastar.

Michael foi para o escritório. Bateu de leve na porta e esperou uma resposta. Como não ouviu nada, abriu uma fresta.

O quarto estava escuro. Uma luz dourada suave vinda de fora se refletia no ambiente, iluminando o rosto de Jolene. Ao lado da cama, as barras prateadas da cadeira de rodas reluziam como mercúrio. Na mesinha de cabeceira, havia uma garrafa de vinho aberta e um copo vazio.

Franzindo a testa, aproximou-se da esposa. Em todos os anos que passaram juntos, ele nunca a havia visto tomar mais do que um gole de vinho. Pegou a garrafa; restava menos da metade.

Michael queria acordá-la e conversar sobre o que tinha acontecido – e por que ela estava bebendo vinho –, mas sabia como Jolene tinha dificuldade em dormir.

E, de qualquer forma, ela iria falar com ele? Mesmo antes de ser convocada, quando o casamento ainda estava intacto, Jolene não costumava conversar sobre dias ruins, falhas ou decepções. Com exceção do amor, que demonstrava de forma exuberante, ela guardava suas emoções para si.

Em parte, era por isso que tudo dera tão errado. Jolene nunca precisara do marido.

Michael saiu e fechou a porta. Passou a noite com as filhas; jantaram juntos, disputaram um jogo, assistiram a um especial no Discovery Channel sobre golfinhos. As meninas ainda estavam magoadas, bravas e confusas na hora de dormir.

Quando a casa voltou a ficar silenciosa, Michael vestiu um moletom e foi trabalhar na abertura do julgamento. O dia já estava próximo e ele ainda não encontrara uma maneira de fazer os jurados entenderem totalmente o transtorno de estresse pós-traumático e se colocarem na pele de Keith. Estava anotando uma ideia quando um grito aterrorizante ecoou pela casa.

Ele afastou os papéis e saiu correndo do quarto. Outro grito veio do andar de baixo, agudo, retumbante. Desceu a escada correndo e abriu a porta do escritório.

Jolene estava gritando enquanto dormia, contorcendo-se tanto que os lençóis e cobertores tinham se enroscado nela. Havia travesseiros espalhados pelo chão.

– *Mayday*! – gritou ela. – Tami... não consigo te levantar. Merda...

– Jolene!

– Precisamos estabelecer um perímetro! – berrou, arrastando-se pela cama em direção à mesinha de cabeceira.

– Jo!

Michael pegou-a pela mão e a esposa lhe deu uma forte cotovelada no estômago. Ele perdeu o fôlego e a soltou durante um segundo. Jolene continuou se arrastando para a beira da cama.

Ele se atirou na direção dela para que não caísse e a envolveu com os braços. Jolene lhe deu um soco no olho com tanta força que ele perdeu o equilíbrio, e os dois caíram no chão juntos, aterrissando com força.

Ela acordou lutando para respirar, confusa.

– Michael?

Betsy e Lulu estavam de pé na porta, aterrorizadas.

– O QUE É QUE ELA TEM? – gritou Betsy.

Jolene tremia.

– Sua mãe teve um pesadelo, meninas. Foi só isso.

– Um pesadelo? – Betsy balançou a cabeça. – Eu tenho cara de idiota?

– Vão para cima – mandou Michael, ajudando Jolene a se levantar. A respiração dela estava muito acelerada. – Eu cuido da sua mãe.

– Posso dormir com você? – perguntou Lulu para a irmã, com um tremor na voz.

– Claro.

Betsy pegou Lulu pela mão e a levou para cima.

Jolene subiu na cama e se recostou com tanta força que a cabeceira bateu contra a parede.

– Desculpe – disse com a voz instável.

Ele se sentou ao lado da esposa.

– Eu estou com... dificuldades, Michael – admitiu ela, engolindo em seco.

Foi o mais perto que Jolene já chegara de pedir ajuda.

– Eu sei, Jo. Vamos procurar ajuda.

– Elas estão seguras comigo?

Michael queria dizer *imagine, é claro que estão*, mas estava ali sentado, o olho latejando por causa de um soco que provavelmente

ela não se lembrava de ter dado, sentindo sua mulher tremer ao lado. A verdade era que ele não sabia.

Vinte e quatro



Na manhã seguinte, Jolene se levantou antes de Michael. Ele a encontrou na sala. Tinha posto um espelho encostado na parede e caminhava na sua frente com a prótese, estudando as passadas, tentando andar com a naturalidade de antes.

Enquanto Michael a observava da porta, ela tropeçou, caiu de mau jeito e falou um palavrão. Ele foi até o seu lado e estendeu a mão.

– Jo...

– Eu tenho que fazer isto sozinha – rebateu a esposa entre os dentes, afastando a mão dele. – Tenho que voltar a ser eu.

Percebeu o desespero na voz de Jolene e viu o medo em seus olhos, então se afastou. Era doloroso vê-la se levantar aos poucos, oscilar, amparar-se nas costas da cadeira.

Ela caiu mais três vezes enquanto ele observava. A cada vez, Jolene fechava a mão boa com força, arfava e voltava a se levantar. Não praguejou de novo nem disse nada sobre a dor que sentia. Michael sabia que devia doer muito; Conny lhe dissera que ela estava se esforçando tanto que tinha bolhas no coto.

– Está excelente – comentou ele quando a esposa deu uma boa passada e fez uma curva aparentemente fácil.

Michael foi retribuído com um sorriso, mas não se deixou enganar pela atitude positiva e se espantou com a melancolia em seu olhar. Notou o preço que Jolene pagava por tropeçar, cair, precisar de ajuda para as coisas mais simples. Ela franziu a testa.

– Você está com um olho roxo.

– É. Ficou bonito, não acha?
– Fui eu que fiz isso?
– Não foi de propósito, Jo.
– Desculpe.
– Tudo bem, não se preocupe.
– Certo – disse ela, com a voz cansada.

Michael viu como sua mulher estava fragilizada e assustada com a ideia de tê-lo machucado – e por não se lembrar disso. Ele queria conversar sobre os pesadelos, mas ela acabara de erguer um muro à sua volta. Como ele conseguiria escalá-lo? Não fazia ideia do que Jolene vivera no Iraque. Nem sequer sabia o que perguntar.

As meninas desceram a escada correndo. Ao verem a mãe, pararam tão bruscamente que Betsy trombou com Lulu.

– Meninas – disse Jolene, demonstrando uma tristeza jamais vista –, desculpem por ontem à noite. Foi só um pesadelo.

– Um pesadelo que deixou meu pai com um olho roxo – replicou Betsy, séria. – O que tem de errado com você?

Jolene suspirou.

– Eu vou ficar bem. De verdade. Só preciso continuar tentando.

– Tô com fome – anunciou Lulu. – Papai, você vai fazer o café pra gente hoje?

Michael viu que a esposa parecia desapontada. Com os ombros caídos, ela se virou e saiu mancando para o lado oposto, caminhando decidida em direção ao espelho.

– Muito bem – respondeu Michael. – Vamos fazer o café da manhã.

Conduziu as meninas para a cozinha, preparou a refeição, depois acompanhou-as até o andar de cima e aprontou-as para a escola.

– Digam tchau para a sua mãe – pediu ele quando as filhas se encaminhavam para a porta.

Elas obedeceram. Não olharam para Jolene, que continuava caminhando ao encontro do espelho e estudando seus movimentos. Michael as levou até perto da rua e ficou lá até que os ônibus

passassem. Então voltou para casa. Quando se aproximou da mulher, viu o desânimo no seu rosto.

– Ei... – chamou ele, tocando o braço dela.

– Não seja carinhoso comigo agora – ordenou. – Eu não estou no clima.

E ali estava: o lembrete de o quanto tinham se distanciado. Ela não queria que o marido a reconfortasse, nem mesmo quando estava aterrorizada, deprimida e com o coração partido.

– Vamos, Jo. É hora de ir para a reabilitação – foi o que ele acabou dizendo, tudo o que lhe ocorreu.

Na balsa, Jolene não quis sair do carro, então ficaram sentados em silêncio.

– Deve ter sido terrível lá – tentou dizer Michael, olhando para a esposa e sentindo-se uma fraude. Ele não fazia ideia, e ambos sabiam disso.

– Terrível? Foi.

– Você sentiu medo o tempo todo?

Ela olhou pela janela.

– O tempo todo, não. Não quero falar nisso, Michael. Agora não importa.

– Você está em casa, Jo.

Ela anuiu, mas não o encarou nem disse mais nada no trajeto até Seattle. Ficou só contemplando a paisagem e dando de ombros em resposta às perguntas dele.

Quando Michael a deixou, disse:

– Jo? Nós precisamos mesmo falar de tudo isso, você sabe.

– É. Eu sei. – Parecia se sentir exausta só de pensar naquilo.

Ele a viu entrar no prédio e foi embora. Em vez de ir direto para o escritório, dobrou na Aurora Avenue e foi até o consultório de Cornflower.

Ao chegar, foi até a recepção e viu a moça cheia de piercings no rosto e cabelo roxo.

– Eu sei que vim sem avisar. Mas gostaria de ver o Chris, se possível. Sou Michael Zarkades.

– Certo, um segundo. – Levantou-se e saiu da sala. Um ou dois minutos depois, voltou. – Ele está no jardim de inverno. É por ali.

Michael seguiu pelo corredor até um belo ambiente envidraçado, decorado com mobília de ratã dos anos 1950 e repleto de plantas e flores. Lembrava um pouco a sala de estar de seus pais, com piso de tábuas largas de madeira e móveis com tecidos florais. Um pôster amarelado com moldura do poema "Desiderata" estava afixado à única parede sólida. *Caminhe sereno por entre o barulho e a pressa e lembre-se da paz que pode haver no silêncio*. Não pôde deixar de sorrir. Sua mãe já tivera um igual no quarto.

– Não tenho muito tempo, Michael – avisou Chris, fechando a porta. – Um paciente vai chegar em dez minutos. É o Keith? Os pesadelos pioraram?

Michael se sentou em uma das poltronas.

– É a minha mulher, Chris. Ela está... diferente. Ontem bebeu umas taças de vinho. Eu sei que não parece muito, mas os pais dela eram alcoólatras. Eu nunca vi Jolene tomar mais do que alguns goles de álcool. E ela acordou gritando.

– Esse olho é obra dela?

– Ela sempre teve um braço poderoso. Devia vê-la lançar no beisebol.

Chris sorriu e se sentou.

– É óbvio que precisamos de mais do que dez minutos para esta discussão. Seria um prazer conversar com Jolene, se ela quiser.

– Ela não é muito de conversas desse tipo, mas admitiu que está com dificuldades.

– Ela é militar, Michael, por isso não quer aparentar fraqueza e vai ser difícil para ela admitir que não é fácil se reajustar. Como você sabe, os pesadelos e os problemas para dormir são sintomas comuns de TEPT, mas também são reações normais pós-guerra. Na maioria dos casos, esses pesadelos rareiam com o tempo. Temos

que nos preocupar mesmo se ela continuar tendo sintomas graves daqui a três meses. Mas sua esposa está passando por muitas emoções agora. Deve estar de luto pelo colega perdido e pela amiga em coma; provavelmente sente um pouco de culpa, sem razão, por causa da queda do helicóptero; talvez esteja com medo de que as relações familiares sejam deterioradas de forma irremediável e ela não tenha mais forças para mantê-las bem. Some a isso o fato de que ela perdeu a perna e, é bem possível, a carreira, e temos uma mulher em crise.

– E como eu a ajudo?

– Ela sente que está desmoronando – respondeu Chris em voz baixa. – Você acha que é uma pessoa e, de repente, não é mais. Não sabe mais quem é. E os pesadelos podem ser muito aterrorizantes, mesmo.

– Percebi.

– Não deixe nenhuma arma em casa.

– Meu Deus...

– E monitore bem o quanto ela bebe. O álcool pode exacerbar muito os problemas que sua esposa tem. E, em especial, faça ela falar com você. Escute sem julgá-la.

– Jo e eu nunca fomos muito bons em conversar.

Chris assentiu, compreensivo.

– Agora seria uma boa hora de mudar isso, Michael.

Voltando da reabilitação, Jolene quis conversar com Mila, mas não conseguiu formar as palavras. Continuava revivendo a noite anterior, quando acordou do pesadelo no chão, gritando, com as filhas olhando-a, assustadas. Aquilo a consumia por dentro; passou o dia todo assim. Mal conseguira se concentrar na fisioterapia.

O que estava errado com ela? Precisava, mais do que nunca, de Tami. E pensar naquilo só a fez sentir-se pior.

Quando pararam na frente da casa, Mila se voltou para a nora.

– Você está bem, Jolene? Está calada demais...

Ela se imaginou dizendo *estou com medo, Mila, algo está errado comigo*, mas não conseguiu. Ficou apavorada só de pensar em se abrir, em revelar a profundidade dos seus sentimentos. Pela primeira vez na vida, estava verdadeiramente aterrorizada. Mais do que no Iraque.

– A reabilitação foi uma tortura hoje. As bolhas estão me matando. – Forçou um sorriso, detestando mentir.

– Quer que eu fique com você até as meninas chegarem?

– Não. Eu estou melhorando. De verdade. Vou tirar um cochilo para recuperar as forças. E preparo um lanche para quando elas voltarem da escola. Talvez a gente jogue alguma coisa.

– Está bem – respondeu Mila, hesitante.

Jolene conseguiu sorrir. Deu um beijo rápido na sogra, desceu do carro e entrou em casa. Quando a porta se fechou, ela pendeu para a frente, apoiada nas muletas, e enfim soltou o ar que vinha segurando.

Precisava de uma taça de vinho. Isso acalmaria seus nervos, faria suas mãos pararem de tremer. Só uma taça. Não havia nada de errado nisso.

Foi até a geladeira, serviu-se e se sentou. Após terminar a segunda dose, sentiu-se um pouco melhor. A sensação de entorpecimento pareceu ter se dissipado. Mas o medo continuava lá.

Ela precisava de ajuda.

Pronto. Conseguira admitir. Nada importava mais do que suas filhas, e as estava perdendo, afastando, assustando. Batera no rosto do marido e nem se lembrava de ter feito isso. O que poderia fazer com as crianças? Pegou o telefone. Após consultar rapidamente o catálogo, ligou para o Departamento de Veteranos.

– Acho que eu preciso falar com alguém – falou sem pensar, assim que a recepcionista atendeu.

– Sobre o quê?

– Sou veterana da Operação Iraque Livre. Ferida. Preciso falar com alguém sobre os pesadelos que estou tendo.

– Só um segundo.

Respire, Jolene. Não desligue.

– Posso ajudar? – disse um homem de repente.

– Ah. Espero que sim. Sou veterana, acabo de voltar da Operação Iraque Livre e estou com problemas para dormir.

– Está pensando em machucar outras pessoas ou a si mesma?

– O quê? De propósito? Não. Não, claro que não, mas é que...

– Posso marcar uma consulta com um psicólogo.

Ela deu um suspiro de alívio.

– Seria ótimo. Obrigada.

– Pode ser no dia 15 de dezembro?

– Desculpe, você disse 15 de dezembro? Estamos em outubro.

– Sim. A lista de espera é longa. Muitos soldados que voltam precisam de ajuda. No entanto, se estiver pensando em machucar a si própria...

Ela sabia o que aconteceria se desse uma resposta afirmativa. Carimbariam *doida* no seu arquivo.

– Não, obrigada. Não preciso da consulta em dezembro. Com certeza, até lá vou estar melhor.

Desligou e ficou ali sentada.

A dor fantasma voltou, torcendo seu tornozelo inexistente com força.

Jolene foi com dificuldade até a sala e caiu no sofá, lutando para suportar a sensação. O suor pinicava sua cabeça. Fechou os olhos e se concentrou em respirar para aliviar.

Mais tarde, uma batida na porta interrompeu seus pensamentos. Ela acordou sobressaltada. Por quanto tempo havia dormido? As meninas já estavam em casa? Consultou o relógio. Eram só três da tarde. Levantou-se, pegou as muletas, caminhou devagar até a porta da frente e abriu-a.

Ben Lomand estava na varanda, segurando um buquê de flores.

– Ben – disse ela, sorrindo pela primeira vez em dias. – Que ótimo ver você. Entre.

Jolene o conduziu até a sala e se acomodou no sofá.

– Eu vim ver como você está – falou ele, sentando-se ao lado dela. – Michael disse que você iria estar em casa.

– Estou melhorando a cada dia.

– Que bom.

Ela se preparou para o que viria.

– Você falou com os pais do Smitty?

Ele assentiu.

– No enterro.

– Eles me culpam?

– É claro que não, Jolene. Eles sabem que o filho foi um herói e que morreu servindo ao país. Têm orgulho dele.

– Eu tentei ajudá-lo.

Ficaram em silêncio, ambos sabendo que não havia nada a dizer.

– Jolene – prosseguiu o capitão, com um olhar pesaroso –, eu tenho uma notícia para você.

– O que é?

– Estou com o seu relatório físico que o capitão Sands fez em Landstuhl, avaliando sua aptidão.

A aptidão para voltar ao serviço.

– Ah – fez ela, baixinho.

Com tudo o que acontecera nas últimas semanas, Jolene se esquecera da carreira. Dos voos. Como podia ter esquecido?

– E...?

– Você é piloto – respondeu Lomand simplesmente, o olhar cheio de compaixão. Talvez alguns soldados pudessem cumprir suas funções com uma perna, mas não um piloto.

Ele ia dizer que ela nunca mais poderia pilotar. Jolene fechou os olhos só por um instante, sentindo uma dor tão intensa quanto a da perna que faltava.

– Eu não atinjo os critérios de retenção. É claro que não. Só tenho uma perna.

– Você pode recorrer. Fazer um período condicional, ver se atinge os critérios depois da reabilitação.

Ela o olhou.

– Mas eles não vão me deixar pilotar de novo, vão?

A resposta estava nos olhos do capitão.

– Não. Não vai ter status de voo. Mas pode ficar na Guarda, talvez. Ou, se você se aposentar, talvez receba os benefícios integrais.

– Benefícios – repetiu Jolene em voz baixa.

Tentava imaginar sua vida sem o Exército, sem seus amigos, sem voar... Mas ela era piloto. *Piloto.* Como poderia ficar na Guarda e não voar?

O que lhe restava agora?

– Sinto muito, Jo.

Ela assentiu e desviou o olhar antes que Lomand percebesse a tristeza em seu rosto.

– Obrigada – agradeceu Jolene com a voz embargada.

Quando o capitão saiu, ela pegou a garrafa de vinho e foi para o quarto.

A balsa estava ancorando na Bainbridge Island quando o celular de Michael tocou.

– Alô?

– Sr. Zarkades? É a diretora Warner, da escola. Receio ter havido um incidente com a Betsy.

A balsa se chocou contra o cais e parou. Ele deu a partida no carro.

– O quê? Um incidente? Como assim?

– Betsy se envolveu em uma briga.

– Uma briga *física*?

– Isso.

– Estou indo para aí – avisou ele, desligando.

Seguiu a fila de carros que saíam da embarcação, cruzou a rampa e chegou à estrada. Na via expressa, pisou fundo no acelerador.

Vinte minutos depois, parou na frente da escola. Lá dentro, as paredes brancas estavam decoradas com dezenas de cartazes da Feira de Ciências e do Dia da História. No gabinete da diretora, Michael deparou com Betsy na sala de espera, os braços cruzados com força, os lábios pressionados. Ao vê-lo, ela ergueu o rosto e seus olhos se arregalaram.

– Pai, eu...

Ele estendeu a mão para que a filha se calasse e continuou andando. Apresentou-se à secretária e foi conduzido até a sala da Sra. Warner. Ela era uma mulher pequena e bonita, com uma expressão meiga. Viu seu olho roxo e franziu a testa.

– Eu caí da bicicleta – explicou ele, com firmeza.

A diretora deu um breve sorriso.

– Desculpe por precisarmos chamá-lo. Nós estamos cientes das dificuldades que a sua família está enfrentando. Sente-se, por favor.

Michael obedeceu.

– Ela se meteu numa briga? Com quem?

– Sierra Phillips e Zoe Wimerann. Pelo que eu soube, elas a estavam provocando por causa da mãe. Parece que o pai de Sierra fez alguns comentários sobre a capacidade das mulheres de pilotarem helicópteros e Zoe riu disso. Betsy deu o primeiro soco.

Ele suspirou. Não era à toa que Seth as chamava de megeras.

– Já aconteceu muita coisa entre essas meninas. Além disso, Betsy vem tendo problemas desde que a mãe voltou. As coisas não estão indo tão bem quanto esperávamos. Os professores me disseram que ela vem dando trabalho. Discute com amigos e não tem feito o dever de casa. Temos um pedagogo excelente, se quiser que ela converse com alguém.

– Obrigado, Sra. Warner. Se isso for necessário, eu aviso. Agora, eu gostaria de falar com a minha filha, se não se importar.

Ela se levantou.

– É claro. E... como está Jolene?

Michael não sabia como responder e estava farto de fingir que tudo estava em paz.

– Ela não está bem. Esse é o problema.

– Talvez ela precise de um tempo.

– É. Todos têm dito isso.

A diretora o acompanhou para fora da sala e o levou até onde Betsy estava sentada, com a cara amarrada, uma mistura de medo e raiva.

– Betsy – disse a Sra. Warner –, desta vez, vou deixar o seu pai cuidar disto, mas, se você for pega brigando de novo, vai ser suspensa. Entendido?

Betsy concordou, desanimada. Seguiu Michael até o carro sem dizer uma palavra.

– Essa é a nova onda, os adolescentes serem amigos e inimigos? – perguntou ele, abrindo a porta. – Eu pensei que Sierra fosse a sua BFF.

– Não tente parecer descolado, pai. Fica esquisito.

– Essas meninas não merecem a sua amizade, Betsy.

– Eu sei disso – falou ela, suspirando. – Não quero mais saber delas.

Michael entrou no carro.

– O que aconteceu, Betsy?

Ela se sentou no banco do carona e o olhou. Tinha o rosto corado.

– Eu perdi o controle, pai. Eu nem sei bem o que aconteceu. Mas não foi culpa minha. Foi a Zoe que começou. Ela me bateu primeiro.

– E por que a Zoe bateu em você?

– Eu a chamei de babaca. E ela é, pai. Ela é uma babaca. Você sempre diz que a verdade é uma defesa.

– Boa tentativa. Olhe, Betsy, eu sei que você está brava com a sua mãe, mas...

– Nem tudo gira em torno dela, sabia?

– Mas isso gira. Você bateu em uma garota que falou alguma maldade sobre ela. Mas quer saber, Betsy, você também não tem sido muito legal. Talvez você se sinta mal com isso.

– Você não foi legal com a minha mãe antes de ela ir embora.

– Eu sei. E eu me sinto mal por isso. Mas não saio por aí batendo nas pessoas.

– Ela mal olha para mim. A minha mãe. Eu acho que ela nem gosta mais de mim.

Michael suspirou. Ali estava. O problema real.

– Eu sei, querida. Sua mãe está diferente e isso magoa você, e você está reagindo. Eu entendo, pode acreditar. Mas você não pode sair por aí dando socos nas pessoas.

Betsy o olhou.

– Eu estou com medo, pai – revelou, em voz baixa.

– Eu sei. Todos nós estamos.

Jolene ouviu a porta se abrir e passos em direção à cama. Sabia que era Michael.

Fingiu estar dormindo. As três taças de vinho que tinha bebido a sedaram, apaziguaram o pesar, o medo e a raiva. Não conseguia encarar a família, que a queria de volta. E Michael era a última pessoa no mundo com quem falaria sobre a carreira perdida; o marido sempre detestara o trabalho dela. Provavelmente diria *que bom* e ficaria por isso mesmo. Ele jamais entenderia seus sentimentos ao saber que nunca mais pilotaria um Black Hawk.

Ao pensar nisso, sentiu ódio de si mesma. Smitty estava morto e Tami estava em um hospital distante, lutando pela vida. Que direito Jolene tinha de se lamentar pela perda da carreira?

– Jolene, eu sei que você está acordada.

Ela ficou imóvel, tentando respirar devagar. Não tinha coragem de encará-lo, não naquela noite, quando a sensação de perda era tão profunda.

Manteve os olhos fechados até que, enfim, Michael a deixou só.

Vinte e cinco



Jolene se escondeu da família durante a semana seguinte. Foi surpreendentemente fácil. Passava dias no centro de reabilitação, trabalhando muito e se tornando cada vez mais autossuficiente, e então chegava em casa, implorava para que Mila a ajudasse e desaparecia em seu quarto. O vinho e os remédios para dormir amenizavam sua dor, o suficiente para que conseguisse dormir. Noite após noite, ouvia a família do outro lado da porta, conversando, rindo, vendo TV. Eles tocavam a vida, viviam-na sem ela e, a cada risada, Jolene sentia-se afundar cada vez mais naquela escuridão abafada, até que começou a ter dificuldade em imaginar uma forma de conseguir sair de lá.

Ficava deitada na cama, desvinculada de tudo, sabendo que estava desistindo, se rendendo, mas incapaz de mudar. Em que ela poderia se agarrar? Quem a ajudaria a se levantar, em sua posição agora tão precária? Betsy e Lulu tinham medo da mãe; ela tinha medo de si mesma, da sua própria mente pouco confiável, que se desintegrava. Tami estava mal demais para oferecer ajuda e, não importava quantas vezes Jolene se dissesse que a queda não tinha ocorrido por falha sua, a culpa estava sempre ali à noite, um abutre à espreita. Ela costumava ligar para a Alemanha e falava com Carl, mas ambos sabiam que não era a voz dele que Jolene precisava tão desesperadamente ouvir. Suas conversas tinham se tornado mecânicas; a esperança tinha se esvaído.

Michael também a assustava, talvez mais do que tudo. Dizia todas as coisas certas, palavras que ela precisava escutar, mas não a amava de fato. Como poderia? Deixara de amá-la quando ela estava no auge da vida; como a amaria agora, no pior momento?

Tinha medo de que, se acreditasse nele em um momento de fraqueza, o último vestígio de orgulho que lhe restava fosse destruído.

Toda manhã Jolene jurava que seria melhor, mas à noite se via de volta ao quarto, tomando comprimidos para conseguir dormir. E ainda tinha os pesadelos.

– Você vem para o tribunal comigo hoje – avisou Michael uma manhã em meados de outubro, entrando no quarto sem bater.

– Não, obrigada.

Ele foi até a mesinha de cabeceira e pegou a garrafa de vinho vazia.

– Você pode andar ou eu carrego você.

Ela se sentou na cama.

– Eu não acompanho você no tribunal há anos.

– Hoje você vai. Minha mãe disse que cuida das meninas. Temos que pegar a balsa de 7h50.

– Mas Conny...

– Concordou.

Jolene o observou.

– Está bem – concordou, por fim.

Ela precisou de muito tempo para se aprontar, como sempre. Quando terminou, voltou para o quarto e se olhou no espelho de corpo inteiro.

De longe, provavelmente não chamaria a atenção. Só vendo-a de perto ou caminhando é que se percebia o pé feio de plástico.

– Você está linda – elogiou Michael, na entrada do quarto.

Ela deu um giro um pouco estranho sobre o pé bom. O marido a observou da cabeça aos pés, notando os cabelos soltos que iam até

bem abaixo dos ombros, o casaco verde de gola canoa que deixava só um pouco de pele à mostra e a calça preta que cobria a prótese.

– Talvez eu não esteja pronta para sair em público – disse ela.

– Está pronta, sim. Conny confirmou.

Michael lhe ofereceu o braço. Jolene o agarrou, deixando-o estabilizá-la enquanto caminhava devagar até a sala de estar, onde as meninas e Mila esperavam. O olhar desconfiado das filhas partiu mais uma vez seu coração.

Mila se levantou quando a nora entrou.

– Está com os remédios dela, Michael?

– Peguei tudo.

Mila se aproximou. Jolene não pôde deixar de notar que as meninas continuaram afastadas.

– Você consegue – incentivou.

Jolene sentiu uma onda de nostalgia, uma doce saudade de sua vida de antes. Quantas vezes Mila a tinha incentivado ao longo dos anos e ficado do seu lado? Fora ela que lhe dissera, diversas vezes, nos anos difíceis depois do nascimento de Betsy: *Continue tentando, sempre há esperança. Você vai ter outro filho, eu sei disso.* Um desejo antigo de deixar a sogra orgulhosa cresceu em Jolene; estava desgastado e em frangalhos, mas estava lá, e a sensação era boa.

– Obrigada, Mila – agredeceu Jolene, com a voz rouca.

Então seguiram caminhando; ela e Michael cruzaram a sala, passaram pela área de serviço e chegaram à garagem. Jolene entrou no carro com algum esforço – aquela maldita prótese temporária.

Ela queria tirar a prótese e massagear a perna, mas não tinha espaço suficiente. Na travessia de balsa, ficaram dentro do automóvel. Jolene permaneceu calada, observando a ilha, enquanto Michael lia as próprias anotações.

Quando a embarcação fez a curva, Seattle apareceu à sua frente, uma tiara de metal e pedras preciosas sobre as águas da Elliott Bay.

O céu matutino estava rosado, tingido de turquesa no horizonte. O elegante monte Rainier se erguia sobre a cidade, dignando-se a estar visível naquele dia.

Jolene esquecera como tudo aquilo era lindo e enorme. Ela via a linha de faróis de carros serpenteando pela estrada da Alaskan Way, passando sobre o antiquado viaduto de concreto.

Por favor, seja forte, pensou, subitamente percebendo que estaria de pé em meio a uma multidão e poderia dar encontrões.

Na Terceira Avenida, Michael parou em uma vaga bem em frente ao tribunal. Ela sabia que o marido pediria a um associado que mudasse o carro de lugar depois, mas ficou feliz por ver que ele entendia que Jolene precisava de distâncias curtas.

Michael deu a volta e abriu a porta do carona.

Ela entrou em pânico.

– Você consegue – encorajou ele com a voz calma, estendendo a mão.

Jolene apoiou-se e pisou na calçada. Quando ficou de pé, algumas nuvens se moveram, bloqueando o sol.

– Pode levar as muletas? – pediu ela. – Para o caso de eu precisar depois.

– Claro.

Ela começou a caminhada longa e lenta até o tribunal. Logo em seguida estava ofegante e suando. Concentrava-se em cada passo, ignorando a dor causada pelas bolhas.

Ela era lenta e seus movimentos, não muito elegantes, mas conseguira: estava andando até o tribunal por conta própria. O braço de Michael era só um ponto de equilíbrio.

Antes dos degraus de concreto, Jolene parou, respirou fundo e olhou para cima. A escadaria se erguia até o céu cinzento.

– Se você estiver atrasado...

– Eles esperam – respondeu Michael simplesmente.

Desta vez, ela se segurou bem no seu braço e subiu aos poucos. Degrau. Levanta. Avança. Pisa.

Não soube quanto tempo demorou – minutos, talvez –, mas pareceram horas. Enfim, entraram no tribunal. Michael conduziu a esposa até um assento atrás da mesa da defesa.

– Boa sorte – disse Jolene.

Ele sorriu.

– Obrigado.

Então Michael se afastou para juntar-se aos associados mais jovens e entusiasmados que estavam à mesa.

O tribunal foi se enchendo. Ela viu repórteres do lado de fora, com microfones a postos. Devia ser um caso importante. Podia ter perguntado do que se tratava.

Ao mesmo tempo que o oficial de justiça entrou na sala, apareceram quatro fuzileiros navais uniformizados. Sentaram-se ombro a ombro ao lado de Jolene, com as costas retas e os rostos sérios. Porém, antes que ela conseguisse entender o que eles faziam ali, o réu entrou.

Era um garoto de no máximo 25 anos. Porém, só de vê-lo, ela soube que era um veterano. Estava estampado em seus olhos.

O juiz entrou no tribunal, bateu o martelo e deu início aos procedimentos. O promotor levantou-se e começou a relatar o lado do Estado: uma história de raiva e violência, um amor com um fim trágico, uma jovem morta com um tiro na cabeça pelo homem que jurara amá-la. Mesmo sendo tão simples, a história demorou mais de uma hora, tanto que a perna de Jolene começou a doer. O pé inexistente pulsava de dor.

Finalmente chegou a vez de Michael. Ele ficou de pé e se dirigiu ao júri. Ao contrário do promotor, Michael falou de maneira descontraída, quase amigável.

– Keith Keller não é nenhum monstro. Se fosse um monstro, seria fácil. Bastaria trancarmos o monstro e nos sentiríamos seguros. Keith é algo ainda mais assustador. Keith somos todos nós. É seu irmão, seu filho, seu vizinho. – Olhou para os jurados, um por um. – Era um garoto popular na Wenatchee High School, um grande

jogador de futebol americano. Após um ano na faculdade, ele se casou com a mulher dos seus sonhos, Emily Plotner, e arranjou um emprego em um mercado local. Os patrões e colegas de Keith irão testemunhar que ele é uma ótima pessoa. Keith achava que sua vida estava caminhando muito bem. Ele e Emily começaram a pensar em ter filhos. Mas então veio o 11 de Setembro. Tenho certeza de que cada um dos senhores se lembra de onde estava quando ouviu a notícia dos ataques. Keith estava no trabalho. Soube quase de imediato que seu melhor amigo estava no voo 93.

Jolene foi se inclinando para a frente, atenta ao discurso.

– A maioria de nós queria poder fazer algo. Keith realmente fez. Ele se alistou como fuzileiro naval e foi combater o terrorismo no Iraque, onde viu alguns dos piores episódios da guerra. Todo dia via amigos serem mortos ou mutilados; todo dia se perguntava se o próximo passo que daria seria o último. Viu crianças e mulheres sorrirem para ele e, em seguida, explodirem. Recolheu partes do corpo de seu melhor amigo depois que uma bomba na beira da estrada despedaçou o jovem. Keith era um soldado. Até pouco tempo atrás eu não sabia o que isso significava, mas deveria, pois a minha mulher também é militar. Eu a vi partir para a guerra sem ter a menor noção da dimensão de tudo aquilo. – Michael se voltou e encarou a esposa. – Tenho orgulho do que ela fez.

Jolene prendeu a respiração. Ele estava falando com *ela.* Por isso que a fizera vir hoje. Para que ouvisse.

– Heróis – disse Michael em voz baixa. O mundo pareceu se desvanecer até que só restassem os dois, olhando-se nos olhos em meio a um tribunal lotado. – Eles são heróis, os nossos soldados, os homens e as mulheres que enfrentam o perigo para proteger a nós e o nosso estilo de vida. Não interessa o que pensamos sobre a guerra; temos que agradecer aos guerreiros, de quem exigimos tanto. A quem às vezes damos tão pouco.

Aos poucos, ele foi se voltando para o júri.

Durante quanto tempo Michael falara para ela, só para ela? Alguns segundos? Um instante? Pareceu uma eternidade. Quanto tempo esperara para ouvir aquilo, que ele se orgulhava dela? Sentiu os olhos marejarem e os enxugou com impaciência.

– Um soldado é ensinado a ser forte e corajoso – prosseguiu Michael com uma voz em que só Jolene detectava a emoção. – A não precisar de ninguém. Mas Keith Keller *precisava* de ajuda. Ele voltou para casa com problemas gravíssimos, sofrendo com pesadelos. – Michael voltou a olhar para a esposa e seus olhos demonstravam uma compreensão que ela nunca vira antes, uma compaixão que nada tinha a ver com pena. – Keith não deixava que ninguém o ajudasse, embora sua mulher tenha tentado. Mas como se ajuda alguém a enfrentar horrores que nós nem sequer imaginamos? E como um soldado consegue deixar a guerra para trás e retornar para casa, de verdade? Como nação, são essas as perguntas que precisamos nos fazer. Keith Keller pode estar sentado bem ali na nossa frente, mas na verdade nunca voltou do Iraque...

Durante a hora seguinte, Michael narrou os fatos do caso do ponto de vista da defesa, destacando o transtorno de estresse pós-traumático, a falta de ajuda e a raiva e o medo crescentes que Keller sentira.

– Os amigos e a família de Keith irão testemunhar que ele voltou da guerra mudado, com a mente instável. Ele pediu ajuda ao Departamento de Veteranos, mas não a recebeu, da mesma forma que tantos outros soldados. Tinha pesadelos terríveis, insônia e flashbacks. Bebia demais para mascarar esses sintomas, mas infelizmente o álcool só exacerbou seu problema. O nome disso é estresse pós-traumático, um transtorno psiquiátrico reconhecido. Ele já existia muito antes de inventarmos um nome clínico pomposo para ele. Na Guerra Civil, se chamava “coração de soldado”, e eu penso que é a descrição mais precisa. Na Primeira Guerra Mundial, se chamava “choque da bomba” e, à época da Segunda Guerra,

“fadiga de combate”. Em outras palavras: a guerra transforma todo soldado, mas em alguns deles deixa danos profundos. Assim como muitos soldados antes, Keith retornou agitado e hipervigilante, com raiva e tendências violentas. Os fatos irão mostrar que, no dia trágico em que ele levou a mulher ao mercado de Pike Place, ocorreram eventos que o fizeram lembrar a guerra. Até demais. Em um único segundo, Keith se esqueceu de onde estava, de quem era, e reagiu movido à adrenalina pura e ao treinamento militar. Nesse estado como que de fuga, ele atirou na mulher. Por quê? Não temos como saber, porque nem Keith sabe, mas testemunhas especialistas nos ajudarão a entender isso.

Michael concluiu dizendo:

– Naquele momento, Keith Keller não tinha a capacidade de decidir matar a mulher. Na sua cabeça, estava no Iraque, fazendo o que tinha aprendido. Ele nunca teve a intenção de matar Emily. Keith não tem que ir para a cadeia; precisa de ajuda. Este homem foi para a guerra para defender a *nós* e agora precisa da nossa ajuda. Como podemos dar as costas para ele? O que aconteceu naquele dia terrível foi uma tragédia, sem dúvida, mas não um homicídio. Obrigado.

Jolene enfim soltou o ar. Tinha ficado hipnotizada pelo marido e percebeu que o júri também. Dava para notar pela forma como o observavam com toda a atenção; não desviavam o olhar.

Quando ele se sentou, Jolene sentiu o feitiço se romper e recostou-se no banco duro de madeira. As palavras de Michael – sua compreensão – a surpreenderam e comoveram. Profundamente. Ela dedicara toda a sua vida adulta ao Exército, porém nunca fora capaz de compartilhar aquele mundo com o marido. Ali estava a origem da sua solidão, a separação, o início da ruína do casamento.

A promotoria chamou as primeiras testemunhas e, durante a hora seguinte, Jolene se esqueceu dela e de Michael e prestou atenção aos depoimentos.

Ao meio-dia, o juiz encerrou a sessão e Jolene se levantou, lembrando-se, tarde demais, que estava usando a prótese. O fuzileiro naval ao lado a segurou.

Seus olhares se cruzaram. Ele olhou para baixo.

– Al Anbar – explicou ela.

O homem assentiu, pegou as muletas e as entregou Jolene.

– Obrigada.

Posicionando as muletas, ficou de pé e deixou que as pessoas passassem por ela. Precisava de algo que lhe desse estabilidade em meio à multidão.

O tribunal estava quase vazio quando Michael tocou seu braço. Ela o olhou. Naquele instante, todo o amor e toda a paixão que Jolene sentira no passado a tomaram de assalto; ela não era mais capaz de reprimir aquilo.

– Quando você aprendeu tudo isso?

– Minha mulher foi para a guerra. Enquanto ela estava longe, eu me lembrei dela. Sinto muito por deixar você partir com... aquelas palavras. Eu devia ter dito tantas coisas... Entendo por que você não respondeu à minha mensagem, mas eu quero outra chance.

– Sua mensagem? Que...

– Você me dá mais uma chance, Jo?

Jolene engoliu em seco. Sua voz não sairia mesmo se ela soubesse o que dizer.

Um associado se aproximou e murmurou algo na orelha de Michael, que assentiu. Voltou-se para a esposa e falou:

– Keith gostaria de falar com você.

– Comigo? Por quê?

– Eu falei de você para ele. Acho que ele quer lhe dizer alguma coisa.

Michael a conduziu até uma sala nos fundos do fórum, onde Keith estava sentado na frente de uma mesa de madeira marcada, com os tornozelos e pulsos algemados. Quando Jolene entrou, ele ficou de pé; as correntes chacoalharam.

Keller era jovem demais e a dor em seus olhos a fez ir em sua direção. Deixou as muletas apoiadas na parede e caminhou os últimos metros até a mesa, onde se sentou de frente para ele. Quando tirou o peso da prótese, sentiu um alívio imediato.

– Chefe.

– Me chame de Jolene.

Ela estendeu o braço sobre a mesa para apertar a mão dele. Keith hesitou, mas então estendeu a mão algemada e apertou a dela.

– Ramadi – explicou ele. – Principalmente.

Era tudo o que o jovem precisava dizer. Jolene sabia o que ele tinha passado, como servira ao país. Keith patrulhara estradas cheias de explosivos, dia após dia, vendo as pessoas – seus amigos – serem despedaçadas. Fora "ensacador". Quantas missões heroicas ela teria feito por amigos dele?

– Há algo que eu possa fazer para ajudar? – perguntou Jolene gentilmente.

– Ajude a si própria, chefe. Era isso que eu queria dizer. Nós sabemos o que se passa na nossa cabeça, como é difícil pensar às vezes, como as noites são ruins. Eu devia ter contado tudo a Emily e me amparado nela. Mas não, eu fingi que estava bem. Achei que poderia me virar sozinho. Sou fuzileiro naval. E agora eu estou aqui... e ela está lá. – Inclinou-se para a frente. – A senhora tem filhos, não é?

Ela assentiu, recostando-se na cadeira.

– Não continue agindo como a senhora tinha que agir lá. Volte para as pessoas que a amam. Tudo o que eu queria era ter descoberto um jeito de fazer isso. – Aproximou-se mais e baixou a voz. – Converse com Michael. Ele é um homem de bem. Quer entender.

Jolene teria muito a dizer para aquele jovem ferido, mas, de certo modo, ele dissera tudo em poucas palavras. Keith a entendia: a dor, o medo, a relutância em demonstrar fraqueza. Ele estivera lá e, por causa disso, estava aqui.

Tinha coração de soldado.

Faz sentido que chamassem o TEPT assim antigamente. Era verdade. *Nós voltamos para casa destruídos*, ela pensou, *por mais fortes que sejamos...* O Exército devia tê-la treinado para isso. Eles preparavam muito para a guerra, mas pouquíssimo para o retorno.

Keith levantou-se. Olhando para ela, bateu continência. Para horror de Jolene, ela sentiu os olhos arderem. Balançou a cabeça.

– Eu não sou mais um soldado.

O sorriso de Keith era de partir o coração.

– Sempre vamos ser soldados, Jolene.



Quando retornaram, a casa estava vazia. Mila saíra com as meninas para jantar e deixara um recado dizendo *voltamos às 8* na mesa da cozinha.

Jolene foi mancando até seu quarto e se sentou na beirada da cama. Embora sentisse uma dor considerável, estava agitada, nervosa. O discurso de abertura de Michael fora sedutor, romântico e absolutamente aterrorizante por levá-la a acreditar, nem que fosse um pouco, que ele tinha mudado. No longo trajeto de volta, conversara amenidades com Michael. Ela ouvia suas perguntas e formulava respostas, mas ambos escutavam o eco de todas as palavras não ditas.

Michael bateu na porta do quarto dela e entrou. Jolene o encarou.

– Tem algo errado comigo – disse em voz baixa. Seu coração acelerou. – Estou com medo. – Ela nunca tinha sido tão sincera com o marido. – E se eu for como o Keith?

– Você não é assim.

– Como você sabe?

Michael foi até o lado dela. Tomando sua mão, a fez se levantar. Mantinha o olhar fixo nela e, na escuridão de seus olhos, Jolene viu o reflexo turvo de toda a sua vida juntos, o lado bom e o ruim. Ele se inclinou bem devagar para a frente, dizendo:

– Vou te beijar, Jolene...

Sabia que ele estava lhe dando uma chance de impedir, e uma parte dela queria afastá-lo, correr e proteger o que restava de seu coração. Mas não conseguiu.

O beijo foi tudo o que Jolene lembrava, tudo o que tanto desejara. Seu corpo reagiu a ele como sempre fizera.

Quando Michael se afastou, ela viu que o marido também ficara muito abalado. A respiração dele tinha se acelerado.

– Me diga que não é tarde demais para nós dois.

Jolene percebeu o apelo desesperado na voz de Michael, algo que nunca ouvira antes.

– Não é tarde demais – respondeu ela, tentando recuperar o fôlego. – Mas eu não estou preparada...

Ele sorriu, e era o seu sorriso verdadeiro, o que a arrebatara tantos anos antes. Quanto tempo fazia que Jolene não o via? Michael foi até a mesinha de cabeceira, abriu a gaveta e retirou um pequeno saco plástico. Houve um ruído metálico quando foi aberto, e ela soube o que havia lá dentro.

Como não pensara naquilo antes? Seus pertences. Tinham dado suas coisas para ele na Alemanha – as plaquetas de identificação, o relógio, a aliança. Michael retirou algo do saco antes de guardá-lo de volta na gaveta, que se fechou com um clique.

Jolene inspirou fundo, trêmula.

Ele se aproximou e pegou sua mão esquerda. Sem desviar o olhar, pôs a aliança de volta em seu dedo.

– Você vai estar – afirmou ele, e a certeza em sua voz tocou-a profundamente.

Jolene o viu se afastar e fechar a porta ao sair. Duas vezes quase o chamou, quase disse *eu me enganei, já estou pronta*, mas tinha muito medo.

Andou até o banheiro e se preparou para se deitar. Ao se cobrir com o edredom grosso, posicionou os travesseiros junto à perna residual e fechou os olhos. Aquele simples anel de ouro adicionou

um peso esquecido à sua mão. Pela primeira vez em semanas, foi dormir sem uma taça de vinho ou um sonífero. Keith estava certo. Ela seguiria seu conselho. Ela voltaria para aqueles que a amavam: seu marido, sua família. Era capaz. Ora essa, tinha ido para o Iraque, pilotara helicópteros em combate. Como era possível que voltar para casa fosse mais difícil do que ir para a guerra?

Seu último pensamento, enquanto pegava no sono, foi: *Amanhã eu vou começar de novo, Tami. Vou ser mãe de novo. Vou voltar para casa, finalmente.*

Vinte e seis



Jolene acordou com o sol que entrava pela janela e iluminava tudo no quarto, inclusive a taça de vinho vazia sobre a mesinha de cabeceira e a série de frascos laranja de remédios.

Hoje era o dia em que ela largaria tudo aquilo. Chega de comprimidos para dormir, chega de vinho para acalmar os nervos. Fechou os olhos e imaginou tudo em detalhes: se levantaria com confiança e iria até a cozinha preparar o café para as meninas. Depois as chamaria e conversaria com elas abertamente, explicaria que a guerra afetara a sua cabeça durante um tempo e minara suas forças, mas que agora daria conta. Diria que estava preparada para ser mãe de novo e que sempre, sempre as amara, mesmo no ápice da letargia. As filhas não entenderiam, talvez, não acreditariam de todo, mas seria um começo. A partir daí, ela lhes provaria que era verdade, melhorando a cada dia, fortalecendo-se e demonstrando seu amor. Não sentiria mais medo.

Saiu da cama, pegou as muletas e foi saltitando até o banheiro. Saiu de lá em apenas dez minutos, vestida para ir à reabilitação, com a prótese no lugar. Caminhou mancando até a cozinha, onde começou a fazer o café. Hoje era dia de panquecas, como nos velhos tempos. Pegou alguns mirtilos do congelador e começou a preparar a massa. De vez em quando, via de relance a aliança no dedo e sorria. A esperança estava mais próxima do que nunca.

Enquanto despejava porções da massa na chapa quente, ouviu Michael se aproximar às suas costas. Ele ficou bem perto e se

inclinou por sobre o ombro dela.

– Panquecas, é?

– É uma declaração de paz. Dava para eu ter aprendido física quântica enquanto esperava as panquecas ficarem prontas.

Sorriu e, durante um segundo, voltaram a ser um casal, e ela pensou: *Vamos conseguir.*

– Jo...

Ela queria ouvir o que o marido ia dizer, aproximou o rosto para escutar, mas o telefone tocou. Michael atendeu.

– Alô? – Era obviamente do escritório; ele franziu a testa, sentou-se e baixou a voz. – Quando?

As meninas entraram na cozinha fazendo um barulhão.

– Mamãe tá fazendo panqueca! – exclamou Lulu, com a testa franzida, mas logo abriu um sorriso quando viu que as panquecas tinham aparência normal.

Jolene se virou um pouco e viu Betsy com os olhos estreitados.

– A chapa está quente demais – falou a filha.

– Obrigado – disse Michael, desligando.

Jolene sorriu.

– Michael, Betsy acha que a chapa está quente demais. Explica para ela que eu já fazia panquecas antes de ela nascer?

Ele olhou fixo para a esposa, sem sorrir.

– É melhor você se sentar, Jo.

– Sentar? Por quê? Minha perna está ótima.

– Betsy, termine as panquecas – mandou Michael.

– Por que eu? – reclamou Betsy. – Por que eu sempre tenho que fazer tudo?

– Betsy! – falou ele tão rispidamente que Jolene franziu a testa.

– Michael? – chamou Jolene. – Você está me assustando.

Ele pegou-a pelo braço e a conduziu pela casa até o quarto. Quando ela se sentou na cama, olhou para o marido.

– É a Tami – explicou ele em voz baixa, sentando-se ao lado da esposa. – Ela faleceu esta noite.

Jolene não conseguia respirar. Viu Michael abraçá-la e consolá-la, passando a mão por suas costas, mas ela estava insensível a tudo, como se não estivesse ali de fato.

Durante mais de vinte anos, Tami estivera ao seu lado, dando-lhe forças quando ela fraquejava. *Estou na cobertura, piloto.*

E Seth... Ele cresceria sem uma mãe...

Jolene inspirou fundo, fazendo um ruído alto, e começou a chorar.

– Vai ficar tudo bem, Jo – garantiu Michael, acariciando seu cabelo.

– Não. – Ela se sentiu feroz de repente, selvagem. – Não vai ficar tudo bem. Minha melhor amiga morreu e a culpa é minha. Minha! Ela morreu e eu a deixei lá... – Sua voz falhou. – Não podemos deixar ninguém para trás.

– Jo...

– Estou farta de as pessoas me dizerem que vai ficar tudo bem. Não vai. Nunca vai ficar tudo bem.

A dor era insuportável e a corroía por dentro. Jolene foi cambaleante até a mesinha de cabeceira e pegou o remédio para dormir. Abriu o frasco e deixou caírem três comprimidos na palma da mão trêmula.

– Dormir vai ajudar – disse ela, com a voz irregular. – Eu vou me sentir melhor depois de uma soneca.

Era mentira. Ela não se sentiria melhor, mas precisava fechar os olhos e fugir daquela dor. Não tolerava aquilo. Não mais; não tinha forças. Seu coração poderia parar... mas ela se importaria?

Engoliu os comprimidos a seco e se enfiou na cama, desejando que fizessem efeito.

Michael se aproximou e a abraçou de novo. Ela sabia que o marido a julgava patética e problemática por tomar aqueles comprimidos, mas Jolene não ligava. Até porque era a verdade: ela estava destroçada e perdera toda a coragem.

Olhou para Michael por entre as lágrimas.

– Era para a gente envelhecer juntas. Íamos ser velhinhas, sentadas no deque em cadeiras de balanço, relembrando a nossa

vida...



No dia do enterro de Tami, Jolene não conseguia sair da cama. Assim que acordou, tomou duas taças de vinho. Mas elas não a ajudariam.

Ouviu um chuveiro ser ligado no andar de cima. Michael tinha acordado.

Descobriu-se, saiu da cama, pôs a prótese e caminhou devagar até a sala, consciente de cada passo, saliência, veio e marca do piso de madeira. Nas últimas semanas, fizera grandes progressos com a prótese; agora conseguia usá-la quase todo o tempo e seus movimentos ficavam mais firmes a cada dia.

No tapete de retalhos, ela colocou o pé falso com cuidado para não escorregar e então seguiu em frente. Subiu a escada. Segura, levanta, impulsiona, posiciona, pisa. Cada degrau exigia concentração e determinação fenomenais. Quando chegou à suíte, estava suando.

Jolene não deveria estar ali. O segundo andar estava proibido para ela. Ninguém sentia firmeza nela para subir a escada. Ninguém sentia muita firmeza nela para nada, aliás. E ela não tinha como não concordar.

Caminhou até o armário e abriu as portas de madeira. Suas roupas ainda estavam ali, perfeitamente alinhadas. A primeira que viu foi a vestimenta camuflada com a boina preta presa ao peito por um broche. Ela e Tami usaram-na quase todo dia no Iraque...

Ao lado estava seu uniforme social: blazer, saia até o joelho e blusa branca. Jolene o pegou e observou o blazer com os detalhes dourados, surpresa com a emoção que tomara conta dela.

– Jo? – chamou Michael, entrando no quarto. Tinha o peito nu e uma toalha em volta da cintura; o cabelo ainda estava molhado. – Você está chorando.

– Estou?

Ele foi até a esposa e pegou a roupa de suas mãos.

– Deixe que eu ajude você a descer. Minha mãe já deve ter chegado.

– Eu não vou conseguir.

O olhar dele era firme e acolhedor.

– Você consegue.

Michael segurou o braço dela e a manteve estável enquanto Jolene cruzava o quarto e descia para a cozinha, onde Mila os esperava à mesa, bebendo café.

– Eu vim ajudar você a se aprontar – disse ela com delicadeza.

Jolene se sentia vazia; tremia muito quando a sogra a segurou pelo cotovelo.

Mila a ajudou a entrar no boxe do chuveiro. Quando Jolene terminou e se enrolou numa toalha bem grande e felpuda, Mila a posicionou sobre o vaso e penteou e secou seu cabelo. A perna residual sobressaía como um taco de beisebol, ainda inchada e com as cicatrizes dos pontos, de um rosado forte. Mila enfaixou-a habilmente com a bandagem e a cobriu com a meia de gel.

– Um pouquinho de maquiagem iria bem hoje, não acha? Você está pálida e perdeu tanto peso...

Jolene assentiu, mas não se importava com isso.

– Fique ereta e feche os olhos – pediu Mila.

Jolene obedeceu e os abriu quando a sogra disse, e comprimiu os lábios. Não ligava a mínima para sua aparência, mas também não tinha forças para protestar.

– Prontinho. É hora de se vestir. Aqui. – Mila se ajoelhou na sua frente, segurando a saia.

Jolene levantou o pé esquerdo e o passou pela abertura da roupa, cerrando os dentes quando a sogra a fez deslizar pelo coto. Então ficou de pé e voltou a se sentar, fechando a saia antes de abrir os braços para vestir a blusa social e ajustar o colarinho preto por baixo da gola.

Mila falava o tempo todo, sobre o clima, jardinagem, receitas que experimentara. Tudo menos o evento para o qual estavam se preparando.

– Certo. Tudo pronto. Como eu me saí?

Jolene ergueu a saia e pôs a prótese. Segurou-se na barra ao lado do vaso e levantou-se. Girando com cuidado, olhou para o espelho atrás da porta.

Com uma blusa de um branco impecável, colarinho preto e farda ostentando suas condecorações, ela voltara a ser militar.

É a nossa formatura, piloto, acerte essa postura...

Mila abraçou Jolene, que se afastou. Não podia ser tocada agora. Sentia-se como uma porcelana antiga: bastaria uma leve pressão no lugar errado e ela se despedaçaria. Caminhou até a sala, onde Betsy, Lulu e Michael aguardavam, todos vestidos de preto.

Ao olhar para eles, percebeu que havia uma linha bastante tênue entre o que acontecera e o que poderia ter acontecido a ela. Jolene tinha sorte de estar ali. O marido e as filhas poderiam muito bem estar vestidos de preto para o enterro dela. Via em seus olhos que estavam pensando o mesmo.

Conseguiu abrir um sorriso, ainda que frágil, pois era o que se esperava dela.

A família se aproximou e rodeou-a. Jolene sabia que Michael já tinha colocado as muletas e a cadeira de rodas no utilitário. Ele também sabia o quanto ela queria andar por conta própria.

Talvez pensasse que ela desejava parecer estar inteira, ilesa, como um verdadeiro soldado. Mas a verdade é que Jolene ainda sentia dor ao caminhar e naquele dia queria essa dor. De algum jeito deturpado, era uma prova de que estava dando o melhor de si, de que tinha sobrevivido por pouco.

Ela andou mancando até a garagem – haviam se formado bolhas novas na ida ao tribunal.

Meio sem jeito, sentou-se no banco do carona e forçou a prótese a se dobrar no joelho. A bota feia sobre o pé desajeitado bateu com

força no tapete emborrachado do carro e ficou ali.

Jolene sabia que deveria dizer algo para os familiares agora. Eles precisavam ser tranquilizados e ter certeza de que ela ficaria bem.

Mas ela não estava bem e eles sabiam disso. Agora tinham medo de que Jolene estourasse, começasse a chorar ou a gritar, ou talvez até batesse em alguém.

Ela não se importava. O torpor tinha voltado e, desta vez, era bem-vindo.

Michael deu a partida no carro e acionou a porta da garagem, que se abriu ruidosamente atrás deles.

Lá fora, a chuva caía em linhas entrecortadas, tão finas e indistintas que só se sabia que estava chovendo por causa das batidas no teto. Michael nem ativou o limpador de para-brisa.

O rádio foi ligado. “Purple Rain” soou pelos alto-falantes.

Jolene olhou de relance para a esquerda e, durante um breve instante, Tami estava ali, balançando-se de um lado a outro, batucando com os dedos no volante, cantando *pur-ple rain... pu-ur-ple rain...* a plenos pulmões.

Michael se inclinou para a frente e desligou o rádio. Foi só quando ele a fitou, pôs a mão na sua coxa e apertou-a suavemente que ela percebeu que estava chorando.

Jolene o olhou e pensou: *Como vou enfrentar isto?*

Michael apertou sua perna de novo, demonstrando apoio.

Ela virou a cabeça para o outro lado e olhou pela janela. O carro ainda percorria a rua da baía e a água estava calma, reluzente e prateada como uma moeda nova. Quando chegaram à Front Street, o céu tinha clareado. Um sol pálido forçava a passagem por entre a camada cinza de nuvens, banhando-os com uma luz amarelada. Num piscar de olhos, as cores ganharam vida: as árvores verdes dos dois lados da rua pareceram absorver o sol e ter luz própria.

Na cidade, havia um engarrafamento.

– Todos estão com os faróis acesos – disse Michael.

– Mas não é de noite – replicou Lulu no banco de trás.

– É para Tami – explicou Mila em voz baixa.

Jolene lutou para se livrar do seu luto e olhar em volta. O automóvel fúnebre estava uns três carros à frente, avançando lentamente. Devia haver cem veículos atrás deles.

Agora estavam cruzando a cidade. Dos dois lados da rua, havia pessoas de pé na frente das lojas, agrupadas, acenando para o cortejo.

Havia bandeiras por toda parte, em postes e cercas. Fitas amarelas balançavam ao vento, amarradas nas maçanetas das portas, em canteiros de flores e antenas de carros. Um cartaz na vitrine da Liberty Bay Books dizia: adeus, tami flynn. que a viagem de volta seja tranquila.

Quando chegaram ao extremo oposto da cidade, poucos quarteirões depois, centenas de pessoas acenavam.

Então começaram as buzinas. Parecia uma sinfonia à medida que a fila de carros entrava no cemitério. Lá, no cume da colina sobre a baía, havia uma ampla vista: Puget Sound, a cidade, as Montanhas Olímpicas escarpadas cobertas de neve.

Após estacionarem, Jolene ficou sentada por tanto tempo que a família começou a se preocupar. Lançaram perguntas como se fossem pequenos dardos, até ela dizer que estava tudo bem, suspirar e sair do carro. Eles se misturaram à multidão; a maioria das pessoas estava fardada.

Jolene ouviu, vindo de trás, o ronco grave das motos Harley-Davidson. Ela não devia ter se virado, mas não resistiu. Ainda chegavam carros com os faróis acesos. Ali, no meio do trânsito, havia cerca de trinta motos em formação; enormes bandeiras ondulavam atrás delas – da Guarda, do Exército, dos Estados Unidos – e criavam um borrão de cores em movimento. Ela viu que os motoqueiros eram de todas as idades e a maior parte vestia uniforme.

Jolene tropeçou; Michael a segurou e estabilizou. Ela deu um sorriso tenso, endireitou os ombros e continuou andando. Ao

fazerem a curva, viram seu destino. Sobre uma saliência com vista para o estuário estava uma tenda verde apoiada em quatro hastes prateadas reluzentes. Abaixo, havia um caixão envolto na bandeira norte-americana.

Já havia centenas de pessoas em volta, de pé. Atrás deles, uma série de bandeiras: da Guarda, dos Estados Unidos, do Exército. Por último vinha a dos Raptors.

Jolene queria se apoiar em Michael e deixar que ele a envolvesse em seus braços, mas manteve-se ereta e ergueu o queixo sutilmente. Aquela talvez fosse a última vez que seria a subtenente Zarkades e jamais se perdoaria se desonrasse o uniforme.

Ao lado do caixão, ela viu Carl e Seth, ambos de preto, com a aparência apática e confusa, e a mãe de Tami, chorando.

Caminhou até Seth e o abraçou. Viu as lágrimas em seus olhos e precisou da determinação que ainda lhe restava para não cair em prantos. Concentrou-se em cada respiração e manteve a compostura com toda a sua força de vontade.

A cerimônia estava para começar. Michael a conduziu até uma das cadeiras dobráveis reservadas para a família. Era doloroso olhar para Seth e Carl enquanto eles se sentavam ao lado, mas ela olhou, desejando desesperadamente lhes pedir desculpas. Por incrível que pareça, a expressão de ambos só transmitia tristeza, não acusação. Isso só a fez sentir-se pior.

Em algum lugar, gaitas de foles começaram a soar.

Jolene fechou os olhos. Ouviu as notas altas e fúnebres do instrumento, ouviu o som abafado de botas marchando ao fundo e soube que os soldados vinham descendo a colina até o caixão.

– Estamos aqui para nos despedirmos de uma mulher especial. A subtenente Tamara Margaret Flynn...

Jolene ousou abrir os olhos.

O pastor da igreja de Tami estava de pé ao lado do caixão. Não usava microfone – ninguém esperara tanta gente –, mas as pessoas

fizeram silêncio no mesmo instante, até que tudo o que se ouvia eram as bandeiras ondulando na frente.

– Mas, para nós, ela não era Tamara, não é? Era só Tami, a menina que subia nas árvores com os garotos e corria como uma louca pela praia. Eu me lembro de quando a mãe dela se desesperou pensando se um dia ela pararia quieta e encontraria uma carreira.

Ele olhou para o alto da colina. Jolene sabia o que o pastor estava vendo: centenas de pessoas, mais da metade de farda.

– Mas ela encontrou uma carreira, e devo dizer que eu não me surpreendi que tenha descoberto sua paixão no céu. Ela amava voar. Uma vez me disse que não imaginava nada mais perto de Deus. – Olhou para as próprias mãos e depois de volta para o público. – Nós a perdemos, e essa é uma ferida que não vai fechar. Nós a perdemos em uma terra distante, fazendo algo que a maioria de nós não é capaz de compreender. Nós nos perguntamos como é possível tê-la perdido assim. Mas já sabemos a resposta: Tami era assim. Se alguém precisava de ajuda, ela era a primeira a aparecer. É claro que se punha em perigo. Essa era a nossa Tami.

Jolene ouviu Seth fazer um ruído ao seu lado. Estendeu o braço e tomou a sua mão. Ele apertou com força.

– Queremos hoje agradecer a Tami por sua dedicação, como amigos e como norte-americanos. Ela deu tudo de si para proteger a nação e é uma heroína. Mas já sabíamos disso, não é? Sabíamos que era uma heroína há muito tempo. A Seth e a Carl, a quem ela amava com uma intensidade que só se equiparava à sua coragem, eu digo: lembrem-se dela, dela toda. E, quando olharem para o céu, pensem nela ali, no azul que ela amava, ao lado do Senhor. Ela não gostaria de ver vocês tristes. – Ergueu o olhar para o céu e disse em voz baixa: – Adeus, Tami. Que a paz esteja com você.

O pastor foi para o lado, deixando passar um dos soldados uniformizados, que marchou até o caixão, retirou a bandeira e, junto com outro militar, dobrou-a cuidadosamente em uma forma quase

triangular. Então, bateu continência para Ben Lomand, que estava ali perto, e a entregou a ele. O capitão se virou e levou-a até Carl.

Jolene viu que as mãos do amigo tremiam quando ele as estendeu.

Duas fileiras de soldados apontaram as armas para cima e dispararam. Uma salva de 21 tiros. Carl levantou-se e caminhou até o caixão. Ficou um bom tempo ali, com a cabeça baixa; então pôs uma rosa vermelha na tampa de mogno brilhante. Seth foi o seguinte. A rosa que pôs sobre o caixão deslizou e caiu e ele se abaixou para pegá-la, recolocando-a ao lado da flor de seu pai. Um por um, os parentes de Tami foram dar o último adeus e deixar uma rosa.

Quando chegou a vez de Jolene, ela se levantou devagar. Sentia-se desajeitada, sem saber se as pernas a sustentariam.

– Você consegue – incentivou Michael.

Ela avançou com cuidado. Ao chegar ao caixão, parou e estendeu as mãos, tocando a madeira lisa. A rosa que segurava a espetou levemente com os espinhos. *Adeus, piloto. Vou sentir a sua falta...*

Colocou a flor junto às outras e se juntou aos cinco soldados que haviam se posicionado ao lado. As gaitas de foles começaram a tocar de novo, e Jolene observou os militares – seus amigos da Guarda – levantarem o caixão. Eles o levaram pelo gramado até o seu repouso final. Jolene caminhou próximo, mancando.

Seus olhos encheram de lágrimas e ela não conseguia enxergar bem, mas seguiu em frente, trincando os dentes para suportar a dor. O solo irregular ameaçava fazê-la tropeçar, mas ela continuou andando. Finalmente chegaram à cova.

As gaitas de foles silenciaram e a música se dissipou. No silêncio súbito, três helicópteros surgiram no ar, com os rotores zunindo e os motores roncando, e pairaram sobre todos.

Tchau, Tam. Faça um bom voo...

E acabou.

Vinte e sete



Na semana seguinte, Jolene sentiu que estava por um fio. O luto era tão aterrador que ela se forçou a ignorá-lo completamente. Com uma combinação de vinho e remédios para dormir, encontrou o torpor. Ia à reabilitação três vezes por semana e tentava se concentrar em sua recuperação, mas, na verdade, mal se importava. Em casa, tomava duas ou três taças e se enfiava na cama, puxando as cobertas até o queixo. Quando tinha sorte, dormia à noite. Outras vezes, ficava acordada na escuridão, solitária, relembrando a melhor amiga. Sabia quais eram os sentimentos da família em relação à sua letargia: Betsy estava furiosa, Michael, triste e Lulu, confusa.

Sabia que os estava desapontando de novo, e às vezes reunia forças para pensar nisso. Mas, de modo geral, apenas... desviava o olhar. Nem mesmo no Halloween conseguiu se levantar. Acenou para sua princesa e sua cigana e as viu partir com Mila e Michael para pedir doces.

– Muito bem, Jolene – disse Michael uma manhã, no início de novembro.

Ele entrou no quarto e abriu as cortinas, deixando que a luz a banhasse. Ela estava com uma dor de cabeça terrível. Teria tomado uma taça a mais na noite anterior?

– Vai embora, Michael. É sábado. Eu não vou à reabilitação.

– Você vai para outro lugar.

Jolene se sentou e piscou os olhos cansados.

– Aonde você pensa que eu vou?

Ele foi para o lado e Seth entrou no quarto. Estava todo vestido de preto – calça de cotelê enrugado e uma camisa de manga curta enorme, com um envelope enfiado no bolso – e tinha o cabelo preso em um coque de samurai com o qual só mesmo Johnny Depp ficaria atraente. *Meu filho é um desastre para escolher as roupas.* Jolene ouviu a voz de Tami tão alta e clara que prendeu a respiração. Por um segundo, pensou ter visto a amiga de pé no canto, de braços cruzados, o rosto iluminado por um sorriso.

– Sra. Z – disse o menino, aproximando-se.

– Seth – sussurrou ela, sentindo uma pontada de culpa – eu devia ter visitado vocês. É que eu estive...

– É. Eu também.

Jolene queria preencher o silêncio súbito e doloroso, mas não conseguiu.

– O armário dela – falou Seth por fim.

Jolene sabia o que ele vinha pedir, mas ela não era capaz.

– Querem que a gente libere. Meu pai nem sabe onde é. Você pode me levar até a base e ajudar a pegar as coisas?

Ela queria dizer não. Em vez disso, assentiu, os olhos ardendo de novo.

– Claro, Seth. Talvez na semana que vem...

– Hoje – disse Michael. – Vamos todos juntos.

Ele foi até a cama e estendeu a mão. Jolene olhou-a, com medo de deixá-lo tocar nela. Sentia-se absolutamente frágil. Mas Tami lhe pedira que cuidasse de Seth, e ela jamais desapontaria a melhor amiga. Tomou a mão de Michael, que a ajudou a se levantar. Ela o encarou por um instante e viu a força que o marido lhe oferecia, incapaz de tomá-la para si.

– Vou me vestir. – Jolene abriu um sorriso fraco para Seth.

No banheiro, ela se olhou no espelho. Seu rosto tinha se curado, mas ainda assim estava diferente. Mais anguloso. Mais duro. As maçãs do rosto eram cumes ossudos sobre os vales das

bochechas; os lábios estavam rachados e pálidos. E havia aquela cicatriz rosada pálida ao longo do maxilar.

– Você consegue.

É claro que consegue.

Era a voz de Tami de novo, tão próxima que Jolene se virou bruscamente, olhando atrás de si. Não havia ninguém.

Tomou banho, secou o cabelo e o enrolou em um coque e foi até o armário. Seu uniforme de combate estava bem à frente. Michael devia tê-lo trazido para baixo. Mas ela não era mais militar.

Cerrando os dentes, vestiu uma calça preta e uma blusa cinza de gola rolê. Quando chegou à sala, Betsy e Lulu estavam de pé ao lado de Michael. Seth estava mais afastado, os braços cruzados com força.

– Pronto – disse Jolene. – Vamos.

Caminhou mancando até a garagem e abriu a porta do carona do utilitário, sentando-se.

Logo em seguida, as crianças estavam no banco de trás: Seth e Betsy juntos, com Lulu à esquerda. Pelo retrovisor, Jolene viu Betsy cutucar o braço de Seth, que piscou, surpreso, e tirou os fones de ouvido. Ela se aproximou e sussurrou algo. Ele viu-a sorrir e arregalou os olhos.

Jolene desviou o rosto e olhou pela janela, observando a paisagem cinzenta, borrada. Volta e meia, Michael tentava iniciar uma conversa, mas ela não se dava o trabalho de responder e logo o marido desistiu.

Ela só conseguia pensar em Tami. Sua amiga deveria estar no carro agora, aumentando o volume do rádio ao máximo e dizendo: *E aí, piloto, hoje vamos de Prince ou Madonna?*

Quando chegaram à guarita, Jolene sentiu uma pontada de emoção – saudade, decepção, perda. Ela passara tanto da vida ali... Com Tami ao seu lado, sempre.

Estacionaram na frente do hangar. Jolene se preparou. Seria um dia difícil, e não só porque passar horas com a prótese temporária

tinha um preço. Desceu do carro e ficou ali, imóvel, aguardando Seth.

– Lulu tem que ir ao banheiro – avisou Michael.

Jolene assentiu.

– Fica naquele edifício. Primeira porta à esquerda. Nos encontramos no carro na volta. Não vamos demorar.

Michael se inclinou e lhe deu um beijo de leve no rosto, sussurrando:

– Você consegue, Jo.

Ela estremeceu ao sentir o toque dos seus lábios.

– Eu vou com a minha mãe e o Seth – disse Betsy em voz baixa.

Seth a olhou.

– Sério?

A menina deu um sorriso tímido.

– Sério.

Jolene se aproximou de Seth e pôs uma mão em seu ombro.

– Está pronto?

– Não sei.

– Bom, então somos dois.

Jolene os conduziu até o hangar. Na última vez que estivera ali, estava de partida para o Iraque...

Enquanto cruzavam a entrada para aquele espaço gigantesco, cheio de helicópteros, aviões de carga e pessoas fardadas indo de um lugar para o outro, Jolene parou.

Ela não tinha a intenção. Simplesmente viu o Black Hawk e não conseguiu mais se mexer.

É a minha vez de pilotar. Você vai no banco da direita, sem discussão.

– Jolene?

Ela olhou para o lado e, vendo o menino pálido e triste, esqueceu-se da sua própria perda por um minuto. *Faça com que ele saiba quem eu era.*

– Ela amava voar – disse Jolene em voz baixa. – E queria que você soubesse disso. Ela amava voar, mas... você... você era tudo para ela, Seth. Ela faria todo o possível para voltar para você. – Forçou um sorriso. – E ela cantava desafinada. Você sabia disso? Falando sério, os cachorros uivavam junto quando ela cantava.

Os olhos de Seth brilharam com as lágrimas.

Jolene observou o helicóptero, com a porta aberta e a parte de trás da cabine entulhada de correias e caixas de metal. Soltou a mão de Seth e avançou à frente. Não foi algo de fato consciente; ela apenas andou e observou a cabine.

A perna residual doeu, como um lembrete.

– Você ainda pode pilotar? – perguntou Seth, aproximando-se.

– Não um Black Hawk – respondeu ela e, de repente, lembrou-se de tudo: os treinamentos, Tami, levantar voo no céu azul, ver as árvores em flor embaixo. – Mas eu adorava – falou mais para si mesma do que para o garoto.

Quanto tempo ela ficou ali, encarando o seu passado, lamentando-se pela perda da perna e da amiga e pelo fim de uma época?

– Você nunca vai poder pilotar de novo? – indagou Betsy, parecendo surpresa.

Jolene não sabia o que dizer.

– Minha mãe diria que você pode tudo – afirmou Seth.

Jolene concordou. Aquelas poucas palavras trouxeram Tami para dentro do hangar tão nitidamente que ela quase sentiu o cheiro do seu shampoo de gardênia.

– Ela diria isso mesmo. E me daria um pé na bunda se nos visse aqui parados, chorando.

Seth enxugou os olhos.

– É.

– Vamos lá.

Ela o guiou pelo hangar até os armários. Betsy os seguiu, um pouco atrás.

Jolene andou mancando pela área estreita, com fileiras de armários metálicos em ambos os lados. No número 702, parou.

– Esse é o da minha mãe?

Jolene assentiu, sentindo Betsy chegar ao seu lado, e hesitou um segundo, mas então abriu o cadeado.

No fundo do armário havia um par de botas cor de areia, uma camiseta verde, um capacete e uma garrafa de água prateada. Uma foto de Seth e Carl, com as bordas encurvadas, estava colada com fita adesiva na parede interna. Jolene retirou os objetos e deu a foto para Seth.

Foi aí que ela viu o envelope. Havia só um: branco, comprido, com uma palavra escrita: *Jolene*.

– Eu sabia que ela ia escrever uma para você – disse Seth. Ele tocou no envelope enfiado no seu bolso. – É a carta “caso eu morra”.

Jolene não foi capaz de pegá-lo.

– Você acha que ela sabia? – perguntou ele, olhando-a.

– Não – respondeu Jolene, com a voz embargada. – Ela pensava que ia voltar. Ela queria tanto... Por você e por seu pai. – Respirou fundo. – Eu sei que eu não sou ela, Seth, mas vou estar do seu lado a vida toda. Se você precisar de qualquer coisa... conselhos sobre meninas, aulas de direção, qualquer coisa... pode me procurar. Podemos falar sobre tudo. Quando você estiver preparado, vamos conversar sobre a sua mãe, o quanto ela amava você e quais eram os sonhos que tinha para você. Eu mostro algumas fotos e conto algumas histórias.

– Quando *eu* estiver preparado?

Jolene sabia o que Seth queria dizer. Ela também não estava preparada ainda. Não conseguiria ler a carta de Tami até se sentir mais forte, até ter certeza de que a despedida não acabaria com ela. Bom, talvez ela nunca fosse capaz.

O julgamento de Keller chegou ao fim em meio a um chuvisco gélido no centro de Seattle. Michael lutou para que o júri desse as instruções que ele queria, e conseguiu. A promotoria retificou as acusações, incluindo homicídio tanto culposo quanto com culpa atenuada – um bom sinal para a defesa. Durante semanas, Michael convocou testemunhas e ofereceu provas sobre o TEPT. Argumentou com fervor que Keith era incapaz de formar a intenção necessária para cometer um homicídio doloso. Diversas testemunhas confirmaram o profundo amor de Keith pela esposa. Até mesmo a mãe de Emily admitiu, entre lágrimas, que sabia que havia algo de errado com Keith, que ele retornara *mal da cabeça* e a morte fora terrível e trágica, mas ela não via como a cadeia ajudaria em algo. *Vamos ter que aceitar isso*, concluiu, secando os olhos.

O próprio testemunho de Keith foi a melhor arma da defesa. Havia sido uma aposta arriscada chamá-lo para depor, mas Michael tinha consciência de que o júri só acreditaria em Keith se ouvisse a história em primeira mão.

Keith não tinha ficha criminal, nem brigas de bar, nem acusações de pequenos furtos na juventude, nada de errado que seu testemunho pudesse revelar. Fora um bom rapaz, que se tornara um bom homem ao qual a guerra tinha abalado. Ele contou que pedira ajuda ao Departamento de Veteranos e se sentira de mãos atadas. Chorou ao falar da mulher, embora parecesse nem notar as lágrimas. E concluiu: *Se eu não tivesse ido para o Iraque, talvez ainda trabalhasse no armazém e tivesse uma filha. Theresa. Era o nome que Emily já havia escolhido. Esse tipo de pensamento me assombra.* Nessa hora, vários jurados ficaram com os olhos marejados.

Michael tinha esperança – como todos os defensores têm – de que o veredicto fosse incrivelmente rápido ou muito lento.

Desta vez, seu desejo foi realizado. A deliberação do júri se estendia cada vez mais. Michael passou seis dias indo à cidade e sentando-se na sua sala. Lia relatórios, conduzia depoimentos e

esboçava recursos, sempre esperando. O pior daquilo era que ele precisava estar em casa, mas não podia.

Desde o enterro de Tami, Jolene caíra em um desespero que ele nem sequer imaginara e se embrenhara em um mundo negro inacessível. Os pequenos vestígios da reconciliação – aquele único beijo – se perderam entre os destroços do luto de Jolene. Ela bebia demais e tomava remédios para passar dias e noites dormindo. Acordava gritando no meio da noite, mas não aceitava ajuda. Quando Michael tentava, ela o empurrava para longe, encarando-o com uma expressão repleta de dor. As meninas se mantinham longe dela. Lulu chorava até pegar no sono, se perguntando o que tinha acontecido com a mamãe.

Michael estava no limite. Tentava dar espaço a Jolene e deixá-la processar a perda, mas ela estava puxando a todos para o fundo, afogando-os, e ele não sabia o que fazer.

O telefone tocou.

– Michael, o júri chegou.

Ele agradeceu à secretária e pegou o casaco. Em minutos, caminhava pela Segunda Avenida sob o chuvisco gelado. Pedaços de papel úmido e folhas escuras deslizavam sobre as ruas molhadas, grudando em janelas, pontos de ônibus e para-brisas.

Ao entrar no fórum, ele bateu os pés no piso de pedra e sacudiu a cabeça para tirar a água. Não muito longe dali, havia um amontoado de repórteres. Provavelmente chegariam mais. Na semana anterior, a CNN e a Fox News tinham exibido reportagens sobre o caso.

– Michael!

Eles o chamavam, lhe acenavam.

– Sem comentários, por enquanto – foi só o que disse antes de entrar no tribunal, onde se sentou à mesa da defesa.

Os Kellers estavam hospedados em um hotel próximo e chegaram poucos minutos depois.

Todos os assentos estavam ocupados quando um guarda entrou com Keith. Ele estava pálido e abatido após meses na prisão. Pôde

abraçar os pais rapidamente e então tomou seu lugar ao lado de Michael.

– Como você está? – perguntou.

Keith deu de ombros. Pela primeira vez, a postura de fuzileiro naval tinha desaparecido; agora ele era só um garoto prestes a encarar prisão perpétua ou algo pior: passar a vida aprisionado pelo que ele havia feito.

– De pé. – O juiz entrou e se acomodou.

O júri ocupou seu lugar. Michael tentou ver a resposta em seus olhos, mas ninguém se virou para ele – não foi um bom sinal.

– Chegaram a um veredicto quanto ao caso *Estado de Washington vs. Keller*?

– Chegamos – respondeu o representante do júri.

– O que decidiram?

Depois dos termos jurídicos do caso e do crime, continuou:

– Com respeito à acusação de homicídio doloso, o júri decidiu que o réu é inocente.

Michael soltou o ar e ouviu um burburinho atrás de si. O público cochichava.

– Com respeito à acusação de homicídio culposo, o júri decidiu que o réu é culpado.

A galeria toda se levantou. O juiz tentou manter o controle. Michael ouviu a Sra. Keller gritar.

– Nós vamos recorrer, Keith – disse logo Michael.

Keith o encarou e, de repente, pareceu ter envelhecido.

– Não vamos, não. Eu mereço isso, Michael. E não é doloso. Você fez um bom trabalho. Eles sabem que eu não quis matar Emily. Isso é o que importa para mim.

Ele se virou para o outro lado e foi abraçado pelos pais.

Os associados que trabalharam no caso cercaram Michael e o parabenizaram por ganhar contra o homicídio doloso. Ele sabia que aquele caso estabeleceria um precedente em Washington e se refletiria em todo o país. Era uma confirmação de que o júri

acreditava na existência de TEPT e que Keith não tivera a intenção de matar a mulher. Para os advogados mais jovens, que ainda não conheciam o abismo que às vezes havia entre a justiça e a lei, aquele resultado seria motivo de celebração. Para eles, era apenas uma vitória em condições excepcionais. Não pensariam mais naquele caso, exceto em termos técnicos. Não pensariam em Keith atrás das grades, sofrendo com os pesadelos.

– Eu mereço ir para a cadeia – falou Keith. – Eu disse isso desde o começo. Talvez você tenha razão sobre a guerra ter me perturbado, mas Emily morreu e fui eu que a matei.

– Você não teve a intenção.

– Não é a intenção que conta. São os atos. Meu instrutor no Exército dizia isso o tempo todo. Nós somos o que fazemos e dizemos, não o que desejamos fazer. Por diversas vezes, eu quis falar para Emily que eu estava com problemas, mas nunca consegui. Se eu tivesse contado a verdade, talvez tivéssemos uma chance. Obrigado, Michael. De verdade.

O oficial de justiça chegou e levou Keith embora.

Michael ficou ali até que todos os outros saíssem e o tribunal ficasse vazio. Os Kellers lhe agradeceram, assim como os Plotners, e ele não sabia o que responder. Fizera o melhor que pudera, e quase fora o bastante. Lembrou-se que seu pai dizia que os fantasmas eram a maldição dos defensores criminais, e ele sabia que este caso o assombraria. Michael se perguntaria para sempre se poderia ter feito mais alguma coisa, se teria errado ao pôr Keith no banco das testemunhas.

Durante todo o trajeto para casa, ele reproduziu em sua mente o julgamento, tentou acompanhar a lógica de diferentes escolhas e ponderou se alguma delas teria mudado o resultado. Então começou a construir o argumento para a próxima fase, pensando em como pedir uma sentença menor...

Porém, ao pisar em casa, tudo aquilo se esvaiu. Ele logo percebeu que as filhas estavam brigando. Lulu tinha os olhos vermelhos e

inchados, e Betsy gritava com a irmã.

– Ela NÃO manda em mim! – exclamou Lulu ao vê-lo, correndo e se atirando em seus braços.

Betsy revirou os olhos e se afastou, batendo os pés.

Michael não estava com ânimo para esse tipo de situação. Não naquela noite.

– Cadê a sua mãe? – perguntou, com a voz mais severa do que pretendia.

Lulu olhou-o por entre as lágrimas.

– No quarto dela. Ela detesta a gente.

– Eu tenho que falar com ela.

Tentou pôr Lulu no chão, mas a caçula se agarrou a ele feito um carrapato e chorou com mais força.

– Que saco, Lulu...

– V-você nã-não tá me dan-dando atenção...

– Desculpa. – Beijou o rosto molhado da filha e a forçou a ficar de pé. – Espere aqui – pediu ele, saindo da sala.

Foi até o quarto de Jolene, bateu na porta e a abriu.

Ela estava sentada na cama, o cabelo todo desgrenhado, segurando a carta fechada de Tami, olhando-a.

– Leia – disse ele, ríspido.

Jolene o ignorou. Michael viu a garrafa de vinho aberta na mesinha de cabeceira e, sem pensar, pegou-a, indo em direção à esposa:

– Já chega, Jo.

Ela estendeu a mão.

– Não...

– Não o quê? – gritou ele. – Você quer que eu não a ame mais? Que eu não ligue se você entrar em coma alcoólico?

Ela estremeceu diante da óbvia associação com Tami. Michael viu que o olhar de Jolene voltara a ficar vazio. Ela estava se afastando, carregando sua dor para aquele esconderijo interno escuro, ao qual ele nunca tivera acesso.

– Já chega! – repetiu Michael, gritando. – Eu fui um idiota antes de você partir. Eu admito. Eu fui um idiota, parti o seu coração e posso ter estragado o casamento. Talvez tenha estragado. Mas eu mudei, Jo. Eu mudei e você nem liga. Estou farto de me debater contra o seu muro de concreto. Você não colabora comigo em nada. Não demonstra nada pelas suas filhas. *Nada.* E você sabe como é, não sabe, Jo, ter pais que não dão a mínima para você? Se a gente terminar e esta família ficar arruinada, a responsabilidade é sua. Sua. Eu não sei mais o que fazer.

Ela olhou-o por entre as lágrimas.

– Você pensa que eu não sei?

– Me estenda a mão – pediu ele, a voz falhando. As lágrimas dela o tocaram, extinguiram sua raiva e o deixaram trêmulo, frio. – Peça ajuda, Jo. Fale comigo. Volte a ser a minha mulher.

– Eu não consigo.

– Então acabou... depois de tudo...

Jolene virou as costas para ele e se cobriu.

Michael ficou ali parado, indeciso, sentindo-se perdido e sozinho como nunca antes. Era pior do que estar em frente à cova do pai. Foi então que ele percebeu que Jolene era o sentido da sua vida.

Houve uma batida na porta. Ele não disse nada, mas a porta se abriu. Lulu apareceu, com o rosto banhado por lágrimas.

– Eu tô com medo, papai.

Com um suspiro, Michael foi até ela e a pegou no colo.

– Já passou, Lulu – mentiu, saindo do quarto de Jolene e fechando a porta.

Vinte e oito



No dia seguinte, Carl organizara uma “celebração da vida de Tami” para amigos e parentes. Jolene passara o dia todo agitada e zangada. Gritava com as crianças e chorava sem motivo. A briga com Michael a deixara praticamente fora de controle. Ela tentava conter as emoções com todas as suas forças. Uma dor de cabeça latejava no fundo dos olhos. Tomara duas taças de vinho, mas o tremor nas mãos não cessava. Ela devia ter ido para a casa de Tami às três da tarde, para arrumar comida, pratos e utensílios, ajudando a deixar tudo pronto. Cabia à melhor amiga ajudar o marido em um momento assim.

Jolene não tinha nada a oferecer. Estava tão vazia por dentro que se surpreendia toda vez que se olhava no espelho. Como era possível que as veias não aparecessem sob a pele pálida, que os ossos não estivessem visíveis?

Às sete, Michael bateu na porta do quarto e entrou, fechando-a atrás de si. Ela estava sentada na cama, de jeans e blusa branca, com o cabelo ainda úmido. Pela expressão dele, Jolene soube que estava com os olhos vermelhos.

– Você não tem que fazer isto, se não puder – disse Michael com a voz cansada, sem olhá-la nos olhos.

Ela percebeu o quanto o tinha magoado, ferido, e se envergonhou. Pensou na carta que tinha escrito para o marido antes de partir para o Iraque. *Eu te amei, do início ao fim.*

– Eu tenho que ir.

Ficou de pé sem muita firmeza. Michael foi para o seu lado no mesmo instante, segurando-a pelo braço. Quando ele a tocou, ela sentiu uma pontada dolorosa. Fora só há poucas semanas que ele a beijara? Que ela pensara *quem sabe?* e começara a se apaixonar de novo? Parecia fazer tanto tempo agora...

Ele a manteve estável até chegarem à sala, onde a sua mãe e as meninas aguardavam. Mila e Betsy seguravam travessas cobertas de papel-alumínio, e Jolene pensou: *Eu devia ter cozinhado.*

A famosa salada mexicana de sete camadas de Tami. Ela adorava...

Quase tropeçou; Michael a ajudou a se equilibrar. Atravessaram a casa e o quintal. Naquela noite fria de novembro, já estava escurecendo. Logo haveria orvalho congelado na cerca e sobre o gramado.

Passaram pelo portão e por um trecho de grama e subiram pela entrada de carros dos Flynns. Havia dezenas de automóveis estacionados na frente da casa. Pelas janelas, passavam feixes de luz.

Eu me amarro numa festa.

Ela ouviu a voz de Tami e sua gargalhada profunda... ou teria sido o vento entre os cedros?

Seth os recebeu; parecia tão confuso e abalado quanto Jolene. Ela viu o envelope enfiado no bolso do menino. Foi um lembrete da carta que a melhor amiga lhe tinha escrito, que estava escondida em uma gaveta na mesinha de cabeceira, ainda fechada. Pendurado no pescoço dele, estava um cordão com as plaquetas de identificação de Tamie.

– Fique com a sua mãe – disse Michael para Betsy.

Ele e Mila abriram caminho por entre as pessoas e levaram as travessas até a mesa.

– Que sorte a minha – murmurou Betsy.

Jolene mal ouviu. Ficou perto da porta. Ouvia conversas e até mesmo risadas, mas nada fazia sentido. Tami deveria estar ali. Era

a casa dela...

Havia gente demais na casa pequena; pratos de comida estavam por toda parte na cozinha e na sala de jantar. Quase toda a unidade da Guarda estava ali. Deus do céu, ali estavam os pais de Smitty, as expressões diferentes do normal, com o tipo de dor que restringe a circulação sanguínea e deixa a pele tensa. O que ela diria para eles? O que eles diriam para ela?

Um cavalete no centro da sala apoiava uma foto de Tami ampliada do tamanho de um pôster, de uniforme camuflado e com um largo sorriso aberto para a câmera, acenando para a família em casa. Jolene tirara aquela foto poucas semanas antes da queda... *Me mostre o seu sorriso de verdade, Tam, ande...*

Ela fechou os olhos, tentando não se lembrar. *Conte até dez. Respire.* Precisava falar com os pais de Smitty, dizer o quanto lamentava por sua perda e como seu filho fora corajoso. *Ele não sofreu.* Seria isso que eles gostariam de ouvir? Ou que fora destemido ou engraçado ou carinhoso?

Atrás dela, uma porta bateu. *Bam!* Jolene deu um grito. Em um instante, encontrava-se de novo em Balad, a base estava sendo atacada e um foguete passou zunindo sobre sua cabeça. Gritou para que Tami se protegesse e se atirou no chão.

A queda foi tão forte que ela perdeu o fôlego e ficou tonta.

Quando abriu os olhos, viu parte de um piso de linóleo branco e um mar de pés. Não havia botas... nem areia. Nada ali tinha cheiro de fumaça ou tiro de morteiro.

Extremamente envergonhada, Jolene percebeu que estava no chão da casa de Tami.

Sua família e seus amigos – e os soldados da sua unidade – estavam em volta dela, com latas de cerveja na mão, os sorrisos apagados, observando-a com um olhar preocupado. Falavam. Com ela ou entre si? Ela não sabia; as vozes eram só um ruído. Michael estava na cozinha, de pé ao lado de Carl. Uma música, “Crazy for You”, soava pelas caixas de som em um ambiente distante.

– Ai, meu *Deus* – exclamou Betsy, afastando-se de Jolene. – Qual é o seu *problema*?

Jolene viu que a filha estava mortificada.

– Desculpe, Betsy – murmurou, levantando-se devagar.

Estava tremendo e não conseguia respirar. Ela odiava a pena estampada nos olhos à sua volta. Sabia que devia dizer alguma coisa, inventar alguma desculpa patética, mas o quê? Pelo jeito como seus amigos a fitavam, tinha certeza de que todos eles sabiam que ela estava perturbada. Maluca.

Dirigiu-se à porta da frente mancando, empurrou-a e saiu na escuridão.

– Jolene, espere! – ouviu Michael gritar de dentro da casa.

Ela bateu a porta atrás de si e continuou andando pelo caminho de cascalho, cruzando o gramado que separava as propriedades. Estava quase em casa quando Michael a alcançou e a pegou pelo braço, tentando fazê-la parar. Ela o empurrou.

– Me deixe.

– Jolene...

– Não fale nada – disse ela, ríspida. Estava se perdendo, despedaçando-se. – Me deixe sozinha.

– Jolene, me deixe ajudar.

Ela o afastou, entrou em casa e seguiu andando até seu quarto. Girou para bater a porta e pisou de mau jeito, apoiou-se com força demais sobre as bolhas, e um acesso de fúria explodiu dentro dela, com tanta intensidade que a fez tremer. Queria arrancar a prótese, não suportava mais olhá-la. Apoiou-se no armário e a removeu, gritando ao atirá-la para o outro lado do quarto. A perna de plástico horrorosa atingiu um vaso que Mila lhe dera no Natal anterior e a linda porcelana azul e branca se espatifou.

Jolene começou a gargalhar, embora nada fosse engraçado, mas justamente o contrário, e não conseguia parar de rir. *Olhe, Tam... sem a perna!*

Queria cair de joelhos, mas não tinha como. Mais uma das tantas coisas que ela não podia mais fazer. Precisava de todas as suas forças só para se manter de pé ali, feito uma cegonha, oscilante.

Isso a fez gargalhar ainda mais. Então percebeu que precisava ir ao banheiro, mas havia atirado a perna longe, a cadeira de rodas não estava ali e as muletas estavam na área de serviço.

Xingando, avançou saltitando, sem jeito, apoiando-se nos móveis. No banheiro, viu-se de relance no espelho e desviou o olhar. Desabotoou a calça com as mãos trêmulas e a desceu até o tornozelo. Percebeu, tarde demais, que não estava tão perto assim do vaso sanitário.

– Merda.

Ela se aproximou, pisou em uma das pernas da calça e perdeu o equilíbrio. Sentiu o tornozelo se torcer. Ao cair de lado, agarrou-se na barra onde pendurava a toalha, arrancando-a da parede. Caiu no chão, batendo um dos ombros no canto da pia com tanta força que deu um grito.

Ficou ali caída um instante, zonza, com o ombro e o tornozelo latejando, e começou a berrar de frustração.

A porta do banheiro se escancarou.

– Jolene?

– Vá embora.

Michael se ajoelhou ao lado dela e tocou seu rosto.

– Meu amor... – disse ele suavemente, com a voz que ela tanto tinha amado, e ainda amava. Jolene sentiu uma solidão insuportável.

– Você está bem?

– Eu *pareço* bem?

– Amor... – repetiu ele, e de repente Jolene começou a chorar. A soluçar. Tentou parar, segurar aquelas lágrimas inúteis e ser forte.

Michael a tomou nos braços, acariciando seu cabelo. Soluços profundos sacudiam Jolene como uma boneca de pano, seu nariz começou a escorrer e ela não conseguia respirar. Chorou primeiro

por Tami, mas depois por tudo o que tinha perdido, até por seus pais e pela família que desejara ter quando era criança. Chorou por Smitty, por sua carreira perdida, pela perna amputada, pela melhor amiga e por seu casamento.

Quando enfim se controlou, sentiu-se fraca e trêmula. Afastou o rosto e viu que Michael também estava chorando.

Ele lhe deu um sorriso incerto e ela viu que precisava daquilo – precisava dele. Estaria se enganando se tentasse se convencer de qualquer outra coisa.

– Parece que você precisa ir ao banheiro.

Jolene riu. Só ela para ter a crise nervosa de sua vida no chão do banheiro, com o jeans enroscado nos tornozelos. *Tornozelo.*

– Pois é.

Ele se levantou e a pegou como se a esposa não pesasse nada e colocou-a sentada no vaso. Pegou um pedaço de papel higiênico e lhe entregou como se fosse uma perfeita rosa branca.

Jolene já tinha urinado na frente dele mil vezes desde o casamento, mas agora o ato parecia ser dolorosamente íntimo. Chegou a pensar em lhe pedir para sair, mas mudou de ideia. Não queria estragar o que quer que estivesse acontecendo entre eles.

Após terminar, deu a descarga. Michael se ajoelhou e a ajudou a subir a calcinha. Ela viu como o marido olhava para o coto envolto na meia de gel e sentiu um embrulho no estômago. Ele iria desviar o olhar...

Em vez disso, Michael retirou devagar a meia, e ali estava: o resto feio e arredondado do que já fora uma linda perna. Ele se inclinou para a frente e beijou a cicatriz rosa.

Quando ele ergueu a vista, Jolene viu o amor em seus olhos; não havia mais como negar. Embora parecesse impossível, seu marido voltara a se apaixonar. Ela tinha percebido isso naquele dia no tribunal, não tinha? Tinha percebido e sentido medo.

– Você sabe, não é?

Ela assentiu.

– Sem discussão – sussurrou ele, e então a pegou no colo e a levou para fora do banheiro.

Jolene achou que Michael a iria colocar na cama, mas ele continuou andando e saiu do quarto.

– Para onde você está me levando?

– Para a nossa cama – respondeu ele, subindo a escada com a esposa nos braços.

Jolene se agarrou a ele. Enquanto subiam a escada, pensou por que era uma má ideia que fizessem amor. Os médicos haviam dito que ela poderia *retomar a vida sexual* quando se sentisse preparada, mas como seria?

Queria dizer *pare, não estou pronta*, mas, ao ter esse pensamento, motivado por antigos medos, soube que era mentira. Estivera pronta para ficar com aquele homem desde o primeiro momento em que o vira. Em todos aqueles anos, isso nunca mudou. Eles tinham se magoado, se decepcionado, mas, ainda assim, aqui estavam, juntos depois de tudo. Jolene precisava de Michael agora, precisava que ele a lembrasse de que estava viva, de que não estava sozinha, de que não perdera tudo.

Ela tinha que acreditar no marido de novo; era a única chance que tinham. A única chance para ela. Não havia como se proteger da dor a não ser que deixasse completamente de amar, e isso Jolene não conseguiria. Bem que tentara. Ela queria o amor – descuidado, imprevisível, perigoso. Mesmo tendo o corpo ferido e o coração mais ferido ainda. Ela queria aquilo. Queria Michael.

Ele empurrou a porta do quarto e depois a bateu com o pé. Ao chegar à cama, parou, ofegando um pouco por causa do esforço de carregá-la até lá. Nos olhos de Michael, ela viu a mesma paixão intensa que já fizera seu corpo estremecer ao toque dele e que a trouxe de volta à vida, mas também viu medo e preocupação. Deitaram-se juntos.

– Eu te amo, Jo – disse ele com simplicidade, embora ambos soubessem que essa declaração não tinha nada de simples.

– Eu também te amo, Michael – respondeu ela, com a voz falhando. – Sempre amei.

Ele a tomou nos braços e a beijou. O corpo de Jolene ganhou vida com o toque, se abriu para Michael, e ela disse o seu nome num gemido e pressionou seu corpo contra o dele. Puxou-o para mais perto, desejando-o mais do que nunca antes.

Michael deslizou a mão sob a blusa dela e abriu o sutiã. Jolene respirou fundo, tentando juntar coragem. Ela o desejava, queria aquilo, mas também estava assustada. Como o amor seria com aquele corpo novo? Será que ele ainda a desejaria?

A luz do luar atravessava a janela e iluminava as pernas pálidas de Jolene. As coxas agora tinham o mesmo tamanho, pois o inchaço havia diminuído: uma era seguida de joelho, panturrilha torneada e pé. A outra...

Ela raramente se permitia olhar para aquilo. Naquele instante encarou o coto e soube que Michael estava fazendo o mesmo. Lulu tinha razão: a perna lembrava uma bola de futebol americano.

– Talvez a gente tenha que... inovar – disse ela.

– Eu adoro inovar – murmurou ele em resposta, passando a mão pelo quadril dela e descendo pela coxa.

O toque a eletrizou. Jolene tirou a blusa, o despiu e fez com que seus corpos ficassem alinhados, sentindo que cada parte sua ansiava por Michael. Passou a mão pelo peito dele, sentindo-o, relembrando. O beijo ficou desesperado. Deslizou os dedos sob o calção dele.

Já sentira um desejo tão intenso antes? Não se lembrava, mas agora ele tomava conta dela, lutando para ser libertado.

Michael conhecia o corpo da esposa tão bem quanto o seu próprio, sabia quando e onde tocá-la, sabia como levá-la até aquele limite que une prazer e dor. Não importava que eles precisassem fazer tudo de um jeito um pouco diferente, que às vezes ela precisasse se posicionar com a ajuda de travesseiros. Deitada de lado, agarrou-se a ele, com a respiração cada vez mais rápida e profunda, sentindo-o

dentro dela de novo, preenchendo-a. Arqueou-se e o beijou; seus rostos estavam molhados com as lágrimas um do outro. Tudo terminou com tanta intensidade que ela gritou; parecia que todo o seu corpo se erguera, impulsionado por um vento obscuro, e depois descera flutuando até a cama macia que dividira com aquele homem durante tanto tempo de sua vida. Depois, Jolene se aconchegou em Michael, o corpo suado, exausto, e ficou deitada enquanto ele lhe acariciava o braço, com o rosto contra seu peito, relembrando a sensação das lágrimas dele em sua face e seu beijo salgado.



– Posso fazer uma pergunta? – disse Michael depois de um tempo, quando estavam deitados juntos, ainda aquietando a respiração.

– Claro.

– Por que você nunca respondeu a minha mensagem?

– Que mensagem?

– A que eu mandei para você no Iraque, alguns dias antes da sua queda.

Ela franziu a testa.

– Eu não recebi nenhuma mensagem sua lá. A última semana foi uma loucura, com missões constantes, e a internet vivia caindo. Eu abri o meu e-mail só uma vez depois de voltar para cá e tinha centenas de mensagens de condolências pela minha perna. Eu não aguentei ler. Nunca mais liguei o computador. O que você escreveu?

– Que eu queria outra chance.

Jolene tentou imaginar o que isso teria significado para ela então, quando estava tão longe de casa. Teria acreditado nele?

– Como você se apaixonou por mim enquanto eu não estava? – perguntou ela, o corpo apertado contra o do marido, o queixo apoiado em seu ombro.

Michael passou um dos braços por baixo dela e a puxou para mais perto.

– Depois que meu pai morreu, fiquei deprimido, e você vivia sempre tão alegre... Você me dava conselhos que eu não conseguia seguir, como *tenha pensamentos bons e não se esqueça de sorrir*. Com toda a sinceridade, eu detestava aquela baboseira. – Ele a olhou. – Eu estava infeliz e foi fácil culpar você.

– Eu achava que a gente era capaz de espantar o luto com força de vontade. Foi isso que eu fiz com os meus pais. Ao menos eu pensava que tinha feito isso. Mas a verdade é que eu conheci a perda, mas não o luto. Agora, sim. – Ela levantou o queixo para fitá-lo melhor. – Eu deixei você na mão.

Ele lhe deu um beijo carinhoso na testa, bem devagar.

– E eu deixei você na mão.

– Nós temos que conversar mais desta vez – disse Jolene. – Conversar de verdade.

Michael anuiu.

– Eu quero que você me conte do Iraque. Pode fazer isso?

Seu instinto era responder *não, você não quer saber* e protegê-lo.

– Deixo você ler o meu diário – falou ela. – E eu também preciso falar com aquele médico. Acho que eu preciso de ajuda.

– Você vai sair dessa, Jo. Você é a pessoa mais forte que eu já conheci.

– E Betsy? Como eu a convenço a me perdoar?

Ele sorriu.

– Você pilotou um helicóptero em combate. Você dá conta de uma menina zangada de 12 anos.

– Eu fico com o combate.

Estavam rindo quando alguém bateu na porta. Aliás, a esmurrou.

Michael saiu da cama e vestiu a calça. Fechou o zíper enquanto abria a porta.

– Mãe – disse ele, dando um sorriso amarelo.

– É a Betsy – explicou Mila. Estava segurando Lulu no colo, que descansava a cabeça no ombro da avó. – Ela sumiu. Não está em lugar algum.

– Como assim? – perguntou Michael, pegando uma camiseta do chão e vestindo-a. – Com certeza ela está no quintal ou aqui por perto.

– Sumiu? – Jolene se sentou, segurando o lençol sobre o peito nu. Não entendia como Michael podia estar tão calmo. Mila olhou para a nora com um ar benevolente.

– Depois do... incidente na casa da Tami, houve muito burburinho. As pessoas estão preocupadas com você, Jo. Mas enfim, eu estava acalmando a Lulu, que queria saber por que você se atirou no chão, e, quando ela sossegou, fui procurar a Betsy. Passei um bom tempo vasculhando a casa. A questão é que ela e o Seth sumiram. Procuramos por toda parte. Carl está desesperado.

– Eu vou dar uma olhada na casa – avisou Michael.

Ele saiu do quarto correndo. Jolene se levantou da cama e foi até o armário. Encontrou um jeans e um casaco branco e se vestiu o mais depressa que pôde. Michael voltou com a prótese e eles desceram a escada. Aquela perna falsa desajeitada nunca a incomodara tanto.

Carl os esperava na sala, parecendo agitado. Mila estava ao lado dele, com Lulu no colo.

– Eles fugiram – disse Carl para Jo. – Eu os ouvi conversando, pensei *Que bom, voltaram a ser amigos* e fui buscar outra cerveja. Não sei quanto tempo passou até eu procurar o Seth de novo. Foi só quando as pessoas começaram a ir embora que reparamos. Eu devia ter percebido.

– A árvore dos Harrisons – falou Michael. – Lembra a última vez que a Betsy fugiu? Seth a achou na árvore em frente à doca dos Harrisons.

Jolene encarou o marido.

– Da última vez que ela fugiu?

Michael pareceu nem ter ouvido. Carl assentiu e os dois partiram. Jolene os seguiu só até a varanda.

Estava frio e escuro lá fora. Não havia estrelas. Ela se apoiou na balaustrada, tentando enxergar em meio às trevas. Mila foi até o seu lado, carregando a neta.

– Vamos achá-la, Jolene – animou ela. – Adolescentes fazem esse tipo de coisa.

Esse tipo de coisa: sair correndo no escuro, onde só Deus sabe o que poderia acontecer. Se Jolene tivesse sido uma mãe melhor nas últimas semanas, elas não estariam ali, observando a noite fria e rezando. Ouviu Lulu soluçar e se voltou para a filha.

– Ela fugiu de novo – choramingou Lulu.

Abrindo os braços, Jolene sussurrou:

– Venha comigo, querida. Deixe a mamãe segurar você.

Lulu arregalou os olhos marejados.

– Verdade, mamãe?

A voz de Jolene falhou.

– Verdade.

Lulu se atirou para a frente com tanta força que Mila tropeçou para o lado. Jolene segurou a caçula e a abraçou com força, respirando aquele cheirinho de menina, de shampoo infantil e sabonete.

Sentiu os soluços de Lulu, e tudo o que podia fazer para ajudar era apertar ainda mais o abraço e ficar repetindo que ela estava no colo da mamãe e que tudo ia ficar bem. Enfim, Lulu ergueu o rosto. Seus olhos escuros estavam repletos de lágrimas e as bochechas úmidas reluziam.

– Você assustou a gente, mamãe.

Jolene afastou os cabelos do rosto de Lulu.

– Eu sei, gatinha. A guerra deixou a mamãe meio maluquinha. Mas eu vou melhorar.

– Promete?

A confiança nos olhos de Lulu foi um bálsamo para o espírito desanimado de Jolene. Queria dizer *prometo*. Era o que teria feito

antigamente: esquivar-se e fingir. Mas as promessas eram frágeis, e o futuro ainda mais.

– Eu prometo que vou fazer tudo o que eu puder para ser a mamãe que eu era antes. Mas talvez eu precise da sua ajuda. Às vezes, se eu ficar... sabe, meio maluquinha, você vai ter que levantar as mãos, dar de ombros e dizer: *Minha mãe é assim mesmo.* Você acha que dá para fazer isso?

Lulu ergueu as palmas rosadas das mãozinhas, deu de ombros e disse:

– Minha mãe é assim mesmo.

– Perfeito – elogiou Jolene, dando um sorriso incerto.

Então, Carl e Michael emergiram da escuridão do outro lado da rua e apareceram na entrada de carros, caminhando devagar para casa. Betsy e Seth não estavam com eles.

– Cadê ela? – perguntou Lulu.

O medo de Jolene se intensificou; ela já estava prestes a entrar em pânico. Deu um beijo na caçula e a entregou para a sogra.

– Você pode levá-la para a cama, Mila? Por favor?

Mila assentiu e carregou a menina para dentro de casa. A porta de tela se fechou depois de sua passagem. Jolene se reuniu aos homens na ponta da varanda.

– Não estavam lá – disse Carl. – E nem havia sinal de terem estado ali. – Consultou o relógio. – São dez horas. Não é melhor a gente chamar a polícia?

Jolene sentiu um arrepio em todo o corpo. Betsy estava em algum lugar lá fora, de noite, fugindo de uma família que não fazia mais sentido para ela, de uma mãe em quem não podia mais confiar. Foi até a balaustrada e olhou para a rua. *Volte, Betsy. Eu explico tudo para você, por favor...*

Michael foi até o lado dela e passou um dos braços pelos seus ombros. Jolene não pôde deixar de pensar que, antes de tudo isso, teria rejeitado aquele carinho e estaria andando de um lado para

outro, tentando controlar uma situação que não estava em seu controle. Agora ela se recostou nele.

Quanto tempo ficaram ali? Tempo suficiente para Michael e Carl telefonarem para todos os que conheciam e para Mila deixar Lulu na cama e voltar para a varanda, enrolada em um xale de lã roxo e rosa. Tempo o bastante para avistarem amigos e parentes virem da casa de Carl e se agruparem ao longo da cerca e para verem o veículo da polícia vindo em sua direção.

Jolene apertou a balaustrada com força, tremendo de frio. Lembrou-se de outra noite como aquela, havia muito tempo, quando estivera em outra varanda, sozinha, assistindo aos pais partirem. Nunca voltara a vê-los.

Tami, traga ela de volta para mim.

A viatura parou na entrada. As luzes vermelhas e amarelas do carro se apagaram, deixando tudo na escuridão. Dois policiais uniformizados saíram.

Michael puxou Jolene para mais perto. Estaria pensando na noite em que fora informado do acidente dela? Ben Lomand não lhe dera a notícia à noite?

O homem mais velho pegou um bloco de notas.

– Recebemos um chamado por causa de crianças desaparecidas.

Crianças desaparecidas.

Jolene apertou o parapeito da varanda com tanta força que sua mão ficou insensível. *Pense, Jolene. Você conhece a Betsy. Para onde ela iria?*

Ela ouviu as perguntas e as respostas; descrições, nomes, lugares favoritos, motivos que poderiam ter para fugir. Ouviu a pausa após essa última indagação e, então, Carl, hesitante, falou:

– Estávamos fazendo uma celebração em memória da mãe do Seth hoje. Ela morreu no Iraque. Jolene teve um... ahn... flashback e se atirou no chão. Isso causou um certo... não sei... deixou as crianças chateadas, eu acho. Mais tarde, eu ouvi Seth dizer para Betsy: *Minha mãe nem parece ela mesma nessa foto*. Foi a última

vez que eu me lembro de ter visto os dois. Deviam ser oito e meia ou nove horas. Não tenho certeza. Havia muita coisa acontecendo ao mesmo tempo.

Jolene ergueu o olhar de repente.

– O que você disse, Carl? O que Seth disse sobre Tami?

– Ele ficou bravo comigo por usar aquela foto do Iraque e gritou *Essa não é a minha mãe. Nem é o sorriso verdadeiro dela.* Eu devia ter dado ouvidos a ele, e aí Betsy disse: *Minha mãe não sorri desde que voltou.*

– Eu sei onde eles podem estar – afirmou Jolene.

– Onde? – perguntou Carl.

– Eles querem ver as últimas fotos nossas – respondeu ela, com a garganta apertada. – A última vez que viram as mães.

– O Crab Pot – concluíram Michael e Carl juntos.

– Vão vocês – disse Carl para Michael. – Eu fico aqui, caso vocês estejam enganados.

Jolene e Michael já estavam tomando providências, entrando em casa, pegando a chave do carro. Em instantes estavam virando na rua da baía. Não disseram nada no trajeto pela orla. Em certo momento, Jolene pôs a mão na coxa dele, sentindo necessidade de tocá-lo.

– Se alguma coisa acontecer com eles...

– Não fale isso, Jo.

Pararam no estacionamento do Crab Pot, que estava vazio. Dois postes solitários lançavam feixes de luz contra o asfalto.

Michael correu e Jolene seguiu mancando o mais depressa que pôde até a porta da frente, que estava entreaberta. A janela ao lado estava quebrada. Havia cacos de vidro nas tábuas desgastadas.

Uma luz tênue brilhava no interior escuro.

Michael abriu devagar a porta, que rangeu em protesto.

Seth e Betsy estavam juntos contra a parede, segurando fotografias Polaroid iluminadas por uma lanterna. Jolene ouviu Seth dizer em voz baixa:

– Está vendo o sorriso dela, Betsy? Essa é ela.

O alívio de Jolene foi profundo, mas durou pouco. Ela devia ter sido sincera com as filhas desde o início. Devia tê-las alertado de que a guerra poderia feri-la, mudá-la, transformar a todos eles. Protegê-las do inevitável só tinha aumentado a dor e a confusão e causado aqueles problemas colaterais.

– Ei, Betsy – chamou Jolene em voz baixa.

Betsy viu-a e fez uma careta.

– A gente paga pela janela, não se preocupem – disse ela.

– Não estamos preocupados com a janela – respondeu Michael.

– Eu tinha que sair de lá – explicou Seth, com lágrimas nos olhos. – Todos estavam contando histórias sobre ela na Guarda. E eu estava com tanta saudade que não aguentei. Eu queria ver o rosto dela como eu lembrava. Betsy foi a única que entendeu.

– Uma boa amiga é assim mesmo – disse Jolene.

Betsy engoliu em seco, encarando-a. Ergueu a fotografia da sua família, que tremia ligeiramente em sua mão.

– *Ela* nunca voltou.

– Venha aqui, Betsy – pediu Jolene.

O pedido pareceu aterrorizar a menina, que segurou uma das mãos de Seth como se temesse ser sugada por um redemoinho se a soltasse. Depois de tudo o que havia acontecido naquele ano, ela estava sendo prudente. Todos tinham se tornado Dorothys, levados por um tornado. Quem sabe onde iriam aterrissar?

– Vamos fazer o seguinte – falou Jolene, então. – Vamos levar o Seth para casa e, depois, eu e você vamos conversar.

– Você vai mentir e dizer que tudo vai ficar bem? – perguntou Betsy.

– Não – respondeu Jolene em voz baixa. – Não vou mais mentir para você.

Levaram quase uma hora para resolver tudo ao voltarem para casa. O tempo todo, Jolene pensou no conselho que o jovem Keith Keller lhe dera: *Volte para as pessoas que a amam.* Finalmente, era hora de Jolene fazer isso e, para ser sincera, sentia medo, e não era pouco.

Quando Carl, Seth e a polícia enfim foram embora, Jolene olhou para Betsy, que estava de pé no fim da varanda, enrolada em um grande cobertor.

– Podemos conversar agora? – perguntou em voz baixa.

Betsy assentiu, embora não parecesse feliz com a ideia.

Jolene levou a filha pela mão até a sala. Na frente do sofá, Betsy soltou-se e ficou em pé enquanto a mãe se sentava. Michael deu um beijo nas duas e foi para cima. Jolene ouviu seus passos nos degraus e depois o piso do segundo andar ranger.

Elas ficaram a sós.

– O que você quer falar? – indagou Betsy, mantendo-se afastada.

Ela ainda tinha as bochechas vermelhas de frio e o olhar desconfiado. Pela primeira vez, Jolene reparou nos pequenos brincos de pérola rosada.

Franziu a testa.

– Você furou as orelhas?

– Eu estava esperando você reparar, mas acho que você precisa me olhar para ver.

– Eu sei, mas...

– Você não estava aqui. E eu já tenho praticamente 13 anos.

Foi um claro lembrete de todo o tempo que ela não passara com a filha e dos problemas que enfrentavam agora. Na ausência de Jolene, a vida seguira em frente; Michael assumira sua função e guiara a família, tomando decisões no dia a dia. Jolene nunca quisera se afastar das meninas por nenhum motivo, mas ainda assim tinha partido. De certo modo, as abandonara, e Betsy não a perdoava.

– Não – disse Jolene devagar. – Eu não estava aqui. E eu lamento muito por isso, Betsy.

– Eu sei que você lamenta.

– Mas não é suficiente. O que é suficiente?

Betsy desviou o olhar.

– Eu não quero ter esta conversa.

– Venha aqui, querida – pediu Jolene com delicadeza.

Betsy avançou, fria.

– Mais perto.

Betsy balançou a cabeça.

– Você está brava comigo por ir embora... e por me machucar.

Betsy deu de ombros.

– Tanto faz.

Jolene não desviou o olhar, ainda que a dor nos olhos da filha fosse terrível.

– Eu sei que não sou a mãe de que você se lembra, a mãe que você quer. Eu sei que você está brava comigo. E eu mereço, Betsy. Não por ir para a guerra. Eu tive que ir. Mas por quem eu me tornei desde que voltei. – Ela se levantou, tentando não mancar, e estendeu o braço, segurando a mão morna e macia da menina. – Desculpe por assustar você. Ou por envergonhar você.

Os olhos de Betsy se encheram de lágrimas.

– Eu li a última carta da Tami para o Seth. Você escreveu uma para mim?

Jolene queria mentir, dizer *imagine, é claro que não, eu nunca deixaria você*, mas prometera parar de mentir e fingir.

– Escrevi. Foi a coisa mais difícil que eu já fiz, pensar em deixar você, Lulu e o seu pai.

– O que dizia?

– Um monte de palavras, histórias e conselhos, eu acho. Eu tentei dizer tudo o que você poderia precisar saber sem mim. Falei sobre a minha vida, os meus pais, a infância que eu tive, e sobre como o amor e a maternidade me transformaram. Falei que tinha medo de ir

embora. Coisas que eu devia ter dito para você antes de ir. – Olhou para Betsy. – Eu disse que eu amo você de mil maneiras diferentes.

– E ainda ama?

Jolene sentiu os olhos marejarem. Não pôde deixar de se perguntar por quanto tempo a lembrança daquela pergunta a assombraria.

– Eu vou amar você para sempre, Elizabeth Andrea Zarkades. Talvez eu faça bobagem, grite, te envergonhe, mas nunca, *nunca* vou deixar de te amar. Você é a minha primogênita. Quando eu segurei você no colo pela primeira vez... – Sua voz falhou e as lágrimas começaram a escorrer. – Eu senti um amor tão forte que o meu coração não coube no peito.

O abraço foi tão repentino que Jolene tropeçou para o lado e quase perdeu o equilíbrio, mas segurou-se à filha até se estabilizar. Apertou a filha, sentindo o aroma familiar daquele cabelo castanho-claro e os soluços de Betsy.

Jolene sabia que haveria mais brigas, provavelmente muitas, gritos, mágoas e palavras erradas, mas também haveria muitos momentos de reconciliação.

Por fim, Betsy olhou para cima. O belo rosto em forma de coração estava banhado em lágrimas.

– Eu amo você, mãe. Até a lua, ida e volta. Eu devia ter dito isso quando você foi embora.

Jolene não sabia até então, até aquele segundo, mas essas eram as palavras que ela estava esperando ouvir.

– Eu sei, meu amor – disse, abraçando a filha de novo. – Eu sempre soube...

Vinte e nove



O consultório do psiquiatra ficava numa casa quadrada pequena de meados do século XX, na movimentada Aurora Avenue. Michael estacionou na frente, ao lado de um carro elétrico.

– Você está preparada?

– Sinceramente? Não.

Michael deu um sorriso encorajador.

– Com certeza essa é a resposta certa.

Jolene saiu do carro. Na semana seguinte à celebração em memória de Tami, ela relaxara muito. A conversa com Betsy, a reconciliação com Michael, o retorno da risada de Lulu, tudo isso contribuiu para que Jolene reconstruísse seu senso de identidade. Jogou o vinho pelo ralo e guardou os remédios para dormir. Mas ainda tinha um longo caminho pela frente. Mesmo nos braços de Michael, às vezes acordava gritando pela tripulação perdida, pelo helicóptero caído. De vez em quando ainda se via de repente em algum lugar – na cozinha, no banheiro ou na varanda dos fundos – e a sensação de perda a invadia. Talvez aquela tristeza passasse a fazer parte dela, entremeada à sua alma, ou quem sabe sempre estivera lá e ela nunca tinha se permitido perceber. Mas de uma coisa tinha certeza: era hora de mergulhar bem fundo em sua psique e descobrir como deixar para trás a guerra e voltar para casa, como forjar uma nova vida após aquele desvio forçado no caminho. Desde que deixara de beber, ficara mais fácil ver com clareza o trajeto à frente.

Um homem mais velho os recebeu no cômodo principal da casa. Era alto e esguio, com cabelos grisalhos longos e despenteados e rosto anguloso. Vestia calça preta *baggy*, sandálias de borracha laranja e uma camiseta do Grateful Dead.

– Oi, Jolene. Que bom conhecê-la, finalmente.

Aquele era o médico?

– Ah – foi tudo o que ela conseguiu dizer.

Ele abriu um sorriso largo.

– Eu sou Chris Cornflower. Vejo que Michael não preparou você.

Michael riu.

– Não tem como preparar alguém para ver você pela primeira vez, Chris. É uma experiência e tanto.

– Ele me disse que você é veterano do Vietnã – disse Jolene.

– Sou, sim. E prisioneiro de guerra também. – Ele estendeu a mão e apertou a de Jolene. – É um grande prazer conhecê-la, chefe.

– Eu não sou mais essa mulher.

– E essa é a nossa tarefa, Jolene, tentar descobrir quem você é agora. Gostaria de vir para a minha sala?

Ela hesitou e olhou para Michael, que sorriu e acenou com a cabeça.

– Está bem – respondeu Jolene.

Seguiu Chris até um ambiente pequeno e bem decorado nos fundos. Ficou aliviada ao ver que não havia um divã.

– Eu não sei bem como fazer isso – disse ela, sentando-se na confortável poltrona perto da mesa do médico.

– Eu tenho alguma experiência – respondeu ele, abrindo um sorriso. – Podemos começar por vários assuntos. Sua infância, suas experiências no Iraque, sua melhor amiga, seu futuro como civil. O que você quiser discutir primeiro.

Jolene deu uma risada nervosa.

– Desse jeito, parece que vamos passar um bom tempo aqui.

– O tempo que você quiser, Jolene. Aqui é você quem manda; eu sou o soldado raso. Você lidera e eu sigo.

Ela tinha medo de mergulhar naquela conversa. Ambos sabiam disso. Mas já se deixara dominar pelo medo antes, e de nada adiantou.

– As pessoas veem a minha perna amputada e pensam que esse é o problema. Mas eu perdi mais do que isso. Às vezes eu não faço ideia de quem se espera que eu seja ou como a minha vida vai ser daqui para a frente. Eu gostava de ser militar. Eu gosto de respostas.

– Por que você entrou para o Exército, Jolene?

– Eu tinha 18 anos e estava sozinha no mundo e sem dinheiro. O Exército me deu um pertencimento.

– Uma família.

– É – concordou ela após uma pausa.

– Mas é uma família à qual é fácil pertencer, certo? Há regras que orientam cada situação e comportamento. Não há mágoas nem corações partidos nessa família. Você sempre sabe quem você é e qual é a sua missão. Se tem algum problema, a sua unidade está sempre do seu lado. Você sabe que nunca vai ser deixada para trás.

Jolene se sentiu relaxar um pouco. Ele compreendia. Talvez *enfim* ela pudesse conversar abertamente sobre a dor do seu passado e, se conseguisse lhe contar, quem sabe poderia conversar com Michael e começar a fechar as feridas.

– Posso perguntar uma coisa? – indagou Jolene.

– Claro.

– Você foi prisioneiro. Portanto, suportou muita coisa. Como você soube quando tinha deixado os problemas para trás?

– Excelente pergunta. Eu passei muitos anos conturbados depois de voltar. Foram anos perdidos. Acho que eu soube que tinha começado a me curar quando me senti disposto a ajudar outra pessoa.

Jolene sabia que isso podia acontecer, que alguém podia afundar em um mar de raiva, luto, tristeza ou culpa e se afogar. Pensou nas cartas que recebera na reabilitação, em especial naquela da jovem

fuzileira naval, Sarah, que perdera a perna. Ela ignorara seu pedido de ajuda.

– Eu era o tipo de pessoa que ajudava os outros.

– Você pode ser essa pessoa de novo, Jolene.

– Está bem – concedeu ela devagar. – Eu quero começar com os pesadelos...



Na segunda sexta-feira de dezembro, Lulu acordou cedo e foi direto para a janela do quarto; pressionou o nariz contra o vidro.

– Não tem neve – choramingou.

– Talvez Deus esteja esperando até o Natal – disse Jolene. – Seria ótimo ter um Natal branco, né?

Lulu se afastou da janela com os ombrinhos caídos.

– Eu queria que não tivesse escola.

– Mas, Lulu, você ama a escolinha.

– Eu sei – respondeu ela em tom de lamento. – Mas eu queria ir com você hoje.

Jolene pegou a caçula nos braços e lhe deu um beijo no rosto, e depois um tapinha no bumbum.

– Vá se vestir, gatinha. Você vai ter que esperar para ver a minha linda perna nova. Não é bom ter surpresas?

– Acho que é – falou Lulu, embora claramente não acreditasse.

– Bom, agora vamos acordar a sua irmã. Você sabe como ela fica de mau humor quando a gente se atrasa.

Jolene e Lulu percorreram o corredor e acordaram Betsy, e então as três desceram a escada.

Hoje era dia de mingau de aveia.

– Cereal com açúcar – exigiu Lulu, subindo na cadeira. – Porque é um dia especial.

Jolene sorriu para as filhas.

– Quer saber, Lulu? Hoje *é* um dia especial.

Michael entrou na cozinha cambaleante, descabelado e com os olhos meio turvos. A barba por fazer lhe dava aquele ar de roqueiro que Jolene adorava. Ela lhe deu uma xícara de café. Ele aceitou, agradecido.

– Obrigado.

– Você parece cansado – comentou Jolene, pressionando o corpo contra o dele.

Michael se apoiou na bancada e deixou a xícara para poder segurá-la pelo traseiro e puxá-la para perto.

– Estou cansado *mesmo* – disse ele, sorrindo. – Não tenho dormido muito ultimamente.

– Que nojo! – exclamou Betsy.

Lulu olhou à sua volta.

– Nojo de quê?

Jolene riu e se soltou, dando um rodopio decente sobre o pé falso desajeitado. Serviu suco de laranja para as meninas e começou a embrulhar os lanches.

Michael deu um beijo de despedida nas meninas e subiu para tomar banho. Jolene executou toda a rotina matinal com uma facilidade que dissimulava a sua empolgação.

Passara toda a semana tentando controlar sua expectativa. Alertara a si própria várias vezes para não se deixar levar pela esperança, e a verdade era que, até aquela manhã, tinha se saído bem.

As filhas desejaram boa sorte, saíram da casa aquecida e correram pela entrada de carros molhada até os ônibus escolares amarelos. Jolene ficou na varanda, acenando até que o veículo fizesse a curva.

Sentiu Michael se aproximar.

– Ei – disse ele, pondo as mãos nos ombros dela e lhe dando um beijo na nuca. – Está pronta?

Jolene se virou para encará-lo.

– Já estou pronta há meses.

– Então vamos.

Entraram no carro e partiram. Em todo o trajeto até o centro de reabilitação, Jolene observou a chuva pela janela. A esperança agora era como um elevador com os cabos cortados. Sentia-se despencar com ela.

Quando chegaram, encontraram Conny no saguão.

– Mas olhe só como você está andando bem com essa coisa feiosa!

– Você disse que não era tão ruim – provocou ela.

– Eu menti. – Ele estendeu a mão. – Venha.

Os três cruzaram o largo corredor branco até o setor de próteses.

Jolene sentiu cheiro de plástico. Braços, pernas, mãos e pés artificiais pendiam das paredes e em volta dela.

– Jolene Zarkades está aqui – gritou Conny em direção à sala dos fundos.

A mulher asiática apareceu momentos depois, segurando uma perna mecânica.

Jolene ficou embasbacada. Era bem torneada, quase bonita, com um pé que podia ser ajustado para usar salto alto.

Conny pegou a peça da mão da mulher e se ajoelhou na frente de Jolene. Retirou a perna temporária e a deixou no chão. Como o coto encolhera muito nos últimos meses, ela precisara de cada vez mais meias de gel para manter o encaixe da prótese bem justo. Conny retirou as meias e empilhou-as no chão, até que só restasse uma, que ele esticou com cuidado para deixá-la bem lisa. Então, encaixou a prótese nova.

– Uau! – exclamou Jolene, balançando a cabeça.

Era bem parecida com uma perna natural. Ela deu um passo à frente, impressionada com a leveza e a facilidade de movimento.

– É quase como ter a minha perna de volta – comentou, olhando para Michael com os olhos brilhando. – Daria até para dançar. – Voltou-se para Conny. – Eu posso correr?

– Um passo de cada vez, Jolene – respondeu o enfermeiro amavelmente.

Durante a hora seguinte, ela trabalhou na sala de fisioterapia com Conny, enquanto Michael fazia anotações sobre um depoimento.

Jolene descobriu que conseguia saltitar. Não saltitava desde que era criança, e agora não conseguia parar. Ria tanto e com tanta frequência que os outros pacientes devem ter pensado que ela era doida, mas não estava nem aí.

– Bom, Jolene – disse Conny ao fim da sessão. – Foi um prazer conhecer você.

Ela sentiu um nó na garganta. Como poderia agradecer àquele homem que a apoiara em todo o processo? Andou até ele, quase sem mancar, sem sentir dor no coto.

– Você me salvou, Conny. Sem você...

– Sempre foi você, recruta. Você tem coração de campeã. – Ele se inclinou e lhe deu um beijo no rosto. – Eu também vou sentir saudade, mas não vá pagar mico.

– Eu não era do tipo que pagava mico – falou Jolene, com os olhos brilhantes.

– A vida muda todos nós, com certeza.

Jolene o olhou por um tempo, pensando que ele era como os homens e as mulheres de sua unidade. Era o trabalho que importava, não os agradecimentos. Ela lhe acenou com a cabeça uma última vez, deixando que seu olhar dissesse tudo, e então deu a mão a Michael e ambos saíram.

A chuva os envolveu, respingando enquanto caminhavam. Jolene se surpreendeu: baixou a cabeça, segurou a mão de Michael e correu até o carro.

Correu.

Não foi perfeito, claro, a perna não se dobrou como deveria, mas ela conseguiu. O cabelo pingava quando entrou no carro.

– Essa corridinha com a perna nova foi muito sensual, Sra. Zarkades.

– Todos vão querer uma igual, você vai ver.

Ela não conseguia parar de olhar para a perna nova; ficava levantando a barra da calça e observando. Era quase impossível não sorrir.

Michael parou perto da caixa de correio, pegou a correspondência e entrou na garagem. Quando o carro foi desligado, ela se voltou para o marido.

– Você vem para o jantar?

Ele deu as cartas para Jolene.

– Até antes disso. Assim que acabar o depoimento do caso Byer, eu volto. Que tal jantarmos no restaurante perto da marina?

– Perfeito.

Ela se inclinou e o beijou, então desceu do carro e foi quase saltitando para dentro de casa.

Estava silencioso lá dentro. Jolene preparou uma xícara de chá quente e olhou a correspondência. Havia outra carta de Sarah Merrin, a jovem fuzileira naval que perdera a perna no Iraque. Jolene se sentou à mesa da cozinha e abriu a carta.

Chefe,

Eu entendo por que a senhora não me escreveu. Deve se sentir tão mal quanto eu. Torço para que exista algum final feliz. Rá.

Ainda estou no Walter Reed. Tive a ideia de pintar as paredes, porque não sei mais quanto tempo vou ficar aqui. Precisaram amputar a outra perna. Infecção.

Juro por Deus que não sei por que estou contando tudo isso.

Como a senhora consegue? Acho que é isso que eu quero saber. Dizem que eu vou poder andar de novo, e até patinar, mas eu acho que estão de sacanagem com a minha cara. E o meu marido deu no pé o mais rápido que pôde.

Mais uma vez, qualquer palavra de sabedoria com certeza ajudaria.

Cordialmente,

Jolene ficou ali sentada por muito tempo, fitando aquelas palavras.



Em um dia frio e chuvoso de meados de dezembro, Jolene e Michael embarcaram em um avião para Washington e se sentaram na terceira fila.

Michael se acomodou na confortável poltrona azul de couro e colocou o cinto de segurança.

Jolene estava olhando para o outro lado, pela pequena janela oval, observando os funcionários do aeroporto trabalharem na pista. Vendo-a comprimir os lábios, Michael percebeu que ela sentia saudade da sua vida anterior: o Exército, a mulher que fora antes da guerra.

Ele estendeu a mão e segurou a dela. Jolene raramente se entristecia agora, mas, em momentos assim, quando a melancolia a dominava, ela se rendia. O relógio que Michael lhe dera de aniversário estava em seu pulso fino, com o mostrador facetado refletindo a luz. Contrastava com a simplicidade da aliança de casamento. Quando ele a viu usando-o pela primeira vez, ficou sem jeito e se ofereceu para trocar. *Eu não devia ter comprado isso para você*, disse. *Na época, eu era diferente. Eu devia ter ido com você naquela festa.*

Isso ficou para trás, respondeu ela com um sorriso. *Nós dois somos diferentes agora, graças a Deus.*

Era verdade. Todos eles haviam mudado no último ano.

Principalmente Jolene. Nas semanas anteriores, aprendera, assim como o marido e as filhas, a não tentar esconder a tristeza. Ela apertou a mão de Michael.

Os motores do avião foram acionados e os assentos tremeram um pouco. Jolene devia estar relembrando a sensação de se acomodar

no assento do piloto, colocar o capacete, fazer as últimas verificações.

O avião se afastou do portão de embarque e circulou pelo aeroporto até a pista de decolagem. Aumentou a velocidade das turbinas e subiu... subiu... subiu no ar.

O céu azul preencheu as janelas.

– Eu já contei das ameixeiras? – disse ela em voz baixa. – A gente as via quando decolava lá da base. Você olhava para baixo através do céu azul e via as árvores rosadas, era lindo.

Michael ficou atônito ao vê-la dizer aquilo tão facilmente, sem tristeza alguma na voz. Após um momento, ele falou:

– Eu quero levar as meninas para ver o túmulo do meu pai.

Ela o olhou.

– Você nunca foi lá depois do enterro.

– Acho que eu não sou o único da família que tem dificuldade em dizer adeus.

– Pois é. – Ela suspirou. – Eu ainda não li a carta da Tami.

– Eu sei.

Jolene se recostou nele.

– Aliás, eu falei com Ben Lomand na semana passada – disse Michael.

Ela se virou para o marido.

– Falou?

– Eu ia guardar a notícia para o Natal, mas a gente está aqui, onde é o seu lugar... Enfim, eu falei com ele sobre você voltar a pilotar. Lomand não vê motivo para você não poder, com essa sua nova perna moderna. Mencionou um helicóptero menor... Tinha um monte de palavras e letras complicadas, enfim, acabei me perdendo. Mas ele se dispõe a trabalhar com você. Quando você estiver preparada. Talvez você possa pilotar um helicóptero de jornalismo algum dia. Quem sabe?

– Pois é, quem sabe? – Ela sorriu. – Eu te amo, Michael Zarkades.

Jolene sabia que Washington era uma cidade de monumentos. Ela tinha lido sobre os diversos locais dedicados à história da nação, mas, até pisar em uma das ruas movimentadas, não tinha entendido que todos eles se conectavam para contar uma história. Em todo lugar – pedacinhos do chão nevado, placas em bancos de parques, estátuas de mármore branco – havia uma memória, uma lembrança. Imaginara algo como Nova York, cheio de arranha-céus imponentes. Mas naquela cidade não havia prédios altos nem cânions de concreto que fizessem as pessoas se sentirem pequenas.

Nova York se gabava de sua grandiosidade e gostava de que os turistas admirassem as realizações do homem. Já a capital sabia que a grandeza humana não estava na pedra e no metal, mas nas ideias e decisões.

– Está pronta? – perguntou Michael.

Jolene se afastou da janela do quarto de hotel, que dava para uma rua tranquila coberta de neve.

Atrás de Michael, havia um espelho de moldura dourada na parede, sobre uma elegante cômoda de estilo francês, no qual Jolene se via da cintura para cima.

Era militar de novo, embora só por pouco tempo, com o uniforme social, o cabelo preso e uma boina preta posicionada cuidadosamente. Medalhas e insígnias decoravam seu peito, lembrando-a de quem ela havia sido. Talvez fosse a última vez em que ela usaria aquela farda. Estava no processo de pedir a reforma do Exército por incapacidade. Em pouco tempo, a roupa seria como seu vestido de casamento, uma lembrança pendurada no fundo de um armário, envolta em plástico.

Aquela parte de sua vida chegara ao fim. O futuro à sua frente era turvo e cheio de possibilidades.

– Jo?

Ela sorriu.

– Estou bem, Michael. É estranho, só isso.

Vestiu o blazer que ele lhe ofereceu.

Caminharam pela Constitution Avenue de mãos dadas. Toda a cidade estava cinza e branca, com toques de preto, um *chiaroscuro* peculiar. Cruzaram o parque de Constitution Gardens, onde a neve cobria galhos de árvores e bancos.

Passaram por uma última árvore desfolhada e ali estava: o Muro. Mesmo em um dia gelado, o granito negro parecia vivo, refletindo as imagens dos poucos visitantes que se aventuravam a sair com aquele tempo; era uma extensão interminável de pedra reluzente na qual estavam gravados os nomes dos soldados mortos no Vietnã. Ela estendeu a mão enluvada e tocou nos nomes à sua frente. Ao longo do muro, havia lembranças, flores e presentes deixados por entes queridos.

Eram mais de 58 mil nomes.

Ela só percebeu que estava chorando quando Michael a abraçou. Recostou-se nele, mal reparando nos flocos de neve que caíam no seu rosto e nos cílios.

Ficaram ali até Jolene começar a tremer de frio, e mesmo assim ela não queria ir embora.

– Eu quero trazer as meninas aqui no verão.

– No verão é uma grande ideia – disse Michael. – Mas agora vamos. Eu não estou sentindo as mãos.

Ela concordou e deixou que o marido a levasse dali. Na frente deles, ao longe, o Memorial de Lincoln se erguia com um brilho perolado, em meio à escuridão e à neve, iluminado por feixes de luz dourada. *Uma casa dividida contra si mesma não pode subsistir.*

Michael acenou para um táxi e eles entraram.

– Walter Reed – informou, batendo uma mão contra a outra.

Jolene se acomodou no assento e olhou pela janela para a cidade coberta de branco, passando em um borrão. Quando chegaram à entrada do imponente centro médico, a visibilidade estava péssima por causa da nevasca.

Quando Jolene entrou no hospital movimentado, teve uma lembrança súbita e nítida: estava deitada de costas, amarrada à maca, vendo as luzes fortes, tentando não chorar nem gritar, perguntando *como a minha equipe está?* até perder a consciência. A dor era insuportável. Tudo passou por sua cabeça em um segundo.

Michael apertou sua mão e, com o toque, lembrou-a de que ela estava ali, de pé; o pior já tinha passado. Jolene tirou o pesado casaco de lã e o entregou ao marido.

Por um instante, quando se manteve ali parada, com as medalhas que recebera e as insígnias que definiram tantos anos de sua vida, ela voltou a se sentir firme e segura. Não importava que a saia revelasse o que tinha perdido; o uniforme mostrava quem Jolene fora durante mais de vinte anos, e ela o usava com orgulho.

– Você está bem? – perguntou Michael.

Ela sorriu.

– Estou.

– Eu espero aqui.

– Está bem.

Ela largou a mão do marido e foi até o balcão, onde a enfermeira de plantão lhe deu as informações de que precisava.

– É parente? – indagou a mulher.

– Não.

– Ela a está aguardando?

– Não. Minha visita é uma surpresa. Mas eu pedi autorização ao hospital.

A enfermeira a examinou por um momento e então assentiu.

– Quarto 326. A senhora deu sorte: ela vai ter alta daqui a dois dias.

Jolene agradeceu e se dirigiu ao cômodo citado, na ala de ortopedia.

Passou pelos corredores agitados e cheios de funcionários com a facilidade de quem conhece a rotina de um lugar assim.

Parou em frente à porta aberta e bateu.

Dentro do quarto, uma mulher estava deitada em uma cama com o encosto erguido. Jolene reconheceu o seu olhar: uma mistura de medo, raiva e solidão. Poucos lugares do mundo eram mais solitários do que um quarto de hospital. Não havia como escapar da verdade aterrorizante e alienante de que nem a presença de entes queridos bastava para que uma pessoa se sentisse inteira.

Caminhou até a ponta da cama e parou.

– Sarah Merrin?

– O que restou dela.

Jolene sentiu uma pontada dolorosa por aquela mulher – quase uma menina, de no máximo 20 anos. Viu a superfície plana do cobertor onde estariam suas pernas.

– Você ainda é a Sarah, mesmo que não pareça. Parece que você a perdeu em algum lugar lá, não é?

Sarah ergueu a vista.

Nossa, como ela era jovem...

– Eu conheço você?

Jolene saiu lentamente de trás da cama. Ao caminhar, com passadas quase perfeitas, sentiu-se voltar no tempo. Por um instante voltou a ser a mulher na cama, e uma jovem fuzileira naval chamada Leah Sykes se aproximava, sorrindo, e apenas sua presença já era motivo de esperança. Jolene não soubera valorizar aquilo na época – estava perdida demais –, mas com o tempo aprendera o quanto significava aquele apoio.

Andou até a lateral da cama. Sarah olhou para a prótese de Jolene e depois para o seu rosto.

– Eu sou Jolene Zarkades. Você me escreveu uma carta. Duas, na verdade. Desculpe por demorar tanto para chegar aqui. Eu fiquei... deprimida e brava por um tempo.

– Chefe?

– É só Jolene ultimamente. Oi, Sarah – falou com ternura.

Os olhos da garota se encheram de lágrimas.

– Eu sou corredora – disse Jolene em voz baixa. – Levou um tempo, mas eu vou correr de novo. Encomendei uma nova prótese de metal, chamada de lâmina. Dizem que vai me fazer correr feito o vento.

– É, eu ouço um monte dessas bobagens. As pessoas chegam a dizer: *Ah, são só as suas pernas, graças a Deus que não foi pior.* Não diriam isso se elas é que tivessem um coto. Ou dois.

– Você vai perder várias coisas, não vou mentir. Mas vai descobrir coisas também.

Sarah se reclinou nos travesseiros, suspirando.

– Teddy volta hoje. Sua missão está acabando e ele vai me encontrar aqui esperando. Que sortudo. Eu não sei o que vou dizer. Da última vez... bom, ele teve dificuldade em olhar para mim, se é que você me entende.

Jolene sabia que não fazia sentido falar algo fora da realidade. Compreendia agora que era preciso lutar por algumas coisas, para que tivessem algum significado. E havia caminhos na vida que ninguém podia percorrer em seu lugar. Não podia dizer àquela moça, àquela militar, como lidar com a vida, as sequelas ou o casamento. Podia apenas ficar ali, demonstrando toda a segurança de que fosse capaz, e esperar que, com o tempo, Sarah se lembrasse dessa visita tal como ela recordava a mulher que ficara ao seu lado na Alemanha, tantos meses antes.

– Eu vou só ficar aqui, está bem? Vou ficar aqui com você.

– Eu estive sozinha – respondeu Sarah em um tom jovem, quase infantil.

– Você não está mais sozinha.

Jolene ficou de pé junto à parede, ouvindo Sarah contar sobre sua infância na Virgínia do Oeste, o homem por quem é apaixonada desde o nono ano e o medo que tinha de passar o resto da vida em uma cadeira de rodas.

Jolene disse muito pouco. Ouvia, assentia e continuava ali. Não se sentou em nenhum momento, mesmo quando seus quadris

começaram a doer.

Ao anoitecer, notou que Michael tinha aparecido à porta. Ele a viu em pé ao lado da cama de Sarah e sorriu. Ela pensou na carta que lhe escrevera tantos meses atrás e naquelas poucas palavras: *Eu te amei, do início ao fim.* Não era de se estranhar que não soubesse mais o que escrever. O que mais havia para dizer?

Jolene fora para a guerra e perdera quase tudo para encontrar o que realmente importava.

Tenho orgulho de você, articulou ele, sem emitir som.

Então Jolene sentiu algo se abrir dentro dela, na parte mais profunda e intocada de seu coração, que durante anos e anos fora só sua.

Sentiu os olhos arderem e sua visão ficou borrada, até que só restou o marido de sólido e verdadeiro naquele mundo brilhante e sem foco. As lágrimas correram por seu rosto, carregando anos de dor. Enxugou-as com as costas da mão até que elas não passassem de uma lembrança.

Epílogo



O verão chega, como sempre, banhando tudo em luz e promessas. Em um dia, é a primavera úmida e fria, e então, como se alguém ligasse um interruptor, o sol aparece. Dias longos esquentam as pedras nas praias da Liberty Bay e transformam a doca já desgastada em tábuas quebradiças e reluzentes de madeira em meio ao capim das dunas. Aves marinhas chamam umas às outras, batendo asas e dando voos rasantes sobre as ondas azuis.

Jolene está sentada em uma cadeira de madeira no pequeno deque, vendo Michael e Carl ensinarem Lulu a empinar uma pipa. Betsy e Seth correm ao fundo, rindo e agitando as mãos no ar. Mila é o público cativo deles. O dia tem cheiro de algas secas nas rochas e de carvão se transformando em cinzas na churrasqueira.

A toda hora, alguém grita *Olha, mãe!* e ela ergue o olhar, sorri e acena. Não é que ela não possa caminhar pela praia. Com a prótese nova, pode fazer quase tudo: correr, saltar, perseguir a filha de 5 anos. Até mesmo usa short e raramente sente vergonha.

Está ali, afastada dos outros, pois tem algo a fazer... algo que veio adiando. Não pode fazer junto com eles, mas também não consegue sem eles.

A risadinha de Lulu paira no ar.

Jolene pega a carta sobre o seu colo. A mão treme ao ver seu nome escrito na caligrafia da melhor amiga.

Finalmente. Após meses de terapia, ela já passou do estágio em que palavras podem derrubá-la. Pelo menos é o que espera.

Jolene afrouxa a aba do envelope, sente a cola resistir um segundo e então ceder. A carta está escrita em papel ofício. Imagina Tami naquele último dia antes de partirem, com as roupas empilhadas na cama e a bolsa militar no chão. Deve ter corrido pela casa em busca de um papel para escrever e provavelmente xingado por ter se esquecido de comprar papel de carta. Tami era assim: lembrava-se de todas as coisas importantes da vida, mas em geral descuidava dos pequenos detalhes.

Jo,

Se você estiver lendo isto, as coisas não correram do jeito que eu queria. É engraçado, eu nunca pensei que fosse morrer. Imaginei você e eu vivendo para sempre, sentadas no seu deque, vendo os nossos filhos crescerem enquanto a gente continuava jovem. Espero que você esteja lá agora, em uma cadeira, ao lado de uma fogueira. Espero que Michael e Carl estejam com as crianças na praia. Minha cadeira está vazia do seu lado?

Jolene ergue o olhar para o céu azul límpido. Uma águia passa voando e mergulha na água azul, saindo com um salmão prateado no bico, respingando água em Jolene ao subir para o topo de um pinheiro.

Não ande por aí lamentando que sente saudade de mim. É claro que sente saudade. Onde quer que eu esteja, também tenho saudade de você. Mas você já sabe de tudo isso. Desde que nos conhecemos, sabemos tudo de importante sobre nós, né? Simplesmente sabemos. Acho que melhores amigas são assim: uma é parte da outra. Então você me carrega em você.

Eu não quero ficar sentimental. Com certeza você já chorou por mim lágrimas suficientes para encher a baía. Eu sei o quanto eu choraria por você.

Caramba, Jo, a gente teve tudo de bom, né? É nisso que estou pensando agora, num dia ensolarado em que me pediram para pensar na minha morte.

O que importa é isto: tome conta do meu garotão. O meu Seth. É difícil até escrever o nome dele. A droga da caneta está tremendo. Faça com que ele saiba quem eu sou. Eu. Há partes de mim que só você pode partilhar. Fale para ele do meu senso de humor bobalhão, conte que eu gritava quando ele tacava a bola bem longe na liga infantil de beisebol, fale dos sonhos que eu tinha para ele. Faça com que ele saiba que eu era mais do que a mãe dele; era a maior fã. Conte para ele que às vezes, quando eu dou uma gargalhada forte, pareço uma foca. Ajude-o a se lembrar de mim. Esse é o meu último pedido para você.

E que você se cuide, também. Michael a ama e você o ama. Espero mesmo que você não tenha estragado tudo. Se estragou, pode apostar que eu vou assombrar você.

Eu sei que a tristeza perseguiu você durante a sua vida, Jo, desde muito cedo. Eu vi você lutar contra ela e vencer. Você sempre venceu. Mas talvez agora seja mais difícil. Talvez você precise deixá-la entrar só um pouco. Todos ficamos tristes alguma vez. Eu estou triste agora, imaginando você lendo esta carta. Mas eu quero olhar para baixo (meu Deus, espero que seja para baixo e não para cima) e ver você voando, correndo, rindo, vivendo a vida plenamente.

Encare a corda bamba sem rede de segurança, piloto. Porque, mesmo daqui de longe, eu estou na cobertura.

Sempre.

Eu te amo.

T

Jolene dobra a carta em três e a põe de volta no envelope. Ela sabe que ainda a lerá mais uma centena de vezes durante a vida. Sempre que precisar relembrar.

Durante um segundo breve e lindo, olha para a cadeira ao seu lado e vê Tami, com a cabeça jogada para trás, rindo e dizendo algo que Jolene não escuta direito.

– Olha, mãe! – grita Betsy, correndo até ela. – Achamos uma fita amarela na praia.

Jolene sorri e fica de pé. Pega a fita na mão e sente a suavidade acetinada entre os dedos. Não pode deixar de pensar nas fitas de Tami. Ou de Smitty. Nas fitas amarelas em árvores por todo o país. Para ela, o amarelo sempre será a cor do adeus.

– Mãe – chama Betsy, olhando para ela –, você já está pronta para vir para a praia? A gente está esperando.

Jolene levanta a fita e a vê ondular ao vento; então a solta e a deixa voar contra o céu de um azul profundo. O sol a cega por um instante, engole a fita e a leva embora. *Adeus.*

– Estou pronta – responde baixinho, tomando a mão da filha.

Sorrindo, ela desce até a praia para se unir à família.

Agradecimentos

Durante a pesquisa e a escrita deste livro, eu me senti um pouco como Alice, mergulhando em um mundo diferente e estranho, cheio de siglas e palavras desconhecidas. Eu sabia muito pouco sobre a vida de um soldado, ou o sacrifício de uma família, além do que via nos noticiários à noite. Na minha jornada, encontrei três pessoas muito especiais, às quais ofereço minha eterna gratidão.

Ao sargento Andrew Wanamaker, obrigada por me ajudar a começar e por me indicar a direção certa.

Ao capitão Keith Kosik, obrigada por responder ao e-mail de uma estranha que dizia ser escritora e por responder inúmeras perguntas, muitas das quais provavelmente o fizeram rir.

Por fim, à chefe dos subtenentes Teresa Burgess. Nem tenho como expressar o quanto seu apoio, sua ajuda e sua amizade significaram para mim no último ano. Diversas vezes você reservou tempo na sua agenda cheia para ler e reler esboços deste manuscrito, sempre me ajudando a tornar a história melhor. Mais verdadeira. Seus comentários foram sempre úteis e perspicazes. Você é uma inspiração, Teresa, de várias formas. E consegue equilibrar tudo – ser militar, piloto de helicóptero, esposa e mãe – com elegância e coragem. Você é um exemplo de tudo o que há de bom nos Estados Unidos.

CONHEÇA OUTRO TÍTULO DA AUTORA



O caminho para casa

Um

2000

Lexi Baill estudou um mapa do estado de Washington até que as minúsculas marcações geográficas vermelhas oscilassem diante de seus olhos cansados. Os nomes dos lugares tinham um quê de magia e sugeriam uma paisagem que ela mal podia imaginar: montanhas cobertas de neve e divisadas pela água, árvores altas e

retas como campanários de igrejas, um céu azul límpido e sem fim. Visualizou águias pousadas em postes telefônicos e estrelas que pareciam tão próximas que daria para alcançá-las. Era provável que houvesse ursos vagando à noite pelas regiões ermas, à procura dos locais que até pouco tempo atrás tinham sido seu território.

Aquele seria seu novo lar.

Queria pensar que teria uma vida diferente ali. Mas como poderia acreditar nisso de verdade?

Tinha 14 anos e podia não saber muito, mas de uma coisa ela tinha certeza: as crianças do Cadastro Nacional de Adoção eram retornáveis, como garrafas de refrigerante usadas.

No dia anterior, sua assistente social a acordara cedo para avisá-la de que deveria fazer a mala. Mais uma vez.

– Tenho uma boa notícia – dissera a Sra. Watters.

Mesmo semiacordada, Lexi sabia o que isso significava.

– Outra família... Ótimo. Obrigada, Sra. Watters.

– Não é apenas uma família. É a sua família.

– Está certo, claro. A minha nova família. Vai ser ótimo.

A Sra. Watters emitiu aquele som de desilusão, quando soltava suavemente a respiração, quase como um suspiro.

– Você tem sido forte, Lexi. Durante todo esse tempo...

Lexi tentou sorrir.

– Não se sinta mal, Sra. W. Eu sei como é difícil encontrar casas para crianças mais velhas. E a família Rexler foi muito legal. Se a minha mãe não tivesse voltado, acho que teria dado certo.

– Você sabe que nada daquilo foi culpa sua.

– Sei, sim – confirmou Lexi.

Nos dias bons, ela se deixava convencer de que as pessoas que a devolviam tinham os próprios problemas a resolver. Nos dias ruins, que ultimamente eram mais frequentes, perguntava-se o que havia de errado com ela, por que era alguém tão fácil de descartar.

– Você tem parentes, Lexi. Localizei a sua tia-avó. O nome dela é Eva Lange. Tem 66 anos e mora em Port George, em Washington.

Lexi se sentou, alerta.

– O quê? Minha mãe disse que eu não tinha parentes.

– Sua mãe... se enganou. Você tem família, sim.

Lexi passara a vida esperando ouvir essas palavras preciosas. Seu mundo sempre fora perigoso e incerto. Ela se sentia como um navio que, perdido em águas rasas, estivesse prestes a encalhar. Fora quase sempre uma menina sozinha, e assim crescera, cercada por estranhos, lutando por restos de comida e atenção, sem nunca receber o suficiente de nenhum dos dois – a criança selvagem dos tempos modernos. Apagara da memória a maioria dessas experiências, mas, quando tentava resgatá-las – quando um dos psicólogos da rede pública de saúde a obrigava a fazer isso –, ela se lembrava de estar com fome, molhada, e de tentar alcançar uma mãe bêbada demais para ouvi-la ou drogada demais para se importar com o que quer que fosse. Lembrava-se de passar dias em um cercadinho sujo, chorando e esperando que alguém se desse conta de sua existência.

Agora ela olhava pela janela suja do ônibus interestadual enquanto sua assistente social, que estava sentada a seu lado, lia um romance.

Depois de mais de vinte e seis horas na estrada, finalmente seu destino estava próximo. Lá fora, um céu cinza-escuro e carregado parecia engolir o topo das árvores. A chuva fazia rabiscos na janela, turvando a paisagem. Washington era como outro planeta: nada das colinas do sul da Califórnia, que tinham cor de casca de pão e eram banhadas pelo sol, nem do quadriculado cinzento das autoestradas engarrafadas. As árvores eram imensas – como se tivessem tomado esteroides – e as montanhas, também. Tudo parecia colossal e selvagem.

O ônibus entrou em um terminal de concreto de teto baixo e freou, chiando e sacudindo. Uma nuvem de fumaça preta passou pela janela e escureceu a plataforma por um instante, para em seguida

ser carregada pela chuva. As portas do ônibus se abriram deslizando e sibilando.

– Lexi?

Quando ouviu a voz da Sra. Watters, ela pensou *Ande, Lexi*, mas não conseguiu sair do lugar. Olhou para a mulher que fora a única presença constante em sua vida nos últimos seis anos. Todas as vezes em que uma família adotiva temporária desistira dela e a devolvera, como se ela fosse um produto com defeito, a Sra. Watters estivera ali, aguardando-a com um sorriso tristonho. Talvez não fosse muito, mas era tudo o que ela conhecia, e de repente sentiu medo de perder até mesmo essa pequena familiaridade.

– E se ela não vier? – perguntou Lexi.

A Sra. Watters estendeu ao céu a mão de dedos finos e longos, rugosos e com nós largos ao dizer:

– Ela virá.

Lexi respirou fundo. Ela iria conseguir. É claro que sim. Nos últimos cinco anos, já tinha passado por sete famílias e frequentado seis escolas. Ela daria conta de mais isto.

Pegou a mão da Sra. Watters e saíram em fila pelo corredor estreito do ônibus, esbarrando nos bancos acolchoados de ambos os lados.

Fora do ônibus, Lexi apanhou a mala vermelha e surrada, que era quase pesada demais para ela, abarrotada com as únicas coisas que realmente lhe importavam: livros. Ela a arrastou até a extremidade da calçada e ficou ali, junto ao meio-fio. Aquela mínima elevação de concreto parecia um despenhadeiro perigoso. Um passo errado e ela poderia quebrar algum osso ou ser atirada de cabeça contra os carros.

A Sra. Watters parou ao seu lado e abriu um guarda-chuva. Os pingos ressoavam no náilon esticado.

Um a um, os outros passageiros desembarcaram do ônibus e desapareceram.

Lexi olhou para o terminal vazio e sentiu vontade de chorar. Quantas vezes já não estivera nesta mesma situação? Sempre que sua mãe se desintoxicava, depois de um tratamento, voltava para buscá-la. *Me dê outra chance, filhinha. Diga a este simpático juiz que você me ama. Desta vez vai ser melhor... Não vou mais esquecer você.* E, invariavelmente, Lexi tinha esperança.

– Talvez ela tenha mudado de ideia.

– Isso não vai acontecer, Lexi.

– Mas é uma possibilidade.

– Você tem família, Lexi.

Quando a Sra. Watters repetiu essas palavras aterrorizantes, Lexi se descuidou e deixou que uma pontinha de esperança entrasse, sorrateira.

– Família.

Ela ousou experimentar essa palavra estranha, que se derreteu na língua como uma bala, deixando um sabor adocicado.

Um Ford Fairlane azul, bastante velho, freou diante das duas e estacionou. Tinha marcas de ferrugem e o para-lama estava amassado. Uma fita adesiva fora passada transversalmente numa janela rachada, para vedá-la.

A porta do motorista se abriu vagarosamente e uma mulher saiu do carro. Era baixa, tinha cabelo grisalho, olhos de um castanho pálido e aquele tipo de pele vincada de quem fuma muito. Parecia incrível, mas ela tinha um ar familiar, como uma versão mais velha e enrugada da mãe de Lexi. E então aquela palavra impossível estava de volta, agora preenchida com significado. *Família*.

– Alexa? – disse a mulher, e sua voz soou rouca.

Lexi não conseguia responder. Ela queria que a mulher sorrisse ou talvez até a abraçasse, mas Eva Lange ficou ali parada, e seu rosto de uva-passa estava profundamente fechado.

– Sou sua tia-avó. Irmã da sua avó.

– Não conheci a minha avó – disse Lexi, e foi tudo em que conseguiu pensar.

– Todo este tempo pensei que você morasse com a família de seu pai.

– Não tenho pai. Quero dizer, não sei quem ele é. A minha mãe não sabia.

A tia Eva suspirou.

– Agora eu sei disso, graças à Sra. Watters. Esta é toda a sua bagagem?

Lexi sentiu a vergonha chegar como uma onda.

– É.

A Sra. Watters pegou a mala de Lexi com cuidado e a pôs no banco de trás do carro.

– Vá, Lexi. Entre no carro. Sua tia quer que você vá morar com ela.

É, por enquanto.

A Sra. Watters puxou Lexi e a envolveu em um forte abraço, enquanto sussurrava ao seu ouvido:

– Não tenha medo.

Lexi quase se deixou ficar neste abraço tempo demais. No último segundo, antes de a situação se tornar constrangedora, ela soltou os braços e se libertou. Caminhou até o carro velho e avariado e precisou fazer força para abrir a porta, que tremeu, rangeu e se escancarou.

Lá dentro, os bancos eram inteiriços e de vinil marrom. Suas costuras ressecadas deixavam escapar um enchimento cinza. O cheiro era uma mistura de hortelã com tabaco, como se alguém tivesse fumado um milhão de cigarros de menta ali.

Lexi se sentou o mais perto que pôde da janela. Através do vidro rachado, acenou para a Sra. Watters, observando-a desaparecer na neblina à medida que o carro se afastava. Deixou as pontas dos dedos deslizarem pelo vidro frio, como se esse breve toque pudesse ligá-la à mulher que já não podia mais ver.

– Lamentei muito saber do falecimento de sua mãe, mas agora ela está em um lugar melhor. Saber disso deve reconfortar você – disse a tia Eva após um longo e incômodo silêncio.

Lexi nunca soube como responder a esse tipo de observação. Era essa a opinião que ouvira de todos os estranhos que a acolheram. Pobre Lexi, filha de uma viciada morta. Mas ninguém fazia ideia do que realmente tinha sido a vida de sua mãe – os homens, a heroína, os vômitos, a dor. Nem de como o fim fora terrível. Só Lexi sabia disso tudo.

Pela janela, ela observou seu novo lar. Era imponente, verde e escuro, mesmo em plena luz do dia. Passados alguns quilômetros, uma placa lhes deu as boas-vindas à reserva de Port George. Símbolos nativos estavam por toda parte. Na frente das lojas havia esculturas de baleias orcas. Nos terrenos malcuidados, as casas eram pré-fabricadas e no quintal de muitas delas era possível ver máquinas e carros enferrujados. Suportes para fogos de artifício vazios sinalizavam, nesta tarde de fim de agosto, a festividade de poucos dias atrás, e um chamativo cassino estava sendo construído em uma colina, com vista para o estuário de Puget.

As placas indicavam o caminho para o Parque de Trailers Chefe Sealth. Tia Eva atravessou o parque e parou o carro na frente de um trailer amarelo e branco, largo e espaçoso. Sob a chuva fina, ele parecia um pouco fora de foco, arredondado e frustrado. Vasos cinza, de plástico, que abrigavam longas petúnias moribundas, guardavam a porta, que fora pintada com um tom azul-bebê. De cada lado da janela da frente, as cortinas de tecido xadrez eram como duas ampulhetas de pano, cingidas no meio por fios de uma lã amarela felpuda.

– Não é muito – disse a tia Eva, parecendo envergonhada. – A tribo me aluga o trailer.

Lexi não sabia o que dizer. Se sua tia tivesse visto alguns dos lugares em que ela já havia morado, não se desculparia por este trailer tão bonitinho que era sua casa.

– É legal.

– Venha – chamou tia Eva, desligando o motor do Ford.

Lexi a seguiu pela trilha de cascalho até a porta da frente. Dentro, a casa móvel era impecável. Uma cozinha pequena, em L, emendava com uma copa na qual havia uma mesa cromada com tampo revestido de fórmica amarela e quatro cadeiras. Na sala, um pequeno sofá xadrez de dois lugares e duas poltronas de vinil azul ficavam em frente a uma TV posta sobre um suporte metálico. Na mesa de canto havia duas fotografias, uma de uma senhora idosa que usava óculos com armação de chifre e outra do Elvis. No ar, cheiro de fumaça de cigarro e de flores de plástico. Na cozinha havia desodorizantes de ar roxos pendurados em quase todos os puxadores.

– Desculpe-me pelo cheiro. Parei de fumar na semana passada, quando soube de você – disse a tia Eva, voltando-se para olhar para Lexi. – Crianças e fumaça de cigarro não combinam, não é?

Uma sensação curiosa tomou conta de Lexi. Era como o leve bater das asas de um passarinho, uma emoção tão estranha que ela não a reconheceu de imediato.

Esperança.

Esta estranha, esta tia, largara o cigarro por ela. E a acolhera, mesmo estando com o dinheiro curto, o que era óbvio ali. Olhou para a mulher com vontade de dizer alguma coisa, mas não conseguiu pensar em nada. Temia que uma palavra errada fizesse tudo desandar.

– Estou me sentindo um tanto perdida, Lexi – disse tia Eva por fim. – Eu e o Oscar, meu marido, nunca tivemos filhos. Tentamos, mas não vieram. Então, não sei como é ser mãe. Se você ficar...

– Eu vou me comportar, juro. – *Não mude de ideia, por favor.* – Se a senhora ficar comigo, não vai se arrepender.

– Se eu ficar com você? – Tia Eva contraiu os lábios finos e franziu um pouco as sobrancelhas. – Sua mãe aprontou mesmo com você, não foi? Mas não posso dizer que esteja surpresa. Ela também fez a minha irmã sofrer muito.

– Ela era boa em magoar as pessoas – falou Lexi, baixinho.

– Nós somos uma família – disse Eva.

– Nem sei o que isso significa.

Tia Eva sorriu, mas foi um sorriso triste, que doeu em Lexi, fazendo-a se lembrar da própria ferida. A vida com a mãe tinha deixado suas cicatrizes.

– Significa que você vai ficar aqui comigo – respondeu tia Eva. – E acho melhor começar a me chamar de Eva, porque essa história de "tia" logo vai cansar.

Depois de dizer isso, Eva já estava se virando, quando Lexi agarrou seu pulso fino, sentindo a pele aveludada se enrugar na palma de sua mão. Ela não pretendia fazer isso – e não deveria ter feito –, mas agora era tarde demais.

– Que foi, Lexi?

Lexi precisou lutar para formar aquela palavrinha, que até parecia uma pedra presa na garganta. Mas tinha que falar. Tinha.

– Obrigada – disse, e seus olhos ardiam. – Não vou causar problemas. Prometo.

– Provavelmente vai, sim – respondeu Eva, e finalmente sorriu. – Você é adolescente, não é? Mas tudo bem, Lexi. Tudo bem. Estou sozinha há muito tempo. E me sinto feliz de ter você por aqui.

A única coisa que Lexi conseguiu fazer foi assentir com a cabeça. Também estava sozinha havia muito tempo.



Jude Farraday não conseguira dormir. Por fim desistiu de tentar, logo antes de amanhecer. Então se levantou da cama, erguendo com cuidado o edredom leve, pois não queria acordar o marido, e deixou o quarto, abrindo silenciosamente as portas francesas que davam para o quintal.

Na luz que começava a despontar, o orvalho fazia o jardim dos fundos reluzir. Seu exuberante gramado verde descia em ondulações suaves até uma praia arenosa e cinzenta, repleta de

seixos. Mais adiante, o estuário de Puget formava ondas cor de carvão que rolavam e rolavam, com seus picos pintados de laranja pela alvorada. Na margem oposta, a cordilheira Olímpica era uma linha tortuosa cor-de-rosa e lavanda.

Ela calçou os chinelos de borracha que ficavam sempre junto à porta e foi para o jardim.

Este pequeno pedaço de chão significava mais do que seu orgulho e alegria. Era seu santuário. Aqui, agachada na rica terra preta, ela plantava e replantava, tirava mudas e podava. Entre esses muros baixos de pedra, criara um mundo inteiramente definido pela beleza e pela ordem. O que era plantado aqui ficava onde ela o colocava e estendia raízes que se embrenhavam fundo nesta terra. Não importavam o frio nem o rigor do inverno, tampouco a violência das tempestades: suas plantas queridas sempre voltavam à vida, retornando com as estações.

– Você se levantou cedo.

Ela se virou. O marido estava de pé no pátio de pedra, em frente à porta do quarto. Vestindo calção preto e com o cabelo louro-grisalho comprido demais e ainda despenteado, ele parecia um charmoso professor de literatura clássica ou um astro do rock logo depois do apogeu. Não era de estranhar que tivesse se apaixonado por ele à primeira vista, mais de vinte e quatro anos atrás.

Jude tirou as sandálias e foi andando pelo caminho de pedras até o quintal cimentado.

– Não consegui dormir – confessou.

Ele a acolheu em um abraço.

– Será o primeiro dia de aula.

Aqui estava o que tinha entrado sorrateiramente no sono de Jude, como um ladrão, e arruinado a sua paz.

– Mal acredito que já estejam começando o ensino médio. Ainda ontem estavam no jardim de infância.

– Será uma aventura interessante ver quem eles irão se tornar nos próximos anos.

– Interessante para você, que está na arquibancada, assistindo ao jogo – ela retrucou. – Eu estou no campo, levando os golpes. Morro de medo de que algo dê errado.

– O que poderia dar errado? São crianças inteligentes, curiosas e amorosas. Tudo está a favor deles.

– O que poderia dar errado? Você está falando sério? É... um mundo perigoso, Miles. Nós os mantivemos em segurança até agora, mas o ensino médio é diferente.

– Você vai ter de relaxar um pouco, e sabe disso.

Era o tipo de coisa que ele lhe dizia o tempo todo. Aliás, muita gente lhe dava esse conselho havia anos. Ela era criticada por apertar demais as rédeas da maternidade, por controlar os filhos, mas ela não sabia ser diferente. Desde o instante em que decidira ser mãe, iniciara uma batalha épica. Sofrera a dor de três abortos antes dos gêmeos. E houve um período em que, mês após mês, toda vez que menstruava, sentia-se afundar em uma depressão turva e cinzenta. Então, um milagre: engravidara novamente. A gestação fora difícil, sempre no limite, e ela teve de ficar quase seis meses em repouso total. Cada dia que passara naquela cama, imaginando os bebês, era uma batalha de determinação. E nela Jude dera sua alma.

– Ainda não posso relaxar – disse ela finalmente. – Eles só têm 14 anos.

– Jude – disse ele, suspirando. – Só um pouquinho. Só peço isso. Você verifica o dever de casa todo dia, acompanha cada dança e organiza todos os eventos da escola. Faz o café da manhã e os leva aonde quer que seja, sempre. Limpa o quarto deles, lava suas roupas. Se eles se esquecem de alguma tarefa, você arranja desculpas e faz tudo você mesma. Eles não são passarinhos indefesos. Deixe que fiquem um pouco mais soltos.

– E do que eu devo abrir mão? Se parar de controlar o dever de casa, a Mia vai deixar de fazer. Será que eu deveria parar de ligar para os pais dos amigos deles para verificar se as crianças estão

mesmo onde disseram que estariam? Quando eu cursava o ensino médio, todo fim de semana fazíamos festas regadas a cerveja e duas amigas minhas engravidaram. Agora meu controle precisa ser *ainda mais eficaz*, se você quer saber. Muita coisa pode dar errado nos próximos anos. Preciso protegê-los. Depois que entrarem para a faculdade, eu relaxo. Prometo.

– Para a faculdade certa – provocou ele, mas ambos sabiam que não era exatamente uma brincadeira. Os gêmeos mal haviam entrado no ensino médio, e Jude já começara a pesquisar faculdades.

Ela olhou para o marido, desejando compreensão, embora soubesse que a opinião dele era de que ela vivia excessivamente em função dos filhos. Jude entendia a preocupação que ele sentia, mas era mãe e não conseguia lidar com a maternidade de forma casual. Não suportava a ideia de que seus filhos crescessem como ela, sem que se sentissem amados.

– Você não se parece nada com ela, Jude – disse Miles em voz baixa.

E, por ter dito isto, Jude o amou ainda mais. Então se deixou relaxar, apoiada nele, e juntos viram o dia se iluminar. Finalmente, ele falou:

– Preciso ir. Tenho uma cirurgia às dez.

Ela lhe deu um beijo apaixonado e o seguiu de volta para dentro de casa. Depois de uma ducha rápida, secou os cabelos louros que iam até a altura dos ombros, fez uma maquiagem suave e vestiu uma calça jeans desbotada e um casaco de caxemira de gola canoa. Em seguida, abriu a gaveta da cômoda e pegou dois embrulhos, um para cada filho. Saiu do quarto e atravessou o amplo corredor de ardósia. A luz da manhã reluzia através das amplas janelas, que iam do chão ao teto, e isso fazia com que a casa, que fora construída principalmente com pedra, vidro e madeiras exóticas, parecesse ter um brilho próprio. No andar principal, cada um dos pontos mais destacados exibia alguma preciosidade

decorativa. Para que esta casa ficasse espetacular e exatamente como ela queria, Jude passara quatro anos envolvida com arquitetos e designers.

O andar superior era outra história. Uma escada flutuante feita de pedra e cobre conduzia ao território das crianças. Um salão de jogos gigante, com uma enorme TV e uma mesa de bilhar, dominava o lado leste da casa. Havia ainda dois quartos grandes, ambos suítes.

Ela bateu de leve à porta do quarto de Mia e entrou.

Como era de esperar, encontrou a filha de 14 anos esparramada sobre as cobertas da cama com dossel, adormecida. Havia roupas empilhadas, amontoadas e jogadas por toda parte, como projéteis resultantes de uma explosão mítica. Mia estava fortemente engajada na busca da própria identidade e cada tentativa exigia uma mudança radical no guarda-roupa.

Jude se sentou na beirada da cama e acariciou os cabelos louros e macios que caíam sobre o rosto da filha. Por um instante, o tempo atual deixou de existir e ela era novamente uma jovem mãe que observava sua menininha angelical: de sedosos cabelos cor de palha de milho e um sorriso que mostrava até a gengiva, Mia seguia o irmão gêmeo como se fosse a sombra dele. Pareciam dois filhotinhos, rolando juntos em brincadeiras animadas, falando sem parar em sua língua secreta, dando gargalhadas, pulando de sofás, degraus e colos. Desde o início, Zach fora o líder da dupla. Começara a falar antes e com mais fluência. Já tinha passado o quarto aniversário dos dois e Mia ainda não pronunciara nenhuma palavra de verdade. Não era preciso, pois o irmão estava sempre ao lado dela. Tanto antes quanto agora.

Mia se virou, sonolenta, e abriu os olhos, piscando devagar. Em formato de coração, seu rosto pálido tinha uma estrutura óssea divina – herança do pai –, mas era um campo de batalha contra a acne, que nenhum cuidado ainda fora capaz de derrotar. Elásticos de várias cores se entrelaçavam no aparelho dental.

– *Hola, madre*.

– É o primeiro dia de aula.

Mia fez uma careta.

– Ah, me mate! Estou falando sério.

– Vai ser melhor que o ensino fundamental, você vai ver.

– É o que você pensa. Você não pode me dar aulas em casa?

– Você se lembra do sétimo ano? Quando eu tentei ajudar você com o dever de casa de matemática?

– Uma catástrofe – respondeu Mia, com mau humor. – Mas agora talvez fosse melhor. Eu não ficaria tão brava com você.

Jude acariciou o cabelo macio da filha.

– Você não pode se esconder da vida, bonequinha.

– Eu não quero me esconder da vida. Só da escola. É como nadar entre tubarões, mãe. Sério. Posso perder uma perna.

Jude não pôde deixar de rir.

– Está vendo? Você tem um ótimo senso de humor.

– É o que dizem para convencer alguém a sair com uma garota feia. Valeu, *madre*. E quem liga para meu humor, afinal? Eu nem tenho amigos.

– Claro que tem.

– Não. O Zach tem amigos que tentam ser simpáticos com a irmã sem graça dele. Não é a mesma coisa.

Durante anos, Jude movera céus e terras pela felicidade dos filhos, mas não tinha como travar esta guerra. Não era fácil ser a irmã gêmea tímida do menino mais popular da escola.

– Tenho um presente para você.

– Verdade? – Mia se sentou. – O que é?

– Abra – disse Jude, mostrando a pequena caixa embrulhada.

Mia rasgou o papel e abriu a caixa. Dentro havia um diário fino, de couro rosa e com um brilhante cadeado metálico.

– Eu tinha um desses quando era da sua idade. Eu escrevia tudo o que me acontecia. Escrever pode ajudar. Eu também era tímida, você sabe disso.

– Mas você era bonita.

– Você é bonita, Mia. Eu queria muito que você conseguisse enxergar isso.

– Sei. Espinhas e aparelho estão na moda, são o sonho de todo mundo.

– Apenas tente se abrir mais para as pessoas, está bem, Mia? É uma escola nova, então crie uma nova oportunidade, entende?

– Mãe, eu vou à escola com as mesmas pessoas desde o jardim de infância. Acho difícil que um endereço novo faça diferença. Além disso, eu já tentei me abrir... com a Haley, lembra?

– Isso foi há mais de um ano, Mia. Não ajuda nem um pouco se concentrar nas coisas ruins. Hoje é seu primeiro dia de ensino médio. Um novo começo.

– Está bem. – Mia tentou dar um sorriso otimista.

– Ótimo. Agora, saia desta cama. Quero chegar à escola cedo, assim posso ajudá-la a achar seu armário e a sala de sua primeira aula. O professor de geometria é o Sr. Davies e quero contar a ele como você foi bem no exame de avaliação estadual.

– Você *não* vai me levar até a sala de aula. E eu também consigo achar meu armário sozinha.

Racionalmente, Jude sabia que Mia tinha razão, mas não estava preparada para soltar as rédeas. Ainda não. Muitas coisas podiam dar errado. Mia era frágil e se irritava facilmente. E se alguém zombasse dela, se implicassem com sua filha?

O papel da mãe é proteger os filhos, quer eles queiram, quer não.

– Vou ficar praticamente invisível, você vai ver. Ninguém nem sequer vai perceber a minha presença – disse Jude, levantando-se.

Mia suspirou.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS
DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e *Inverno do mundo*, de Ken Follett

Não conte a ninguém, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim*, *Cilada* e *Fique comigo*, de Harlan Coben

A cabana e *A travessia*, de William P. Young

A farsa, *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e *Fortaleza digital,* de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!* e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

O nome do vento e *O temor do sábio,* de Patrick Rothfuss

A passagem e *Os doze,* de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE OS
PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

 www.editoraarqueiro.com.br
 facebook.com/editora.arqueiro
 twitter: @editoraarqueiro

EDITORA ARQUEIRO
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Parte 1
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Parte 2
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25

Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Epílogo
Agradecimentos